

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DANIELLA FERNANDA MOREIRA SANTOS

**DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA:
CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ASPECTOS QUE PROMOVEM O
SOFRIMENTO PSÍQUICO À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

**MARINGÁ
2025**

DANIELLA FERNANDA MOREIRA SANTOS

DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA:
CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ASPECTOS QUE PROMOVEM O SOFRIMENTO
PSÍQUICO À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Záira Fátima de Rezende Gonzalez Leal.

Maringá
2025

A todos os adolescentes que, expropriados da possibilidade de se desenvolverem como totalidade, deprimem. Que saibamos oferecer mediações capazes de promover desenvolvimento de qualidade para as próximas gerações.



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia





Daniella Fernanda Moreira Santos


Depressão na adolescência: considerações acerca dos aspectos que favorecem o sofrimento psíquico à luz da Psicologia Histórico-Cultural

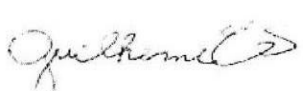
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

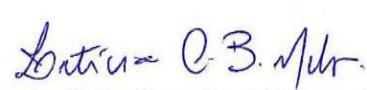
COMISSÃO JULGADORA


Prof. Dra. Zaira Fátima de Rezende González Leal
(Orientadora/Presidenta) – PPI/UEM


Prof. Dra. Ednéia José Martins
Zaniani
Examinadora - Interna - PPI/UEM


Prof. Dra. Nilza Sanches Tessaro
Leonardo
Examinadora - Interna- PPI/UEM


Prof. Dr. Armando Marino Filho
Examinador – Externo - UFMS


Prof. Dra. Letícia Cavaliere Baser de Melo
Examinadora – Externa - DPI/UEM

Aprovado em 11/07/2025
Defesa realizada - Auditório - Bloco H-35

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237p

Santos, Daniella Fernanda Moreira

Depressão na adolescência : considerações acerca dos aspectos que promovem o sofrimento psíquico à luz da Psicologia Histórico-Cultural / Daniella Fernanda Moreira Santos. -- Maringá, PR, 2025.
217 f.

Orientadora: Profa. Dra. Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

1. Depressão - Adolescência. 2. Psicologia Histórico-Cultural. 3. Sofrimento psíquico. 4. Sociedade. I. Leal, Zaira Fátima de Rezende Gonzalez, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed. 155.5

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte suprema de inspiração, que se manifesta na grandiosidade da natureza e na humanidade de alguns seres.

À minha família, alicerce inabalável em todos os momentos da vida, especialmente naqueles em que a alma clama por serenidade. Com vocês, aprendi sobre o afeto de uma maneira que escapa a qualquer investigação científica — foi no convívio, no gesto e na presença que se deu o verdadeiro aprendizado.

À professora Dra. Záira, cuja orientação, desde o mestrado, tem sido farol e impulso neste universo intrincado da pesquisa acadêmica. A você, expresso minha mais sincera gratidão. Os ensinamentos compartilhados ao longo dessa trajetória foram verdadeiros marcos, não apenas na consolidação da minha carreira profissional, mas também nos aprendizados da vida pessoal.

Aos docentes que integraram as bancas de qualificação e defesa, profissionais de notável excelência, cujas observações e sugestões contribuíram de forma decisiva para o aprimoramento e a finalização deste trabalho.

Aos adolescentes participantes da pesquisa, que, com generosidade, compartilharam suas vivências e reflexões — sem vocês, esta investigação não teria sido possível.

A todos os outros adolescentes que cruzaram meu caminho, direta ou indiretamente, e despertaram em mim o desejo e a urgência de compreender mais profundamente as complexidades dessa etapa única e tão desafiadora da vida.

Aos professores que me acompanharam ao longo da jornada educacional — Marilene, Marilza, Cassemiro, Celita, Cecília, Ilda, Vanda, Neusa, Claudete, Tereza, Ema, Rosineia, Cassia, Marilyn, Roberto, Fernando, Neia, Daiane, Edvânia, João, Maristela, Jumeri, Luciane, Silvana, Adriana, Gustavo, Pedro Jorge, Álvaro, Fábio, Marcos, Hélio, Nancy, Karen, Lúcia Cecília, Tomanik, Edineia, Fernando, Murilo, Maria Lúcia, Marilda, Nilza — e a tantos outros cujos nomes, ainda que não citados, guardo com respeito e carinho. Como alguém que trilhou seu caminho na escola pública, não posso deixar de reconhecer a importância e a nobreza de cada educador que contribuiu, com dedicação, para a minha formação. Da professora da pré-escola aos doutores da pós-graduação, todos, sem exceção, deixaram sua marca nesta tese e em minha constituição como ser humano.

À Anna Maria, que, com escuta ativa e empática, foi suporte, desde a decisão pelo doutorado até a sua conclusão.

Se eu conversasse com Deus
Iria lhe perguntar:
Por que é que sofremos tanto
Quando viemos pra cá?
Que dívida é essa
Que a gente tem que morrer pra pagar?

Perguntaria também
Como é que ele é feito
Que não dorme, que não come
E assim vive satisfeito.
Por que foi que ele não fez
A gente do mesmo jeito?

Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto?
Nascemos do mesmo jeito,
Moramos no mesmo canto.
Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto?
(Leandro Gomes de Barros)

RESUMO

A depressão, por si só, se constitui como um fenômeno que requer atenção e, quando incide sobre fases tão precoces da vida como a adolescência, torna-se uma urgência em termos de saúde mental. Contudo, abordar esse fenômeno em sua complexidade vai muito além de olhar apenas para o indivíduo. Seguindo os preceitos da Psicologia Histórico-Cultural, o homem nasce candidato a ser humano, mas somente humaniza-se, isto é, adquire aquilo que lhe é necessário para viver em sociedade a partir de suas interações com seu meio social, que lhe permitirão apropriar-se das produções socialmente elaboradas, internalizando seus usos e significados. É nesse movimento que se constituem até mesmo os elementos mais subjetivos, como as emoções, os sentimentos e a própria personalidade. Logo, para compreender por que adolescentes deprimem, há que se questionar como o meio em que eles estão inseridos tem se configurado. É nesse sentido que esta pesquisa foi realizada com o objetivo principal de investigar o sofrimento psíquico que acomete adolescentes e que vem sendo descrito como depressão, buscando compreender os aspectos que estão na gênese desse sofrimento e as consequências específicas para essa fase do desenvolvimento. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo em que foram entrevistados sete adolescentes que se encontravam deprimidos, buscando, em suas falas, os fatores que contribuíram para o surgimento do quadro. As entrevistas, individuais, foram realizadas em modalidade recorrente, gravadas e, posteriormente, transcritas. A partir das transcrições, foram delineados eixos de análise, discutidos à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Obteve-se como principal conclusão a ideia de que a sociedade, tal qual organizada a partir do modo de produção capitalista, prima pela produção de mais-valia e, para tanto, lança mão de uma série de recursos que tornam as relações, sejam elas de produção, de intercâmbio, afetivas, de serviço etc., efêmeras, incongruentes e alienadas, criando um cenário caótico e adoecedor. Os indivíduos, inseridos nesse contexto, apropriam-se de tais características, trasladando ao aspecto subjetivo a mesma instabilidade, de modo que os adolescentes se veem sem referências e os adultos tornam-se pouco eficazes na ação de amparar, direcionar e proporcionar condições de desenvolvimento às gerações posteriores. Assim, os adolescentes têm vivenciado o desenvolvimento e o processo de requalificação do psiquismo, próprios dessa fase, de modo desorientado e sem propósito, e não têm claramente delimitados seus interesses, necessidades, motivos. Também não conseguem elaborar recursos psíquicos saudáveis para lidar com as experiências que lhe são impostas e, nesse processo, deprimem. Diante dessas considerações, compreende-se que a depressão na adolescência, tal qual se apresenta, não é uma doença com causas pontuais ou uma síndrome, mas uma consequência de um meio cada vez mais hostil à saúde mental.

Palavras-chave: Adolescência; Depressão; Sociedade; Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

Depression in itself is a phenomenon that demands attention and, when it affects such early stages of life as adolescence, it becomes an urgent mental health issue. Nevertheless, approaching this phenomenon in its complexity extends far beyond just looking at the individual. According to the precepts of historical-cultural psychology, the human being is born as a candidate to be human, but only becomes humanized, that is, acquires what is necessary for living in society through interactions with the social environment, which allows him/her to appropriate socially elaborated productions, internalizing their uses and meanings. It is in this movement that even the most subjective phenomena are formed, such as emotions, feelings and personality itself. Therefore, in order to understand why adolescents become depressed, we need to question how the environment in which they live has been configured. It is in this sense that this research was carried out with the main objective of investigating the psychological suffering that affects adolescents and which has been described as depression, seeking to understand the aspects that are at the root of this suffering and the specific consequences for this stage of development. To this end, a field study was carried out in which seven adolescents who were depressed were interviewed, looking for the factors that contributed to their condition. The individual interviews were held in recurring mode, recorded and later transcribed. From the transcripts, axes of analysis were delineated and discussed in the light of historical-cultural psychology. The main conclusion obtained was that society, as organized under the capitalist mode of production, strives to produce surplus value and, to this end, makes use of a series of resources that make relationships, be they production, exchange, affective, service, etc., ephemeral, incongruous and alienated, creating a chaotic and sickening scenario. Individuals, inserted in this context, adopt these characteristics, transferring the same insecurity to the subjective aspect, so that adolescents find themselves without references and adults become ineffective in supporting, directing and providing conditions for the development of subsequent generations. As a consequence, adolescents have experienced the development and re-qualification process of the psyche, which is typical of this phase, in a disoriented and purposeless way. They don't have a clear definition of their interests, needs and motives, nor are they able to develop healthy psychic resources to deal with the experiences imposed on them and, in the process, they become depressed. In the light of these considerations, it is understood that depression in adolescence, as it appears, is not a disease with specific causes or a syndrome, but a result of an environment that is becoming increasingly hostile to mental health.

Keywords: Adolescence; Depression; Society; Cultural-historical psychology.

Lista de Siglas e Abreviaturas

5-HT – Serotonina.

a.C – Antes de Cristo.

ABG - Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica.

APA - Associação Americana de Psicologia.

CAAE – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética.

CID – Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho.

COPEP- Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

d.C – Depois de Cristo.

DA – Dopamina.

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

EAD – Educação à Distância.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

HPA Hipotálamohipófise-adrenal.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis.

MAO – Monoaminoxidase.

NA – Noradrenalina.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde.

PHC – Psicologia Histórico-Cultural.

TCC – Terapia Cognitivo-comportamental.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TDAH Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TDM – Transtorno Depressivo Maior.

TOD Transtorno Opositor Desafiador.

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

WHO - World Health Organization.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1. DE CASTIGO A TRANSTORNO: O PERCURSO HISTÓRICO DA DEPRESSÃO | 19 |
| 1.1 Depressão: um breve relato histórico..... | 19 |
| 1.2 É tudo a mesma coisa?..... | 25 |
| 1.3 A depressão segundo algumas das principais abordagens psicológicas | 30 |
| 1.3.1 A depressão segundo a Psicanálise | 34 |
| 1.3.2 A depressão segundo a Terapia Cognitivo-Comportamental..... | 39 |
| 1.3.3 A depressão segundo a Gestalt-terapia | 42 |
| 2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A ESPECIFICIDADE DA ADOLESCÊNCIA | 48 |
| 2.1 O desenvolvimento típico como base para a compreensão do sofrimento psíquico no adolescente..... | 52 |
| 2.1.1 A atividade como propulsora do desenvolvimento | 53 |
| 2.1.2 A especificidade da adolescência na periodização do desenvolvimento psíquico humano..... | 58 |
| 2.1.3 A requalificação da personalidade no adolescente | 67 |
| 3. O APORTE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO..... | 74 |
| 3.1 A unidade afetivo-cognitivo: o papel das emoções no deprimir humano..... | 74 |
| 3.2 O sofrimento psíquico segundo a Psicologia Histórico-Cultural..... | 82 |
| 3.2.1 Os sistemas psicológicos..... | 83 |
| 3.2.2 A Patopsicologia | 87 |
| 4. A DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA SEGUNDO A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL | 93 |
| 4.1 As características gerais da sociedade: a instabilidade e a desreferencialização como tendências principais | 96 |
| 4.2 O lugar que o adolescente ocupa na sociedade | 105 |

| | | |
|-------|---|-----|
| 1.1 | A dinâmica da depressão no adolescente | 113 |
| 5. | O SENTIR EXPRESSO EM PALAVRAS: A FALA DOS ADOLESCENTES EM PERSPECTIVA | 121 |
| 5.1 | Método de análise e o percurso metodológico | 121 |
| | Apresentando o contexto concreto | 123 |
| 5.3 | Caracterizando os participantes | 125 |
| 5.3.1 | Ana | 126 |
| 5.3.2 | Bruno | 131 |
| 5.3.3 | Clara | 133 |
| 5.3.4 | Débora | 137 |
| 5.3.5 | Elisa | 141 |
| 5.3.6 | Fábio | 144 |
| 5.3.7 | Gustavo | 147 |
| 5.4 | A fala dos adolescentes: análises à luz da Psicologia Histórico-Cultural | 148 |
| a) | A depressão na adolescência: Por que eu? | 149 |
| b) | A fragilidade na constituição da personalidade: os déficits que predominam nos adolescentes | 164 |
| c) | As atividades-guia sob análise | 174 |
| d) | O sentir é diverso e lábil: os transtornos associados | 181 |
| e) | Os subterfúgios da dor e outras vulnerabilidades. | 190 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 201 |
| | REFERÊNCIAS | 208 |

INTRODUÇÃO

Na metade da terceira década do século XXI, termos como depressão, transtorno depressivo ou síndrome depressiva soam bastante familiares, não apenas aos profissionais que atuam no âmbito da saúde mental, mas também aos leigos no assunto, pois esse é um tema amplamente divulgado e discutido nos mais diversos meios, desde extensas pesquisas publicadas em revistas científicas até conteúdos mais superficiais apresentados em programas de televisão e redes sociais, por exemplo. Basta uma observação rápida na variedade de informações a esse respeito para constatar que o fenômeno sob a alcunha de depressão é tão complexo que não existe consenso sobre suas causas, tampouco sobre os tratamentos a ele destinados. Ao contrário, a depressão configura-se como um quadro intrincado que pode ser analisado sob diversas perspectivas. Não obstante, a religião, a medicina, a psicologia, a sabedoria popular etc., cada segmento versa sobre esse quadro a partir de sua própria ótica, gerando uma quantidade imensurável de informações, teorias, hipóteses, propostas de tratamentos, “curas” etc.

Um dos principais motivos pelos quais o tema da depressão é tão explorado pelos diversos saberes é, evidentemente, o fato de que esse quadro de sofrimento tem aumentado exponencialmente, afetando pessoas em todas as faixas etárias, graus de instrução, condições sociais, de tal maneira que, conforme Nogueira (2020), foi a primeira doença mental a ser considerada alvo principal das políticas globais em saúde desde a criação da Organização Mundial da Saúde em 1946.

Em 2022, essa mesma organização publicou um relatório sobre saúde mental, no qual se aponta que, em 2019, quase um bilhão de pessoas – incluindo 14% dos adolescentes do mundo – viviam com um transtorno mental e, destes, a depressão ocupa a primeira posição entre os diagnósticos, sendo duas vezes mais comum em pessoas do gênero feminino do que em pessoas do gênero masculino, e sendo maior a prevalência em países em desenvolvimento do que naqueles considerados desenvolvidos (WHO, 2022). O mesmo relatório informa ainda que o índice de pessoas acometidas pela depressão experimentou crescimento de 25% em razão da pandemia da Covid-19 e suas consequências. Portanto, ainda que pesquisas e discussões tenham sido amplamente realizadas e haja um sem-número de informações sobre o tema, a depressão configura-se como um desafio aos profissionais e pesquisadores em saúde mental, pois, mesmo que se saiba muito sobre o assunto, os conhecimentos adquiridos não têm sido suficientes para reduzir o número de pessoas acometidas por esse sofrimento. Isso se dá porque, a despeito da quantidade de informações, é necessário atentar para a qualidade das

mesmas, se trazem dados verdadeiros, se realizam discussões responsáveis e coerentes ou se, ao contrário, reforçam ideias errôneas, geram discriminação e culpabilização do indivíduo, banalizando um sofrimento real, que deve ser abordado com seriedade, ética e cuidado. Além disso, no senso comum, ideias como “tentativa de chamar a atenção”; “falta do que fazer”; “frescura” ou “falta de Deus” persistem e, muitas vezes, norteiam as ações das famílias e das instituições para com pessoas que demonstram formas de sofrimento.

Logo, ter a prática permeada por grande número de pacientes acometidos pela depressão não é incomum para qualquer profissional cujo trabalho é voltado para a saúde mental. Ao longo de minha atuação como psicóloga clínica e social em um município de pequeno porte no estado do Paraná, uma parcela específica desses indivíduos deprimidos que chegavam até mim provocaram maior inquietação, a saber, um número significativo de adolescentes, conduzidos e apoiados pelos seus responsáveis, em busca de tratamento psicológico formal, e uma quantidade ainda maior, daqueles que buscavam informações sobre a psicoterapia por meio das redes sociais, por exemplo, relatando sintomas, expondo incertezas, questionando se a forma como lidam com o assunto está ou não “correta”. Em alguns casos, apresentavam também a queixa de que a família não acreditava ou desconhecia a situação, indicando que vivenciavam o sofrimento com pouco ou nenhum apoio.

Os manuais de psicologia e psiquiatria apresentam uma lista robusta de sintomas que são considerados como característicos da depressão. Nas experiências que impulsionaram esta pesquisa, tais sintomas também apareceram, dentre eles: tristeza, sensação de inadequação, irritabilidade, sensação de incapacidade, baixa autoestima, alterações na alimentação e no peso corporal, alterações no sono, sensação de angústia constante, falta de energia, perda de interesse por atividades que outrora eram estimadas, dificuldade de concentração, lentificação geral desde o raciocínio até os movimentos físicos etc. Contudo, vale mencionar que, conforme observado e relatado pelos próprios adolescentes, os sintomas, pelo menos no início, aparecem em ondas e, muitas vezes, misturados a sentimentos positivos e, com muita frequência associados a eventos da realidade que, num primeiro momento, justificariam tais afetos, por exemplo, associados a uma briga com um amigo. Logo, eram difíceis de serem vislumbrados como “algo que está errado” e, muitas vezes, entendidos, principalmente pelos adultos, como próprios da adolescência, da puberdade etc.

É fato que, rotineiramente, adolescentes expressam suas angústias das mais diversas formas, por meio da fala, dos ataques de fúria, das crises de choro, do silêncio desnorteador, da postura sarcástica que mascara medo e solidão, dos sintomas físicos, dos comportamentos desafiadores ou autolesivos etc. No entanto, o quadro caracterizado, principalmente, por

tristeza, apatia, sensação de vazio, desesperança, isolamento, sensação de fracasso, sentimento de inferioridade, desejo e tentativas de morte, tem sido descrito pelos adolescentes com tamanha frequência que um questionamento se tornou inevitável, a saber, o que ocorre a um indivíduo para que, em uma fase da vida que poderia ser tão cheia de descobertas, possibilidades e novos contextos para explorar, se encontre tão esvaziado de si que a ideia de que “há uma vida inteira pela frente” provoca mais angústia do que entusiasmo?

Ademais, a especificidade da adolescência torna a questão ainda mais sensível, pois a constatação de que uma parcela significativa de adolescentes se encontra em situação constante de angústia e desalento causa estranhamento à medida que a adolescência deveria ser a fase do desenvolvimento que os indivíduos passam a experimentar alguma liberdade, surgem os interesses amorosos, intensificam-se e ganham maior importância o relacionamento com os pares, têm maiores possibilidades de aprofundar o exercício dos papéis sociais, da vida em comunidade e do reconhecimento de si mesmo, portanto, poder-se-ia concluir que seria uma fase de efervescência. No entanto, o que se observa é uma grande quantidade de adolescentes enrijecidos em suas atividades e que, quando são obrigados a atuarem na realidade, ou seja, estudar, interagir nos grupos e com a família, participar das atividades extracurriculares, fazer uma escolha, começar uma atividade ou projeto etc., se sentem desorientados ou sofrem. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de continuar abordando o que, comumente, chama-se de depressão, de um ponto de vista ético e acolhedor. Em outras palavras, a partir de minha atuação profissional e do contato com os diversos conteúdos sobre a depressão, foi possível constatar que este é um assunto longe de estar exaurido. Ao contrário, todos os dias, informações e aspectos novos surgem – ou ressurgem – trazendo novas perspectivas e preocupações sobre essa forma de sofrimento psíquico, vide a informação de que a depressão tem aumentado exponencialmente em crianças e adolescentes (Bahls, 2002; Cruvinel & Boruchovitch, 2003; Maestri, 2017; WHO, 2022), dado este que poderia causar estranhamento em décadas anteriores, mas que agora não apenas é uma realidade conhecida, como tem figurado como foco de preocupação. Atentar para jovens, adolescentes e crianças deprimidos é uma necessidade urgente.

Tendo em vista essa premissa, acrescento que o arcabouço teórico e metodológico da Psicologia Histórico-Cultural (PHC) tem orientado meus estudos e minha prática desde a formação acadêmica. A abordagem proposta por Lev Semionovich Vygotski¹ (1896-1934),

¹ O nome do autor, em russo Лев Семёнович Выготский, tem sido grafado de diferentes formas na literatura científica ocidental a depender da tradução. Nesse estudo, será respeitada a forma que cada referência utilizar e, se tratando de usos genéricos do nome, opta-se pela grafia Vygotski.

amparada no Materialismo Histórico-Dialético, tem como cerne a ideia de que o homem é um ser social e só se torna humano, isto é, só aprende ou adquire as características especificamente humanas em contato com outros indivíduos que, primeiro, lhe ensinarão tais características na esfera interrelacional, para que, então, ele possa se apropriar delas, internalizando-as. Para Vygotski (1931/2000; 1931/2006; 1933/2004; 2018), mesmo os aspectos mais subjetivos e singulares do homem desenvolvem-se e complexificam-se por meio da atividade social mediada, conforme o indivíduo se relaciona com o meio em que está inserido, com a cultura historicamente produzida e com outros indivíduos, incluindo os processos de saúde-doença. Nessa perspectiva, a unidade saúde-doença só pode ser essencialmente compreendida se localizada em uma determinada época e em uma determinada cultura, pois é significativamente afetada por fatores políticos, econômicos, étnicos, relacionais etc.

Logo, para abordar a depressão enquanto fenômeno humano, é necessário considerar que esta sociedade possui particularidades que contribuem ferozmente para o adoecimento geral: competitividade, controle físico e mental, padrões de beleza e de sucesso irreais, ritmo de trabalho frenético, busca pela perfeição, instantaneidade nas comunicações e no acesso àquilo que se deseja, comparação, pouco ou nenhum espaço para o erro ou para o descanso, avaliações constantes, entre outras condições às quais o ser humano está constantemente submetido e que resultam em adoecimento físico e mental. Marx (1846/2006), em sua época, já demonstrava como a natureza desumana da sociedade capitalista fere os indivíduos das mais diversas formas, causando não apenas a miséria concreta, mas também o sofrimento psíquico. Séculos depois, a partir de um modo de produção cada vez mais refinado em expropriar as forças produtivas, físicas e mentais do homem, bem como a energia criativa e a possibilidade de desenvolvimento máximo enquanto ser humano, o cenário que se delineia é preocupante.

Contudo, ainda que a PHC, por meio de seu método de análise da realidade, ofereça vultuosos recursos e conhecimentos para a compreensão deste e de qualquer outro fenômeno, é fato que essa concepção teórico-metodológica não possui tradição acerca de temas clínicos. Mais escassas ainda são as discussões específicas sobre a depressão na adolescência, de modo que a realidade da prática profissional evidenciou a necessidade de discutir como a Psicologia Histórico-Cultural concebe esse fenômeno. Dessa forma, este estudo tem como objetivo investigar, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, o sofrimento psíquico que acomete adolescentes e que vem sendo descrito como depressão, buscando compreender os aspectos

que estão na gênese desse sofrimento e as consequências específicas para essa fase do desenvolvimento.

Esta pesquisa não tem intuito de trazer uma verdade incontestável, tampouco uma absoluta inovação, mas, especificamente, contribuir para a compreensão da depressão em adolescentes pelo viés da Psicologia Histórico-Cultural, defendendo a tese de que a depressão na adolescência é um fenômeno concreto, que possui raízes na falta de referência e amparo aos adolescentes. Apropriadas e exercitadas na prática profissional, essas discussões pretendem contribuir para que psicólogos possam auxiliar os adolescentes e suas famílias, não apenas a assimilar esse fato, mas também a lidar com ele de modo assertivo, com vistas ao desenvolvimento do adolescente em sua máxima potencialidade e evitando incorrer em psicologização dos comportamentos dos adolescentes ou em culpabilização e individualização de um fenômeno social.

Para atender ao objetivo, este estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo em que foram entrevistados sete adolescentes entre quatorze e dezoito anos, por meio de entrevistas recorrentes, com roteiro semiestruturado, cujo objetivo foi compreender, na fala dos adolescentes, os aspectos que promoveram o sofrimento denominado de depressão, ou seja, quais são os fatos trazidos pelos próprios indivíduos que, em suas percepções, os levaram à condição de deprimidos. O conteúdo apresentado pelos adolescentes foi relacionado à Teoria Histórico-Cultural com vistas a compreender como esse sofrimento se caracteriza no adolescente, os fatores que compuseram a gênese do fenômeno e como a depressão afeta o seu desenvolvimento.

Este estudo é composto por cinco capítulos. No primeiro, realiza-se um regaste histórico da depressão, evidenciando que quadros semelhantes eram descritos já na Idade Clássica, passando por variações ao longo dos períodos históricos na forma de se compreender o fenômeno e lidar com o indivíduo em sofrimento. Além disso, neste capítulo, também se realiza uma breve explanação acerca de três das abordagens psicológicas mais comuns na atualidade, a saber, a Psicanálise, a Teoria Cognitivo-comportamental e a Gestalt-terapia e como elas explicam e atuam com a depressão nos dias de hoje, com o intuito de demonstrar que cada abordagem explica o fenômeno a partir de suas concepções de homem e de mundo, variando amplamente a forma de compreender o fenômeno, evidenciando a sua complexidade.

O segundo capítulo adentra, especificamente, a Psicologia Histórico-Cultural, expondo como essa abordagem compreende o desenvolvimento humano a partir da materialidade, evidenciando a adolescência enquanto fase do desenvolvimento e suas características

principais, incluindo as neoformações psíquicas da fase. Para tanto, o capítulo inicia-se destacando a necessidade de que a ciência – e tudo que dela deriva – incluindo a psicologia, esteja comprometida com a ética e com a criticidade, visando a produção de conhecimento equitativo e contrário à reprodução de concepções meritocráticas e excludentes. Em seguida, aborda-se o papel da atividade do desenvolvimento humano, apontando-a como motor desse processo e a adolescência enquanto fase da periodização do desenvolvimento humano, bem como as suas especificidades. Por fim, discute-se as mudanças ocorridas na personalidade do adolescente.

O terceiro capítulo é constituído pela discussão sobre como a Psicologia Histórico-Cultural compreende o sofrimento psíquico de maneira geral, dando ênfase nas proposições de L. S. Vygotski acerca dos sistemas psicológicos e de B. V. Zeigarnik sobre a psicopatologia, pois, ainda que tais autores não abordem diretamente a depressão, oferecem bases para compreender e analisar fenômenos em que o psiquismo humano foge à tipicidade. Nesse capítulo, também é dado destaque à unidade afetivo-cognitiva, mais especificamente acerca do fato de que as emoções – diferente do que propõe as ideias vigentes no senso comum e até mesmo em algumas teorias científicas – não são aspectos primitivos e incontroláveis, mas se configuram como funções psicológicas superiores, culturalizadas e, portanto, tão passíveis de desenvolvimento e controle quanto as demais funções.

O quarto capítulo é composto pelas falas dos adolescentes. Primeiramente, expõe-se o método de análise e o percurso metodológico; em seguida, descreve-se os participantes da pesquisa, trazendo as falas centrais para as discussões levantadas. Também é realizada uma breve apresentação do contexto concreto no qual estão inseridos. E, por fim, são realizadas as discussões, trazendo as falas dos adolescentes organizadas em cinco eixos de análise em consonância com a teoria abordada.

No quinto capítulo, apresenta-se, especificamente, a depressão na adolescência, de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, cujo elemento central reside na defesa de que aspectos universais, tal qual a divisão social do trabalho e a propriedade privada, determinam um funcionamento específico da sociedade, neste caso, gerando relações baseadas no lucro, na concorrência de todos contra todos, na instabilidade e, por fim, na constante sensação de ameaça e desamparo, para tanto une-se as discussões teóricas aos dados e informações obtidos por meio da pesquisa de campo. Destaca-se, ainda, o lugar que o adolescente ocupa na sociedade, caracterizado pela ambiguidade de fase utilizada como “ideal de energia e felicidade” e, ao mesmo tempo, negligenciada em suas necessidades. Por fim, é discutida a

dinâmica da depressão no adolescente, demonstrando como a condição afeta o psiquismo nessa fase.

1. DE CASTIGO A TRANSTORNO: O PERCURSO HISTÓRICO DA DEPRESSÃO

A depressão, como fenômeno humano, não é estática, ou seja, não é possível abordá-la enquanto um sistema fechado, em que as influências do meio estão em segundo plano. Trata-se, sim, de um fenômeno que foi sendo transformado, não apenas na sua face fenomênica, mas também na forma como foi sendo explicado ao longo do tempo, sofrendo influência de inúmeros fatores, como, por exemplo, os conceitos de saúde e de doença na sociedade em que está sendo discutido, ou seja, quais são os limiares do que se considera saudável; quais os tipos de comportamentos considerados adequados e quais as explicações dadas aos comportamentos destoantes; o lugar que o conhecimento ocupa naquele contexto e o nível de acesso a ele, entre outros aspectos que fazem parte da cultura daquela sociedade.

Tendo em vista esse fato, antes de chegar às considerações acerca da depressão na ótica da Psicologia Histórico-Cultural, é importante observar a historicidade do fenômeno, evidenciando como um mesmo conjunto de sintomas foi explicado e tratado de diferentes maneiras ao longo da história. Assim, este primeiro capítulo terá como objetivo demonstrar que a depressão possui longa historicidade, sendo descrita e tratada de formas diversas em outras sociedades e, para tanto, será apresentado um resgate histórico sobre o quadro que, atualmente, é chamado de depressão, mas que já era descrito na Antiguidade Clássica sob outras alcunhas e explicações. Trazendo as discussões para os dias atuais e buscando atestar que se trata de um fenômeno complexo, cuja compreensão depende do eixo teórico-metodológico que pretende explicá-la, neste capítulo, também serão apresentadas as concepções acerca da depressão segundo algumas das principais abordagens psicológicas, evidenciando como o fenômeno ganha diferentes contornos diante da perspectiva de cada abordagem.

1.1 Depressão: um breve relato histórico

Ainda que a depressão tenha ganhado destaque nas últimas décadas, em termos de pesquisas, debates e diagnósticos, esse transtorno² está longe de ser uma exclusividade da história atual. Para Cordás e Emilio (2017), o homem sempre sofreu de depressão, ainda que os quadros depressivos tenham sido mais bem notados e estudados a partir de meados do século XIX. Sistematizando a história da melancolia, esses autores explicitam que é possível

² A depressão foi referida enquanto um transtorno mental, pois é como comumente é denominada. No entanto, será discutido, ao longo do estudo, como essa denominação é questionável.

rastrear tal condição até a Antiguidade Clássica, que já apresenta, em seus mitos, personagens com características que, mais tarde, seriam comparadas à depressão.

Um desses exemplos remete à história de Belerofonte, guerreiro mitológico que, após matar, acidentalmente, seu irmão, Belerus, foge e inicia uma saga de lutas e desafios, sendo o maior deles, lutar contra a Quimera, monstro que assolava a região de Líria. Tal feito enche-o de honrarias e riquezas, Belerofonte casa-se com a filha do rei da Líria e torna-se herdeiro do trono. Diante de tal glória, ele torna-se soberbo, considera-se poderoso, imortal, a tal ponto que, montado em Pégaso, o cavalo alado, decide subir ao Monte Olimpo para a assembleia dos deuses, estritamente proibida aos humanos. Enquanto Belerofonte subia em direção ao Olimpo, Zeus, ao saber de sua audácia, providencia que um inseto pique Pégaso que, sentindo dor, derruba seu cavaleiro de grande altura. Apesar de não morrer, Belerofonte fica cego e cheio de outras sequelas e agora, sentindo-se ridicularizado, passa os dias solitário, evitando contato com qualquer humano, até morrer miseravelmente (Cordás & Emilio, 2017).

A descrição dos últimos anos de Belerofonte, em que se sentia miserável e ridicularizado e evitava contato com outras pessoas, assemelha-se a alguns clássicos sintomas da depressão. No entanto, a despeito da semelhança, conforme os autores, na mitologia, tais características não são apresentadas, necessariamente, como sintomas de uma doença, mas, em geral, como estado proveniente de castigo divino.

Souza e Lacerda (2013) explicam que um sintoma bastante característico da depressão, a alteração de humor, também é mencionado desde a Era Pré-socrática, cuja visão de homem era, em geral, compartilhada por gregos, hebreus, egípcios, babilônios e persas. Nesse contexto, o adoecimento físico ou mental era compreendido no sentido de uma narrativa mítica e religiosa, atribuindo às entidades divinas a etiologia de todos os males. Esses autores destacam que, para além dos mitos, os filósofos da Antiguidade Clássica também se ocuparam da busca pela compreensão acerca do sofrimento psíquico. O mais notável precursor da busca por explicações científicas acerca dos aspectos da humanidade é Hipócrates (460 a.C.-370 a.C.), sendo atribuído a ele e seus seguidores a diferenciação entre medicina e filosofia, bem como a transição da explicação da doença centrada em aspectos sobrenaturais para aspectos científicos.

O “pai da medicina”, como ficou conhecido, buscava as causas das doenças no ambiente, na alimentação, nos hábitos e na desregulação de aspectos orgânicos. Fundamentado nessa lógica, formulou a primeira classificação nosológica dos transtornos mentais registrada na História, em que descreveu e nomeou a melancolia, a mania e a paranoia. Em *“Sobre a natureza do homem”*, livro pertencente à coletânea *“O Corpo*

Hipocrático”, Hipócrates apresenta sua famosa teoria dos humores, segundo a qual o corpo humano seria constituído, principalmente, por quatro líquidos: bile amarela, sangue, fleuma e bile negra que, a depender de suas proporções, ditariam a saúde ou doença do homem. De acordo com essa teoria, a bile negra seria responsável pela melancolia, a própria etimologia do termo (*melan* = negro, e *cholis* = bile) indica a teoria de Hipócrates de que o quadro em que se observava alteração na alimentação, falta de ânimo, inquietação, irritabilidade, medo ou tristeza, seria resultante de uma intoxicação do cérebro pela bile negra (Cordás & Emilio, 2017).

Conforme os autores, a teoria dos quatro fluidos tornou-se predominante na época, tendo sido reafirmada por diversos outros estudiosos, dentre os quais Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) que, em sua obra “*Problemata*”, corrobora o modelo proposto por Hipócrates, tornando-o ainda mais arraigado. A credibilidade da teoria era tão forte que, mesmo após a ascensão do Império Romano (século II a.C.), em que a Grécia é submetida aos romanos, tendo boa parte de seu povo e sua cultura suprimida, as ideias hipocráticas perduram e a teoria dos humores continuou sendo a explicação para a maioria das condições de saúde-doença humanas.

Somente no século V (d.C.), após a queda do Império Romano e início do período conhecido como Idade Média, que se estende até o século XV, o pensamento greco-romano, bem como suas contribuições para a ciência, a medicina etc. são abandonados e substituídos por uma visão religiosa de homem e de mundo e a teoria dos humores perde espaço para a ideia de que a condição do homem está relacionada às vontades de Deus. Nesse período, a noção de pecado, extremamente rígida, recaía sobre todos aqueles que fugiam às normas, isto é, pessoas como mulheres com conhecimentos sobre ervas, epiléticos, artistas e pensadores que questionavam os dogmas da Igreja Católica. As pessoas com transtornos e doenças mentais também não escaparam dessa concepção, pois o pouco conhecimento psiquiátrico e a predominância de uma religiosidade pouco tolerante culminaram na indiferenciação entre heréticos e pessoas com condições mentais diferentes da norma, recebendo ambos a mesma punição (Cordás & Emilio, 2017).

A perseguição a todos que se punham contra a ordem católica culminou num movimento de difusão do pensamento científico da época, pois encurralados pela Inquisição³,

³ Também conhecida como Santa Inquisição ou Santo Ofício, foi um tribunal da Igreja Católica que perseguia, julgava e punia pessoas que se desviavam das normas de conduta. O objetivo era combater e eliminar a heresia, a apostasia, a blasfêmia, a feitiçaria ou qualquer outra crença que não a perpetrada pelo catolicismo.

muitos pensadores refugiaram-se no oriente, levando consigo algumas de suas ideias, descobertas e produções. Ainda que grandes quantidades de produções, em geral, tenham sido destruídas pela Inquisição, o povo árabe importou muito conhecimento da Europa, incluindo aqueles acerca do sofrimento psíquico. Nesse cenário, a teoria dos quatro humores sobreviveu, mas, ao contrário do que ocorria na Europa, os doentes mentais eram tratados com caridade e respeito e, em oposição à punição, buscavam-se formas de tratamento, ainda que primitivas. Ou seja, conforme Cordás e Emilio (2017), na Idade Média, muitos pensadores e cientistas da Europa foram duramente reprimidos, mas foi nesse período também que parte do que se produziu naquele continente se espalhou para outros lugares do mundo.

O final da Idade Média inaugurou a Idade Moderna, consagrando o início de um intenso e significativo movimento social, cultural e intelectual, o Renascimento. A transição entre as visões de mundo vai, aos poucos, acontecendo e transformando a forma de analisar, compreender e explicar a realidade, de modo que, sobretudo, as explicações religiosas vão dando lugar àquelas de ordem psicológica, filosófica e biológica. Evidentemente, as explicações sobre as diversas formas de sofrimento psíquico também foram se modificando e, no contexto científico, a percepção da melancolia baseada na teoria dos humores perdeu espaço (Souza & Lacerda, 2013).

Nesse período, como expõem Cordás e Emilio (2017), destacam-se nomes como o do inglês Robert Burton (1577-1640) que, em sua obra *“A anatomia da melancolia”* (1621), aborda a diferenciação entre melancolia e loucura, um grande avanço para a época. Os autores apontam que Burton também inovou ao defender a ideia de que nenhum homem está imune à possibilidade de desenvolver este quadro, visto que sua etiologia está em diversos aspectos da vida humana e não apenas no pecado, desmistificando a ideia da melancolia como castigo divino. Em linhas gerais, no Renascimento, ressurgiu a curiosidade e a possibilidade de especular sobre o mundo, a condição humana, as causas e os tratamentos das doenças físicas e mentais, culminando no aumento da produção de conhecimento científico, artístico, filosófico e político, movimento este que tem seu auge no Iluminismo.

O Iluminismo tem início no século XVIII, com a efervescência de ideias, teorias e hipóteses, avançando na compreensão daquilo que é humano. Nesse período, tudo o que se refere ao homem ganha destaque, incluindo o próprio corpo humano, amplamente estudado por anatomistas e retratado por pintores, escultores etc. Surgem as primeiras ideias fundamentadas na existência do sistema nervoso, como propõe o médico escocês William Cullen (1710-1790). Tendo o corpo e seu funcionamento como foco, o tratamento proposto por Cullen estava calcado no aspecto físico: banhos, sangrias, vomitórios, bem como a

restrição sexual para “[...] fortalecer o pensamento e aceitar a razão” (Cordás & Emilio, 2017, p. 71).

Notadamente, a subjetividade humana também foi alvo de apreciação no Iluminismo, estudiosos de diversas áreas passaram a analisar as condições mentais de modo pormenorizado. Surgem, a partir desse momento, classificações mais específicas sobre as condições mentais humanas, por exemplo, a melancolia, que era utilizada para denominar muitas formas de sofrimento psíquico passa a ser melhor examinada e, a partir disso, sobrevém o termo depressão, diferenciando-se de melancolia. Cordás e Emilio (2017) explicam que o termo ‘depressão’ se torna mais frequente nos dicionários médicos desde 1860 e é amplamente aceito por ser considerado mais adequado devido à aparente sugestão de queda nas funções que a palavra carrega, ao passo que o termo ‘melancolia’ vai sendo preterido. Além disso, outros termos simultaneamente cunhados, como tristimania (Benjamin Ruch) ou lipemania (Esquirol) não foram bem aceitos, tampouco firmaram-se no âmbito da medicina.

A partir do século XIX, a psiquiatria delineia-se como área de estudo com grande relevância e a França desponta com nomes como Pinel, Esquirol, Baillarger, Falret, Morel, Linas, Magnan, Laségue, Ritti, Billod, Moreau de Tours, entre outros. Desses, destaca-se a produção de Philippe Pinel (1745-1826) e Jean-Etienne Dominique Esquirol (1772-1840) que contribuíram significativamente para a classificação de doenças mentais e defenderam tratamentos mais humanizados aos doentes, abolindo práticas cruéis. Philippe Pinel foi entusiasta dos ideais da Revolução Francesa e deputado na Assembleia Constituinte, mas era principalmente conhecido por ser um alienista filósofo. Chefe do serviço de alienados do asilo Bicêtre, é reconhecido por defender um tratamento mais humanizado, sem o uso de contenções físicas como amarras e correntes; por separar doentes mentais de criminosos etc. Teceu críticas à teoria dos humores e elaborou sua própria classificação em relação aos tipos de alienação mental para os quais defendia o tratamento “moral” em detrimento de tratamentos orgânicos; moral não no sentido de crenças e valores, mas em oposição ao aspecto físico, buscava devolver ao paciente sua responsabilidade moral e que ele fosse capaz de reconhecer, por exemplo, seu próprio delírio. Descreveu como principais sintomas a taciturnidade, um ar meditabundo, a desconfiança e a busca da solidão e identificou causas psicossociológicas para o quadro, incluindo uma variedade de configurações nervosas individuais e experiências de vida, bem como predisposições hereditárias e psicológicas. Defendia que a psiquiatria deveria ser baseada em descrições precisas das diferentes manifestações clínicas, livre de teorias ideológicas, fundamentada em uma rigorosa

observação e complementada pelo criterioso esforço de delimitação das características típicas e de sua respectiva classificação. Com essa postulação, revolucionou a abordagem metodológica de sua época (Souza & Lacerda, 2013).

Jean-Étienne Dominique Esquirol, por sua vez, foi discípulo de Pinel e sustentava que a psiquiatria deveria ser consolidada como uma medicina mental e que, portanto, a compreensão dos transtornos psiquiátricos deveria ser baseada em pressupostos neurobiológicos. Professor de psiquiatria no curso de medicina em Charenton, enfatizou a importância de tratar os pacientes psiquiátricos com humanidade e respeito. Foi um dos primeiros a propor uma classificação sistemática dos transtornos mentais. Em seu tratado *Des maladies mentales* (1838), dividiu os distúrbios mentais em categorias com base em sintomas e características clínicas. Cordás e Emilio (2017) explicam:

O livro introduz o primeiro grande marco divisor antes do alemão Kraepelin, modificando o heterogêneo conceito de melancolia de Pinel, dividindo-o em lipemania e monomania. A lipemania mantém apenas os quadros descritos como melancólicos em seu sentido mais estrito. Embora o termo lipe (do grego, estar triste) tenha rapidamente caído em desuso, o mérito de Esquirol reside na primeira divisão entre transtornos do humor (lipemania), de um lado, e transtornos do juízo (monomania), do outro (p. 82).

As proposições de Pinel e Esquirol foram amplamente difundidas, de modo que continuam sendo nomes notáveis do âmbito da psiquiatria e psicologia, principalmente, e suas ideias ainda produzem contribuições importantes e que devem ser conhecidas por profissionais que se dedicam a estudar a saúde mental. No entanto, novas e notáveis proposições acerca das condições mentais continuaram a surgir, no fim do século XIX e início do século XX, por exemplo, as ideias francesas passaram a dividir espaço com as proposições do alemão Emil Kraepelin (1856-1926) e do austríaco Sigmund Freud (1856-1939). De acordo com Souza e Lacerda (2013), esses dois estudiosos e suas teorizações inauguraram uma divisão nas práticas em saúde mental: de um lado a psicanálise, alicerçada em fundamentos psicológicos; e, de outro, a psiquiatria científica, fundamentada em bases neurobiológicas.

Em 1917, Sigmund Freud publicou o artigo “*Luto e Melancolia*”, pontuando que a melancolia pode assumir várias formas clínicas, algumas tendo afecções somáticas e outras psicogênicas. Para Souza e Lacerda (2013), se, por um lado, a psicanálise enfraqueceu os laços da psiquiatria com a medicina experimental e com as demais ciências biológicas, por outro, fez importantes contribuições, como o aumento do *insight* clínico, o desenvolvimento

sistemático de definições do comportamento e da doença e a diminuição do estigma social associado ao transtorno mental.

Nesta breve retomada histórica, não foi o objetivo mencionar todos aqueles que contribuíram para a compreensão do sofrimento psíquico, uma vez que a História não pode ser relegada a pessoas pontuais, mas, em geral, a movimentos em que se destacam alguns indivíduos, ainda que, no limite, são sustentados por tantos outros. Assim, o intuito foi demonstrar como a interpretação para este sofrimento variou conforme a cultura e a sociedade, sendo ora entendida como castigo, cuja única terapêutica era o arrependimento seguido de perdão divino, em outros, como consequência de um desequilíbrio orgânico, dos humores, ou ainda delegado aos nervos e tratado com sangrias etc. Algumas sociedades julgaram seus doentes como párias, enquanto outras os acolheram e trataram. A depressão, hoje apontada como transtorno, também é um produto da sociedade e da cultura nela existente, como também são as atuais e, cada vez mais diversas, classificações para esse quadro psíquico.

1.2 É tudo a mesma coisa?

Se, ao longo da história, a depressão foi confundida com possessão demoníaca, loucura, epilepsia, bruxaria etc., no século XX, esse transtorno ganha maior definição e passa a constar nos manuais de doenças humanas. Contudo, o que comumente se chama de “depressão” ainda não é, exatamente, uma única condição, assemelhando-se mais a um espectro no qual está contida ampla variedade de características e sintomas com diferentes intensidades, período de duração etc., de modo que, a depressão, e a forma como afeta um e outro sujeito, não necessariamente assume características idênticas.

Para iniciar uma definição mais recente acerca do fenômeno sobre o qual este estudo se dedica, recorre-se, inicialmente, às diretrizes diagnósticas mais conhecidas, isto é, à Classificação Internacional de Doenças, proposta pela Organização Mundial da Saúde, atualmente em sua décima primeira revisão (CID-11), publicada em 2019; e ao Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais, que está em sua quinta edição (DSM-5), publicada em 2013, pela Associação Americana de Psiquiatria. Para esses dois manuais, a depressão é definida como transtorno de humor. Na CID-11, a definição mais geral expõe:

Transtornos depressivos são caracterizados por humor depressivo (p. ex., triste, irritável, vazio) ou perda de prazer acompanhado por outros sintomas cognitivos, comportamentais ou neurovegetativos que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. Um transtorno depressivo não deve ser diagnosticado em

indivíduos que já apresentaram um episódio maníaco, misto ou hipomaníaco, o que indicaria a presença de um transtorno bipolar (OMS, 2019, s/p).

No DSM-5, por sua vez, o Transtorno Depressivo Maior (TDM) é indicado como a condição clássica de um grupo mais abrangente que inclui transtorno disruptivo da desregulação do humor, transtorno depressivo maior (incluindo episódio depressivo maior), transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância/medicamento, transtorno depressivo devido à outra condição médica, outro transtorno depressivo especificado e transtorno depressivo não especificado. O manual aponta ainda que:

[...] a característica comum desses transtornos é a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são os aspectos de duração, momento ou etiologia presumida (APA, 2013, p. 155).

Sadock, Sadock e Ruiz (2017) definem humor como “[...] uma emoção ou um tom de sentimento difuso e persistente que influencia o comportamento de uma pessoa e colore sua percepção de ser no mundo” (p. 347). Ou seja, o humor é o estado emocional predominante de uma pessoa e apresenta-se das mais diversas formas, desde deprimido, triste, melancólico, até eufórico, jubiloso, maníaco etc., sendo que as alterações de um estado a outro são comuns e necessárias à vida. No entanto, quando um estado de humor surge fora de contexto, permanece por tempo excessivamente longo ou predomina acima dos outros, provocando comprometimento do funcionamento interpessoal, social e ocupacional, tem-se os primeiros indícios de um possível transtorno de humor. No caso da depressão, o humor predominante seria composto por estados e sentimentos negativos, como tristeza, desesperança, sensação de vazio, apatia, irritabilidade, entre outros, acompanhados por uma série de sintomas comportamentais, cognitivos e, até mesmo, biológicos. Apesar de tais estados de humor serem os mais comumente descritos na depressão, não é possível denominar como tal toda e qualquer tristeza, desânimo etc.

Cheniaux (2013) afirma que a depressão está comumente associada a três significados. O primeiro relacionado à tristeza ou “humor triste”, nesse caso, não se trata, necessariamente, de uma doença, mas uma condição temporária desencadeada por um motivo específico, tal qual uma perda, decepção ou momento desagradável. Um exemplo é o humor apresentado por alguém que está de luto devido ao falecimento de um ente querido, pode haver tristeza, sensação de esvaziamento, falta de sentido para a vida, choro, reclusão social, mas, em geral,

tais sentimentos e comportamentos são coerentes com o momento vivido; em outras palavras, é esperado que alguém que sofre uma perda significativa encontre-se em estado alterado de humor.

No segundo significado apontado por Cheniaux (2013), “depressão” pode representar também uma síndrome psiquiátrica, em que síndrome é definida como “[...] uma associação de sinais e sintomas que evoluem em conjunto, provocada por mecanismos variados e dependente de causas diversas” (p. 39). Pode ser de ordem primária ou secundária, sendo que a depressão de ordem primária, genuína ou idiopática, seria aquela em que se desconhece sua causa e a depressão de ordem secundária seria aquela que tem uma causa conhecida e bem definida, devido ao uso de medicamentos, como os anti-hipertensivos ou a condições médicas, como o hipotireoidismo, por exemplo. Conforme o autor, sendo uma síndrome, os sintomas são os mesmos, independentemente se de ordem primária ou secundária.

Por fim, a terceira forma de empregar o termo refere-se a um transtorno mental, e o autor utiliza a mesma nomenclatura encontrada no DSM-5, isto é, Transtorno Depressivo Maior (TDM). Segundo ele:

O TDM caracteriza-se pela ocorrência de uma síndrome depressiva, a qual se apresenta em episódio único ou de forma recorrente. Essa síndrome depressiva é primária, ou seja, embora se conheçam diversos fatores etiológicos relacionados a ela (como os genéticos, os bioquímicos etc.), sua verdadeira causa é desconhecida. Em outras palavras, não se consegue identificar uma doença sistêmica ou cerebral ou uma substância exógena que, por si só, possa explicar o surgimento do quadro depressivo. Assim, o diagnóstico do TDM é eminentemente clínico, não podendo ser formulado ou confirmado por meio de exames laboratoriais. Estes só são úteis para se descartar a possibilidade de uma depressão secundária (ou orgânica) (Cheniaux, 2013, p. 44).

O TDM provoca alterações na grande maioria das funções, mas seu efeito é ainda mais percebido nas funções afetivo-volitivas. O autor explicita que, tradicionalmente, as alterações no humor são as mais significativas, daí a classificação da depressão como um transtorno do humor. Entretanto, outras tantas alterações ocorrem, por exemplo, nas funções afetivo-volitivas, o autor cita alterações na afetividade, conexão e psicomotricidade; nas funções cognitivas, cita, como sintomas, déficits na atenção, na sensopercepção, na memória, na fala e na linguagem, bem como também podem ser percebidas alterações no pensamento e na imaginação. Mudanças também podem ser percebidas na aparência, que se apresenta mais descuidada, com ganho ou perda de peso repentinos; na atitude, lamuriosa ou indiferente; na orientação alopsíquica, em que a passagem do tempo se torna alentecida e pode haver

desorientação apática. Além disso, podem ocorrer alterações na consciência do eu, sobretudo, diminuição dessa consciência e despersonalização⁴; além de um pragmatismo diminuído, pessimismo e consciência de morbidade ausente, também podem ser percebidas alterações do sono, do apetite, diminuição da libido e da socialização. Esses são os sintomas citados por Cheniaux (2013) como mais comuns, mas não devem ser considerados os únicos, podendo haver distinções a depender do gênero, da faixa etária, das condições socioeconômicas, dentre outros.

Apesar da grande quantidade de possíveis sintomas, para o diagnóstico de tal transtorno é necessário, ainda, conforme Cheniaux (2013), diferenciá-lo de outros com condições semelhantes. Por exemplo, deve-se avaliar a presença ou ausência de episódios maníacos ou hipomaníacos, sendo que a presença destes caracterizaria, possivelmente, o Transtorno Afetivo Bipolar ou Ciclotimia ao invés do TDM. Outras condições semelhantes e das quais o Transtorno Depressivo Maior deve ser distinguido são, por exemplo, a depressão pós-parto, em geral, atribuída à desorganização hormonal e fase de adaptação da nova condição da mãe com seu bebê recém-nascido, o transtorno disfórico pré-menstrual, o transtorno depressivo induzido por substância/medicamento etc.

Neste estudo, o foco será no quadro comumente definido como Transtorno Depressivo Maior, tal recorte é feito com objetivo de limitar a quantidade de conteúdo, pois, como já anunciado, este é um assunto com inúmeros desdobramentos e possibilidade de discussão. Assim, destacar-se-á esta que é a condição mais presente no âmbito clínico, gerando prejuízos na qualidade de vida dos pacientes e que ainda é bastante estigmatizada.

Outro aspecto que gera motivação para analisá-lo mais de perto, é a sua causa ou, mais especificamente, a falta dela, pois, conforme afirma Cheniaux (2013), diferente da síndrome depressiva, o TDM não possui causa aparente, ou ainda, como frequentemente é disposto em pesquisas e discussões, afirma-se que sua causa é multifatorial. Não se critica aqui a veracidade de tal informação, mas entende-se que “sem causa aparente” ou “causas multifatoriais” são categorias muito amplas, que abrem espaço para interpretações errôneas sobre a etiologia da depressão, possibilitando que pseudociências⁵ apropriem-se de tal discussão, apontando como causas, por exemplo, as crenças do indivíduo, gerando discriminação e rotulações sobre o assunto.

⁴ Fenômeno psicológico em que a pessoa experimenta sensação de distanciamento ou estranheza em relação a si mesma, seu corpo, pensamentos e sensações, como se estivesse desconectada de si mesma.

⁵ Denominou-se como “pseudociências” terapias baseadas em teorias que não possuem comprovação científica e, em geral, chamadas de terapias alternativas.

Quanto mais conhecimento acerca dos aspectos que determinam esse processo de sofrimento, maiores as condições de elaborar estratégias, recursos e instrumentos para o tratamento da pessoa com depressão. Com base nessa afirmação, pretende-se buscar tal conhecimento, especificamente, por meio da Psicologia Histórico-Cultural, teoria cujo expoente, Vygotski, não desenvolveu grandes postulados no âmbito clínico, mas forneceu os pressupostos e métodos de análise que podem ser aplicados também nesse contexto.

Diagnosticar, compreender e trabalhar com o TDM, recortando-o em relação aos demais transtornos já citados, ainda consta como um significativo desafio, pois, segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-11, 2019), há diversas variações desse mesmo transtorno. Conforme apresentado no manual, o transtorno depressivo pode ser episódico ou recorrente, isto é, se o indivíduo vivencia a depressão uma única vez ou se esses episódios se repetem ao longo do tempo. Nas duas formas, há que se classificar ainda quanto à intensidade dos sintomas, podendo ser leve, grave ou moderado; por fim, outra característica que deve ser levada em consideração para o diagnóstico desse transtorno é a existência ou não de sintomas psicóticos.

Justamente pelas subdivisões e variações da depressão e a existência de tantos outros quadros cujos sintomas são semelhantes ou estão associados a esses, o diagnóstico e tratamento é um processo sério, complexo, que deve ser feito por profissionais da saúde mental capacitados. A alcunha de deprimido, junto de todas as vivências, sintomas, sentimentos que a depressão gera no sujeito, está longe de ser superficial; trata-se de sofrimento psíquico, cuja consequência mais extrema é o suicídio, mas antes dele, a dor, a angústia, o desespero e a solidão podem ser tão cruéis quanto o fim voluntário da vida. O uso de medicamento para tratamento de tal doença também deve ser abordado com devida seriedade, são psicotrópicos cujos efeitos não se limitam aos desejados, mas, em geral, vêm acompanhados por uma série de efeitos colaterais. Portanto, ao lidar com esse tema, é necessário empreender a seriedade que suas consequências impõem e que, nem sempre, tem sido exercida.

Daí decorre a necessidade de que a depressão seja abordada por todos os profissionais que trabalham com o tema de maneira ética e responsável, com o intuito de que as pseudociências e seus tratamentos sejam combatidos. Contudo, mesmo se tratando de ciência, os vieses para uma análise, compreensão e tratamento da depressão são múltiplos e, para ilustrar essa afirmação, será abordado, a seguir, de modo muito breve, sobre a compreensão acerca da depressão que algumas vertentes da psicologia apresentam.

1.3 A depressão segundo algumas das principais abordagens psicológicas

Apontou-se anteriormente que a depressão, assim como outras formas de sofrimento psíquico, foi, ao longo da história, tomada como objeto de estudo das mais diversas áreas, em que cada uma pode lançar seu próprio olhar, fazer suas próprias análises sobre as causas e, conseqüentemente, elaborar formas de tratamento coerentes com essas análises. Exemplo desse movimento é a medicina, cujas especialidades foram elaborando suas próprias concepções acerca da depressão, não havendo exatamente um consenso entre elas, mas uma ampla diversidade de caminhos e possibilidades para compreensão e tratamento de tal transtorno.

Na psicologia não foi diferente e, uma vez que se trata de um dos diagnósticos mais comuns, a depressão atravessa esse campo nas suas mais diversas áreas, seja clínica, social, organizacional, educacional etc., visto que, em todas estas esferas de atuação, o psicólogo trabalha com o mesmo objeto, qual seja, o humano e todas as condições às quais ele está submetido, incluindo o sofrimento psíquico e, mais especificamente, a depressão. Como é sabido, a psicologia é um campo múltiplo, pois, ainda que o objeto de estudo seja o ser humano em toda sua complexidade, cada abordagem apreende-o de maneiras diferentes, de acordo com seus princípios, formas de definir o homem, o meio em que está inserido e a maneira que ocorre a sua interação. Em outras palavras, a abordagem psicológica configura-se como o referencial teórico e metodológico a partir do qual o profissional orientar-se-á para realizar suas interpretações e análises acerca do homem e da realidade.

Vygotski (1927/2004), no texto “*O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica*” realiza uma crítica à multiplicidade de vertentes teóricas, defendendo que a Psicologia necessita de um eixo norteador, um único referencial teórico-metodológico a partir do qual todo conhecimento e práticas devem se estruturar, ou seja, o autor defende a elaboração de uma psicologia geral, que serviria de fundamento para a compreensão do homem e do mundo em qualquer esfera na qual a psicologia adentre. Apesar de seus esforços, Vygotski não conseguiu implementar tal empreendimento, tampouco isso ocorre atualmente e, ao contrário, as correntes psicológicas multiplicam-se e especificam-se cada vez mais.

Partindo dessa premissa, esta seção tem como objetivo apresentar, de forma muito breve, como algumas abordagens psicológicas compreendem a depressão. O propósito não é, nem de longe, esmiuçar a explicação que cada abordagem, com suas concepções próprias de homem e de mundo, elabora acerca da depressão, mas tão somente demonstrar quão diverso pode ser tal fenômeno, a depender do prisma a partir do qual é observado. Entende-se que esta

explicação seja significativa à medida que demonstra a complexidade do conceito a que este estudo se dedica, isto é, a depressão.

Antes de adentrar, especificamente, o campo das abordagens psicológicas, é importante discutir a depressão sob o ponto de vista neuroquímico. Esse viés biológico requer cautela em sua aplicação, visto que, como será defendido, a depressão não pode ser considerada apenas uma questão de ordem biológica, de modo que compreender e tratar esse quadro apenas pela via neuroquímica consiste em erro. Contudo, tal perspectiva é comumente vinculada à psicologia, pois em geral, os tratamentos considerados mais completos são aqueles que combinam cuidados psicológicos e biológicos por tempo determinado.

Ao abordar o tema da depressão, em geral, as primeiras considerações são relegadas aos sintomas e comportamentos característicos desse transtorno, isto é, tristeza, sentimento de vazio, apatia, baixa autoestima etc. No entanto, essa é apenas a face visível do transtorno, pois eles não são aleatórios, mas estão acompanhados por uma série de alterações neuroquímicas, ora apontadas como causa, ora como consequência desses sintomas. Corbanezi (2018) alerta que o impacto biológico da depressão não está completamente elucidado devido à falta de marcadores biológicos efetivos:

Ou seja, apesar da existência de indicadores biológicos não específicos – tais como anormalidades do sono encontradas por meio de polissonografia, desregulação de sistemas de neurotransmissores, alterações de neuropeptídeos, de hormônios e de fluxo sanguíneo cerebral –, as versões mais recentes do DSM asseguram que semelhantes evidências são insuficientes para constituir a fisiopatologia específica da depressão (Corbanezi, 2018, p. 335).

Na busca pelos mecanismos e efeitos da depressão para além dos comportamentos e sintomas aparentes, na medicina contemporânea, os primeiros elementos a ganharem atenção dos pesquisadores foram os neurotransmissores, considerados, inicialmente, como os seus principais responsáveis. De acordo com Bastos (2020), os primeiros estudos sobre o tema apontaram a depressão como consequência de menor disponibilidade das aminas, em particular, serotonina, noradrenalina e/ou dopamina. A hipótese monoaminérgica dá conta de que o fenômeno chamado de depressão seria causado pela redução da disponibilidade dos neurotransmissores serotonina (5-HT), dopamina (DA) e noradrenalina (NA) no córtex pré-frontal e em estruturas límbicas, ou ainda pela redução da sensibilidade ou do número de receptores desses neurotransmissores, aumento de monoaminoxidase (MAO) e diminuição do número de neurônios.

Esses neurotransmissores desempenham papéis importantes na regulação do humor, motivação, prazer, estresse e outros processos cognitivos e emocionais e, em baixos níveis, geram os sintomas característicos da depressão. Bastos (2020) explica que, a partir dessa descoberta, inicia-se a produção e uso em massa de medicamentos de cunho antidepressivo, cujo mecanismo de ação é o aumento da disponibilidade dos neurotransmissores na fenda sináptica. São dois os principais mecanismos utilizados nesse processo, a inibição (seletiva ou não) de suas recaptações e a inibição da enzima responsável por suas degradações (inibidores da monoaminoxidase).

No entanto, o aprofundamento das pesquisas proporcionou a informação de que, apesar de tais medicamentos serem capazes de provocar aumento dos neurotransmissores em algumas horas, só era possível notar o alívio dos sintomas algumas semanas depois, sugerindo que a inibição de recaptação dos neurotransmissores não seria suficiente para obter bons resultados. Vismari, Alves e Palermo-Neto (2008) também apontam que a teoria monoaminérgica não tem sido suficiente para a compreensão das causas da depressão, de modo que, após essas descobertas, os neurotransmissores monoaminérgicos deixaram de ser o centro das teorias e pesquisas acerca da etiologia da depressão. Em seu lugar, os estudos têm sido direcionados para uma compreensão mais ampla e sistêmica do funcionamento cerebral, conforme explicam Sadock, Sadock e Ruiz (2017):

Tem ocorrido uma mudança progressiva do foco nos distúrbios de sistemas de um único neurotransmissor em favor do estudo de sistemas neurocomportamentais, circuitos neurais e mecanismos neurorreguladores mais complexos. Os sistemas monoaminérgicos, portanto, são agora considerados sistemas neuromodulares, mais amplos, e os distúrbios tendem a ser efeitos tanto secundários ou epifenomenais quanto relacionados direta ou causalmente com a etiologia e a patogenia (p. 349).

Os autores relatam, ainda, que é comum que eventos estressores antecedam um primeiro episódio depressivo e que este pode provocar mudanças duradouras no cérebro, acarretando alterações no funcionamento de neurotransmissores e dos sinalizadores intraneurais. Bastos (2020) aponta as pesquisas realizadas por Duman (2014) e Abdallah (2015) para expor que um primeiro episódio depressivo pode provocar atrofia cerebral e neuronal; diminuição da neurogênese; diminuição das ramificações e das espinhas dendríticas que, em conjunto, causam danos aos contatos sinápticos e conseqüentemente prejudicam a comunicação neuronal e a neuroplasticidade.

Vismari, Alves e Palermo-Neto (2008), por sua vez, indicam que a depressão se caracteriza pela redução global do metabolismo cerebral anterior e um aumento do

metabolismo de glicose em várias regiões límbicas, com ênfase na amígdala, provocando alterações nas funções cerebrais, sobretudo, déficits na atenção, memória, velocidade de processamento, função executiva, emoções e tomada de decisões. Além disso, são apontadas alterações nas regiões encefálicas, em que o córtex pré-frontal, a amígdala, o córtex anterior do cíngulo, o hipocampo, entre outros, apresentam alterações volumétricas e da atividade.

Bastos (2020), recorrendo a Ribeiz e Salma Rose Imanar (2014), também aponta diminuição de volume de estruturas como lobos pré-frontal e temporal frontal, córtex orbitofrontal, temporal, parietal, hipocampo, amígdala, tálamo e pálido, sendo o sistema límbico e o hipotálamo os mais prejudicados. Para a autora, em geral, essas alterações não são, de fato, a causa da depressão, mas consequência de crises repetidas ou uma crise com longa duração. Tais informações fornecem elementos para que se reflita sobre quão difícil pode ser o processo de superação de um quadro depressivo, pois, uma vez que existem mudanças de estruturas cerebrais, fica mais evidente que “superar” a depressão requer muito mais do que “força de vontade” e esforço do indivíduo, crença bastante difundida no senso comum. Nesse sentido, a superação desse transtorno não significa apenas mudanças de hábitos e comportamentos, mas a reconfiguração de processos cerebrais.

Entretanto, o início da depressão, ou seja, a ocorrência de um primeiro episódio depressivo ainda carece de maiores explicações e são muitas as hipóteses elencadas. Para Bastos (2020), o estresse crônico configura-se como um dos fatores de risco para tal quadro, pois causa alterações na plasticidade sináptica em regiões límbicas que são responsáveis pelo humor. A autora também cita como fatores que contribuem para o desencadeamento da depressão: emoções fortes, hábitos pessoais como uso de drogas lícitas ou ilícitas; quadros orgânicos como infecções ou inflamações crônicas; pressão ou tensão contínuas, bem como a predisposição genética.

Sadock, Sadock e Ruiz (2017) também apontam que a depressão pode causar alterações nas estruturas cerebrais. Para os autores, tais alterações podem ser causadas antes mesmo do próprio quadro depressivo, pelos eventos estressores que antecedem um episódio depressivo. Explicam que:

[...] essas mudanças podem alterar os estados funcionais de vários neurotransmissores e sistemas sinalizadores intraneuronais, mudanças que podem incluir mesmo a perda de neurônios e uma redução excessiva de contatos sinápticos. Como resultado, uma pessoa tem alto risco de desenvolver episódios subsequentes de um transtorno do humor, mesmo sem um estressor externo (p. 354).

Corbanezi (2018) cita outros mecanismos que visam explicar a fisiopatologia da depressão, dentre os quais a hipótese da amina biogênica, desregulação do eixo hipotálamohipófise-adrenal (HPA), além de fatores genéticos e ambientais. Essas são algumas das teorias que se propõem a explicar o mecanismo neuroquímico da depressão e, como são muitas as hipóteses, não será possível apontar ou discutir todas elas. Interessa, aqui, destacar o fato de que há uma vertente de pesquisa que dá maior destaque para os processos físico-químicos do cérebro. Nessa perspectiva, é comum a ênfase em mapear a depressão, por meio de exames, *scanners* do cérebro, mensuração dos níveis químicos etc. Além disso, em tal perspectiva, em geral, o principal, senão o único meio de tratamento, é o medicamentoso. No entanto, o foco apenas nas reações neuroquímicas retira a especificidade humana da depressão, a vista de compreender os mecanismos e ações no cérebro da pessoa deprimida, e ainda nos falta a compreensão global acerca desse adoecimento. Na mesma direção, Corbanezi (2018) realiza uma crítica à pretensão atórica e descritiva da psiquiatria em buscar definir a depressão apenas como uma disfunção neuroquímica. Afirma o autor:

Diante disso, deve-se notar, de partida, como a “abordagem atórica” da depressão preconizada desde o DSM-III implica uma prática clínica e terapêutica que indica a parcialidade da concepção: em vez de problema existencial, a depressão se reduz a uma disfunção neuroquímica (p. 336).

A despeito de o Manual Diagnóstico e Estatístico estar em sua quinta edição, a premissa continua sendo a mesma, a saber, a pretensão atórica, que compartimenta o humano e inviabiliza uma compreensão da totalidade do fenômeno. Assim, é possível pontuar que a medicina não dá conta, sozinha, de abordar toda a complexidade do fenômeno e, nessa lógica, o fator neuroquímico é apenas um dos aspectos que devem ser levados em consideração ao ser abordado o complexo fenômeno da depressão. Passar-se-á a apresentação das concepções acerca da depressão segundo as diferentes abordagens psicológicas especificamente.

1.3.1 A depressão segundo a Psicanálise

Apresentar, ainda que em linhas gerais, a depressão, a partir da Psicanálise, é um desafio significativo, primeiramente devido à forma como essa abordagem apreende a realidade subjetiva humana, isto é, a partir do inconsciente, conceito complexo e profundo em torno do qual se desenvolve toda a teoria. Em segundo lugar, a dificuldade consta na pluralidade de vertentes psicanalíticas, pois, ainda que possuam bases epistemológicas semelhantes, cada vertente desenvolve sua análise de modo particular. Portanto, tentar falar

“em nome” da Psicanálise, sobretudo, sem conhecimento aprofundado dessa teoria, configura tarefa árdua.

A despeito dos desafios, seguindo as proposições iniciais deste estudo, será apresentada, nesta subseção, uma ideia geral acerca de como a Psicanálise explica a depressão sem, no entanto, entrar no mérito das divergências entre as correntes psicanalíticas, não por desconsiderar as particularidades de cada uma, mas somente por reconhecer as limitações desse estudo a respeito dessa perspectiva e, ainda, para manter o objetivo principal deste estudo, cujo foco é discorrer sobre a depressão a partir da Psicologia Histórico-Cultural, passando por algumas outras abordagens a título de conhecimento e para melhor compreensão da temática.

Iniciar-se-á a incursão pela depressão na Psicanálise por um conceito muito conhecido nessa teoria, a melancolia. Foi pontuado, anteriormente, que a melancolia está na pré-história da depressão e o próprio Freud, precursor desta abordagem, dedica-se a analisar este conceito em diferenciação ao luto. Em sua obra intitulada “*Luto e Melancolia*”, Freud descreve o luto como a perda de um objeto externo, enquanto a melancolia caracteriza-se como um desânimo profundamente penoso, falta de interesse, inibição de atividades, baixa autoestima, incluindo autorrecriação e “expectativa delirante de punição” (Freud, 1917/1996). Nesse fenômeno, também ocorre a perda de um objeto, no entanto, de natureza ideal, não necessariamente por morte, mas uma perda objetual retirada da consciência.

No luto, o ego recolhe-se a um trabalho interno a fim de lidar com a perda, ao passo que, na melancolia, o ego faz um movimento semelhante, contudo, a inibição do melancólico, em aparência, é desprovida de sentido, uma vez que o objeto perdido é inconsciente. O autor ressalta:

O melancólico exhibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego (Freud, 1917/1996, p. 278).

A perda do melancólico é a perda de seu próprio ego ou parte dele. Nas palavras do autor “[...] vemos como nele uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto” (Freud, 1917/1996, p. 279).

É necessário alertar para o fato de que, para compreender a depressão nos termos atuais a partir da Psicanálise, passa-se pelo caminho da melancolia, no entanto, tais fenômenos não são idênticos, tampouco a depressão é uma versão atualizada da melancolia. Gerbasi (2020) defende que os fenômenos depressivos são próprios do existir humano e não

correspondem a um único fator etiológico, podendo manifestar-se em diferentes categorias diagnósticas, ou seja, a depressão é compreendida como um sintoma que pode estar presente tanto na estrutura neurótica quanto na psicótica. Por sua vez, a melancolia refere-se a um quadro psicopatológico específico, explicado segundo o modelo do luto, mas como um luto patológico, no qual recriminações e acusações voltam-se contra o próprio eu por meio da identificação por regressão narcísica com o objeto perdido, trata-se da única forma de neurose narcísica apontada na obra de Freud. Portanto, a depressão não diz respeito ao mesmo fenômeno chamado de melancolia, tão presente nos escritos freudianos.

Trazendo a discussão para o plano atual, Siqueira (2007), baseado em sua compreensão das palavras de Freud (1926/2014) em *“Inibição, sintoma e angústia”*, define a depressão como uma inibição generalizada. Sendo a inibição “a expressão da restrição de uma função do eu, através da qual este evita entrar em conflito com o isso [id], ou seja, com algo que lhe escapa. Dessa forma, o eu empobrece funcionalmente” (Siqueira, 2007, p. 74). Isto é, nessa ótica, a depressão seria ocasionada por um conflito entre Eu e Id, que levaria a uma ameaça de castração e, diante disso, à deslibidinização e perda do prazer.

Gerbasi (2020), por sua vez, defende que o narcisismo é um conceito fundamental para compreender a depressão à luz da Psicanálise. Para esta autora, Freud (1914/2010) postulou a existência de um narcisismo primário e um secundário, em que o narcisismo primário seria “[...] uma fase inicial do desenvolvimento que se caracteriza pelo surgimento de um esboço do Eu investido pela libido, sendo que o predomínio do investimento em si mesmo não impede que existam investimentos objetais concomitantemente” (Gerbasi, 2020, p. 66). Apesar de o narcisismo primário tratar-se de uma relação consigo mesmo, necessita da figura do outro para o processo, pois o sujeito forma uma concepção sobre si mesmo, de como deveria ser, partindo de suas primeiras relações interpessoais. Explica:

O narcisismo primário se configura por meio da fusão sujeito-objeto. Dessa forma, as funções que garantem sua sobrevivência, mas são exercidas pelo outro, são vivenciadas como desempenhadas por si próprio, o que leva o sujeito à própria onipotência, em outras palavras, há onipotência absoluta por identificação com o objeto, sem que este seja percebido como um outro separado. Ela é confrontada com a realidade à medida que o sujeito reconhece o objeto como separado de si mesmo. Isso ocorre conforme o bebê vive experiências de satisfação e frustração de suas necessidades, considerando-se que a mãe (ou quem exerça seu papel) tenha capacidade empática. Frente ao reconhecimento de sua impotência, o sujeito introjeta o objeto para assegurar a potência do outro para si mesmo. Esse processo leva ao

narcisismo secundário, no qual é possível reconhecer suas próprias potencialidades, evitando os extremos da onipotência ou da impotência, nesta forma de narcisismo, há a noção de objeto, perda da onipotência e tentativa de recuperação por meio da introjeção. Ao longo do processo evolutivo, o narcisismo primário é atenuado e se constitui o narcisismo secundário, o qual configura o Eu ideal que deve estar em equilíbrio com as relações objetais das quais depende sua sobrevivência (Gerbasi, 2020, p. 71).

Em condições favoráveis, o sujeito chegará ao narcisismo secundário e haverá a constituição de uma autoestima adequada, originada dos resquícios da onipotência inicial, das realizações condizentes com os ideais internalizados e das relações objetais. No entanto, havendo problemas no movimento que vai do narcisismo primário ao secundário, compromete-se a constituição do Eu e seu cuidado e amor por si mesmo, havendo um desequilíbrio entre o *trieb* investido em si e nos objetos com quem estabelece suas relações. Dependendo do sucesso da transição do narcisismo primário para secundário, o sujeito apresentará uma relação saudável ou patológica entre o Eu e Super-eu, em maior ou menor medida. Para a autora:

Um Eu bem desenvolvido é menos submisso ao Super-eu e capaz de anexar parcelas do Id. Nos quadros melancólicos, podemos dizer que houve o desenvolvimento de um Super-eu crítico, perante o qual o Eu se vê impotente e não consegue utilizar os impulsos instintuais (*trieb*) do Id a seu favor, o que o torna desvitalizado (Gerbasi, 2020, p. 72).

No indivíduo em que não se desenvolveu adequadamente o narcisismo secundário, há o registro mnêmico (implícito) de sensações predominantemente desprazerosas, desconfortáveis, angustiantes, sentidas, possivelmente, como ameaça. Tal configuração leva à consequência de que, ao longo da vida desse indivíduo, perdas, frustrações, angústias e demais experiências negativas são assimiladas de forma mais intensa e excedem a capacidade do sujeito de lidar com elas. Para a autora:

Então, caso predominem frustrações ao longo do desenvolvimento psíquico, a potência e a autoestima percebidas pelo Eu ficarão comprometidas. O Eu se vê frente a um ideal inalcançável e seu amor-próprio é abalado. Do mesmo modo, suas relações objetais não se consolidam de modo a lhe prover o amor que necessita, pois são comprometidas pela persistência do narcisismo primário. Isso também priva o Eu de outra fonte que nutre a autoestima: as relações com objetos de amor. A perda de um objeto de amor que contribui para a manutenção de uma imagem de si próxima do

ideal pode desencadear quadros melancólicos, quando não há a internalização dos aspectos bons do objeto perdido, os quais poderiam preservar a potência do Eu e a sua autoestima (Gerbasi, 2020, p. 73).

Como exemplo de elementos que seriam capazes de perturbar a passagem do narcisismo primário ao secundário, a autora cita a existência de uma mãe que não é empática e frustra, em demasia, a criança, povoando sua existência de aspectos ruins. Esse movimento poderia enfraquecer ou atrofiar os impulsos instintuais, e/ou ainda provocar a atuação do *trieb* agressivo, cujo objetivo original é a autopreservação (por ex. a autodefesa), que, então, se dirige de forma destrutiva ao próprio Eu. A autora faz uma analogia com as doenças autoimunes, nas quais o sistema imunológico volta-se contra o próprio organismo ao identificá-lo como elemento estranho e potencialmente nocivo.

Segundo Rocha (2008) os sintomas depressivos podem ter significados diferentes se o indivíduo apresentar uma estrutura de personalidade neurótica, psicótica ou borderline. De acordo com esse autor, na depressão neurótica, observa-se sua relação com traumas ocasionados por frustrações afetivas, experiências de perdas e medo de abandono. Sendo mais do que uma reação a eventos traumáticos, os transtornos depressivos são, também, a expressão de conflitos intrapsíquicos. Já as depressões melancólicas caracterizam-se por um esvaziamento do ego, podendo chegar a delírios de inferioridade, sendo que, na exibição de culpa e indignidade, o sujeito pode encontrar satisfação. Isso ocorre pelo fato de que as autoacusações são, na verdade, dirigidas ao objeto de amor perdido, devido ao caráter narcísico e ambivalente de sua vinculação a ele. Por meio da identificação narcísica, o sujeito lida consigo mesmo como lidava com o objeto. Em casos de depressão em estruturas *borderline*, observa-se uma angústia diferente das que se apresentam nas depressões neurótica (angústia de castração) e psicótica (angústia de fragmentação ou aniquilamento). Trata-se de uma dupla angústia, o medo de ser abandonado pelo objeto amado e o de ser sufocado por ele. Esta autora também dá indícios de como se constitui o processo terapêutico psicanalítico, afirmando que, para que haja uma evolução do quadro do sujeito, ele deve ser levado a substituir as identificações com aspectos passivos e/ou destrutivos por identificações com os aspectos construtivos do objeto de amor.

Como apontado anteriormente, a Psicanálise é múltipla e complexa, de modo que existem, ainda, outras explicações sobre a depressão, por exemplo, Leuzinger-Bohleber (2015) relaciona a depressão ao trauma, propondo que tal transtorno se desenvolveria na tentativa de lidar com a dor psíquica insuportável decorrente de algo traumático. Para essa autora, o tratamento do indivíduo deprimido também deve ser realizado a partir da análise

terapêutica que o auxilie a identificar e lidar com seu trauma, engajando-o num processo de transformação psíquica.

Esses são alguns exemplos de como a Psicanálise compreende a depressão. Se para a psiquiatria os sintomas são a própria doença e o tratamento é bastante impessoal, pautado, sobretudo, no uso de medicamentos, a partir da Psicanálise, a depressão é o sintoma, indicativo de um fenômeno anterior que deve ser procurado, entendido e ressignificado pelo indivíduo, enquanto a remissão dos sintomas é uma consequência. Nessa direção, Siqueira (2007) explicita que os sintomas apontarão para uma estrutura psíquica, ou seja, neurose ou psicose. Nas palavras do autor “Se a psiquiatria responde, na maioria das vezes, com o medicamento que visa tamponar a dor – ‘um comprimido para o deprimido’ –, a Psicanálise abre a possibilidade de o sujeito remediar o próprio sofrimento com a palavra” (Siqueira, 2007, pp. 72-73). Para o autor, a Psicanálise abre espaço para tratar não os sintomas, tal qual o sono desregulado ou os pensamentos melancólicos, mas sim as suas causas, buscando-as no movimento do inconsciente acerca das experiências do sujeito. Ademais, nesse cenário, o indivíduo desempenha um papel ativo em comparação com o tratamento psiquiátrico, por exemplo, pois “ressignificar” o sofrimento através da fala, como propõe Siqueira (2007), requer um engajamento do indivíduo nesse processo.

1.3.2 A depressão segundo a Terapia Cognitivo-Comportamental

Buscando apresentar, neste trabalho, as abordagens psicológicas mais conhecidas e utilizadas, urge destacar a Terapia Cognitivo-comportamental (TCC), uma vertente bastante jovem, mas que ganhou notoriedade rapidamente e assumiu lugar de importância no embasamento para a atuação de psicólogos em todo o mundo.

A Terapia Cognitivo-comportamental começou a ser desenvolvida por Aaron Beck no fim da década de 1960 e início de 1970, justamente a partir da questão da depressão. Beck, na ocasião, era psicanalista, professor assistente de psiquiatria na Universidade da Pensilvânia e acreditava que, para que a Psicanálise fosse completamente aceita pela comunidade médica, precisaria de comprovação empírica e, assim, começou uma série de experimentos que comprovassem a validação da abordagem para o tratamento da depressão. No entanto, os resultados de seus estudos o levaram a um caminho diverso, em que identificou, na origem da depressão, pensamentos e crenças negativos e distorcidos do indivíduo sobre si mesmo, o mundo e as pessoas (Beck, 2013).

Segundo Judith Beck (2013), filha e continuadora da obra de Aaron Beck, esses pensamentos e sistemas de crenças disfuncionais influenciam o humor e estão na base de

transtornos como o depressivo, pois a cognição desempenha um papel mediador entre eventos internos e externos aos indivíduos e as suas respostas a eles. Isto é, para a Terapia Cognitivo-comportamental, entre os estímulos e as respostas fisiológicas, emocionais e comportamentais do indivíduo, existe a intermediação do processamento cognitivo por meio de interpretações e atribuições de significados. Nessa perspectiva, os sintomas também são mediados cognitivamente e, portanto, intervenções terapêuticas que promovem mudanças cognitivas podem gerar mudanças nos sentimentos e atitudes dos sujeitos, resultando na melhora clínica dos quadros psicopatológicos.

Conforme Gerbasi (2020), na TCC, o terapeuta, de modo ativo, busca com o paciente a capacidade de adaptação adequada às situações de vida, a fim de reduzir os erros de interpretações e manter o estresse emocional proporcional aos problemas reais, pois, quando a ativação de esquemas, que originalmente serviam à função adaptativa, é desproporcional aos eventos, o sujeito vivencia problemas psicológicos que podem culminar em um transtorno mental. O transtorno depressivo maior é um exemplo disso, nas palavras da autora:

A depressão, por exemplo, representa uma exacerbação de funções adaptativas normais. Tais funções se transformam em distúrbios psicológicos devido a um processamento de informações defeituoso, isto é, quando as informações são interpretadas de maneira errônea, os outros sistemas alimentados por essas informações entram em funcionamento de forma inadequada, levando a emoções excessivas ou inapropriadas, a comportamentos mal adaptativos e a outras distorções cognitivas, envolvendo atribuições de sentido, foco de atenção e evocação de memórias (Gerbasi, 2020, p. 87).

Nessa teoria, o sujeito deprimido é aquele que apresenta crenças depreciativas sobre si, interpreta os eventos sempre com maior negatividade, se percebe como inadequado e impotente na maior parte do tempo. Essas crenças não se formam espontaneamente no sujeito, mas há um entrelaçamento entre pré-disposição genética e experiências de vida. Nas fases iniciais do desenvolvimento psíquico, a criança, gradualmente, forma ideias e atitudes sobre si e sobre o mundo, de modo geral, e esses conceitos devem estar, em sua maioria, de acordo com a realidade, favorecendo uma adaptação saudável, o que pode não acontecer. Nesses casos, o indivíduo fica mais propenso a transtornos mentais. Eventos adversos precoces podem criar atitudes e vieses negativos sobre o *self* que são integrados na organização cognitiva do indivíduo na forma de esquemas, os quais são ativados quando eventos adversos atingem sua vulnerabilidade específica. Portanto, de acordo com o modelo beckiano, o desenvolvimento da depressão está baseado na vulnerabilidade individual associada a eventos

de vida estressores. Quando o sujeito enfrenta experiências precoces geradoras de concepções e atitudes disfuncionais que são assimiladas em estruturas cognitivas (os esquemas) temos a denominada vulnerabilidade cognitiva, porque, posteriormente, elas influenciarão as interpretações de novas experiências. Quando eventos de vida são capazes de ativar os esquemas, estes enviesam a atenção e os pensamentos negativamente e geram sintomas depressivos, isto é, há maior reatividade cognitiva (Gerbasi, 2020).

No indivíduo deprimido, as distorções cognitivas, isto é, a forma de compreender e, portanto, atuar na realidade, configuram-se como predominantemente mais negativas e catastróficas do que de fato são. Conclusões antecipadas e com poucas evidências, escolha de evidências em que os resultados são ruins, generalização de eventos negativos que ocorreram em situações específicas, culpabilização de si mesmo por tais acontecimentos são exemplos de distorções comuns nos deprimidos. Na medida em que o sujeito interpreta eventos de forma negativa, os esquemas disfuncionais de pensamentos, comportamentos e emoções vão sendo fortalecidos, até certo ponto em que atingem uma “autonomia”, ou seja, deixam de estar sensíveis aos eventos que vão na direção contrária e mais positiva.

Assim, a TCC difere fundamentalmente da Psicanálise. Se nesta a depressão é compreendida como a perda de um objeto libidinal, na TCC trata-se da má adaptação do sujeito, em termos emocionais, aos eventos estressores. Consta ainda, nessa diferença, a existência do inconsciente para a Psicanálise, em que uma parte significativa dos fenômenos ocorrem em um nível que foge ao controle do sujeito, enquanto na TCC, as crenças e os esquemas disfuncionais estão ao alcance do controle consciente do indivíduo.

A TCC é uma das abordagens mais utilizadas no tratamento da depressão, principalmente por se propor como um processo relativamente breve, com foco no presente e atuação direcionada à resolução de questões pontuais, mais especificamente, na identificação e modificação dos pensamentos, crenças e comportamentos disfuncionais. Tal pragmatismo é compatível com as demandas atuais de tratamento, principalmente quando se considera o processo psicoterapêutico desenvolvido por meio de planos de saúde ou instituições que dispõem de tempo limitado para cada paciente. J. Beck resume o direcionamento na atuação da psicoterapia cognitivo-comportamental afirmando que “Quando as pessoas aprendem a avaliar seu pensamento de forma mais realista e adaptativa, elas obtêm uma melhora em seu estado emocional e no comportamento.” (2013, p. 23). Assim, essa abordagem tem ganhado cada vez mais espaço nas clínicas de psicologia, propondo uma participação bastante ativa do indivíduo, não apenas por meio da fala e do movimento que acarreta no psiquismo, como faz a Psicanálise, mas também por meio de mudanças de atitudes e comportamentos pré-

estipuladas em terapia, ou seja, o sujeito torna-se ainda mais partícipe de sua própria evolução. Ademais, assim como a Psicanálise, busca, majoritariamente, no indivíduo as causas e as possibilidades de superação dos quadros de sofrimento e poucas são as discussões que ampliam o olhar para os aspectos gerais da sociedade.

1.3.3 A depressão segundo a Gestalt-terapia

Nesta breve explanação sobre as múltiplas teorias a partir das quais a depressão pode ser analisada, procurou-se trazer aquelas que são mais comuns às clínicas psicoterápicas sem, contudo, diminuir o mérito das demais. Tal recorte é fundamental, uma vez que tratar de todas as abordagens psicológicas é uma tarefa penosa e desnecessária, visto que, neste estudo, o foco é, de fato, a concepção a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Não obstante, a Gestalt-terapia é reconhecida como linha de conhecimento amplamente utilizada nos mais diversos contextos de atuação profissional do psicólogo. Sendo assim, pretende-se, modestamente, apresentar, nesta subseção, a forma como a depressão é caracterizada por essa concepção teórica.

O site⁶ da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (ABG) dá informações de que esta teoria foi criada pelos alemães Friedrich Salomon Perls e Lore Posner Perls, na década de 1950, num momento histórico em que a Psicologia Humanista ganhava espaço, proposta como uma via alternativa entre o Behaviorismo e a Psicanálise.

Brito (2022) explica que *gestalt* é uma palavra alemã, traduzida aproximadamente por ‘configuração’, ‘totalidade’, ou seja, um todo que é uma realidade em si, diferente da soma de suas partes. Trata-se de uma corrente psicológica de matriz existencial-fenomenológica e orientada para o *Insight*⁷, que objetiva a tomada de consciência do homem, por meio do conhecimento pessoal, para que seja capaz de se autogerir e regular. O homem, sob a visão gestáltica, é um ser dotado de consciência ativa que atribui a tudo um sentido e, a partir dele, é livre para fazer suas escolhas. Conforme Brito (2022) explica:

Para a Gestalt-terapia o homem é um ser de escolha. Ao se dar conta de que a existência é construída por si mesma, fruto das suas próprias escolhas, se estabelece no ser humano a noção de responsabilidade: de “personagem” ou ator, o homem passa a ser autor da sua própria história, sendo livre, a cada momento, para trilhar um outro caminho (p. 1).

⁶ <https://gestalt.com.br/institucional/gestalt-terapia/>

⁷ Trata-se de um entendimento, a apreensão da verdadeira natureza de uma coisa, através de uma compreensão intuitiva.

O homem está em constante relação consigo mesmo e com o mundo e, a partir dessa relação, vai se caracterizando, se construindo, de modo que não pode ser compreendido senão por meio dela. Nessa perspectiva, o contato é considerado a matéria-prima da relação humana. O contato pode ser definido como um fenômeno que presume dois seres separados e independentes em relação:

Nele, o senso que o indivíduo tem de si é movido para uma nova criação, o nós. Assim, o contato implica em transformação. Ele é o meio para a mudança de si mesmo e da experiência que se tem do mundo. O contato acontece em uma fronteira onde é mantido o senso de separação, de forma que o eu pode se experienciar em relação ao não eu. Assim há um senso de si próprio e também daquilo que encontra na fronteira (Bernardo, 2020, p. 9).

Para a Gestalt-terapia, não existe desenvolvimento humano sem contato, dele depende desde o desenvolvimento físico do bebê, como aprender a sentar e falar, até o desenvolvimento emocional, cognitivo etc. Define-se o bom contato quando o indivíduo se sente confiante, acreditando que seus esforços terão retorno e o meio será capaz de nutri-lo. Contudo, o contrário também pode ocorrer, isto é, a pessoa pode sentir que o ambiente não lhe proporciona aquilo que necessita e seus esforços serão em vão. Essa condição é conhecida como resistência, em que surgirão sentimentos como raiva, ressentimento e impotência. Quando a pessoa percebe que sua necessidade não foi satisfeita, num primeiro momento, em geral, procura formas de modificar a situação. Essa capacidade em lidar com a não resolução de uma satisfação, buscando novas formas de obtê-la, é o que a Gestalt-terapia chama ajustamento criativo.

O ajustamento criativo configura-se como um movimento na busca pela autorregulação, em que o indivíduo se organizará de forma a buscar a satisfação de suas necessidades e, para tanto, utilizará a interação e a negociação para solucionar uma situação em desequilíbrio.

Nessa busca por satisfação, a autorregulação acontece quando emerge uma necessidade, isso significa dizer que uma gestalt é formada. Quando esta é satisfeita ocorre a destruição ou fechamento da Gestalt, para que em seguida outra seja formada, fechada, e assim sucessivamente. A formação de novas Gestalts supõe que o indivíduo tente sempre satisfazer suas necessidades da melhor maneira possível (Etapchuski & Fernandes, 2017, pp. 11-12).

Fechar *gestalts*, dizem os autores, significa responder satisfatoriamente às exigências que o meio impõe, em termos de pensamentos, ações e sentimentos, de modo que todo

comportamento é considerado um ajustamento criativo, um movimento no sentido de acomodar-se da melhor forma possível nessa relação entre o indivíduo e o ambiente. Para tanto, é necessário que o indivíduo esteja consciente, atento às suas próprias condições e necessidades. A Gestalt-terapia utiliza o termo *awareness* para definir essa ideia, entendida como um estado de atenção, em que o indivíduo está vigilante acerca do que experiencia do mundo dos fenômenos, tanto internos quanto externos.

Para a Gestalt-terapia, o movimento de abrir e fechar *gestalts* é a base da própria vida, é por meio desses movimentos que o indivíduo experiencia a realidade. No entanto, nem sempre esse processo ocorre de maneira fluida e natural, podendo passar por situações que desorganizam o processo e culminam em ajustamentos diversos, diferente do ideal ou saudável, um deles é o ajustamento depressivo.

Nessa configuração, o organismo não consegue formar ou abrir *gestalts* claras ou, ainda, não consegue fechá-las, ocorrendo um acúmulo de situações inacabadas ou *gestalts* abertas que prejudicam o processo homeostático, adoecendo, assim, o organismo (Etapechuski & Fernandes, 2017). Assim, conforme os autores, a depressão pode ser definida, nessa abordagem, como uma configuração em que o ajustamento criativo está comprometido e o ajustamento depressivo torna-se predominante, havendo um bloqueio do ciclo do contato, do indivíduo consigo próprio e com o mundo, em que ele se recolhe, imprime um modo de economia de energia e recursos diante do contexto e, portanto, as possibilidades de mudança dessa configuração enrijecem-se. Ou seja, a partir da Gestalt-terapia, a depressão configura-se como a dificuldade ou incapacidade de abrir e formar *gestalts*, bem como de fechá-las, o indivíduo perde a flexibilidade de movimentar-se na vida e satisfazer suas necessidades.

A princípio, essa condição não é necessariamente negativa, sendo até mesmo considerada saudável em certos contextos, diante do luto ou outra grande perda, por exemplo, em que, por meio do movimento de recolhimento, o indivíduo pode buscar o contato consigo mesmo, e esse momento configura-se como uma possibilidade de elaboração terapêutica. O estado depressivo pode ser compreendido em dois níveis: o ajustamento depressivo e a gestalt fixa. O ajustamento depressivo relaciona-se a uma forma de viver mais introspectiva e à vivência do sentimento de tristeza.

Yano (2016) explica que “Os ajustamentos depressivos são ajustamentos criativos que se utilizam do padrão depressivo de contato e não são vistos como disfunções, mas como forma importante de ajuste às diversas situações de vida” (p. 73). Assim, nessa configuração, o ajustamento depressivo é temporário e cumpre a função de regular o indivíduo. O segundo nível, por sua vez, ocorre quando o ajustamento depressivo se torna uma gestalt fixa, em que

o indivíduo passa a relacionar-se consigo e com o mundo a partir de respostas afetivas enrijecidas. Trata-se de uma forma de defesa desregulada em que o mecanismo, que outrora foi útil, torna-se patológico. Nessa mesma direção, Bernardo (2020) explica que esse fenômeno ocorre quando, em algum momento, o atendimento das necessidades confronta-se com a manutenção da relação com o outro, em que o medo de ser rejeitada leva a pessoa a caminhar em direção oposta a suas reais necessidades, ocorre um impasse e, na impossibilidade de optar por uma das duas coisas, o indivíduo paralisa suas emoções e formas de lidar com a realidade.

Para a Gestalt-terapia, a depressão representa uma vivência singular que reflete a forma pela qual está sendo possível ao indivíduo relacionar-se consigo mesmo e com o mundo, ou seja, um ajustamento disfuncional. Em algum momento, no passado, esse ajustamento foi funcional, porém a sua cristalização, desatualização e a desconsideração em relação ao contexto atual, o tornam disfuncional (Yano, 2016). Portanto, nessa abordagem, o diagnóstico da depressão é processual, sendo essencial ao tratamento que o psicoterapeuta compreenda que essa forma de se ajustar foi a melhor possível ao sujeito naquele momento.

No processo psicoterapêutico da Gestalt-terapia, o objetivo consiste em conduzir o cliente a alcançar um nível de integração suficiente, que lhe permita levar adiante o seu próprio processo de desenvolvimento, ter controle sobre seus atos e ampliar sua *awareness*. Para tanto, o terapeuta deve colocar-se como um contato de qualidade, que vai estimular o indivíduo a desenvolver-se, desenvolver capacidades, habilidades e, sobretudo, autoconfiança para reconhecer tais potencialidades. Trabalha-se com as experiências imediatas, o aqui-agora, que constitui a porta de entrada para a realidade, pois parte-se da ideia de que a existência só se dá no presente e nele estão inclusas as lembranças do passado, bem como as fantasias sobre o futuro (Brito, 2022).

Nessa perspectiva, o indivíduo deve estar ativo no processo e o psicoterapeuta funciona como um heterossuporte que auxilia na tarefa de propiciar a compreensão da totalidade das circunstâncias em que o indivíduo está inserido. Para isso, deve considerar que, no ajustamento depressivo, as funções de contato, ou seja, mecanismo perceptivo, sensorial etc., estão alteradas, devendo ser estimuladas. A relação dialógica e a metodologia fenomenológica configuram-se como instrumentos fundamentais da Gestalt-terapia no tratamento de pacientes depressivos. A atitude dialógica do terapeuta através da disponibilidade para o contato com empatia, inclusão e confirmação do cliente favorece a construção de um espaço seguro e fértil para a ampliação da compreensão e encorajamento do paciente para se abrir e arriscar novas possibilidades. Em outras palavras:

A psicoterapia a partir da Gestalt-terapia trata-se mais de uma exploração do que uma mudança direta de comportamento. O processo orienta-se para o crescimento e autonomia do sujeito, através da ampliação de consciência. O terapeuta vai ao encontro do paciente e conduz um trabalho de awareness ativo (Yontef, 1998, p. 17).

Em resumo, para os autores que discutem a depressão a partir da Gestalt-terapia, (Bernardo, 2020; Brito, 2022; Yano, 2016; Etapechuski & Fernandes, 2017) ela não é um fenômeno intrínseco, mas caracteriza-se a partir do contato do indivíduo com o seu meio e a qualidade das relações estabelecidas. O tratamento está centrado na pessoa que é por ele responsável, nesse sentido, o terapeuta tem uma postura ativa e funciona como um suporte, proporcionando uma relação saudável que estimula o desenvolvimento do indivíduo deprimido, para que reconheça, novamente, sua capacidade de estabelecer uma atuação positiva na realidade.

Este capítulo buscou apresentar o fenômeno conhecido como depressão, mostrando como o conjunto de sintomas foi conhecido e descrito em diversas sociedades e tempos, sendo que, em cada contexto, os homens explicaram e trataram-no a partir de suas próprias crenças e conhecimentos disponíveis, de modo que esse quadro, assim como todo o intrincado sistema de saúde e doença humanos, estão intimamente relacionados à cultura, tempo e espaço, não sendo possível falar do fenômeno sem que antes seja contextualizado. Atualmente, a sociedade e a cultura complexificaram-se e diversificaram-se, assim como a forma de estudar este e qualquer outro fenômeno humano. São muitas as teorias e áreas de conhecimento que se debruçam sobre esta temática e, nesse sentido, é inquestionável a importância de que aqueles que se dedicam a estudá-la devem pautar-se em conhecimento científico, buscando compreender o fenômeno em totalidade, isto é, enquanto evento que ocorre influenciado por diversos aspectos.

Por meio de um olhar comprometido com a crítica e coerência, a depressão pode ser desmistificada, sendo compreendida como um fenômeno real, sem ser banalizado. É a esse objetivo que este estudo se dedica. Diante da complexidade do deprimir, a Psicologia Histórico-Cultural defende que se trata, sobretudo, de um fenômeno concreto, relacionado à forma como os homens têm conduzido suas existências, sujeito a relevantes modificações, a depender do local e sua cultura, da época, das questões sociais e econômicas, da qualidade de acesso à bens e serviços e da faixa etária em que o indivíduo se encontra.

Vale destacar que este estudo visa investigar, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, o sofrimento psíquico que acomete adolescentes e que vem sendo descrito como depressão, isto é, quais são os fatores que contribuem para o processo de adoecimento. Foi utilizado o

termo “contribuem” com vistas a evitar um determinismo causal considerando que, de maneira geral, qualquer pessoa pode estar exposta a esses fatores, contudo, não são todos que adoecem. Essa fase do desenvolvimento possui suas especificidades que, como será discutido adiante, torna-os mais sensíveis às mediações sociais, incluindo as que são negativas, contraproducentes, contraditórias etc. Para atingir o objetivo do estudo, será discorrido, no capítulo a seguir, sobre a compreensão do desenvolvimento humano a partir da Psicologia Histórico-Cultural, ressaltando as características da adolescência nesse âmbito.

2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A ESPECIFICIDADE DA ADOLESCÊNCIA

Se no primeiro capítulo foram apresentadas algumas das diversas vias teóricas e metodológicas pelas quais a depressão é investigada, este capítulo será iniciado com a afirmação de que, ainda que cada uma delas aborde o sofrimento psíquico centrada em suas concepções de homem e de mundo e na busca por trazer contribuições para o manejo dessa e de outras condições que incidem sobre o ser humano, apresentem ideias que a princípio se mostram coerentes e são amplamente difundidas, arraigando-se até mesmo no âmbito do senso comum, neste estudo entende-se que, mesmo por vias científicas, isto é, amparadas por um arcabouço teórico e uma metodologia de investigação e análise dos fenômenos, nem todas as abordagens percorrem um caminho pautado na compreensão dialética entre objetividade-subjetividade. Dessa maneira, essas abordagens se distanciam de uma compreensão da totalidade do fenômeno e investigando-o sob um viés parcial que deixa em segundo plano aspectos determinantes para a compreensão e, conseqüentemente, para o manejo do fenômeno. Isso ocorre porque a subjetividade é absolutamente complexa, podendo assumir diferentes formas de expressão e, conseqüentemente, lidas ou ainda analisadas a partir dos caracteres aparentes, sem a conexão com os fatores explicativos.

No caso da depressão, diante de uma via teórica que analisa apenas o fenômeno aparente, tem-se como resultado a ideia de que o deprimir humano é diferente para cada indivíduo, com suas próprias causas e soluções. Ou ainda que a depressão “surge” na vida do sujeito devido às suas escolhas, suas crenças ou a criação que seus pais lhe proporcionaram, tratando as experiências como individuais e isoladas do contexto. Ocorre que a expressão desse sofrimento pode ser diversa, porém, suas raízes estão ancoradas sobre o mesmo fundamento, a saber, a forma como a realidade objetiva atinge o indivíduo, definindo tudo aquilo que lhe é subjetivo. Portanto, defendemos a necessidade de discussões que assumam posicionamentos éticos acerca de aspectos sociais e políticos, negando a pseudoneutralidade da ciência e que busque atentar para os fenômenos a partir de sua essência, de seu viés explicativo, para além dos aspectos que aparecem na superfície.

Uma corrente teórica que se propõe estudar a subjetividade humana deve dialogar com outras áreas de conhecimento, tal como a medicina, a sociologia, a filosofia, a história, a arte etc., para que entre em contato com outras perspectivas sobre o mesmo fenômeno. No entanto, para além disso, é fundamental atentar para os princípios ético-políticos que sustentam os saberes, tanto aqueles previamente existentes, como aqueles que se está

produzindo, pois, mesmo pautada em comprovações empíricas derivadas de metodologias rigorosamente definidas e sustentações teóricas robustas, é conhecido o fato de que a ciência não é neutra (Kuhn, 1962/2011). Ao contrário, ao longo da História, a ciência foi – e ainda é – utilizada para reforçar preconceitos e justificar exclusões. Nem sempre tal movimento é intencional, mas pode ocorrer quando os agentes envolvidos deixam de observar os limites desse novo conhecimento. No texto “*O significado histórico da crise da psicologia*”, Vygotski (1927/2004) explica o que ocorre quando se deixa tais limites de lado, exemplificando o movimento pelo qual uma ideia se torna um princípio explicativo e, posteriormente, uma ideologia, por meio de cinco estágios.

Em um primeiro momento, ocorre uma descoberta que modifica a ideia habitual sobre um determinado fenômeno, tal descoberta, em geral, é real e válida no contexto em que ela ocorre inicialmente; segue-se a isso um segundo estágio em que, devido à assertividade da ideia, ela é propagada aos domínios adjacentes, ou seja, ocorre a expansão da ideia a um número de fatos maior do que originalmente abarcava e isso, por si só, já provoca mudanças na ideia ou em sua aplicação inicial, torna-se mais abstrata e a conexão com os fatos a que deve sua origem vai se debilitando. Em um terceiro momento, a ideia já impregnou em maior ou menor grau a disciplina de onde emergiu. No quarto estágio, transforma-se em um princípio explicativo generalizador, distanciando-se cada vez mais do fato e dos conceitos iniciais verdadeiros em seu contexto, assim torna-se uma ideologia e, em seguida “[...] alcança o mais perigoso estágio de desenvolvimento, o quinto: estoura facilmente, como uma bolha de sabão; em todo caso, entra no estágio de luta e negação em que se encontra agora por toda parte” (Vygotski, 1927/2004, p. 221). Ou seja, um princípio que se mostra verdadeiro para explicar um fenômeno circunscrito, se transposto sem critérios para todos os outros âmbitos, para além daquele em que se mostrou verdadeiro, incorre em grande chance de perder sua assertividade.

O modelo biomédico, entendido como a via teórico-metodológica que concentra a explicação das doenças em termos biológicos, é um exemplo de conhecimento que percorreu esse caminho. Em sua área de conhecimento original, mostra-se útil e benéfico, mas torna-se potencialmente prejudicial quando tem seus usos e aplicações extrapolados para qualquer situação sem análise prévia de sua viabilidade. Ao longo do tempo, o paradigma biomédico passou a explicar todo e qualquer desequilíbrio ou desconforto observado no homem como falha ou alteração dos processos fisiológicos, bioquímicos e anatômicos, apropriando-se de aspectos de ordem social, por exemplo.

No primeiro capítulo, foi explicitado o caminho seguido entre a depressão compreendida a partir das explicações místicas/religiosas, até as explicações científicas, que trazem luz ao aspecto biológico. Nesse exemplo, fica evidente como o conhecimento sobre o funcionamento orgânico traz avanços e maiores recursos para a promoção da saúde do homem, visto que entender a depressão em nível neuroquímico abre um leque de possibilidades de tratamento muito maior do que compreendê-la enquanto castigo divino. Sendo assim, as práticas médicas e biológicas foram bem-vindas ao longo da história da humanidade, trazendo avanços e possibilidades de prolongamento da própria vida, não apenas no que concerne à depressão, mas a todas as outras doenças, sejam mentais ou físicas.

Contudo, o paradigma biomédico leva a análise biológica a um extremo, explica os transtornos mentais como entidades autônomas, anistóricas, relegando a origem desses transtornos exclusivamente ao homem e suas ações individuais. Dessa forma, toma espaço não apenas naquilo que lhe é apropriado, mas também se expande para âmbitos sociais, explicando determinados fenômenos a partir de uma análise parcial. Esse é o movimento vivenciado atualmente com uma série de condições denominadas de transtornos, como ocorre, por exemplo, com os chamados “transtornos de aprendizagem”, como discutem Facci, Meira e Tuleski (2012); Suzuki, Leonardo e Leal (2017); Boarini e Borges (2009); Eidt e Ferracioli (2010) e tantos outros autores.

Nesse cenário, as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, causadas por um conjunto de fatores como a precarização das estruturas das escolas; a formação tecnicista dos professores; a falta de suporte para formação continuada e salários defasados; pouca integração entre escola e comunidade e tantas outras questões de cunho social, político e cultural são, a partir de análises centradas no indivíduo, relegadas ao aluno, como sujeito concreto, isto é, a dificuldade deixa de ser “do contexto”, para tornar-se “do aluno”. Nessa lista, constam “transtornos” como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a Disgrafia e a Discalculia ou ainda o Transtorno Opositor Desafiador (TOD). Condições que, em sua maioria, denunciam um cenário educacional inadequado e poderiam ser amenizadas com práticas de ensino de qualidade, intencionais e críticas, mas que acabam sendo relegadas ao âmbito médico, ou seja, uma vez que o problema é “do aluno”, o tratamento é feito por meio da administração de medicamento ao sujeito individual, enquanto o cenário pauperizado permanece intacto.

Essa lógica se repete com muitas outras questões, enviesando a maneira de compreender as vivências dos indivíduos, gerando excesso de diagnósticos que são fornecidos de maneira aligeirada e acrítica, classificando como transtorno quadros sintomáticos que são

gerados pelas condições de vida. Não é o intuito deste estudo desconectar completamente os transtornos dos aspectos orgânicos do homem, há que se reconhecer que existem formas de depressão causadas predominantemente por alterações fisiológicas e neuroquímicas, como a disfunção tireoidiana conhecida como hipotireoidismo, que é capaz de produzir quadro semelhante ao verificado na depressão como desânimo, apatia, cansaço constante etc. Autores como Réus et al. (2020) também trazem as explicações neuroquímicas da depressão, incluindo a hipótese monoaminérgica ou o transtorno depressivo como um processo neuroinflamatório ou desencadeado por um desequilíbrio na microbiota intestinal, dentre outros. Esses são alguns exemplos sobre como o aspecto biológico participa e interfere no psiquismo, visto que é a sua base, pois, como Engels (1984) e Leontiev (1978/2004) discorrem, todo o desenvolvimento humano tem como fundamento o âmbito biológico, contudo, a partir da incorporação da cultura no comportamento e práticas cotidianas, os aspectos biológicos não apenas são superados pelos culturais, como ficam sob sua influência, portanto, é errôneo tomar o biológico como único e principal determinante no que se refere às condições humanas. Dessa forma, analisar todo e qualquer quadro como “depressão” e tratá-lo unicamente pelo viés neuroquímico significa atentar para uma pequena parte do fenômeno, limitando sua compreensão e tratamento. Ademais, neste estudo defende-se que as alterações neuroquímicas ou fisiológicas sejam, sobretudo, consequência e não causa da depressão e destaca-se, ainda, que quadros complexos possuem origem também complexa, incluindo fatores fisiológicos, mas, principalmente, fatores sociais e culturais.

Dentre as consequências de analisar um transtorno com as características da depressão unicamente pelo viés biológico está, em primeiro lugar, a lógica de que, se a causa é individual, a solução também se limita ao sujeito singular, ou seja, individualiza-se a causa e, consequentemente, a solução. Boarini (2006) alerta que, sob o viés do paradigma biomédico, o transtorno mental é compreendido como algo em si, fortalecendo o papel do médico e da medicação como meio prioritário de tratamento e reforçando a etiologia orgânica e a-histórica. O adoecimento passa a ser entendido como algo pontual, que começa e termina no indivíduo singular e, nessa lógica, limita-se à terapêutica e culpabiliza a pessoa.

Com base nessas considerações e visando realizar o caminho inverso, isto é, compreender a depressão em sua complexidade, tendo a totalidade do indivíduo em foco, este capítulo tem como objetivo discorrer sobre a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural acerca da constituição humana em seu desenvolvimento típico, ressaltando as especificidades da adolescência, buscando defender a depressão como um fenômeno de origem social. E, nesse sentido, busca-se demonstrar como a sociedade tem criado um cenário adoecedor que

afeta, de modo muito intenso, os adolescentes, fase em que conceitos abstratos estão sendo assimilados pela primeira vez. Com a possibilidade de compreensão dos conceitos abstratos, o adolescente torna-se capaz de aprofundar e tornar mais complexa sua concepção de mundo, incluindo assuntos como política, artes, questões relacionadas à moral e à ética, as especificidades das muitas formas de relações interpessoais, afetos etc.

Para tanto, será discutido, primeiramente, o desenvolvimento psíquico do homem, buscando demonstrar como os conteúdos singulares estão diretamente condicionados à realidade em que o indivíduo se encontra e que a atividade que ele empreende na realidade pode ser determinante para a constituição do seu processo saúde-doença. Posteriormente, será discorrido sobre qual é essa atividade, como ela é constituída e quais são as características potencialmente adoecedoras e que incidem, sobretudo, naqueles que estão apenas iniciando o seu processo de desenvolvimento e complexificação do psiquismo.

A Psicologia Histórico-Cultural se constitui como via crítica, uma vez que lança o olhar não apenas sobre o indivíduo que adoece, mas sobre todo o sistema no qual ele está inserido, evidenciando como as interações e influências ocorrem dialeticamente, de modo que as condições em que o indivíduo particular se encontra são, em sua grande maioria, um reflexo do sistema macrossocial. Nessa teoria, amparada pelo Materialismo Histórico-Dialético, a mútua influência do homem com seu meio concreto e social ocorre desde a filogênese, sendo que o homem só se torna humano, isto é, adquire as características que os diferencia dos demais seres vivos, a partir dessa relação, até a ontogênese, em que cada indivíduo somente é capaz de apropriar-se das produções sociais que estão ao seu redor por meio da interação, conforme será discutido.

2.1 O desenvolvimento típico como base para a compreensão do sofrimento psíquico no adolescente

Nesta subseção, discorrer-se-á sobre o desenvolvimento psíquico típico conforme proposto pela Psicologia Histórico-Cultural, demonstrando que se trata de um processo que ocorre por meio e a partir do metabolismo com o meio. O objetivo reside em apresentar as leis que regem esse processo de desenvolvimento do homem, destacando a fase da adolescência e as formas como o meio social afeta a formação psíquica desses indivíduos. A partir da compreensão do desenvolvimento típico, serão discutidas, no capítulo seguinte, as categorias que têm significativa importância e promovem o sofrimento psíquico conhecido como depressão.

Para Vygotski (1931/2000), o psiquismo humano constitui-se, no curso normal do desenvolvimento, como uma unidade de funções psíquicas que inicialmente possuem funcionamento biológico ou elementar e que avançam para formas culturalmente elaboradas ou superiores. Todas as funções que um indivíduo possui ao nascer (sensação, percepção, atenção, memória, afeto etc.) e aquelas adquiridas nos primeiros anos de vida (pensamento, linguagem, volição etc.), vão gradativamente sendo superadas por formas superiores que adquirem caráter qualitativamente diferente das iniciais por meio e a partir da atividade do indivíduo na realidade. Nesse sentido, a atividade é o mecanismo pelo qual o homem evolui. No decorrer das fases de desenvolvimento, essa atividade ganha configurações diferentes, estando, contudo, sempre à frente do desenvolvimento, como fonte incitadora, como será discutido a seguir.

2.1.1 A atividade como propulsora do desenvolvimento

Na segunda metade da década de 1920 e início de 1930, na União Soviética, um grupo de pesquisadores formado por Alexander Romanovich Luria (1902-1977), Alexei Nikolaievich Leontiev (1903-1979), liderados por Lev Seminovich Vygotski (1896-1934), constituíram o que foi chamado de *troika*, que procurou desenvolver uma psicologia radicalmente nova que se utilizasse do método e princípios do Materialismo Histórico-Dialético para compreensão do psiquismo humano, se tornando, portanto, os precursores da Psicologia Histórico-Cultural (Rego, 2013). Contudo, esse grupo de pesquisa e aplicação surge em um momento histórico singular, a saber, durante a Revolução Russa, o que propôs necessidades muito específicas a serem sanadas e, conseqüentemente, imprimiu características únicas a tais pesquisadores e suas produções.

Tuleski (2008) narra o cenário social e político em que Vygotski viveu e elaborou sua teoria, produto desse contexto que vai da Revolução Russa de 1917 à década de 1930. Em linhas gerais, a Revolução Russa, guiada, principalmente, pelas ideias marxistas, objetivou a construção de uma nova sociedade, abolindo a propriedade privada dos meios de produção e superando a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Ainda que os objetivos da Revolução Russa não tenham sido completamente atingidos, foi no bojo dessas ideias que Vygotski concebeu sua produção científica, apropriando-se do Materialismo Histórico-Dialético como método para propor uma psicologia que colaborasse para a construção do novo homem e da nova sociedade. Conforme a autora, Vygotski é contundente em defender a superação da “velha psicologia” e a instauração de uma “nova psicologia” capaz de eliminar a dicotomia entre corpo e mente e realizar a síntese entre essas instâncias, alinhado, portanto,

com os ideais socialistas, propondo a integração entre intelectual e manual, corpo e mente, em todos os âmbitos. Esse movimento constituir-se-ia como a superação de uma questão histórica, fator de discordância entre teorias psicológicas e que justifica a classificação entre teorias idealistas e materialistas. Para Vygotski (1927/2004), o caminho para a superação dessa dicotomia seria aplicar na psicologia o método proposto por Marx e Engels, construindo a ponte que eliminaria a cisão entre a matéria e o espírito.

Conforme Marx (1867/2013), a materialidade histórica diz respeito à forma como os homens se organizaram em sociedade ao longo da História para serem capazes de reproduzir suas próprias vidas, ou seja, como produziram alimento, abrigo etc., e as relações sociais que estabeleceram para que isso fosse possível etc. Na teoria marxista, a materialidade histórica é compreendida a partir da análise de uma categoria central, a saber, o trabalho, condição ineliminável da vida humana, por meio do qual o homem foi – e ainda é – capaz de criar e alterar, de maneira consciente, a realidade ao seu redor. O autor define o trabalho como:

[...] um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (Marx, 1867/2013, pp. 327-328).

Para o autor, essa é a atividade central da humanidade, pois foi por meio do trabalho, isto é, do intercâmbio com o meio em que habita que o homem foi capaz de produzir a realidade tal como conhecida atualmente, desde os artefatos materiais até o atual sistema de relações, utilizando para tanto as habilidades físicas e mentais. Engels (1984) explicita como o trabalho proporcionou a própria transformação física do símio ao humano, desde o formato das mãos, permitindo o seu uso em funções diversas e cada vez mais sofisticadas, até a fala, que criou as condições iniciais para a organização social significativamente mais complexa:

Em face de cada novo progresso, o domínio sobre a natureza, que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. Por outro lado, o desenvolvimento do trabalho, ao multiplicar os casos de ajuda mútua e de atividade conjunta, e ao mostrar assim as vantagens dessa atividade conjunta para cada indivíduo, tinha que contribuir forçosamente para agrupar ainda mais os membros da sociedade. Em resumo, os homens em formação chegaram

a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta, mas firmemente, mediante modulações que produziam por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após outro (p. 3).

O trabalho e, depois dele, a palavra articulada, conforme Engels (1984), foram os dois estímulos principais para o desenvolvimento do cérebro humano tal qual existe atualmente e tudo o que dele deriva, os sentidos, o discernimento, a elaboração dos instrumentos e, por meio deles, um sem-fim de comportamentos que foram se complexificando, incluindo, nessa esteira, a alimentação, a movimentação de um local ao outro, a capacidade de proteção etc. Por meio da relação dialética entre a aquisição de uma habilidade ou função que possibilitava a construção de um novo contexto e que, por sua vez, exigia novas habilidades e funções, surgiram as elaborações humanas mais sofisticadas como a ciência, a política, os modos e meios de produção, a arte etc.

Marx, Engels e seus continuadores deram ênfase ao aspecto social originado e aprimorado por meio da atividade trabalho, discutindo as formas de produção humana e as consequências aos homens. No entanto, os autores da PHC vão além, aprimorando as análises acerca da relação entre o homem e o meio, ocupando-se em destacar o desenvolvimento psíquico humano como produto dessa relação. Nesse sentido, a compreensão científica dos fenômenos psicológicos passa, necessariamente, pela análise da relação entre o homem e seu meio, denominada *atividade*. Em um dos principais livros de sua carreira, intitulado “*Atividade, Consciência e Personalidade*”, publicado originalmente em 1974, Leontiev define atividade da seguinte forma:

A atividade é uma unidade molar⁸, não aditiva, da vida do sujeito corporal e material. Num sentido mais estrito, ou seja, no nível psicológico, é a unidade da vida mediada pelo reflexo psíquico, cuja função real consiste em orientar o sujeito no mundo objetivo. Em outras palavras, a atividade não é a reação ou um conjunto de reações, mas um sistema que tem estrutura, transições e transformações internas e desenvolvimento próprio (Leontiev, 1974/2021, pp. 103-104).

Santos e Asbahr (2020) explicam que, em diferentes momentos dessa mesma obra, bem como em outros escritos, o autor reapresenta a definição de atividade articulando-a com

⁸ Termo adaptado da Química, refere-se ao fato de que a atividade não pode ser compreendida como a soma de componentes menores ou a sequência de ações, mas é considerada uma entidade integral, um todo orgânico que não pode ser separado sem que perca suas propriedades.

as especificidades das discussões em cada ocasião. Para as autoras, o conceito de atividade é dinâmico, podendo requalificar-se, sem se contradizer ou negar. No entanto, para fins didáticos conceituam a atividade como:

[...] o processo, produtor do e mediado pelo reflexo psíquico da realidade, responsável por concretizar as relações de caráter objetivo/subjetivo do homem com o mundo e com o gênero humano e satisfazer suas necessidades, promovendo, assim, seu desenvolvimento integral e garantindo a produção e reprodução de sua vida material (Santos & Asbahr, 2020, p. 5).

A centralidade da categoria atividade ainda se justifica pelos avanços que o conceito apresenta, à medida que explica e resolve uma questão bastante cara para a psicologia, isto é, a relação entre objetividade e subjetividade. A maneira como o homem e seu meio interrelacionam-se sempre foi alvo de estudo, diversas correntes teóricas propuseram-se a discutir como o que é “interno”, isto é, personalidade, emoções, sentimentos, pensamentos interagem com o que é “externo”, desde o meio concreto que o indivíduo se encontra até as relações entre os homens, ou ainda, como uma esfera influencia a outra. Leontiev (1974/2021) aponta que o problema da psicologia à época se evidencia no fato de que a atividade era interpretada pautada em concepções idealistas, ora nas ciências naturais, materialistas por sua tendência geral, isto é, como resposta à ação exterior de um sujeito passivo, condicionado por sua organização e instrução inatas. Há autores e correntes teóricas, como o behaviorismo, que tendem ao materialismo metafísico que defende maior influência do meio na constituição psíquica humana. Ao passo que teorias também bastante arraigadas, tal qual a psicanálise, sustentam que o aspecto interno possui grande autonomia em relação ao externo, cuja influência existe, mas é bastante sutil. No entanto, mesmo para aqueles que defendem a interação, não há consenso sobre como ela ocorre ou, ainda, por que vias uma instância influencia a outra.

Contudo, para a PHC, o conceito de atividade encerra a questão sobre como homem e contexto se conectam, e supera a dicotomia entre objetivo e subjetivo por meio da introdução desse conceito nessa equação. Partindo dessa compreensão, objetivo e subjetivo possuem a mesma raiz, a realidade concreta, não sendo instâncias opostas, mas apenas de qualidades distintas. Sobre tal ideia, Leontiev (1974/2021) explicita:

A psicologia humana trata da atividade de indivíduos concretos, que ocorre ou em condições de uma coletividade aberta (entre as pessoas que estão ao redor, juntamente com elas ou em interação com elas, ou face a face com o mundo objetivo circundante), diante da roda do oleiro ou atrás de uma escrivaninha. Quaisquer que

sejam as condições e formas sob as quais a atividade humana ocorra, qualquer que seja a estrutura que assuma, ela não pode ser examinada descolada das relações sociais, da vida em sociedade. A despeito de toda a singularidade, a atividade de um ser humano representa um sistema inserido no sistema de relações da sociedade. Fora dessas relações, a atividade humana simplesmente não existe. O modo como ela existe exatamente é determinado pelas formas e meios da comunicação material e espiritual (Verkehr) que são engendrados pelo desenvolvimento da produção e que não podem se realizar de outro modo, senão na atividade de pessoas concretas (p. 104).

Nesse sentido, a atividade interpõe-se entre a subjetividade e a realidade, integrando as duas instâncias de maneira que se tornam um sistema único, cuja origem é a realidade. Santos e Asbahr (2020) explicam que a atividade se desenvolve, primeiramente, de forma prática, externa, como uma tentativa do homem em atuar na realidade sem que, necessariamente, haja um planejamento de ações determinado. Ocorre que, com vistas a satisfazer uma necessidade, o homem realiza ações por tentativa e erro, isto é, objetiva o fim, mas ainda desconhece quais ações o levarão ao seu objetivo. Posteriormente, e por conta da própria dinâmica da atividade, ela passa a orientar-se também no plano interno ou psicológico, nesse nível é idealizada, planejada, investida de afeto, torna-se reflexo psíquico da realidade. Em tal movimento, consta a Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural desenvolvida por Vygotski, em que “[...] toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, no princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica⁹ [...] (Vygotski, 1931/2000, p. 150).

É por meio dessa relação que a criança aprende e adquire todas as funções e habilidades propriamente humanas. Primeiro, a função é apresentada externamente à criança por um adulto e, gradativamente, as funções que estão colocadas socialmente vão sendo incorporadas pelos indivíduos até que se tornam internas, isto é, o indivíduo passa a ser capaz de operar com elas sem a necessidade da interposição do outro. Um exemplo é o gerenciamento das emoções, a criança as sente, inicialmente, sem que haja uma significação sobre elas, aparecem como uma amálgama de reações fisiológicas diante de um fato, e é o adulto quem primeiro as significa, ou seja, delimita esse conjunto de sensações e reações, nomeando o que percebe que a criança está sentindo, por exemplo, tristeza. Faz isso repetidas

⁹ Todas as traduções nesse estudo são de responsabilidade da autora.

vezes, até que a criança passa a reconhecer que aquele conjunto de sensações pode ser denominado de tristeza.

É o adulto também quem orienta sobre como a criança pode lidar com determinada emoção de modo assertivo, isto é, direciona as reações da criança ante uma sensação. Aos poucos, os comportamentos vão sendo testados e aprendidos e, adiante no desenvolvimento, a criança já não precisa do adulto para saber nomear aquilo, tampouco para saber o que fazer quando o sente, isto é, passa a significar suas emoções e atuar sobre elas a partir de ações culturalizadas. Há uma passagem destas funções do plano externo para o plano interno. Afirma Leontiev (1974/2021):

A interiorização, como se sabe, é uma transição, graças a qual processos – externos em sua forma – com objetos materiais exteriores se transformam em processos que ocorrem no plano mental, no plano da consciência; além disso, são submetidos a transformações específicas, generalizam-se, verbalizam-se, abreviam-se e, o principal, tornam-se capazes de continuar se desenvolvendo, ultrapassando as fronteiras das possibilidades da atividade externa (p. 116).

Esse movimento é possível graças à atividade, à atuação do sujeito na realidade, às relações das quais participa, às tentativas que faz de apropriação, ou seja, de repetir aquilo que o outro realizou e de objetivação, isto é, de produzir na realidade aquilo que primeiro esteve em sua ideação. É esse o processo pelo qual ocorre o desenvolvimento do psiquismo humano, tendo o meio concreto e social como propulsor. Assim, se o meio em que o indivíduo se encontra é saudável, promove mediações de qualidade, são essas que o indivíduo irá desenvolver; por sua vez, se as mediações são de pouca qualidade, inconsistentes ou inconstantes, o desenvolvimento saudável, possivelmente, será prejudicado. Por meio dessa lógica, forma-se todo o intrincado e complexo sistema psíquico humano, mesmo aquilo que é particular ao indivíduo, como a sua consciência ou personalidade.

2.1.2 A especificidade da adolescência na periodização do desenvolvimento psíquico humano.

Para Vygotski (1932/2006), o desenvolvimento ontogênico não ocorre naturalmente a partir de etapas determinadas pelo tempo cronológico, em que basta o passar do tempo para que ocorra a evolução, como se o processo já estivesse determinado. O autor defende que o desenvolvimento segue uma lógica pautada na atividade social praticada pelo indivíduo, como explicitado em capítulo anterior. Nessa ótica, a atividade é compreendida como o motor do desenvolvimento humano, ou seja, é a condição para que ele ocorra. Contudo, a atividade não

é sempre a mesma, mas vai se modificando a partir das necessidades do indivíduo. Ou seja, a necessidade é sempre a primeira condição de uma atividade e a obtenção do objeto que a satisfaz é o que motiva a ação do indivíduo na realidade. Entretanto, à medida que as necessidades vão sendo satisfeitas, outras tantas vão surgindo e requerem novas formas de atividade para satisfazê-las, incluindo a mobilização de novos processos internos e externos, novos repertórios de ações que, em última instância, modificam a atuação do homem na realidade e, nesse *continuum*, dá-se o desenvolvimento humano.

Ao exercitar uma nova atividade, o indivíduo é desafiado a desenvolver novas habilidades para concluí-la. Dialeticamente, as novas aquisições potencializam e complexificam o psiquismo, preparando o indivíduo para uma nova fase do desenvolvimento. Pasqualini (2016) explica:

A complexificação da atividade do indivíduo a cada novo período do desenvolvimento, expressa na transição a novas atividades dominantes, engendra novas formações psíquicas, graças às quais, para Vigotski, pode-se determinar o essencial de cada idade. Assim, na teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento, a identificação da atividade dominante das neoformações psíquicas permitirá estabelecer os critérios centrais para distinguir os períodos concretos do desenvolvimento infantil. Mais que estabelecer quais são as atividades dominantes e as neoformações típicas de cada período, contudo, faz-se necessário compreender a dinâmica de cada transição de uma idade a outra, evidenciando a gênese e o processo formativo das novas conquistas do psiquismo infantil que caracterizam uma mudança de estado do psiquismo [...] (p. 70).

Ocorre que, em cada fase, o indivíduo é submetido e opera com uma gama de atividades, porém, conforme Elkonin (1987), as diversas atividades não provocam desenvolvimento em mesma intensidade, havendo uma hierarquia entre elas. Assim, em cada fase do desenvolvimento, delineia-se uma atividade dominante¹⁰, que é “[...] entendida como aquela que guia e produz as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e na formação da personalidade da criança em cada período de seu desenvolvimento” (Pasqualini, 2016, p. 70).

Elkonin (1987) utiliza as fases da periodização, conforme elencadas por Vygotski (1932/2006), para apontar quais seriam, em cada uma, as atividades dominantes, aquelas que atuariam como propulsoras do desenvolvimento. No primeiro ano de vida, atividade

¹⁰ Também chamada de atividade principal ou atividade-guia.

dominante é a comunicação emocional direta com os adultos e é por meio dela que ocorrerão as transformações nos processos motores, sensoriais e de percepção. Conforme Vygotski (1932/2006), as primeiras expressões do recém-nascido indicam satisfação ou desconforto físico, fome, sono etc., e configuram-se como reações instintivas que, num primeiro momento, não têm intenção de comunicação. Contudo, o adulto cuidador, em geral, aprende a identificar o que as reações expressam e, ao lê-las, identificá-las e satisfazer as necessidades que expressam, assim, o adulto delinea a função de comunicação destas expressões. Desse modo, o adulto introduz o bebê nas ações, promovendo condições para que ele, aos poucos, perceba o adulto e a si mesmo como sujeitos distintos e apreenda a função de comunicação a partir de suas reações emocionais e físicas. É por meio dessa relação que o adulto introduz para o bebê os objetos da realidade e estimula seus atos motores, portanto, essa forma de comunicação é o meio pelo qual a realidade social chega até o bebê.

A segunda fase do desenvolvimento abarca o que se chama de primeira infância, em que a atividade principal passa a ser a manipulação dos objetos socialmente elaborados, proporcionada pela conquista da capacidade locomotora da criança. Nessa fase, a criança passa a manipular os objetos e instrumentos, exercitando a percepção e os sentidos e assimilando alguns procedimentos socialmente elaborados, por exemplo, passa a reconhecer o uso social de uma colher ou de uma escova, incorporando esse uso no seu repertório de ações.

Na idade pré-escolar, é o jogo ou brincadeira de papéis o responsável por guiar o desenvolvimento. Na brincadeira em que se representa um determinado papel, como o de professora, aluno, mãe etc., a criança ensaia comportamentos e relações do mundo adulto e reproduz, por meio deles, a rotina cotidiana. Nessa fase, a manipulação dos objetos e a execução de sua função social sedimentam-se no repertório da criança e permitem a complexificação de seus comportamentos. Por exemplo, ao brincar de “casinha”, a criança utiliza as louças e móveis em suas funções sociais e representa a função social de “mãe”, ou aquilo que ela compreende dessa função social. Ou seja, na brincadeira, a criança experimenta o mundo adulto, ao mesmo tempo em que assimila elementos do cotidiano. De acordo com Lazaretti (2016), por meio do faz-de-conta, a criança desenvolve o autocontrole da conduta, pois precisa acatar regras e renunciar a seus desejos imediatos para exercer adequadamente o papel que assumiu na brincadeira. Concomitantemente, a atividade de brincar coloca em ação e complexificação uma série de funções psíquicas, como a memória, a atenção, a imaginação etc.

Por sua vez, a atividade dominante da idade escolar, conforme Elkonin (1987), é, justamente, a atividade de estudo, por meio da qual se intensificam as formações intelectuais e

cognitivas da criança. Argumenta o autor: “a importância primordial da atividade de estudo está determinada, ademais, porque através dela se mediatiza todo o sistema de relações da criança com os adultos que a circundam, incluindo a comunicação pessoal com a família” (p. 119). Ou seja, a partir da atividade de estudo e uma de suas primeiras conquistas, a alfabetização, a criança passa a atuar no mundo dos adultos com maior independência, modificando sua relação com a realidade. Na atividade de estudo, a criança complexifica sua consciência pois, por meio do pensamento teórico, é introduzida a novos aspectos da realidade que não estavam imediatamente acessíveis aos seus sentidos, ou que não estavam acessíveis à sua consciência.

A fase seguinte, que se caracteriza como o foco desse estudo, é a adolescência¹¹. Antes de discutir essa fase do desenvolvimento conforme propõe a PHC, vale destacar que a própria noção de adolescência está intrinsecamente conectada às concepções históricas. Segundo Ariès (1981), até o século XVIII a adolescência não existia como fase distinta do desenvolvimento, mas estava fundida à infância e vinculada à ideia de dependência, isto é, enquanto o indivíduo dependia de um adulto para lhe garantir a satisfação das necessidades básicas era visto e tratado como uma criança. A partir do momento que se tornava independente, por exemplo, passava a trabalhar e, por meio do trabalho, garantir sua subsistência, era considerado um adulto. Portanto, a passagem da infância à vida adulta era feita de maneira direta, não havendo um processo de transição, tampouco tal mudança estava relacionada à maturação sexual.

A adolescência somente destacou-se como uma fase específica a partir do século XIX em face da Revolução Industrial e do avanço tecnológico. Nesse período, as grandes indústrias e seus maquinários mais complexos exigiam dos trabalhadores maior capacitação profissional. Conforme Leal e Facci (2014), houve o aumento do tempo de escolarização e o afastamento progressivo da criança em relação ao mundo do trabalho, e a adolescência começou a delinear-se como uma fase em que “[...] a criança está a caminho de seu lugar na sociedade e no meio adulto” (p. 19). Dessa maneira, a adolescência é tomada como uma fase específica conforme as necessidades produtivas, isto é, as condições concretas de existência, expressando o processo histórico e a forma como a própria sociedade está organizada. No entanto, ao longo da História, a adolescência não apenas foi assumida como uma fase natural

¹¹ O foco será mantido na adolescência, contudo, vale acrescentar que a periodização do desenvolvimento psíquico, conforme proposta na PHC, possui ainda a fase adulta, tendo o trabalho como atividade dominante.

do desenvolvimento como se solidificou como principalmente atrelada à puberdade, cujas características principais, além das mudanças físicas, são os conflitos e a rebeldia.

Retomando a noção de periodização do desenvolvimento psíquico conforme a PHC, observa-se que, para esse referencial teórico, a adolescência não é uma fase naturalizada e estereotipada, mas um período de revolução do psiquismo, com complexificação de funções já existentes e surgimento de outras neoformações fundamentais ao homem. Elkonin (1987) explica que, em primeira instância, pode parecer que nesta fase não ocorrem mudanças fundamentais na atividade do indivíduo, pois sua principal atividade continua sendo o estudo. O adolescente continua sendo avaliado ou valorado pelos adultos por seus êxitos e fracassos no estudo e, devido a essa aparente falta de mudanças na atividade, é comum que se entenda, erroneamente, que as transformações que ocorrem na adolescência são motivadas apenas pelas questões biológicas, isto é, pelo advento da puberdade.

Contudo, para o autor, nesta fase, também surge e se desenvolve uma atividade especial – e que se configura como atividade guia – que consiste no estabelecimento de relações íntimas pessoais entre os adolescentes. Essa atividade difere de outras formas de comunicação porque nela o conteúdo principal é o outro adolescente, como um indivíduo com determinadas características pessoais. Ou seja, se em outras fases do desenvolvimento o par mais desenvolvido (o adulto) é responsável pelo estímulo em direção à evolução, na adolescência, o par em igual condição é fundamental para a complexificação do psiquismo. Com os pares, o adolescente desenvolve um código de companheirismo que terá grande importância na formação da personalidade, pois, guiado por esse código, reproduz as relações adultas e, a partir destas, o adolescente começa a elaborar suas opiniões e pontos de vista sobre a vida de maneira geral e sobre si mesmo. Nessa atividade, o adolescente “ensaia” situações que vivenciará na vida adulta, testa limites, define modos de agir, vivencia dilemas relacionais, estabelecendo alguns dos princípios éticos, morais, relacionais etc., que nortearão sua conduta ao longo da vida adulta e, por proporcionar essas experiências, a comunicação íntima pessoal torna-se tão significativa. Nas palavras do autor:

Desta forma, pois, existem bases para supor que a atividade dominante neste período do desenvolvimento é a atividade de comunicação, que consiste no estabelecimento de relações com os companheiros sobre a base de determinadas normas morais e éticas que medeiam os atos dos adolescentes. Contudo, não se trata apenas disso. Construída sobre a base da completa confiança e comunidade da vida interna, a comunicação pessoal constitui aquela atividade dentro da qual se formam os pontos de vista gerais sobre a vida, sobre as relações entre as pessoas, sobre o próprio

futuro; em uma palavra, se estrutura o sentido pessoal da vida (Elkonin, 1987, pp. 120-121).

A atividade de estudo, por sua vez, é a responsável por colocar o indivíduo em contato com os conteúdos socialmente mais elaborados, como a arte, a ciência, a filosofia, a política etc., proporcionando uma relação mais consciente com a realidade, de modo que a apropriação dos conteúdos é fundamental para que o adolescente adquira o pensamento por conceitos e seja capaz de analisar e compreender um fenômeno para além da percepção imediata, ou seja, para além da aparência, sendo esta a aquisição principal da adolescência.

O pensamento conceitual, conforme Vygotski (1931/2006), “[...] é uma nova forma de atividade intelectual, um modo novo de conduta, um novo mecanismo intelectual” (p. 60). Essa nova e complexa forma de atividade intelectual orienta as demais funções psicológicas e é responsável por possibilitar que o indivíduo avance na compreensão da realidade externa, isto é, do mundo em que vive e das pessoas, mas também de sua realidade interna. Contudo, não é esta apenas mais uma aquisição a somar-se no rol de conquistas do indivíduo, pois, a partir do pensamento por conceitos, o psiquismo é revolucionado, requalifica-se, subindo degraus na escala do desenvolvimento. Nas palavras do autor:

Resta-nos dizer que temos dedicado tanta atenção ao desenvolvimento do pensamento porque não podemos considerá-lo em modo algum como um dos tantos processos parciais do desenvolvimento na idade de transição. O pensamento nessa idade não é uma função a mais entre as outras. O desenvolvimento do pensamento tem um significado central, basal, decisivo para todas as funções e demais processos. Com a finalidade de expressar de modo mais breve e claro o papel central do desenvolvimento intelectual para toda a personalidade do adolescente e todas as suas funções psíquicas, diremos que a aquisição da função de formação de conceitos constitui o ponto principal de todas as mudanças que se produzem na psicologia do adolescente. Os elos restantes dessa cadeia, todas as demais funções parciais se intelectualizam, transformam-se e reestruturam-se pela influência dos êxitos decisivos obtidos pelo pensamento do adolescente (Vygotski 1931/2006, p. 113).

O pensamento por conceitos afeta todo o sistema psíquico humano, isto é, há um funcionamento do psiquismo antes do pensamento por conceitos e outro modo de funcionamento depois de sua aquisição, a partir da qual o psiquismo se reformula em sua forma e em seu conteúdo. No entanto, tal salto qualitativo não está condicionado à idade biológica, tampouco ocorre naturalmente, mas é iniciado a partir da mediação de conteúdos que tenham como objetivo promover o desenvolvimento. Nesse sentido, a educação formal,

ou seja, aquela obtida por meio do ensino escolar, é fundamental, pois tem como função apresentar os conteúdos cientificamente sistematizados e promover nos adolescentes a necessidade e a possibilidade de acessar tais conteúdos, incitando a capacidade de, por meio desses conhecimentos, elaborar pensamentos mais organizados e concatenados com a realidade, saltando das experiências sensoriais imediatas com os objetos e fenômenos para o pensamento por conceitos. Para o autor, ideias e conteúdos mais profundos e abstratos só podem ser verdadeiramente assimilados por meio de conceitos:

O conhecimento no verdadeiro sentido da palavra, a ciência, a arte, as diversas esferas da vida cultural podem ser corretamente assimiladas tão somente por conceitos. É certo que também a criança assimila verdades científicas e se compenetra com uma determinada ideologia, que se enraíza em diversos campos da vida cultural, mas a criança assimila tudo isso de maneira incompleta, não adequada: ao assimilar o material cultural existente, não participa ainda ativamente em sua criação. O adolescente, ao contrário, quando assimila corretamente esse conteúdo que apenas em conceitos pode apresentar-se de modo correto, profundo e completo, começa a participar ativa e criativamente nas diversas esferas da vida cultural que tem diante de si. À margem do pensamento por conceitos, não é possível entender as relações existentes por detrás dos fenômenos. Apenas aqueles que os abordam com a chave dos conceitos estão em condições de compreender o mundo dos profundos nexos que se ocultam atrás da aparência externa dos fenômenos, o mundo das complexas interdependências e relações dentro de cada área da realidade e entre suas diversas esferas (Vygotski, (1931/2006, p. 64).

Entretanto, a despeito da revolução ocorrida a partir do pensamento por conceitos, a aquisição não é incorporada mecanicamente ao aparato psíquico humano, mas experimenta um longo e complexo desenvolvimento. A saber, o percurso do desenvolvimento do pensamento passa pelo estágio do sincretismo ou pensamento sincrético; o pensamento por complexos; e o pensamento por conceitos, propriamente dito. Não será intuito esmiuçar cada um desses estágios¹², mas ressalta-se que, quando se atribui o desenvolvimento do pensamento conceitual à adolescência, significa que ele se delineia nessa fase, mas trata-se de um processo longo que começa a partir da atividade e, por meio dela, ainda antes desse

¹²A descrição destas fases e subfases que compõem o desenvolvimento do pensamento por conceitos é detalhada em Vygotski, L. S. (1934/2009). Estudo experimental do desenvolvimento dos conceitos. In: L. S. Vygotski. A construção do pensamento e da linguagem. (2a ed). (pp. 151-239). São Paulo: Martins Fontes.

período, vai se regulando, avançando estágios em direção ao máximo desenvolvimento, experimentando um processo lento, que só ocorre se provocado.

É por meio desse processo, que exige empenho e persistência, que o adolescente distancia suas funções daquelas encontradas na criança da primeira infância, vivenciando novas formações, funções e formas não apenas referente ao seu corpo físico, mas também a todo seu psiquismo e a forma como se relaciona com seu meio material e social. Tal qualidade de pensamento, que permite ao sujeito realizar abstrações, generalizações, sínteses etc., é, portanto, condição indispensável para a aquisição da consciência da realidade, pois é a partir dessa atividade intelectual que o homem pode conhecer e compreender a realidade como totalidade, desde a que o circunda objetivamente, mas também passa a compreender a realidade interna com maior clareza, isto é, torna-se autoconsciente. Nisso consiste outra neoformação da adolescência, a autoconsciência, que se caracteriza pela capacidade do indivíduo em se reconhecer enquanto partícipe de um sistema de relações sociais, capaz agora de realizar comparações não apenas em termos físicos ou biológicos, mas em termos morais e éticos, por exemplo, de criar conexões de maneira intencional e, mais que isso, poder se autoavaliar, compreender suas próprias vontades, necessidades, motivos etc.

A autoconsciência é gerada por um longo e complexo processo que depende, fundamentalmente, do pensamento por conceitos e, inegavelmente, das relações sociais e das relações de ensino-aprendizagem que estão na base do pensamento. A partir de sua aquisição, o indivíduo torna-se capaz de se reconhecer como ser relacional sem, no entanto, confundir-se com os outros indivíduos com os quais estabelece relação. Oliveira (2020) explica que a *autoconsciência*, isto é, a consciência das próprias operações psíquicas, forma-se relativamente tarde no ser humano e, apesar de tratar-se de uma neoformação direcionada a si mesmo, também é dada a partir das relações. O pré-adolescente começa a assimilar as primeiras formas superiores de conduta não como algo de si mesmo, interior, mas como um fenômeno exterior a ele (natural). Cita como exemplo o controle do comportamento que, num primeiro momento, é exercido pelos pais. Posteriormente, essa função superior, que a princípio tinha função social clara para os pais, mas não para o filho, passa a ser progressivamente assimilada pelo pré-adolescente “[...] fazendo com que, a partir da tomada de consciência da estrutura dessa função na idade de transição, o agora adolescente comece a governar as suas próprias operações internas e a regulá-las, ou seja, a controlar a sua própria conduta [...]” (Oliveira, 2020, p. 175).

O pensamento em conceitos e a autoconsciência permitem que o indivíduo aprofunde a compreensão sobre si mesmo e reconheça o seu meio social e, a partir disso, seja capaz de

traçar planos e metas em busca de seus objetivos. Entretanto, como evidenciado, essas funções não surgem espontaneamente, mas são fruto de um trabalho árduo de mediação, isto é, fatores externos que provocam no indivíduo a necessidade de desenvolvimento das funções. As mediações são de diversas ordens e ocorrem desde o nascimento na relação do adulto cuidador com o bebê.

A aquisição do pensamento por conceitos é um processo longo, o qual requer estímulos intencionais e, portanto, um meio social que busque promover o desenvolvimento. Nesse processo, nada é aleatório ou ocorre espontaneamente, mas se trata de um processo árduo para o indivíduo, de modo que sua participação ativa é fundamental. Para a PHC, o indivíduo em processo de desenvolvimento não é uma “folha em branco” que apenas recebe estímulos e mediações e as aceita passivamente. Deve estar ativo, interessado, realizar tentativas de apropriação daquilo que lhe é apresentado. Logo, os mediadores, além de apresentar conteúdos e estímulos de qualidade, também devem fazê-lo de modo a despertar o interesse e a necessidade do indivíduo em desenvolvimento de se apropriar dos conteúdos.

Na adolescência, desde que dadas as condições adequadas, o indivíduo torna-se capaz de perceber as nuances de sua realidade, fazer avaliações e conceituações sobre o mundo, entender com mais clareza sobre política, religião, arte, justiça, sobre as emoções e fenômenos da sociedade. É capaz de fazer comparações, compara sua família com a de amigos, compara sua própria índole com a de pessoas conhecidas, reflete sobre amizade, desejo e possibilidades, portanto, é nessa fase que o indivíduo vai desenvolver sua própria ótica acerca do mundo e de si mesmo. É por meio dessa relação ativa com a realidade que o indivíduo começará a elaborar sua perspectiva sobre si e sobre o mundo que conduzirá toda a sua vida adulta. Evidente que, ao longo da idade adulta, tais perspectivas podem e certamente modificar-se-ão, contudo, essas primeiras terão grande impacto nas concepções subsequentes.

Se, segundo Vygotski (1931/2006), as neoformações da adolescência promovem uma reformulação do psiquismo é conclusivo que a personalidade também é abarcada por tais mudanças. Em tal processo, a personalidade é, por assim dizer, atualizada, ganhando novas conexões, novos instrumentos e ferramentas psíquicas e, como consequência, novas formas de se posicionar e atuar na realidade. Para Oliveira (2020), as mudanças que se produzem na adolescência têm como base elementos biológicos ou naturais, como a puberdade, mas que serão superados pelos aspectos culturais que não somente ultrapassarão essas manifestações instintivas como também as encobrirão, deixando os impulsos naturais como pano de fundo daquilo que só pode ser obtido culturalmente: a personalidade. Nesse sentido, a personalidade

do adolescente, assim como o próprio psiquismo, sofre uma revolução que difere qualitativamente de todas as complexificações experimentadas até este período.

2.1.3 A requalificação da personalidade no adolescente

Foi afirmado que a adolescência é uma fase que necessita de mediações de qualidade, no entanto, há que se considerar que todas as fases do desenvolvimento têm essa mesma necessidade, isto é, em qualquer etapa de sua vida, o ser humano necessita que o seu entorno ofereça mediações e possibilidades de atividades que promovam aprendizado e evolução de seu psiquismo como um todo. A particularidade da adolescência reside no fato de que, nessa fase, o indivíduo tem acesso, pela primeira vez, a algumas experiências que terão profunda influência na personalidade adulta e que perdurarão por longo tempo. Na adolescência, como discutido anteriormente, o indivíduo torna-se capaz de operar por conceitos, isso significa que passa a executar atos do pensamento como análise e síntese, comparação, generalização e sistematização, abstração e concreção, próprios de tal forma de pensamento e, por isso, são capazes de acessar e compreender informações e questões mais complexas e de natureza abstrata.

Outro exemplo de conteúdo que o indivíduo acessa pela primeira vez na adolescência são as necessidades culturais, ou seja, necessidades que ainda que sejam assimiladas como individuais, tal como a necessidade de aceitação em grupos, foram formadas a partir das relações sociais. Em busca da satisfação dessas necessidades, o indivíduo desempenha mudanças de comportamentos, modifica posturas, maneiras de pensar e opiniões acerca da realidade, conforme explica Vygotski (1931/2006):

Com experimental clareza temos podido observar como a maturação e o surgimento de novas atrações e necessidades internas ampliam infinitamente o círculo de objetos que possuem força incitadora para os adolescentes, como esferas inteiras de atividades, antes neutras para eles, se convertem agora em momentos fundamentais que determinam a sua conduta, como, a partir do novo mundo interno, surge para o adolescente um mundo exterior completamente novo. Sem compreender que todos os mecanismos da conduta do adolescente começam a funcionar em um mundo interno e externo completamente distinto, ou seja, em um sistema de interesses internos e em um sistema de influências incitadoras externas radicalmente distintas, não saberemos compreender as mudanças realmente profundas que experimenta o adolescente neste período (p. 24).

O autor compara o desenvolvimento da criança ao adolescente à evolução da lagarta em crisálida e desta em borboleta, ou seja, trata-se do mesmo organismo, porém, em cada fase, assume características qualitativamente diferentes. Não obstante, o surgimento de um requer o desaparecimento do outro. Nesse movimento, ocorrem tanto evoluções como involuções, ou seja, surgem novos interesses e desaparecem antigos e a própria personalidade se transforma.

A personalidade é um conceito central na PHC, pois, conforme Oliveira (2020):

[...] somente o conceito de personalidade consegue abarcar a trama de relações sociais e históricas, permeadas pelos mais diversos signos culturais e pela atividade, que compõem o gênero humano e que vão sendo impressas, singular e ontologicamente, em cada indivíduo específico no decorrer do ciclo vital (p. 172).

Ou seja, a formação da personalidade requer e expressa a integralização do indivíduo.

Leontiev (1974/2021) afirma que a personalidade, assim como a individualidade, expressa a totalidade da vida do sujeito, contudo, o primeiro conceito supera o segundo, constituindo-se como um sistema mais complexo. A individualidade, isto é, a característica de indivíduo, é expressa na indivisibilidade do sujeito, refere-se, principalmente, ao seu aspecto concreto, por meio do qual ocupa um espaço e movimenta-se no meio.

O indivíduo é antes de tudo uma formação genotípica. Mas ele é mais do que isso, sua formação continua, como se sabe, na ontogênese, ao longo da vida. Por isso, na caracterização do indivíduo, se incluem também as propriedades e a integração dessas propriedades, o que ocorre ontogeneticamente. Trata-se do surgimento de “ligas” de reações natas ou adquiridas, da alteração do conteúdo objetal das necessidades, das dominantes formadoras de comportamento (Leontiev, 1974/2021, p. 193).

Diz-se individualidade de animais e recém-nascidos, ou seja, algo que está dado no nascimento. Contudo, para Marx (2008), a individualidade humana já não pode ser comparada à individualidade animal, pois a humana não é mais individualidade pura e simples, uma vez que experimenta, desde o nascimento, um processo de humanização. Para o autor, os órgãos do corpo humano e suas funções foram transformados pela socialização, em que o olho humano frui de maneira diversa do olho rude; o ouvido humano é diverso do ouvido rude, pois no processo de humanização os órgãos foram adaptados às necessidades sociais do homem. Corroborando as ideias de Marx (2008), Oliveira (2020) explicita que a individualidade humana não se concretiza fora dos limites da sociedade, portanto, trata-se de

uma individualidade social. E, na constituição dessa individualidade, forma-se a personalidade que, na adolescência, assume caráter bastante específico. Nas palavras do autor:

Nessa constante construção social da individualidade, a personalidade vai se desenvolvendo passo a passo a partir das inúmeras apropriações que o indivíduo faz no decorrer do ciclo vital, conforme as possibilidades materiais que lhe são oferecidas, até chegar a um momento decisivo desse processo – a idade de transição. Essa etapa, localizada entre a infância e a adolescência propriamente dita, por volta dos 12 aos 14 anos de idade, é quando as apropriações ganham corpo, se tornam mais densas e robustas, levando o indivíduo a lidar com objetivações cada vez mais complexas e elaboradas, relativas ao mundo juvenil e adulto, as quais, por sua vez, demandam níveis também mais avançados de desenvolvimento psíquico (cognitivo, emocional, ético, estético etc.), sem o que não seria possível a mudança de estágio (Oliveira, 2020, p. 179).

A personalidade também expressa uma totalidade, mas se caracteriza como um produto relativamente tardio do desenvolvimento sócio-histórico e ontogenético do ser humano, isto é, não está dado no nascimento e necessita do desenvolvimento sob influência do meio social. É produzida a partir das relações sociais nas quais o indivíduo toma parte em sua atividade, de modo que requer regulação consciente. Conforme Leontiev (1974/2021), a personalidade está intrinsecamente ligada à atividade e ambas à consciência:

Tal abordagem necessariamente leva a uma posição sobre a essência sócio-histórica da personalidade, isto é, que a personalidade surge pela primeira vez na sociedade, que a pessoa entra na história (e a criança entra na vida) apenas como indivíduo dotado de certas propriedades e capacidades naturais, e que ela se torna personalidade apenas como sujeito de relações sociais. Dito de outro modo, à diferença do indivíduo, a personalidade da pessoa não é, em nenhum sentido, pré-existente em relação à sua atividade; da mesma forma que a consciência, a personalidade é *engendrada* pela atividade (Leontiev, 1974/2021, p. 192, destaque do autor).

A personalidade é, em si, uma instância integradora das funções psicológicas superiores, contudo, não se trata de um conjunto de todas as características do indivíduo, não abarca, por exemplo, “[...] desde as visões políticas até a digestão alimentar” (Leontiev, 1974/2021, p. 184). Mas refere-se a forma como o indivíduo se expressa na realidade, permitindo sua particularidade, aquilo que lhe é característico. Quando, ao conhecer alguém, diz-se que determinada coisa “é de sua personalidade”, está se referindo a determinados

“padrões” do sujeito, formas de agir, pensar, sentir que seguem uma estrutura. Isso porque, ainda que a personalidade seja flexível e admita mudanças, evoluções, também há elementos estáveis, há algo “que permanece”, chamado pelo autor de “nós” da personalidade.

Para explicar o que permanece e porque permanece e o que muda e por que o faz, o autor aponta para a base da personalidade, a categoria atividade objetual humana, explicando que tais atividades organizam-se em uma hierarquia, “tais hierarquias das atividades são engendradas por seu próprio desenvolvimento, são elas que formam o núcleo da personalidade” (p. 205). Assim, definem-se os elementos mais estáveis e os instáveis na personalidade, a depender do lugar que ocupam nessa hierarquia. Completa o autor: “Dito de outro modo, os ‘nós’ que ligam as atividades separadas são atados não por ação de forças biológicas ou espirituais do sujeito, que se encontram nele mesmo, mas são atadas no sistema de relações nas quais o sujeito toma parte” (Leontiev, 1974/2021, p. 205).

Nesse sentido, a ampliação e a diversificação das atividades não apenas aumentam o “catálogo” de atividades do sujeito, mas também as organiza em torno de algumas poucas principais, às quais as demais se subordinam. “É um processo inseparável do desenvolvimento da consciência e da autoconsciência, mas a consciência não constitui sua base primária, ela apenas o medeia e, por assim dizer, resume” (Leontiev, 1974/2021, p. 207). Portanto, na base da personalidade estão as relações de subordinação das atividades humanas engendradas no curso de seu desenvolvimento e o que determina sua hierarquia, segundo o autor, é a correlação entre os motivos das atividades. Toda atividade humana, invariavelmente, possui gênese, origem e motivo.

Ocorre que, no próprio estado de necessidade do sujeito, o objeto que é capaz de satisfazer essa necessidade não é delineado rigidamente. Até ser satisfeita pela primeira vez, a necessidade ‘não sabe’ de seu objeto, ele ainda precisa ser revelado. Apenas como resultado de tal revelação, a necessidade adquire seu caráter objetivo, e o objeto percebido (representado, imaginado) – isto é, sua atividade de estímulo e direção das funções – torna-se motivo (Leontiev, 1974/2021, p. 208).

Na psicologia contemporânea, são chamados de motivos os impulsos instintivos, inclinações biológicas, assim como a vivência de emoções, interesses e desejos. No entanto, para bem compreender o conceito de motivo é necessário refletir sobre a ideia de necessidade, pois é ela que engendra o motivo, isto é, um motivo só se torna efetivo e adquire força propulsora na atividade humana quando satisfaz uma necessidade.

Há um nível de necessidades que são biológicas, compartilhadas com os animais, como a fome ou a autoproteção, no entanto, no homem, até mesmo essas necessidades mais

“primitivas” já foram alteradas pela atividade, uma vez que, conforme discorre Marx (1867/2013), a fome que se sacia com comida cozida e por meio de talheres é diferente daquela que se sacia com carne crua, com mãos e dentes. Conforme a humanidade foi se desenvolvendo e se complexificando, as necessidades humanas também foram, ao mesmo tempo, aumentando e sendo aprimoradas, de modo que emergem as necessidades especificamente humanas de trabalho, de criação artística, por exemplo.

É verdade, obviamente, que o caminho comum percorrido pelo desenvolvimento das necessidades humanas começa com o fato de que a pessoa age para a satisfação de suas necessidades elementares, vitais; mas, a seguir, essa relação se transforma e a pessoa satisfaz suas necessidades vitais para poder agir. Esse é o percurso fundamental do desenvolvimento das necessidades humanas. Contudo, ele não pode ser deduzido diretamente do movimento das próprias necessidades, pois por trás delas está o desenvolvimento de seu conteúdo objetivo, ou seja, dos motivos concretos da atividade humana (Leontiev, 1974/2021, pp. 213-214).

A análise psicológica das necessidades requer, inevitavelmente, a análise dos motivos que se constituem como a união entre uma necessidade e o objeto que a satisfaz, seja ele ideal ou material. Os motivos podem ser de duas ordens, conforme explica Leontiev (1974/2021), motivos eficazes ou geradores de sentido e motivos compreensíveis ou motivos-estímulo. Os eficazes constituem-se como aqueles que têm relação direta com o fim da atividade e seus significados, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, sua força motivadora é mais persistente e constante, pois conferem sentido pessoal para o sujeito que desempenha a atividade, isto é, o sujeito encontra realização ao desempenhar a atividade por si só.

Por sua vez, os motivos compreensíveis, ou motivos-estímulo, atuam em circunstâncias mais diretas da realidade, apesar de terem força suficiente para estimular a atividade, não o fazem por si mesmos, e motivos desta natureza não condizem com a finalidade da atividade. Um exemplo pode ser a atividade de estudo que, quando é motivada por motivos eficazes ou geradores de sentido, o indivíduo a realiza por si só, devido à sua finalidade própria, a aprendizagem. Nesse caso, o indivíduo realiza-se ao desempenhar a atividade, não precisando de outros elementos ou ganhos. No entanto, quando é motivada por motivos compreensíveis ou motivos-estímulo, o indivíduo não estuda pela finalidade específica da atividade, mas por outros fatores, como obter notas, agradar os pais, evitar um castigo etc., sendo que se as finalidades extras forem retiradas, o indivíduo perde o interesse na atividade (Leontiev, 1974/2021).

Mesmo quando não se toma consciência dos motivos, eles continuam impulsionando a ação, não obstante, o autor destaca que as atividades, em sua maioria, são polimotivadas, isto é, possuem mais de um motivo e eles se organizam em uma hierarquia, em que os motivos geradores de sentido estarão num ponto mais alto em relação aos motivos-estímulo. Em cada fase do desenvolvimento psíquico, desenvolvem-se novos motivos, bem como se reorganizam aqueles já existentes, alterando a hierarquia entre eles.

Nesse sentido, é necessário compreender qual é o contexto em que a personalidade está sendo formada. Evidentemente, os adolescentes estão inseridos no mesmo contexto e submetidos às mesmas condições que os adultos, as crianças etc. No entanto, ocorre que, conforme Vygotski (1931/2006) evidencia, nessa fase, o indivíduo torna-se capaz de assimilar a realidade, ou seja, passa a atentar e ser conscientemente afetado por uma série de aspectos abstratos que só são possíveis em tal período. Ademais, conforme Vygotski (1931/2006), é nessa fase que surgem as necessidades e interesses culturais. De acordo com o autor:

Se trata de um período no qual colidem diversas atitudes psicológicas, um período de inquietude, negação e protesto tanto interno como externo. A atitude de oposição caracteriza este período carente de interesses positivos e estáveis. Esta primeira fase de negação é seguida por outra, positiva, que Tumlirz qualifica como período dos interesses culturais (p. 31).

Isto é, a requalificação da personalidade em direção aos interesses e necessidades culturais passa antes por um período de desorganização do que estava posto e, posteriormente, constroem-se os novos interesses. Oliveira (2020) resume o delineamento da personalidade, partindo da ideia de que, ainda que seja uma síntese de processos biológicos e psicológicos e que objetiva suas características singulares (pessoais), particulares (em relação com o meio), são também provenientes do universal (realidade social), ou seja, não é produzida pelo homem isoladamente.

Na personalidade do adolescente, interesses da infância serão abandonados (ou tendo de ser), os processos biológicos ainda muito imaturos se intensificarão; surgirão novas atrações. Haverá maior autoconsciência e consciência da realidade, criação de novos hábitos, mudanças nos mecanismos de comportamento ou de formas de controle da conduta. Pontos de vista, ideologias e opiniões formadas nessa fase acompanharão o indivíduo por boa parte de sua vida, ou seja, trata-se de um momento crítico fundamental para a constituição da personalidade adulta.

Concluindo este capítulo, destaca-se que o objetivo foi o de explicitar que, a partir da PHC, o desenvolvimento psíquico humano está fundamentalmente condicionado aos fatores

culturais dos quais o indivíduo participa ativamente, não há desenvolvimento por outra via que não a das atividades socialmente determinadas. A adolescência delinea-se como uma etapa específica – mas não natural – desse processo. Entretanto, na direção contrária de teorias tradicionais, a PHC compreende a adolescência muito além de mudanças biológicas impulsionadas pela puberdade demonstrando que, nesse período, o indivíduo sofre uma requalificação do psiquismo, por meio da qual se modificam tanto o conteúdo como a forma e a organização das atividades, que provocam mudanças na consciência, incluindo o advento de neoformações e, concomitantemente, modifica-se a personalidade. O adolescente em nada se compara à criança, adquire novos interesses, novas motivações, modifica sua postura perante a realidade e, ainda que esta seja apenas uma fase, e outras formas de desenvolvimento virão, é na adolescência que o indivíduo entra em contato, pela primeira vez, com determinadas questões, ideias e acontecimentos e, nesse momento, ensaia posturas que poderão permanecer por um tempo significativo. Contudo, trata-se de uma fase de transição e, ainda que extremamente rica e cheia de potencialidades, a adolescência é permeada por instabilidade, de modo que requer ainda mais atenção e direcionamento, tanto para que as neoformações se delineiem quanto para que se consolidem de maneira satisfatória.

Na adolescência, as potencialidades estão postas, cabendo ao contexto social proporcionar condições para que se efetivem. Tendo em vista essas afirmações, cumpre, agora, compreender como se dá o quadro que tem sido chamado de depressão e como ocorre nessa fase. Obstáculos e outros elementos negativos nela surgidos podem ser tão ou mais prejudiciais do que quando ocorrem em outras fases, justamente por ser um período de transição, alicerce para a vida adulta. Mencionar esta consideração, não significa recorrer a um determinismo, no sentido de que algo que ocorre na infância ou na adolescência não possa ser desfeito ou superado na vida adulta, contudo, há situações que, se não atendidas, superadas ou internalizadas nesse período, tornam-se obstáculos ainda maiores à fase adulta.

3. O APORTE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

No capítulo anterior, discorreu-se sobre o desenvolvimento típico, enfatizando como a adolescência e suas nuances estão diretamente condicionadas às atividades que o indivíduo desempenha na realidade. Neste capítulo, por sua vez, o objetivo será apresentar as discussões pautadas na Psicologia Histórico-Cultural que servem como esteio para analisar não apenas a depressão, mas a diversidade de temas clínicos a partir desta abordagem.

A primeira subseção aborda a unidade afetivo-cognitivo, destacando a natureza social das emoções, noção fundamental para compreender a depressão. Posteriormente, na segunda subseção, destacam-se duas concepções elaboradas por autores clássicos da PHC que fornecem a compreensão sobre como as alterações psíquicas são compreendidas nesta abordagem, a saber os sistemas psicológicos conforme postulados por L. S. Vygotski e a patopsicologia, disciplina elaborada por B. V. Zeigarnik.

Ainda que tais discussões não tratem diretamente da temática apresentada neste estudo, isto é, a depressão na adolescência, servem como esteio para compreender como essa abordagem psicológica preza pela compreensão dialética dos fenômenos, compreendendo-os a partir da totalidade e complexidade, sem reduzi-los instâncias dicotômicas.

3.1 A unidade afetivo-cognitivo: o papel das emoções no deprimir humano

Os processos afetivos e os processos cognitivos são dois dos principais temas de estudo da psicologia em todos os seus campos de aplicação, entretanto, é a relação entre eles que figura como uma das questões mais caras a esta área de conhecimento. Compreender a via pela qual essas duas esferas se interligam e o grau de influência de uma sobre a outra é um desafio às diversas abordagens psicológicas, em que cada uma propõe sua versão acerca dessa relação.

Nesse cenário, uma das proposições mais tradicionais reside no dualismo cartesiano, isto é, a teoria elaborada pelo filósofo francês René Descartes (1596-1650) que propõe, em linhas gerais, que mente e corpo são elementos não apenas distintos, mas opostos, tanto em sua origem quanto em sua constituição, nesse sentido, também estabelece uma fronteira bem delimitada entre razão e emoção. Essa teoria serviu de esteio para muitas proposições posteriores e, ainda hoje é bastante arraigada. Martins e Carvalho (2006) explicam que o dualismo cartesiano também ganhou espaço na psicologia, pautando práticas e proposições teóricas ao longo do tempo. Mesmo que essa concepção já tenha sido questionada (Damásio,

2011; 2012; 2014; 2015) e apesar dos avanços da psicologia, ainda se verifica, sem dificuldades, correntes teóricas pautadas na dualidade acerca dos fenômenos psíquicos, que ora recaem na predominância dos aspectos afetivos em detrimento dos cognitivos; ora destacam os aspectos cognitivos, afirmando que eles se sobressaem em relação aos afetos, perpetrando a visão dicotômica da lógica formal.

A PHC vai no sentido contrário de tal tendência ao propor a compreensão dos fenômenos a partir da lógica dialética, isto é, da premissa de que a realidade não é estática, mas está em constante movimento e mudança. As mudanças não ocorrem de forma linear e/ou gradual, mas se dão por meio de contradições que causam evoluções, involuções e transformações, ora mínimas e lentas, ora abruptas. Nessa direção, ao analisar um fenômeno, não se deve fazê-lo considerando uma cena estática, pois cada aspecto possui sua historicidade e, nela, nuances, reviravoltas etc. Esses movimentos ficam ainda mais evidentes quando se trata de fenômenos humanos. Nas palavras de Martins e Carvalho (2016):

Ao afirmar o método materialista dialético como requisito para o estudo do homem em suas múltiplas determinações, a Teoria Histórico-Cultural anunciou a possibilidade científica de explicação do psiquismo como, ao mesmo tempo, estrutura orgânica e imagem subjetiva da realidade, correlacionando fenômenos psíquicos e mundo material. Essa abordagem viabilizou a superação de interpretações fragmentárias e dicotômicas entre a experiência interna e a externa, entre subjetividade e objetividade, entre emoção e razão, dentre outras. Da mesma forma, possibilitou a superação de modelos biologizantes, centrados na unilateralidade orgânica, e/ou psicologizantes, representativos do idealismo introspeccionista, próprio às origens da psicologia (p. 700).

A compreensão do psiquismo com raízes na materialidade foi possível a partir do conceito de atividade, conforme discutido anteriormente. Nesse sentido, a atividade vai produzindo subjetividade enquanto imagem subjetiva da realidade que, por sua vez, passa a mediar a própria atividade. Ao caracterizar o psiquismo como imagem subjetiva da realidade objetiva, lança-se luz à existência objetiva do reflexo psíquico, de modo que se reconhece a existência da realidade fora e independente da consciência, mas que também possui existência subjetiva, concernente à consciência do indivíduo. Contudo, a imagem subjetiva não é uma cópia mecânica do real e essa correspondência não se realiza de modo natural, mas por apropriação da cultura.

[...] a formação cultural da referida imagem corresponde à transformação da estrutura psíquica natural, primitiva, em direção a novas e mais complexas estruturas.

Ademais a construção da imagem psíquica, como fenômeno consciente denotativo do real, determina-se por uma conjugação, edificada pela atividade humana, de processos materiais e psicológicos e, não sendo mera estampagem da realidade objetiva, revela-se como alfa e ômega da relação homem/natureza, no que se inclui a própria natureza humana (Martins & Carvalho, 2016, p. 701).

A união afeto-cognição torna possível as relações sujeito-objeto e sujeito-mundo, isso porque o afeto está no esteio da atividade. Leontiev (1974/2021) afirma que as emoções são o mecanismo do movimento da atividade ao mesmo tempo em que são também resultado dela. Refletem as relações entre os motivos e suas necessidades e o sucesso ou possibilidade de sucesso em atingi-los que surgem antes mesmo da avaliação racional da atividade pelo sujeito. Nessa abordagem, os afetos se referem à esfera mais ampla e integradora das experiências emocionais e relacionais do sujeito, enquanto as emoções e sentimentos são ambos são responsáveis pela maneira como o homem reage ante os acontecimentos, as vivências, as pessoas etc., e não raro, são usados como sinônimos Conforme Machado, Facci e Barroco (2011), tanto emoções quanto sentimentos constituem-se como “[...] atitude subjetiva de sentir do homem que se origina a partir da realidade objetiva, das relações estabelecidas na realidade objetiva com outros homens” (p. 651). No entanto, Mesquita, Batista e Silva (2019), explicam que as emoções têm caráter circunstancial e transitório, enquanto os sentimentos são generalizações emocionais. Trata-se de uma relação emocional mais estável e duradoura entre o indivíduo e a realidade, que se explica pelo fato de que esses processos se instituem como registros históricos das vivências emocionais que, sustentados por narrativas externas e internas, consolidam as generalizações em novos fatos afetivos, os quais se conservam na esfera motivacional da personalidade.

Para que haja captação sensorial do objeto e consequente instituição da imagem psíquica que lhe corresponda, a primeira condição é a de que o objeto afete o sujeito, de sorte que a referida imagem conterà, além das propriedades do objeto, as singularidades da relação do sujeito com ele. Disso resulta a impossibilidade de qualquer relação entre sujeito e objeto isentar-se de componentes afetivos. Assim, conforme Martins e Carvalho (2016), a unidade afetivo-cognitiva que sustenta a atividade humana demanda a afirmação da emoção como dado inerente ao ato cognitivo e vice-versa, já que nenhuma emoção ou sentimento, bem como nenhum ato de pensamento, podem se expressar como conteúdos puros, isentos um do outro.

Em *Teoria das Emoções* (1933/2004), Vigotsky fez uma análise crítica das principais teorias que, na época, versavam sobre as emoções, especialmente a teoria de William James

(1842-1910) e Carl Lange (1834-1900). James e Langue consideravam que eram as reações orgânicas que causavam as emoções, não havendo emoção sem manifestação corporal prévia, ao passo que, para Vigotsky (1933/2004), essas concepções são errôneas à medida que colocam como causa o que é consequência, ou seja, as reações orgânicas são posteriores às emoções, surgem como uma reação ou sinalização do sentir. Para o autor, é fato que os aspectos orgânicos compõem as emoções, por exemplo, a ira pode vir acompanhada de coloração avermelhada no rosto e taquicardia; a tristeza acompanhada de lágrimas e sensação de “nó” na garganta; a alegria do sorriso etc.; no entanto, a relação estabelecida é precisamente esta, em que os aspectos físicos e orgânicos manifestam as emoções, mas não são a sua causa. A emoção implica a manifestação corporal como uma consequência, mas tem estrutura muito mais complexa.

Defendendo a centralidade dos afetos no desenvolvimento psíquico, Vygotski (1932/2006) alerta que esses conteúdos não são primitivos, como inferem o senso comum e muitas concepções teóricas. Ao contrário, os afetos estão presentes em todas as fases do desenvolvimento e vão se complexificando à medida que o restante do psiquismo também o faz, sendo produto do desenvolvimento, mas também contribuindo fundamentalmente para que ele ocorra:

Muitos investigadores, que apontam com assertividade a excepcional importância dos afetos e atrações relacionados preferencialmente com o mecanismo subcortical da consciência e do comportamento do bebê, deduzem que os afetos, em geral, são próprios de uma psiquê primitiva, correspondente à um estágio inferior do desenvolvimento, e que o papel das tendências afetivas vai se modificando cada vez mais à um plano inferior à medida que a criança se desenvolve, pelo qual o grau de afetividade do comportamento pode se converter em critério de primitivismo acerca do desenvolvimento psíquico da criança. Se trata de uma opinião totalmente errônea. O estágio inicial e primitivo não se caracteriza pela importância das tendências afetivas que se conservam ao longo de todo o desenvolvimento da criança, mas sim por outros dois fatores: 1) a supremacia dos afetos de natureza mais primitiva, diretamente relacionados com as atrações e impulsos instintivos, ou seja, os afetos inferiores. 2) a supremacia dos afetos primitivos se produz quando o restante do aparato psíquico relacionado com as funções sensoriais, intelectuais e motoras não está desenvolvido (Vygotski, 1932/2006, pp. 298-299).

Ou seja, os afetos podem ser tão “primitivos” quanto qualquer outra função psicológica, bem como experimentam evolução e complexificação à medida que o restante do

psiquismo também o faz. Machado, Facci e Barroco (2011) também ressaltam que as emoções são funções psicológicas superiores e, portanto, comportam-se como tal, isto é, possuem uma instância elementar, pautada no aparato biológico humano e, com a atuação do homem na realidade, transformam-se, adquirindo caráter cultural. Em outras palavras, as emoções são culturalizadas, complexificam-se e, ao mesmo tempo, são reguladas conforme as condições objetivas e subjetivas dadas ao indivíduo.

O desenvolvimento não é linear, mas permeado por saltos, recuos, contradições, superações etc. A conversão do elementar ao cultural ocorre, como nos demais processos psicológicos, pela interposição de signos na relação entre sujeito e objetos da realidade. Signos são, de acordo com Vygotski (1931/2000), estímulos-meios artificiais dotados de significados e que cumprem a função de regular a conduta, atuam inicialmente nas relações intersubjetivas e transformam o psiquismo individual ao serem internalizados, convertendo-se em processos intrapsíquicos; podem ser citados como exemplo de signos, a escrita, os números, os desenhos, os gestos, entre outros. A partir da incorporação desses e de outros itens da cultura nesse processo, ocorre uma transformação qualitativa de formas espontâneas das funções psicológicas superiores para formas volitivas, isto é, aquelas sobre as quais o indivíduo tem controle, sendo capaz de direcioná-las.

Sendo assim, as emoções, como outros processos culturais complexos, desenvolvem-se de processos sociais e coletivos, o que permite supor que, antes de serem reações de um indivíduo a determinados objetos, fenômenos ou acontecimentos, são padrões culturais de reação a eles. Por exemplo, a reação diante do avistamento de um animal pode causar medo, pavor ou tristeza em um indivíduo de uma cultura na qual, tradicionalmente, o animal é associado ao perigo, asco ou má sorte; já em outras culturas, o mesmo animal pode estar atrelado à ideia de boa sorte, pode ser considerado alimento ou apenas não ter conotação negativa e, sendo assim, possivelmente suscitará outras emoções. A morte é outro exemplo em que também é possível verificar a interposição cultural sobre a emoção, pois, em culturas e/ou religiões em que a morte é vista como uma passagem para outro plano, pode haver reações emocionais diferentes daquelas em que a morte é entendida como o fim do indivíduo. Portanto, a compreensão de uma emoção passa, necessariamente, pela contextualização do indivíduo que a expressa, isto é, época, cultura, religião, aspecto político, social, idade, são fatores que influenciam diretamente na formação e significação de uma expressão emocional.

As emoções também mantêm intrínseca relação com as demais funções psicológicas superiores, influenciam e são influenciadas. Por exemplo, sendo culturais, as emoções

também são mediadas pela vontade, contrariando a ideia comum de que são puramente instintivas. Delari Jr. (2017) alerta que não é possível falar em emoção sem falar em cognição:

Não podemos sentir qualquer emoção sem que nada pensemos sobre ela. Nem pensarmos seja no que for sem qualquer emoção sentir ao fazê-lo. Nossos processos cognitivos são indissociáveis de esferas de vivências emocionais correlatas, em relação de causalidade recíproca (pp. 5-6).

Dessa maneira, partindo da concepção da PHC, razão e emoção não estão em oposição como propunha a lógica formal, mas têm o mesmo ponto de origem, a atividade humana e, por meio dela, as emoções não devem ser entendidas como elementos de natureza completamente diversa em relação às demais funções, mas como elementos que se desenvolvem e se correlacionam com todas elas. No desenvolvimento saudável, o indivíduo é capaz atuar com os aspectos emocionais e racionais vivenciando o sofrimento sem que se transforme em adoecimento.

No desenvolvimento patológico, o equilíbrio rompe-se, por exemplo, há o predomínio de algumas emoções, como a tristeza, a frustração e/ou a raiva, mesmo em situações em que – socialmente – são esperadas emoções como alegria e excitação, o que é considerado pela medicina e psicologia contemporâneas como um dos sintomas da depressão. Ao mesmo tempo, a excitação e a euforia constantes também podem compor outro quadro sintomático, como a mania característica do transtorno bipolar. O desequilíbrio do sentir denuncia a necessidade de atenção à saúde mental da pessoa, evidentemente um único sintoma não deve ser tomado como determinante para um diagnóstico, por isso, compreender as emoções, de onde vêm e quais são os aspectos que as influenciam é caminho importante para tratar de saúde mental, sobretudo, evitando diagnósticos superficiais e incorretos.

Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018) destacam, ainda, que as reações emocionais de uma pessoa são culturalizadas, mas ganham determinada característica de acordo com a satisfação de necessidades. Conforme os objetos e fenômenos com os quais o indivíduo se relaciona permitem a satisfação das necessidades ou correspondem às exigências sociais, suscitam vivências emocionais positivas. Por outro lado, aquilo que obstrui a satisfação de necessidades ou não se adequa às exigências da sociedade, em geral, resulta em emoções negativas. Essas necessidades são geradas a partir dos aspectos sociais internalizados e, na adolescência, com a reestruturação psíquica pela qual o indivíduo passa, ele torna-se capaz de conhecer não só aos outros, mas também a si mesmo e à tais necessidades.

Ademais, a consolidação da formação em conceitos tem implicações diretas no modo como o adolescente interpreta e atua no mundo. Contraditoriamente, a maior capacidade de

análise da realidade e de acesso aos novos aspectos culturais é confrontada com os limites e expectativas impostas ao adolescente. Ou seja, cognitivamente, o adolescente experimenta uma expansão de suas possibilidades, contudo, socialmente, ele ainda é um sujeito significativamente limitado, cujas possibilidades se assemelham mais às do infante do que às do adulto. Nessa fase, é comum que o adolescente experimente uma série de necessidades que não são satisfeitas, por exemplo, deseja maior autonomia, que nem sempre obtém. Em tal cenário, no qual as noções sobre si mesmo ainda estão sendo estabelecidas, as emoções são antes sinalizadoras do que, de fato, o problema em si. Desenvolver o aspecto emocional não significa minimizá-lo ou equipará-lo ao aspecto racional, mas, antes, compreender a mútua influência entre essas duas faces da mesma moeda, lapidando a relação entre elas, bem como também avaliando o que elas comunicam. Em outras palavras, as emoções, em qualquer fase da vida, mas sobretudo na adolescência, não devem ser minimizadas, mas, principalmente, analisadas, para que seja possível compreender o que expressam, quais necessidades do adolescente estão sendo atendidas e quais não.

Um obstáculo a esse avanço reside justamente no fato de que, na contemporaneidade, as emoções têm sido caladas ou, ainda, neutralizadas. Silva (2011) aponta que há uma crescente biologização das emoções, entendidas como inatas e controladas por meio de substâncias químicas, as pessoas têm tido dificuldade em perceber, avaliar e desenvolver suas emoções. Nas palavras da autora:

Na sociedade contemporânea, as determinações para os fatores emocionais e a consciência dos indivíduos ocorrem de maneira fragmentada e impedem que as pessoas consigam estabelecer relações entre seus sentimentos, sejam estes agradáveis ou desagradáveis, e suas condições de vida. Tais fatores se expressam em problemas de saúde mental, como os transtornos de humor, ou a fuga das angústias que é possibilitada pelo uso de substâncias psicoativas. Estes problemas constituem psicopatologias que, segundo a Organização Mundial de Saúde, estão relacionadas as intensas formas de alienação, que podem acarretar em sofrimento psíquico ou mesmo em suicídio, conforme assinalado pelo Ministério da Saúde (p. 201).

Há, em geral, pouca tolerância a emoções como a tristeza, a frustração e a raiva. Frequentemente, encontra-se a expressão “inteligência emocional” sendo usada como sinônimo de controle absoluto das emoções “negativas”, transformando-as em positivas, por exemplo, se alguém vivencia uma experiência ruim, entende-se que ela não pode passar por um período de tristeza ou raiva, mas deve, o quanto antes, transformar essa experiência em

motivação e força para outras atuações na realidade. O termo “resiliência¹³”, adaptado da física, tem se tornado uma ordem na contemporaneidade. O indivíduo deve ser capaz de superar rapidamente qualquer que seja a situação em que se encontra e a demora em fazê-lo, com facilidade, é convertida em transtorno pelo discurso biomédico. O sofrimento, o luto, a tristeza etc., são pouco tolerados, fato que ficou ainda mais evidente durante o período da pandemia da Covid-19¹⁴ em que, com frequência, via-se veiculado, em alguma mídia, a proposta de que as pessoas deveriam aproveitar o período de isolamento para produzir, seja investir em um novo *hobby*¹⁵, realizar atividades acumuladas ao longo do tempo ou empreender, ignorando um contexto em que as pessoas estavam desorientadas, amedrontadas e enlutadas.

Entender o que são as emoções e como se desenvolvem permite compreender aquilo que comunicam, isto é, a expressão de uma emoção possibilita entender o que mobiliza o indivíduo, seus motivos e necessidades e nisso reside uma ferramenta para lidar com o sofrimento psíquico, pois trata-se de um dos caminhos para que o indivíduo aprenda a lidar com suas emoções em situações estressoras, atuando de maneira mais saudável, sem, necessariamente, incorrer em adoecimento, ou seja, ainda que haja formas diversas de sofrimento, podem ser superadas, sem que se fique preso a elas.

Essa concepção abre caminhos para a própria psicoterapia, em que, muito além da compreensão e aceitação passiva das próprias emoções, o indivíduo pode analisá-las e trabalhar nos aspectos que as produzem, desenvolvendo e aprimorando seu repertório emocional. Emoção, nessa lógica, não é o elemento em oposição à razão, mas ambas se constituem enquanto unidade. Mesquita, Batista e Silva (2019) expõem que, a partir do desenvolvimento das emoções, ocorre a regulação da conduta voltada para a satisfação de necessidades, ou seja, as emoções adquirem função reguladora, excitadora ou inibidora da atividade, diante do entendimento do processo de complexificação da estrutura e da dinâmica da própria atividade. Silva (2011) defende que a unidade entre razão e emoção é a via na qual a psicologia contemporânea deve trabalhar, isto é, a proposta terapêutica deve consistir em evidenciar o vínculo entre as emoções e as demais funções psicológicas superiores, bem como suas formas de desenvolvimento por meio da atuação consciente e intencional do indivíduo.

¹³ Propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Esse termo tem seu sentido original na física, entretanto, foi adaptada para ser entendida como uma qualidade humana e apropriada pelos discursos motivacionais.

¹⁴ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O vírus foi identificado pela primeira vez a partir de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019, desde então causou um elevado número de mortes em todo o mundo.

¹⁵ Atividade exercida exclusivamente como forma de lazer, de distração; passatempo.

Dessa forma, as emoções expressam a relação do indivíduo com a realidade, tornando-se dela marcadores, do quanto as necessidades estão ou não sendo satisfeitas. Contudo, a relação do adolescente com a realidade é bastante ímpar, à medida que, nessa fase, experimenta-se uma revolução, cujas necessidades estão sofrendo mudanças, passam a ser cada vez mais sociais, em uma sociedade que trata os adolescentes de modo bastante inadequado, como será discutido adiante.

3.2 O sofrimento psíquico segundo a Psicologia Histórico-Cultural

O terceiro capítulo inicia-se com a discussão acerca da natureza das emoções, defendendo que se tratam de elementos passíveis de desenvolvimento, que sofrem influência da cultura e estão intimamente em relação com as demais funções psicológicas superiores. Tal noção é fundamental ao objetivo estabelecido neste estudo uma vez que as mudanças na manifestação das emoções, bem como de toda a esfera afetiva compõem os principais sinais acerca da depressão. Entretanto, estas mudanças não são as únicas, quando nos referimos à “depressão”, estamos diante de uma quantidade significativa de alterações em todos os âmbitos da existência do sujeito, tais alterações são, em sua maioria déficits, perdas, diminuição geral das atividades físicas e mentais, que variam significativamente de intensidade e durabilidade dos sintomas, podendo configurar-se como um episódio único ou tornar-se crônico e persistir por grande parte da vida do indivíduo, causando, igualmente, diferentes níveis de prejuízos.

É comum a defesa de que a depressão é uma doença cuja etiologia não pode ser relacionada a um único fator, ou seja, sua origem não está determinada a uma única condição, seja genética, social ou vivencial. Mas é fato que, uma vez que a doença tem aumentado exponencialmente, acometendo indivíduos de diferentes idades, sendo grande responsável pelo afastamento de trabalhadores de suas atividades laborais (OPAS, 2024), seria imprudente relegar a causa desse fenômeno meramente às questões singulares de cada indivíduo. A condição já foi anunciada como “o mal do século”, tamanha sua difusão, tanto em números de diagnósticos, mas igualmente, em quantidade de pesquisas, estudos, debates dos quais se tornou objeto.

Justamente por ter se tornado objeto do senso comum, é necessário resgatar o estranhamento em relação a esse quadro, visto que se trata de um sofrimento psíquico, que causa múltiplos prejuízos àquele que sofre e aos que com ele convivem e que, por vezes, também sofrem ao se perceberem “de mãos atadas”. Nesse estudo, objetiva-se analisar, a partir da PHC, os aspectos que compõem o sofrimento psíquico dos adolescentes, contudo, há

que se considerar que não são encontradas referências dos precursores da PHC sobre o quadro que atualmente se denomina de depressão, ou seja, autores como Vygotski, Luria e Leontiev não discorrem diretamente sobre a depressão ou o deprimir humano. Isso se deve a alguns aspectos, dentre os quais o contexto histórico em que os autores estavam inseridos, isto é, a Revolução de 1917 e seus acontecimentos posteriores. Nesse contexto, o objetivo geral era a construção de uma nova sociedade sob os parâmetros socialistas, para tanto, conforme expõe Tuleski (2008), dentre as muitas mudanças, era necessário elaborar uma psicologia cuja compreensão acerca do mundo e do homem, em si, possibilitasse e contribuísse para a consolidação de uma nova sociedade, isto é, uma psicologia que superasse a dicotomia entre homem e natureza, entre material e intelectual ou entre teoria e prática, tal qual propunha o projeto socialista.

Nesse contexto, os estudos teóricos voltaram-se ao desenvolvimento humano de maneira ampla, com vistas a compreender os meios pelos quais o novo homem poderia ser constituído. Isto é, havia uma urgência em elaborar estratégias e instrumentos para desenvolver o homem típico direcionado aos ideais socialistas e, diante de tamanho desafio, muitos outros aspectos e condições foram postos em segundo plano. Há indícios de que temas clínicos poderiam ser mais bem desenvolvidos por Vygotski, contudo, sua morte prematura, em junho de 1934, aos 37 anos, deixou inacabada uma vasta produção, que também continha temas relacionados à psicologia clínica e psiquiatria. Como exemplo de sua inclinação a tais temas, podem ser citadas as obras *“Teoria das Emoções”*, escrita entre 1931 e 1933; *“O pensamento na esquizofrenia”*, escrito em 1931 e publicado em 1934; e, o relatório *“A psicologia da esquizofrenia”* escrito em 1933.

Ainda que os autores clássicos da PHC não tenham discutido diretamente o tema desse estudo, o método de análise da realidade proposta por eles fornece uma direção, um caminho pelo qual seguir com o objetivo de captar o fenômeno pesquisado. Será dissertado, a seguir, sobre duas noções que servem como aparato para compreender o adoecimento psíquico nesta abordagem. A primeira diz respeito ao conceito de sistemas psicológicos, elaborado por Vygotski, que, por sua substancialidade, também nos ampara para assimilar a segunda discussão desta subseção, a saber, a disciplina da patopsicologia, conforme proposta por Zeigarnik.

3.2.1 Os sistemas psicológicos

Ainda que a produção teórica de Vygotski tenha foco muito maior no desenvolvimento típico do psiquismo, elucidando os movimentos pelos quais o aparato

psíquico humano ascende a novos patamares, o autor também realizou estudos acerca da desintegração do psiquismo. Vygotski (1930/2004) explica que empreendeu a tentativa de unir duas linhas de pesquisa, a saber, a genética¹⁶ e a patológica, para lidar com questões que surgiam diante do estudo da desintegração ou da alteração patológica das funções psíquicas. O autor se debruçou sobre questões relacionadas à afasia e à esquizofrenia ao tratar da patologia e da idade de transição na psicologia genética, por meio de estudos experimentais. No estudo dessas questões, é notável a inclinação de Vygotski acerca de temas relacionados ao desenvolvimento atípico, por meio dos quais elaborou a noção de *sistemas psicológicos*. O termo refere-se ao "aparecimento dessas novas e mutáveis relações nas quais se situam as funções, dando-lhe o mesmo conteúdo que se costuma dar a esse conceito – infelizmente amplo demais" (p. 106).

O autor defende que as funções psicológicas do ser humano não existem de maneira aleatória, mas estão organizadas em complexas relações, formando sistemas, e que a evolução das funções não se dá apenas por transformações ocorridas internamente em cada uma delas, mas pelas mudanças no nexo inicial entre elas. Explica:

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como tínhamos considerado anteriormente (era esse nosso erro), nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso que, quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença não decorre da mudança intrafuncional, mas das mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional (Vygotski, 1930/2004, p. 105).

Às relações mutáveis nas quais se situam as funções psicológicas, o autor denomina *sistemas psicológicos*. Para exemplificar essa questão, Vygotski (1930/2004) pauta-se no trabalho de Zankov sobre a memória, e demonstra que a função, na sua versão elementar, sofre importante mudança ao estabelecer relação com o pensamento, requalificando-se e recebendo a denominação de memória lógica. Na memória mediada por signos, o pensamento passa a ocupar o primeiro plano e o indivíduo passa a operar não segundo as propriedades da memória elementar, mas com as da memória lógica. Afirma ele:

¹⁶ Referente ao estudo do desenvolvimento psicológico que parte do método histórico, ou seja, estuda o processo de desenvolvimento a partir das condições sociais (Silva, 2014).

Repito, a memória não apenas muda quando contrai matrimônio, se nos permitem dizê-lo assim, com o pensamento, mas este, ao modificar suas funções, não é o mesmo que conhecemos quando estudamos operações lógicas. Aqui se alteram todas as conexões estruturais, todas as relações, e nesse processo de substituição de funções nos encontramos com a formação do novo sistema a que me referi antes (pp. 111-112).

Evidentemente, tal lógica é verdadeira para todas as funções psicológicas que, a partir das conexões e correlações com outras funções psicológicas ganham complexidade; à medida que passam a operar em um novo conjunto, as funções requalificam-se. Desse modo, há sistemas psicológicos funcionando de maneira saudável e de maneira patológica e o papel da reorganização dos nexos para promover a evolução das funções torna-se ainda mais importante na adolescência, pois, nessa fase, conforme o autor, poucas são as formas essencialmente novas que surgem, mas a característica principal é a passagem das funções para o âmbito intrapsíquico. Em uma criança em idade escolar, funções como atenção arbitrária, pensamento, memória lógica são dirigidos externamente; no adolescente, por sua vez, tais processos são internalizados. A interiorização realiza-se porque as operações externas integram-se em uma função complexa e, em síntese com toda uma série de processos internos, forma-se um novo sistema, requalificado e reforçado devido às correlações. Ou seja, na adolescência, há uma série de sistemas psicológicos se reconfigurando à medida que as funções psicológicas superiores são internalizadas. Contudo, o momento também é propício para que tal reconfiguração ocorra de modo patológico.

Se, conforme Vygotski (1931/2006), o pensamento da criança apoia-se na memória e pensar significa lembrar, para o adolescente, a memória baseia-se, fundamentalmente, no pensamento e, nesse sentido, lembrar é procurar, numa determinada sequência lógica, o que se precisa. Busemann (apud Vygotski, 1930/2004) aponta que existem pelo menos três tipos de conexões entre as funções psicológicas. As primárias, que são hereditárias; as conexões secundárias, que são aquelas estabelecidas durante o processo de encontro entre fatores externos e internos, sendo conexões impostas pelo meio; e as terciárias, que se formam a partir da adolescência sobre a base da autoconsciência. E, assim, as funções psicológicas vão se reorganizando, se reagrupando e, ao fazê-lo, ganham novas características e potencialidades. As reorganizações podem ser positivas, provendo evoluções às funções ou negativas, gerando entraves no desenvolvimento. O autor cita como exemplo a esquizofrenia, em que o que ocorre é a desintegração dos processos complexos alcançados como resultado

da vida coletiva, dos sistemas com formação mais recente. As ideias e sentimentos não variam e perdem as funções que desempenhavam no sistema complexo.

Nesse movimento, os afetos também ganham notoriedade. Vygotski (1930/2004) apoia-se em Spinoza (1911) para discorrer sobre as emoções e afetos, expondo que eles entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade, quanto à consciência da realidade e, por meio dessas novas conexões, avançam na direção de uma maior complexidade. Afirmar ele: “O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surge uma nova ordem e novas conexões” (p. 127). Essa ideia serve de base para os postulados a respeito do que ocorre na desintegração da consciência. As discussões do autor acerca da desintegração dos sistemas psicológicos ou, ainda, das conexões que geram alterações patológicas têm foco na esquizofrenia, contudo, abrem espaço para que sejam pensadas outras condições psicológicas considerando a mesma lógica. Vivências de situações que afetam negativamente o indivíduo podem provocar a reorganização da hierarquia dos sistemas, provocando alterações no comportamento ante a realidade.

Nessa mesma direção, Silva (2014) aponta que as neoformações patológicas poderiam ser resultantes de processos de desintegração ou alterações no desenvolvimento, algo que não pode ser visto como natural ou fruto da maturação, nem como causadas por motivos puramente biológicos, mas como um processo regido por leis sócio-históricas. Tais alterações podem ocorrer em cada função, mas, sobretudo, nas conexões e na infinita diversidade de formas de se manifestarem, em geral, nas aquisições mais recentes do psiquismo. A autora conclui:

Portanto, o processo de dissolução dos sistemas interfuncionais complexos, formados no indivíduo graças à vida coletiva, atinge aqueles de formação mais recente, nos quais as ideias e os sentimentos não passam por variação, mas perdem suas funções exercidas no sistema complexo. Mais uma vez, vemos aqui a perda da relação interfuncional e o funcionamento isolado das funções psicológicas que nos leva à indagação do que poderia desencadear tal desintegração. Mesmo com a predisposição genética, como pesquisas atuais afirmam, há um “gatilho” externo, que pode ser identificado nas condições sociais nas quais o homem está imerso [...] (Silva, 2014, p. 132).

Considerando a noção de sistemas psicológicos, ainda há outra questão importante, conforme discutida por Vygotski (1930/2004), a saber, a ideia de que, justamente por atuarem de maneira interligada, quando uma função psicológica superior falha, as outras podem atuar

no sentido de compensar tal falha, mesmo com funções isoladas, apresentando desvios da norma; assim, a personalidade ou o organismo, em seu conjunto, podem ter um funcionamento típico devido ao caráter sistêmico do psiquismo. Tal ideia é melhor desenvolvida em textos relacionados diretamente à defectologia vygotskiana¹⁷.

Ainda que, a princípio, a ideia de sistemas psicológicos não esteja diretamente relacionada a temática deste estudo, ela oferece embasamento para compreender questões que fogem ao desenvolvimento típico, isto é, o que ocorre ao psiquismo em termos funcionais e que vem a ser expresso por meio de comportamentos, sintomas etc. Buscando conexões, pode-se inferir que, na depressão, também ocorrem alterações dos sistemas psicológicos que, por sua configuração, resultam nos déficits tão característicos do quadro.

No entanto, os sistemas psicológicos não são a única via proposta pelos autores mais tradicionais da PHC e que nos auxiliam a pensar a depressão, há uma disciplina que tem se tornado bastante conhecida, sobretudo, no que se refere ao trabalho com temas clínicos, a saber, a patopsicologia proposta por Zeigarnik.

3.2.2 A Patopsicologia

Ao trabalhar um tema relacionado à saúde mental na Psicologia Histórico-Cultural, o nome da psicóloga lituana Bluma W. Zeigarnik (1901-1988) consta como uma das principais referências. A autora fez importantes contribuições na psicologia como um todo, por exemplo, realizou importantes estudos sobre a memória, incluindo observar, descrever e nomear um conhecido efeito mnemônico¹⁸, mas, ao conceber a patopsicologia, propõe uma mudança teórico-metodológica na concepção dos transtornos mentais.

A patopsicologia surge no final do século XX, na esteira de um movimento em que a psicologia perdia o caráter especulativo e começavam a surgir e expandir-se os laboratórios de psicologia experimental. Nestes, um tema muito recorrente nas investigações era o das enfermidades mentais, sobretudo, investigações acerca da atenção, da concentração, da capacidade de trabalho intelectual em distintos quadros de enfermidade etc. Conforme Silva (2014):

¹⁷ Vygotski, L. S. (1983). Fundamentos de Defectologia. Obras escogidas. Tomo V. Madri: Visor.

¹⁸ Refere-se à tendência em recordar melhor de ações não terminadas do que se recorda daquelas que foram concluídas. Nas palavras de Ruiz (1979), o Efeito Zeigarnik “[...] versa sobre a dependência da produtividade da recordação em relação com a dinâmica das necessidades” (p. 2). Trabalho que ficou mundialmente conhecido, cujo experimento foi repetido em distintas variáveis e contingentes.

A necessidade histórica era a de desenvolvimento de um campo de atuação na saúde mental que superasse a prática coercitiva e de controle da população, tal como a psiquiatria soviética colocava-se, para que a psicologia pudesse trabalhar a serviço do desenvolvimento e emancipação do homem. Desse modo, a Patopsicologia Experimental desenvolveu-se a partir da materialidade, da historicidade e das contradições nas quais Zeigarnik e seus colaboradores viviam, o que demarcou os rumos e pesquisas no campo dos transtornos mentais a partir do materialismo histórico e dialético (p. 155).

No prólogo do livro *“Introducción a la Patopsicología”* (Zeigarnik, 1979), Ruiz explica que a patopsicologia já existia como disciplina, pautada nos estudos de Sechenov, Pavlov, Bejterev, Korsakov e outros que, em comum, tinham as pesquisas marcadas pela base fisiológica. O autor aponta que os trabalhos de Bejterev continham material muito rico, relacionado a investigações no campo da sintomatologia psíquica, contudo, ele e seus continuadores conduziram os estudos e pesquisas pautados na reflexologia e, nos anos de 1920, a comunidade científica começou a perceber que a reflexologia não era suficiente para explicar os problemas sócio-históricos da humanidade, surgindo a demanda por uma concepção que explicasse tais problemas e apontasse para possibilidades.

A partir dos anos de 1930, as investigações patopsicológicas passaram a apropriar-se das discussões de Vygotski, pois o autor dedicava-se a estudar a estrutura sistêmica da atividade psíquica em seu desenvolvimento, ao passo que a patopsicologia queria ocupar-se da dissolução dessa estrutura, portanto, tais conhecimentos complementavam-se. Zeigarnik (1979) destaca a importância dos estudos de Vygotski para a elaboração desta disciplina, afirmando que o autor foi quem deu início ao estudo da deterioração do pensamento por meio de suas investigações experimentais.

Nessa direção, três ideias destacam-se. A primeira defende que o cérebro do homem dispõe de princípios e organização das funções diferente do cérebro dos animais. A segunda versa sobre o desenvolvimento das funções psicológicas, afirmando que o desenvolvimento não está pautado apenas pela estrutura morfológica do cérebro, isto é, as funções psicológicas não se desenvolvem como resultado da maturação das estruturas cerebrais, mas tal processo ocorre durante toda a vida como resultado da aprendizagem e da aquisição das experiências postas pela humanidade. Por fim, a terceira ideia de Vygotski que respaldou a patopsicologia consiste na compreensão de que lesões na mesma zona do córtex cerebral têm diferentes significados e consequências nas diferentes etapas do desenvolvimento. Além disso, os conceitos de zona de desenvolvimento real e proximal também foram amplamente utilizados

nas pesquisas em instituições psiconeurológicas infantis, com a finalidade de elaborar métodos de aprendizagem de crianças com condições neurológicas e mentais divergentes. Sendo assim, as ideias serviram de esteio às proposições de Zeigarnik que, a partir disso, inaugura a *Patopsicologia Experimental*. À época, a psicóloga, que atuava como diretora do Instituto de Psiquiatria do Ministério de Saúde Pública da URSS, passou a realizar o estudo experimental dos transtornos mentais.

A patopsicologia experimental está localizada na intersecção entre a psicologia e a psiquiatria, contém seu próprio objeto, seu sistema de conceitos e seus métodos de investigação. Por meio do trabalho de Zeigarnik, a patopsicologia deixa de ser um campo de conhecimentos dispersos para se converter em um ramo da ciência com uma problemática teórica sistematizada, bem como um sistema ordenado para a preparação e realização de seus experimentos e um campo definido para sua aplicação prática (Ruiz, 1979).

Silva (2014) esclarece as diferenças entre a patopsicologia experimental e a psicopatologia ocidental, apontando que a primeira é uma disciplina psicológica dos transtornos mentais que os entende enquanto alterações da atividade psíquica, em termos qualitativos. Ocupa-se da caracterização psicológica dos mecanismos da formação das alterações dos processos e propriedades da personalidade, operando com conceitos e categorias psicológicas (atividade, motivação necessidade, personalidade). Por sua vez, a psicopatologia ocidental está pautada na psiquiatria clínica, operando com conceitos clínicos-médicos (etiologia, patogênese, sintoma e síndrome) e critérios patológicos gerais (surgimento e término da enfermidade). A primeira pauta-se no método psicológico-experimental, enquanto a segunda, no método clínico-descritivo, de cunho quantitativo.

Para Zeigarnik (1979), a patopsicologia dedica-se à relação entre o desenvolvimento e a dissolução do psiquismo. Nas palavras da autora: “o objeto da patopsicologia se constitui das alterações da atividade psíquica, que surgem em consequência da enfermidade do cérebro” (p. 9). Os conhecimentos propostos por essa disciplina são de interesse e trazem avanços para questões teóricas e práticas tanto da psicologia como da psiquiatria. A patopsicologia parte dos postulados fundamentais da psicologia, a saber, o princípio do determinismo¹⁹ e o princípio do desenvolvimento, que obrigam o estudo não de respostas isoladas do homem frente a um estímulo, mas à investigação do conteúdo qualitativo da atividade psíquica. Afirma:

¹⁹ Como assinala Rubinshtein, o determinismo, em sua definição filosófica correta, significa que a causa exterior não determina uma reação do homem diretamente, mas que a causa exterior atua através das condições internas (Zeigarnik, 1979, p. 11).

Em relação às investigações psicopatológicas concretas, isso significa que é necessário passar do estudo da dissolução de funções isoladas à análise das mudanças nas variadas formas de atividade do enfermo, em cuja estrutura estão inclusos também as mudanças de atitude da personalidade, dos motivos do homem (p. 11).

Conforme discutido anteriormente, a personalidade não é um elemento encapsulado no âmago do indivíduo, mas desenvolve-se a partir de sua atuação na realidade, isto é, da atividade social do homem. Ao destruir a atividade, conforme postula Zeigarnik (1979), é possível que a enfermidade modifique a própria personalidade do indivíduo, incluindo suas atitudes, necessidades e interesses. Os problemas do sujeito adoecido não são resultado unicamente de lesões ou traumatismos cerebrais, mas também das alterações no quadro dinâmico de sua personalidade total, influenciada por sua história individual e pelos conflitos originados na estrutura complexa das relações interpessoais.

Considerando as alterações psíquicas provenientes de alterações da atividade, o método experimental em patopsicologia deve estar dirigido à análise qualitativa das distintas formas de dissolução do psiquismo, bem como à compreensão dos mecanismos de alteração da atividade. A autora busca explicitar algumas características do método experimental em patopsicologia e, nessa direção, elenca três tarefas que devem ser exercitadas na investigação psicológica, sendo que a primeira se refere ao fato de que o experimento psicológico pode ser utilizado para fins de diagnóstico diferencial, uma vez que inclui uma investigação clínica complexa. A segunda, consiste na ideia de que, ao experimento psicológico, deve-se colocar a tarefa de análise da estrutura do defeito, não levando em conta apenas o diagnóstico. E, por fim, a terceira tarefa reside no estabelecimento do grau de alteração dos processos psíquicos do enfermo, isto é, a dinâmica da enfermidade na personalidade. A autora acrescenta que essas tarefas não são as únicas, mas as primordiais.

Não obstante, há que se deter ainda em outra particularidade, isto é, detectar não apenas as mudanças na estrutura da atividade e da personalidade, mas também as formas da atividade psíquica que permanecem preservadas. Atentar para tal aspecto significa conhecer os caminhos possíveis para a reabilitação das funções alteradas. Para tanto, no contexto da análise experimental, é importante observar e considerar não apenas o resultado, mas o processo de busca por solução. Nessas proposições de Zeigarnik (1979), torna-se evidente como seu pensamento está embasado no Materialismo Histórico-Dialético, pois a autora propõe olhar para a questão analisada, seja uma falha, uma doença ou um modo de funcionamento diverso, não como um quadro estático, mas como o resultado de um processo dialético, em que o restante da estrutura psíquica auxilia na compreensão daquilo que não está

consoante aos demais itens, ou seja, não basta olhar só para o que falta, é necessário incluir, na análise, a personalidade como um todo. Nisso reside uma proposição fundamental da patopsicologia, a saber, a análise da estrutura psíquica como totalidade, sua historicidade e sua relação com o meio, buscando compreender os aspectos que influenciam positiva e negativamente no psiquismo.

Zeigarnik (1979) propõe, ainda, incluir a participação do experimentador, isto é, o que ocorre quando ele oferece ajuda, se o enfermo é capaz de aceitar e utilizá-la; se isso, de fato, o ajuda na resolução da tarefa. Nessa formulação, é possível perceber a influência do conceito de zona de desenvolvimento proximal, apropriado de Vygotski e utilizado nas pesquisas experimentais em patopsicologia. Alerta a autora: “O experimento psicológico não deve se limitar ao estabelecimento da estrutura do nível dos processos psíquicos da criança enferma; mas também deve, antes de tudo, esclarecer quais são as possibilidades potenciais da criança” (p. 34).

A autora ressalta que, para analisar a manifestação de qualquer alteração do psiquismo é necessário levar em consideração, além da atividade, a personalidade do enfermo, pois a enfermidade mental lesiona com frequência a personalidade em seu conjunto, modifica o sistema de suas necessidades, de suas particularidades volitivo-emocionais. Nesse sentido, Zeigarnik (1979) fornece conteúdos ainda mais importantes para compreender o que está se chamando de depressão até o momento. Explica a autora:

Falamos de mudanças na personalidade quando, por influência da enfermidade, se estreitam no paciente os interesses, diminuem as necessidades, quando se percebe indiferente diante daquilo que antes inquietava, quando suas ações perdem a finalidade, quando seus atos se fazem ilógicos, quando o homem deixa de regular sua conduta e não está em condições de avaliar adequadamente suas possibilidades (p. 109).

No processo que leva ao quadro denominado de depressão, as necessidades e motivos existentes são alterados e/ou destruídos formando novos motivos patologicamente alterados. Nessa direção, Almeida (2018) alerta que não se pode supor que a enfermidade por si só leva a todas as alterações na personalidade, visto que o processo saúde-doença é socialmente determinado, e participam dessa equação diversas outras variáveis, que incluem desde a rede de apoio do indivíduo ao acesso às formas de tratamento. Contudo, em um quadro de depressão clássica, certamente são observadas as alterações na personalidade de que fala Zeigarnik (1979).

Dessa forma, vale reforçar que, assim como as ideias de Vygotski acerca dos sistemas psicológicos, a disciplina da patopsicologia também propõe que aquilo que atualmente se chama de transtornos psíquicos, doença mental ou outros quadros atípicos que os indivíduos podem vir a apresentar, não devem, em hipótese alguma, serem analisados em si mesmos. Se o psiquismo, e tudo que dele deriva, forma-se e um processo materialista e dialético, pautado na atuação social do indivíduo, os quadros atípicos não são diferentes.

Condições mentais – típicas ou atípicas – possuem uma história, formaram-se a partir de uma série de influências e coparticipações²⁰, e apenas sob essa lógica é possível compreender, de fato, a configuração psíquica de um indivíduo, bem como, promover atuações no sentido de possibilitar a superação ou alguma evolução destas condições. Como mencionado anteriormente, ainda que os autores clássicos da PHC não tenham dissertado diretamente sobre a depressão, as discussões aqui apresentadas servem como direcionamento e sustentação para a forma de analisar as chamadas “questões clínicas”, isto é, questões relacionadas ao eixo saúde-doença humana, incluindo a depressão. Atentar para a materialidade dos aspectos subjetivos humanos abre precedentes para compreender que o homem, mesmo em seus aspectos mais íntimos, não está descolado da realidade e que discutir acerca dessa realidade, problematizando sua configuração é etapa necessária para elucidar o aumento da incidência de casos de depressão entre os adolescentes.

Como mencionado, estes postulados dos autores clássicos oferecem princípios para pensar questões clínicas a partir da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo, no que se refere ao funcionamento sistêmico do psiquismo e da noção de processo dos quadros típicos e atípicos, entendidos a partir de categorias psicológicas muito mais abrangentes e complexas do que conceitos médicos. Pautados nestas considerações passaremos a discutir sobre a depressão em adolescentes a partir da PHC, apresentando no capítulo seguinte as considerações que unem a teoria clássica às proposições atuais e que servem como esteio para compreender tal fenômeno e, no subsequente, a pesquisa de campo.

²⁰ Existem condições neurológicas e outros quadros diretamente relacionados às alterações cerebrais, contudo, não é sobre esses casos que esta pesquisa trata. Ainda que em sua teoria Vygotski (Vygotski, 2018; Vygotski, 2011; Vygotski, 2000) propunha a possibilidade de desenvolvimento das mais diversas condições mentais, mesmo as mais severas, a partir da intervenção direcionada e intencional do meio.

4. A DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA SEGUNDO A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Ao utilizar a categoria “adolescentes”, admite-se que há um sem-fim de configurações para a fase, desde aqueles que vivem o conceito “tradicional” de adolescência, ou seja, passam pela transição entre a infância e a idade adulta sem conflitos de grande gravidade e impacto social ou emocional e, nesse sentido, dirigem seu foco a questões sobre amizade, relacionamento amoroso, imagem corporal, escolarização, profissionalização e outros temas que comumente são discutidos pelos adolescentes; até aqueles que sequer vivenciam a fase em termos sociais, isto é, por diversos motivos, sofrem uma transição abrupta entre infância e vida adulta ou ainda, aqueles que a vivenciam de modo muito particular: a adolescentes trabalhadores, abaixo da linha da pobreza, refugiados políticos ou climáticos; adolescentes que são mães; que estão em situação de internamento hospitalar de longo prazo ou institucionalizados; em situação de rua etc.

Em outras palavras, existem muitos indivíduos entre 12 e 18 anos que passam pelo período conhecido como adolescência de maneira muito distante dos padrões típicos e cada uma dessas vivências pode impactar significativamente o que é a adolescência para cada um deles. Tais experiências podem modificar os sentidos sobre a vida, o mundo e sobre si mesmos e, nesses casos, há espaço para uma infinidade de discussões, sobre como se configuram as diferentes formas de experienciar a adolescência ou ainda não experienciá-la em seu sentido social, sobre como isso impacta a vida adulta, entre inúmeras outras considerações, incluindo o sofrimento psíquico pelo qual podem passar.

Ocorre que, quando um indivíduo vivencia situações com tal grau de impacto e, diante disso, deprime, em geral, torna-se mais fácil compreender “de onde veio” o sofrimento e por que está deprimido. Nesses casos, em sua maioria, há maior aceitação em relação ao quadro de sofrimento desses adolescentes. No entanto, esses não são os únicos indivíduos que apresentam sintomas relacionados à depressão. Como já mencionado nesse estudo, minha prática clínica e no âmbito da assistência social levou a verificar que, muitas vezes, os adolescentes deprimidos não tiveram um evento catastrófico em suas vidas, ao contrário, têm uma vida típica, com a grande maioria dos seus direitos garantidos, ou seja, possuem suas necessidades básicas de moradia, alimentação, estudo, vestimenta etc., supridas; têm família, amigos, participam de atividades sociais e, ainda assim, experimentam um sofrimento constante e que promove os sintomas característicos da depressão. Esses adolescentes nem sempre são percebidos enquanto indivíduos em sofrimento ou ainda têm seus sentimentos

minimizados, pois “não possuem razões” para tal, até que as expressões desse sofrimento se tornam cada vez mais intensas e difíceis de serem superadas.

Nesse sentido, este estudo busca ter como foco esses adolescentes, que apresentam sofrimento real mais intenso e profundo do que aquele causado por situações pontuais (o término de um namoro, a briga com um amigo, uma negativa dada pelos pais), questionando sobre quais são os fatores que atuam no sentido de promover a depressão no adolescente, mesmo quando, na aparência, “nada de mais” ocorre na vida do indivíduo.

Para responder a essa pergunta, buscar-se-á os aspectos da cultura que atravessam as vidas particulares e que, a princípio, podem parecer abstratas, mas têm impacto na realidade dos adolescentes concretos. Em linhas gerais, costuma-se compreender como cultura o conjunto de saberes e atividades que envolvem o modo de vida dos indivíduos, formas de expressão, arte, religião, aquilo que permeia a subjetividade humana fornecendo contornos, padrões, ideais etc. Essa é uma categoria absolutamente ampla e com imensa variação, a depender do tempo e do espaço. Por exemplo, a cultura de um país oriental certamente terá imensuráveis diferenças em relação a um país ocidental. Além disso, um mesmo espaço geográfico também terá visto sua cultura modificar-se com o passar de décadas e com o advento das novas produções humanas e suas funções na realidade. Sendo o Brasil um país de proporções continentais e resultado da colonização de diversos outros países, também possui uma cultura bastante variada e rica, de tal forma, que pode haver um modo de organizar a vida em uma cidade litorânea e outro em uma pequena cidade do interior, o mesmo também pode se verificar entre uma região industrializada e uma região agrícola etc.

Nesse sentido, torna-se inviável hierarquizar qualidades e nuances tão diferentes acercadas mais diversas formas de reproduzir e conduzir a vida, que são resultado de uma série de necessidades e transformações históricas de um povo. Em todas elas, há aspectos assertivos e aspectos que necessitam de evolução. Entretanto, se existe um sem-número de aspectos que variam de cultura para cultura, também há uma grande quantidade de conteúdos que as perpassam e se mantêm como algo “em comum” entre elas. Esses aspectos gerais nos interessam nesse momento, pois, conforme Maestri (2017), a depressão na adolescência tem sido um fenômeno cada vez mais comum e, ainda que existam variações significativas em relação ao gênero²¹, por exemplo, não há exatamente uma definição sobre quem são os adolescentes acometidos pela depressão, ou seja, trata-se de um sofrimento que perpassa culturas, atividades, religiões etc.

²¹ Conforme Maestri (2017) a depressão em adolescentes do gênero feminino é duas vezes maior do que a em adolescentes do gênero masculino.

Cambaúva e Junior (2005) defendem que as características de uma sociedade são decisivas para a saúde mental de seus membros, pois o meio social vai se delineando de modo a formar modelos de estrutura da vida, que definem, dentre outras coisas, o modo de se alimentar, de vestir, padrões de consumo, formas de se relacionar, os parâmetros entre certo e errado, permitido e proibido, o que deve ser aceito e até desejável e o que deve ser recusado. Nas palavras dos autores, “Suas necessidades e ideais, entre outros, estarão apoiados nos moldes preexistentes fornecidos pela cultura. Aqueles que não conseguem suprir a demanda dos ideais propostos pela cultura são marginalizados e considerados anormais e/ou patológicos” (Cambaúva & Junior, 2005, p. 528).

É a cultura que define o que é bom ou ruim, admirável ou repudiável, bonito ou feio, em linhas gerais, os princípios e valores humanos, ainda que variem em alguns aspectos entre os indivíduos particulares, são, em sua estrutura, definidos pelo âmbito social. Os padrões podem ser verificados por meio da moda, da arquitetura, da forma de se locomover e se alimentar, dos conteúdos de mídias e redes sociais, das manifestações artísticas etc., mas também podem ser observados a partir da subjetividade das pessoas, visto que a organização social e as formas de reprodução da vida também delimitam que tipos de subjetividades são aceitáveis, isto é, o que é uma pessoa mentalmente saudável e o que é um transtorno, uma doença mental etc.

Ao longo deste estudo, foi afirmado que a subjetividade é delineada pelos aspectos objetivos, sejam materiais ou sociais. Então, para compreender o que vem causando o deprimir, considera-se, primeiramente, o contexto macrossocial, que serve como pano de fundo a todos os demais aspectos que promovem esse quadro. Neste capítulo, o objetivo é trazer a discussão para os dias atuais, percorrendo sobre quais são os fatores sociais e culturais que atravessam a singularidade dos adolescentes, trazendo vivências negativas que, no limite, culminam na depressão. Na primeira subseção, será discutido como a sociedade atual tem se organizado como uma consequência das necessidades do capitalismo, destacando que, em todas as esferas da sociedade, as características principais são as mesmas, instabilidade e falta de referências, voltadas às necessidades do capital. Na segunda, será exposto como o cenário afeta os adolescentes de modo geral, explicitando por quais vias a depressão tem se tornado uma questão tão cara à sociedade. E, na terceira, explanar-se-á sobre a dinâmica da depressão no adolescente, ou seja, como esse quadro de sofrimento afeta tal fase do desenvolvimento.

4.1 As características gerais da sociedade: a instabilidade e a desreferencialização como tendências principais

Marx (1867/2013) definiu o trabalho como atividade ininterrupta entre o homem e natureza, por meio da qual o homem impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza, reproduzindo e, ao mesmo tempo, transformando o cenário em que vive, bem como sua própria vida, utilizando, para tanto, as forças naturais de seu corpo, mas também suas habilidades e capacidades mentais. Nesse processo, o homem objetiva-se, ou seja, cria produtos materiais ou intelectuais que primeiro estiveram em seu psiquismo, como ideação, e, então, ganham existência na realidade. O produto da objetivação, em uma segunda etapa, pode ser generalizado, isto é, ganhar significado social e, nesse caso, passa a mediatizar a atividade humana geral, tornando-se cultural. Por meio desse processo, a humanidade elaborou tudo aquilo que é conhecido atualmente como sociedade, desde produtos que facilitaram o cotidiano até aqueles que promoveram avanços científicos e grandes mudanças sociais. Como explicam Martins e Eidt (2010):

A atividade especificamente humana, o trabalho, produziu objetivações de diferentes tipos, como os objetos em si, a linguagem, as relações entre os homens, bem como as formas mais elevadas de objetivações, como a arte, a filosofia e a ciência. Isso significa dizer que nessas produções humanas há atividade objetivada, depositada, condensada. Esse processo é cumulativo, ou seja, em uma objetivação – seja ela material ou intelectual – há riqueza humana acumulada, produzida por várias gerações anteriores (p. 681).

É nesse processo também que o homem evolui a si próprio como ser social, apropriando-se da atividade mental e física condensadas nas produções das gerações anteriores. Ao operar com uma produção humana, por exemplo, um livro, o indivíduo precisa apropriar-se de todas as funções e conhecimentos ali presentes, desde as habilidades de coordenação motora para manusear o papel de que o livro é feito, até a linguagem escrita e a representação social dos elementos descritos na história ali apresentada. Ou seja, ao ler um livro, o homem trabalha com todos os conhecimentos utilizados para produzi-lo em termos materiais e psíquicos e apreende-os para si, incorporando novos aprendizados ao seu repertório de atuação na realidade. O mesmo movimento é observado nas interações que o homem tem com todas as produções humanas, desde um instrumento material simples como uma colher, até complexas teorias científicas.

Essa breve descrição acerca do que é trabalho, conforme definido na teoria marxiana, proporciona a noção de uma atividade integral (com começo, meio e fim), intencional e

teleológica, que utiliza algo do homem quando ele se objetiva em suas produções e oferece algo a ele, quando ele se apropria de produções alheias. Nessa concepção, o trabalho é práxis, unindo teoria e prática para a transformação da realidade e o homem participa desse movimento como totalidade, ou seja, empregando todas as suas potencialidades para executá-lo.

Contudo, basta uma rápida análise na atividade que comumente se chama de “trabalho” atualmente para observar que seu sentido mudou radicalmente desde o advento do capitalismo. Agora, toda sua organização está pautada em duas características principais, a saber, a divisão social do trabalho e a propriedade privada. Marx e Engels (2001) explicitam que essas duas conformações são expressões idênticas, em que a primeira se refere à atividade e a segunda ao produto, ou seja, ambas seccionam e categorizam, gerando formas de hierarquia entre os envolvidos.

Tonet (2006), por sua vez, explica que o modo de produção capitalista implica, fundamentalmente, dois termos, o próprio capital e o trabalho abstrato, isto é, aquele que cria valor e produz o próprio capital. Porém, segundo o autor, além do trabalho abstrato, o capital também supõe outra categoria que é o trabalho em seu sentido genérico, ontológico, pois não haveria trabalho produtor de valores de troca se não houvesse trabalho produtor de valores de uso. Segundo o autor, esses são os parâmetros que caracterizam fundamentalmente o mundo moderno. Afirma:

Em consequência disso, pode-se dizer que o mundo moderno assenta-se sobre a contradição entre capital e trabalho e, segundo pensamos, somente deixará de ser *mundo moderno* quando esta contradição deixar de existir. Seria ocioso enfatizar que os dois termos da contradição sofrerão mudanças, das menores às maiores, ao longo da sua trajetória. Contudo, dificilmente se poderá dizer que essas mudanças alterarão, de modo radical, a sua essência. Mas, certamente, alterarão profundamente as formas concretas da sua existência (Tonet, 2006, p. 2, destaque do autor).

Os meios de produção estão sob o controle de um pequeno grupo de pessoas, enquanto a grande maioria o executa em troca de um salário, para garantir a sua subsistência. Não obstante, o trabalho executado pela maioria, certamente, não é igual para todos; nesse sistema, passou-se a dividir, principalmente, o trabalho manual do trabalho intelectual em que uma mesma tarefa é pensada ou planejada por uma pessoa ou um grupo minoritário de pessoas e executada por outros, sobretudo se a execução significa o uso de trabalho braçal. Acerca de tal mudança fundamental na conformação do trabalho a partir do capitalismo, Antunes (2009) explicita:

Mas, se por um lado, podemos considerar o trabalho como um momento fundante da vida humana, ponto de partida no processo de humanização, por outro lado, a sociedade capitalista o transformou em trabalho assalariado, alienado, fetichizado. O que era uma finalidade central do ser social converte-se em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se uma mercadoria, ainda que especial, cuja finalidade é criar novas mercadorias e valorizar o capital. Converte-se em meio e não primeira necessidade de realização humana (p. 232).

Nesse contexto, o trabalho deixa de ser a objetivação das potencialidades humanas para tornar-se trabalho assalariado e não mais representa desenvolvimento àquele que o executa, pois não pertence ao trabalhador, assim como os motivos que o levam a executar a atividade não lhe são próprios, tampouco ao gênero humano, mas são ditados pelo próprio sistema capitalista, que visa a manutenção de seu *status quo*. Assim, a principal função do trabalho no sistema capitalista não é mais reproduzir a vida humana e trazer realizações para o homem em si, mas criar produtos para reproduzir o próprio capital. Martin (2020) explicita que essa forma de trabalho “[...] provoca, contraditoriamente, a desumanização e mortificação, processo que pode ocorrer lenta e continuamente e/ou chegar à intensidade tão extrema que a mortificação se consolida em grave adoecimento ou um ato desesperado contra a própria vida [...]” (pp. 89-90).

O modo de produção de uma sociedade gera uma série de características que afetam todos os âmbitos da existência humana, definindo a realidade que ali se apresenta. Tonet (2006) explica que as discussões acerca da realidade são, antes de mais nada, uma tomada de posição acerca de duas formas de razão, uma de caráter ontológico e outra de caráter fenomênico, ambas produzidas pelo mesmo mundo e com enormes consequências para o que vivemos hoje. A razão ontológica volta-se para a coisa real, para o autor, esse foi o movimento que Marx realizou voltando-se para a ontologia do ser social e não do ser de modo genérico; para o caráter histórico-social e não metafísico. Ao buscar a ideia na própria “coisa”, Marx chega à raiz do mundo dos homens, o ato que funda o ser social, isto é, o trabalho. Já a razão fenomênica, por sua vez, desloca a centralidade da objetividade (realidade objetiva) para a subjetividade. O autor explica:

Uma razão que opera sobre os dados fornecidos pelos sentidos, classifica-os, organiza-os e extrai deles as regularidades (leis), resultando disto o objeto do conhecimento científico. Mas esta razão terá que se manter sempre ao nível do fenomênico, pois os únicos elementos do mundo que nos são acessíveis são os dados empíricos (Tonet, 2006, p. 6).

Na razão fenomênica, é a subjetividade que ordena a realidade. Essa forma de pensamento parte dos dados empíricos e termina nos dados empíricos, porém organizados e sistematizados. Conforme Tonet (2006) explica, a razão fenomênica caracteriza-se como pano de fundo para o pensamento pós-moderno, sendo que este, ainda que não possa ser entendido como algo homogêneo, tem, no abandono das categorias totalidade e essência, o cerne de todas as vertentes que o compõem. Para o autor, justamente por fundamentar-se no pensamento fenomênico e este ser uma das formas de compreender a realidade tecidas pelo capitalismo que, por sua vez, define o mundo moderno, é possível considerar que modernidade e pós-modernidade tecem certa continuidade entre si. Sobre a pós-modernidade, explica:

[...] apesar de sua pretensão de opor-se radicalmente ao pensamento moderno, nada mais é do que a elevação à enésima potência daquela concepção fragmentária da realidade; daquela dissolução da unitariedade ontológica da realidade que já demarcavam a razão moderna codificada por Kant (p. 8).

Essas duas concepções operam a partir dos mesmos fundamentos, isto é, os dados empíricos, fenomênicos e, portanto, em linhas gerais, o pensamento pós-moderno não está em oposição à modernidade, mas trata-se da sua reconfiguração. Tonet (2006) atesta que, ainda que soe estranho afirmar que há certa continuidade entre a razão moderna e a assim chamada pós-modernidade, visto que a última nega justamente os ideais mais caros à modernidade, tais como racionalidade, sujeito, história, humanidade e progresso, há sentido em afirmar essa continuidade:

Se, porém, for correta – e pensamos que é – a ideia de que a razão fenomênica é a razão típica da modernidade, então a afirmação de uma continuidade entre a modernidade e assim chamada pós-modernidade não soaria assim tão absurda. Pois, então, na verdade, o chamado pensamento pós-moderno nada mais seria do que a razão moderna posta sob outra forma e em outro momento histórico-social. Afinal, ambos operam a partir dos mesmos fundamentos: os dados empíricos, fenomênicos (Tonet, 2006, p. 8).

Assim, a modernidade e a pós-modernidade são, ambas, frutos do capital que, não obstante suas transformações, continua idêntico em sua essência. Nem por isso, afirma o autor, as imensas transformações do sistema devem ser ignoradas. Ocorre que, atualmente, o cenário tem sido exacerbado em todas as suas características de modo que a fragmentação, a instabilidade e a fluidez têm ficado cada vez mais explícitas e vivenciadas de forma muito mais intensa do que como eram percebidas anteriormente.

Para Lacerda Jr. (2010), a força-motriz da pós-modernidade veio das transformações que o capitalismo realizou para superar sua profunda crise que, desde os anos 1970, tornou-se cada vez mais evidente. Nas palavras do autor:

A ampliação da dimensão destrutiva do capital, a eliminação dos limites mínimos ao seu processo de reprodução e expansão, a crescente penetração da mercadoria na cultura e na vida cotidiana e outros processos sociais [...] resultaram numa busca, guiada pelo sentimento de angústia, por explicações sobre um mundo que no nível da aparência é completamente sem sentido. Assim, da incompreensão do real, do desespero e da perplexidade diante da complexidade das transformações vividas no presente, da capitulação à fragmentação e à intensificação do individualismo propugnadas pelo neoliberalismo emerge um conjunto de teorias extremamente heterogêneo [...] (Lacerda Jr., 2010, p. 315).

Entretanto, ainda que heterogêneas, tais teorias têm fundamentos semelhantes, o pós-modernismo rejeita totalidades, valores universais, grandes narrativas históricas, premissas sólidas para a existência humana, é contrário à ideia de verdade, unidade e progresso, bem como tende ao relativismo cultural, ao pluralismo e à descontinuidade. Além disso, está munido pela onipresença da internet e pelos recursos de alta tecnologia, pelos avanços da ciência, pela possibilidade de comunicação em massa, ou seja, também possui os meios para elevar à máxima potência os seus ideais. Para o autor, a proeminência das teses pós-modernas é apenas resposta à intensificação da fusão entre capitalismo e cultura.

Nesse contexto, o conceito de liberdade só existe apregoadado à ideia de individualidade, isto é, para ser “livre”, o indivíduo deve focar absolutamente nele mesmo. Forja-se o homem como um ser atomizado, competitivo, possessivo e calculista; esse homem concebe a sociedade como o meio de realizar seus fins privados, sem qualquer teor coletivo ou social; a desigualdade é entendida como produto natural das diferenças individuais e como força-motora da vida social. Conforme Lacerda Jr. (2010), “A irrazão pós-moderna combate qualquer noção como essência, causalidade, determinação, totalidade, classe social, verdade e outras. Ela celebra o presente e, neste processo, elimina toda e qualquer conexão entre passado, presente e futuro” (pp.315-316).

Outro atributo macrossocial que compõe o cenário atual é, como explica Lacerda Jr. (2010), no plano da produção, o regime da acumulação flexível, cujas principais características residem: a) na redução gradual da força de trabalho estável e manual que outrora existiu no modelo taylorista-fordista, ou seja, aumenta-se a automatização dos processos de produção, não para que os trabalhadores fiquem livres das formas mais

degradantes e perigosas de trabalho ou podendo, por exemplo, reduzir a carga horária, tornando o trabalho mais leve, mas tão somente para desfazer-se da maior quantidade possível de trabalhadores; b) utilização massiva das diversas formas de empregos instáveis, parciais e/ou temporários, sob a justificativa de maior liberdade para o trabalhador ou a partir da ideologia do empreendedorismo, vinculada à ideia do trabalhador pró ativo, “chefe” de si mesmo e, portanto, com maior autonomia, mas que, no limite, significa apenas redução máxima de vínculos empregatícios que respaldam o indivíduo por meio de direitos trabalhistas, relegando-o à própria sorte e eximindo o capitalista de seus deveres para com o indivíduo que lhe vende sua força de trabalho; c) aumento significativo do emprego precarizado e mal pago, principalmente no que se refere à força de trabalho feminina. Ainda que muito se fale em igualdade para as mulheres no mercado de trabalho, é sabido que elas são as mais exploradas e a quem os direitos são mais duramente negados; d) exclusão de jovens e “velhos” trabalhadores do mercado de trabalho, ou seja, àqueles que significam um “gasto” maior, seja com treinamentos, no caso do jovem, ou com aposentadorias e outros benefícios que se acumulam ao longo de décadas de trabalho, no caso dos mais velhos; e) restituição de formas brutalizadas de exploração de trabalho imigrante, infantil ou até mesmo escravo, principalmente em regiões específicas da América Latina e da Ásia; f) aumento explosivo do chamado exército de reserva, isto é, aqueles trabalhadores que, sem emprego, são utilizados como ameaça constante aos que estão empregados, gerando um contexto de insegurança sobre possuir um trabalho e, portanto, deixando o indivíduo empregado mais propenso a submeter-se às situações abusivas; g) expansão do chamado trabalho social, combinado mediante um complexo processo de fragmentação, complexificação e heterogeneização da força de trabalho; h) apropriação, pelo capital, dos conhecimentos e das habilidades dos trabalhadores, criando formas profundamente manipulatórias de alienação do trabalho, como o chamado Toyotismo etc.

Em linhas gerais, o modo de acumulação flexível propõe que as ações relacionadas à produção sejam pautadas no “aqui e agora”, justamente para que o mercado tenha flexibilidade suficiente para acompanhar as demandas sem qualquer prejuízo quando os cenários são modificados. Tudo isso às custas da instabilidade e da exploração do trabalhador, gerando uma situação de ansiedade geral, medo do “por vir”. O trabalhador perde a possibilidade de projeção do futuro e de planos a longo prazo, vê-se compelido a viver o imediato, pois essa é a única segurança que possui.

O trabalho agora está no bolso, podendo (ou leia-se, devendo) ser acessado de qualquer lugar e a qualquer hora e isso é o que se espera de um trabalhador para que seja

considerado dedicado. Han (2017) define o cenário como “Era do desempenho”, explica que, se Foucault, em sua época, discorre sobre uma sociedade disciplinar, de muros e grades, de prisões e conventos em que o homem é proibido, encarcerado, mutilado de sua liberdade, o que se vive agora, segundo Han (2017), é exatamente o contrário. O excesso de positivismo, em que nada é impossível, em que o homem é pressionado a fazer “tudo”, do contrário, ao perder oportunidades ou deixar de viver certas experiências será taxado como incapaz, atrasado, ineficiente. Na sociedade do desempenho, o indivíduo deve querer o máximo e fazer tudo para consegui-lo, ser um trabalhador *workaholic*²², ter objetivos ambiciosos, estar sempre procurando maior e melhor desempenho.

Outra característica da atualidade, conforme Lacerda Jr. (2010), refere-se ao plano da circulação, em que se intensificou a financeirização do capital. Esse aspecto inclusive define a terceira etapa desse modo de produção; nele, as transações financeiras tornaram-se especulativas e desvinculadas da produção real de valores geradas pelo trabalho humano. Ou seja, mais uma esfera que a instabilidade é o pano de fundo, corroborando a organização que se verifica nos demais setores.

No plano ideológico, não é diferente. Conforme o autor, o setor é dominado pela doutrina neoliberal, sistema econômico e político cuja proposta foi a de resgatar pressupostos do liberalismo econômico²³ abandonados na ocorrência da crise de 1929, em que o mundo mergulhou em um caos econômico. A crise de 1929 afetou, principalmente, os Estados Unidos da América, mas ressoou em boa parte do ocidente, incluindo o Brasil, onde teve um impacto significativo nas vendas de café, levando à crise das oligarquias e abrindo espaço para que Getúlio Vargas chegasse ao poder em 1930. Nos EUA, a crise de 1929 colocou em xeque as ideias liberais e foi seguida pelo programa governamental conhecido por *New Deal*, que propunha maior intervenção do Estado na economia. Esse planejamento econômico culminou na política do Estado de Bem-estar Social ou *Welfare State* que, de acordo com Cambaúva e Junior (2005), propunha que o Estado garantisse padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social aos seus cidadãos e, para promover essas condições básicas, o Estado deveria intervir fortemente na economia, regulando a maioria das atividades produtivas, a fim de assegurar a geração de riquezas materiais e promover a diminuição das desigualdades sociais.

²² Diz-se de alguém que trabalha exageradamente, uma pessoa que não se desliga do trabalho.

²³ O liberalismo econômico foi uma doutrina econômica que surgiu na Europa do século XVIII, em resposta às monarquias absolutistas e aos sistemas mercantilistas, predominando durante todo o século XIX e entrando em declínio no século XX, mais especificamente com a crise de 1929. Seus princípios básicos, desenvolvidos por economistas clássicos como Adam Smith, David Ricardo e John Stuart Mill, são em resumo, a não intervenção do Estado nas atividades econômicas, a autorregulação do mercado e a livre concorrência.

No entanto, essa política foi aplicada em um sistema capitalista cujos princípios são baseados na liberdade individual, na propriedade privada e no livre comércio. Logo, o Estado de Bem-Estar tornou-se contraditório aos princípios gerais do capital, não conseguindo consolidar-se nesse cenário. Nos países industrializados ocidentais, os primeiros sinais de decadência do *Welfare State* estão relacionados à crise fiscal provocada pela dificuldade cada vez maior de harmonizar os gastos públicos com o crescimento da economia capitalista. Nessas condições, ocorre a divergência entre capital e trabalho, em que as grandes organizações e empresas capitalistas e as massas trabalhadoras já não se entendiam e entraram em conflito na tentativa de assegurar seus próprios interesses.

É neste contexto – e como reação a ele – que ressurge o liberalismo, reformulado sob a alcunha de neoliberalismo, mas mantendo os princípios fundamentais de Estado mínimo, ênfase à primazia do mercado, a globalização e liberdade individual. Conforme Lacerda Jr. (2010), tal ideologia foi criada para combater a ofensiva de movimentos sociais e sindicatos, assim como para eliminar todas as tentativas de controle ou regulamentação que foram criadas no processo de reprodução do capital. Nesse contexto, o outro é entendido como concorrente, uma forma de ameaça aos seus interesses, uma vez que pode conquistar aquilo que o sujeito almeja, seja a vaga de emprego, a vaga no vestibular, a pessoa amada etc., impera a máxima de “cada um por si e todos contra todos”, e ela perpassa todas as instâncias da sociedade.

Soma-se, ainda, o advento e popularização da internet e a globalização por meio das quais se tornam quase nulas as barreiras de distância e de acesso à informação, modificando o modo de produção, as relações interpessoais, a ciência e tecnologia, a política e todos os demais âmbitos da vida humana. A globalização pode ser entendida, grosso modo, como a integração do espaço mundial, conectando e promovendo o fluxo de mercadorias, pessoas e informações em todos os setores sociais, econômicos e culturais.

Se, por um lado, o trânsito intenso de informações promove avanços, duas características bastante nocivas podem ser identificadas. A primeira refere-se a fato de que nem sempre as informações e conhecimentos são relevantes ou sequer verdadeiros. Tem sido muito fácil veicular uma informação e torná-la acessível a milhões de pessoas que, nem sempre, possuem condições de avaliar sua procedência e julgam-na verdadeira, sem que ela tenha, de fato, qualquer respaldo na realidade. Nesse sentido, verdadeiro e falso, certo e errado, tem perdido os limites entre si. O homem atual é bombardeado todos os dias por muitas informações, sem que haja qualquer filtro sobre elas, ficando à mercê de uma série de inverdades, especulações e dados que, no limite, não propõem nenhum tipo de evolução àqueles que os consomem.

A segunda característica refere-se à falsa sensação de igualdade que esse fluxo de informações gera. Por exemplo, uma descoberta científica feita em um país da Ásia pode ser apropriada por cientistas de todo o mundo na velocidade de um e-mail, assim como um produto originário na América Latina pode chegar à Europa dentro de algumas horas e um fato ocorrido no interior do Brasil pode tornar-se conhecido por todo o mundo em minutos. Contudo, esse intercâmbio é mais acessível para uma parcela pequena da população mundial, enquanto para a maioria dos indivíduos ela é muito mais limitada. E existe, ainda, uma outra parcela da população que não é abrangida por estes intercâmbios. Pode-se indagar: qual a porcentagem dos adolescentes brasileiros que têm informações sobre outras regiões do mundo? Certamente, uma parte significativa. Basta ter um smartphone ou computador e acesso à internet e adolescentes podem acompanhar suas bandas favoritas do outro lado do mundo sem maiores dificuldades (ainda que, muitas vezes, as informações que recebem não tenham compromisso com a realidade), também podem assistir a uma série ou filme produzido em um local bem distante e que retrate uma cultura diversa à sua.

Por outro lado, quantos adolescentes podem, de fato, viajar a outros países e conhecer a fundo outras culturas? Quantos adolescentes têm conhecimento, via internet, sobre um determinado produto, produzido em local bem distante? Contudo, quantos podem obtê-lo? Inúmeras perguntas, nesse sentido, podem ser feitas, o fato é que, se em uma escala horizontal as distâncias tornaram-se obstáculos menores e as culturas passaram a ter muitos elementos em comum, em escala vertical, existem níveis de acesso às objetivações humanas determinados pela condição socioeconômica das famílias. Ocorre que o distanciamento entre esses níveis quase sempre é mascarado e, nas situações em que essa disparidade se torna tão evidente que não é mais possível dissimulá-la, ela é justificada a partir das ações individuais.

Essa breve descrição acerca dos diversos campos da realidade foi postulada no sentido de demonstrar que, de maneira geral, todas as esferas da realidade têm como pano de fundo a instabilidade e a falta de referências. Os cenários, as demandas e as exigências mudam o tempo todo, não há segurança para o trabalhador, sobretudo para aqueles provenientes das camadas mais pobres da sociedade. Ademais, gera-se a concepção de que a segurança e a estabilidade são características negativas à medida que “limitam” o indivíduo. Por exemplo, atualmente, um indivíduo que “faz carreira” de anos em uma mesma empresa é visto como acomodado, alguém que não buscou ou não aproveitou oportunidades e possibilidades de crescimento. Essa mesma lógica é utilizada em todos os aspectos da vida humana, impera a fluidez. Ainda que uma parcela importante dos adolescentes não vivencie diretamente essas relações (principalmente as de trabalho), vale destacar que são elas que

delineiam todos os outros cenários nos quais eles estão inseridos, a começar pela cultura. Portanto, é possível afirmar que os adolescentes são, sim, vitimados por essa configuração social.

Ademais é possível afirmar, também, que eles sofrem duplamente as mazelas do capitalismo, isso porque os adultos que estão à volta dos adolescentes e que se constituem como o meio social, responsável pelo seu desenvolvimento, resultam expropriados de suas potências subjetivas, as motivações se tornam enfraquecidas e a energia é esgotada. Nessa direção, questiona-se, qual tem sido o espaço que o meio social encontra para as crianças e para os adolescentes? Ou seja, se o capitalismo se apropria das potencialidades humanas e volta-as para a reprodução do capital, expropriando o trabalhador de si mesmo, tornando-o alienado nos níveis mais altos possíveis, como o mesmo trabalhador, que é pai, mãe, professor, cuidador de maneira geral do adolescente consegue ensiná-lo ou conduzi-lo por um caminho de desenvolvimento multilateral? Ora, se os próprios adultos, o meio social, não têm conseguido configurar-se desta forma, como oferecer isso a outrem?

Nesse sentido, o adolescente passa a ocupar um lugar muito específico na sociedade atual, pois cercado por adultos expropriados de si mesmos, a adolescência, ou melhor, as características da adolescência se tornam objeto de desejo, enquanto os adolescentes em si são considerados mais um incômodo. Na seção seguinte, será discutido este lugar que o adolescente tem ocupado no cenário em que o ser humano, de modo geral, tem sido apenas um instrumento do capital.

4.2 O lugar que o adolescente ocupa na sociedade

Na subseção anterior, foi destacado que as principais esferas macrosociais seguem as mesmas premissas, pautadas na falta de referências e na transitoriedade. Aprofundou-se a análise, considerando que tais características adentram os contextos microsociais e particulares de cada indivíduo, chegando aos adolescentes das mais variadas formas e sob as mais diversas justificativas, criando um cenário imediato onde o indivíduo é impelido a sentir-se desconfortável consigo mesmo.

Um exemplo de como essas características têm chegado até os adolescentes é a própria internet e seus conteúdos. Como já mencionado, as últimas gerações observaram o mundo conectar-se, quilômetros de distância não significam mais uma barreira e de qualquer lugar do mundo, é possível comunicar-se com qualquer lugar do mundo. A internet na palma da mão, por meio dos smartphones, smartwatches, tablets e outros recursos tecnológicos de bolso, proporcionou uma grande aceleração na forma de se comunicar, de obter uma informação, de

adquirir um produto. Tal aceleração proporciona uma praticidade jamais observada, a geração do “tudo e agora”.

Ocorre que o conteúdo ao qual os indivíduos têm acesso também segue uma tendência, pois, em geral, o que se vê na internet é, quase sempre, mais interessante do que a realidade ao não considerar as dificuldades, as incertezas, os medos que são vivenciados na vida fora dela. Ainda que, num primeiro momento, possa-se defender que não há mal algum em um cenário em que as coisas são elaboradas para parecerem mais belas e agradáveis do que realmente são, o que se problematiza é que, nas redes sociais, seus usuários nem sempre têm clareza sobre as significativas diferenças entre a vida real, instantânea, que não permite ensaios, e a vida online, que pode ser planejada, organizada e refeita inúmeras vezes. Ao colocar o espetacular como o padrão da existência, em que tudo – ou quase tudo – precisa brilhar aos olhos de quem vê, o “normal” torna-se tedioso. Aos poucos, a sensibilidade do homem moderno está se adaptando para perceber, aceitar e gostar apenas daquilo que é perfeito, somente o espetacular interessa. Nesse movimento, a comparação torna-se a principal forma de se relacionar com o outro, isto é, o outro deixa de ser um promotor de desenvolvimento, alguém que aponta a direção e auxilia na construção de recursos, para tornar-se um concorrente a ser superado a qualquer custo.

Um exemplo dessa lógica é a própria imagem das pessoas; diariamente as redes sociais são bombardeadas com filtros e imagens manipuladas do que seriam pessoas “atraentes” e “desejáveis”, sem lembrar que se trata de imagens cuidadosamente projetadas para este fim. Desse modo, os indivíduos que “consomem” essas imagens não se veem representados, sentem-se menos desejáveis e atraentes. Culpabilizados, não questionam a veracidade dos padrões estabelecidos, mas interpretam que são eles que estão na “contramão” do padrão e que devem se adaptar. O resultado desse sentimento é o crescente número de procedimentos estéticos que “criam” pessoas simétricas, com dentes absolutamente alinhados, músculos esculturalmente definidos, cabelos perfeitamente dispostos, distanciando a imagem vista no espelho da real. Tudo isso com vistas a superar ou, minimamente, igualar-se ao seleto grupo de pessoas que são colocadas como ideais.

Entretanto, quando o indivíduo real está próximo ou mesmo consegue alcançar um dos itens postos como desejáveis por meio de propagandas e discursos, o cenário se modifica, aquilo que era “desejável” agora torna-se ultrapassado e uma tendência completamente contrária se evidencia, passando a ser o novo ideal. Assim, tendência atrás de tendência, produto atrás de produto, os padrões vão sendo impostos, mas também rapidamente

substituídos pelos subsequentes. A sensação de estar “atrasado” é constantemente imposta aos indivíduos.

Outra consequência, ainda mais danosa à subjetividade caracteriza-se quando o indivíduo não pode – quase sempre por motivos financeiros – chegar ao espetacular e, com isso, sofre, tomando para si a culpa por não alcançar o desejado, o modelo posto como aceitável. Aumenta a insatisfação com a realidade, com a própria imagem, com a própria vida em si. A partir daí, deriva uma série de consequências, subprodutos da busca pelo extraordinário, que vão desde o aumento do tempo nas redes sociais, onde as pseudoexperiências são consideradas mais interessantes do que as experiências reais; ao aumento dos transtornos alimentares, de imagem, de ansiedade e depressão etc. O exemplo acerca da aparência é apenas um, contudo, esta mesma lógica pode ser evidenciadas em diversos outros cenários, de bens de consumo à vivenciais pessoais.

Diante de quantidade imensurável de informações, tendências, ideias, o sujeito é invadido por mais conteúdo do que consegue processar, os limites ficam cada vez mais tênues e instáveis. Há tanto o que escolher que o sujeito acaba, muitas vezes, por não fazer escolha nenhuma. Na falta de referências e de definição, os indivíduos se veem impelidos a tornarem-se flexíveis ante a vida, ou seja, devem estar abertos a mudanças, a adaptarem-se de acordo com a situação, assumindo uma espécie de identidade polimorfa. Maestri (2017) discute sobre a constante alteração dos valores, dos cenários, das tendências e como isso afeta a formação da identidade do adolescente, pois o meio social não oferece mais parâmetros definidos. O adolescente precisa, por si só, definir o que é certo e errado, bom e ruim, pois, no contexto geral, tudo é aceitável e/ou justificável. O adolescente tem sido relegado à própria sorte e a formação da personalidade que, de acordo com Leontiev (1974/2021), desenvolve-se a partir de inúmeras apropriações e conforme as possibilidades materiais e na adolescência, deveria ganhar robustez e sustentação, agora tem se tornado insípida, desamparada e, cada vez mais à mercê dos interesses do capital.

Ademais, outro movimento ocorre em paralelo. Ao mesmo tempo em que se observa um meio concreto cada vez mais impotente no sentido de amparar e direcionar os adolescentes, relegando esta tarefa às mídias sociais e seus conteúdos irreais, conforme discute Lírío (2012), nos dias atuais, também há um culto à cultura adolescêntica, em que as crianças são chamadas precocemente à adolescência e os adultos são estimulados a “[...] repetirem as narrativas de seus tempos de puberdade” (p. 121). Desse modo, a adolescência enquanto fase de desenvolvimento, tem sido alvo de desejo, ainda que, neste contexto, não se trate da adolescência em si, mas das características encontradas no adolescente em termos de

vigor, de jovialidade, de forma física, de irreverência, de capacidade de adaptação etc. O adolescente é considerado uma figura central da atividade consumidora e da mídia, para o autor, ser jovem, nesse cenário, tem maior valor do que ser rico, pois o dinheiro compra a juventude até certo ponto, mas encontra limite significativo.

Devido a este fato, isto é, a adolescência e suas características, sobretudo a jovialidade, serem tão desejáveis nos dias atuais, aquilo que os adolescentes consomem também é alvo de interesse, pois oferece a sensação de que, aquele que utiliza os mesmos produtos ou vive as mesmas experiências, ainda que em fase diversa do desenvolvimento, se torna mais próximo da adolescência e de suas cobiçáveis características. Nesse sentido, os adolescentes são os introdutores de tendências socioculturais.

Grandes empresas buscam especialistas para elaborar comerciais e embalagens que despertem nas crianças, nos adolescentes e jovens o desejo de consumir. Consumir como uma forma de poder; um modo ou estilo de auto-subjetivação de governo de si. É um fim em si mesmo. Passa a consumir, não apenas o objeto. Também o que ele pode representar: status, conforto, desejos, saber, poder (Lírio, 2012, p. 123).

Aquilo que é consumido pelas gerações mais jovens possui grande chance de se tornar tendência, passando a ser consumido por todas as outras faixas etárias. Pereira (2019) afirma que os adolescentes “[...] transformaram-se em um argumento promocional, fantástico por si, sobretudo, pela influência exercida sobre a decisão e consolidação das modas, que transforma e ajusta o modelo de consumo da maioria dos adultos” (p. 10). Desse modo, tornam-se um dos principais alvos do mercado, que já compreendeu que tudo que remete à juventude e, principalmente, à promessa de se manter nela, vende-se com facilidade. Tornar algo “tendência” é tornar algo consumido pelos jovens, adolescentes e, em seguida, vender a ideia de que qualquer um que adquira o produto se igualará aos primeiros consumidores.

Nesse sentido, os adolescentes são os mais atingidos, ou ainda, pressionados, pela lógica do consumo. Pode-se citar como exemplo o mundo da tecnologia, em que a marca mais desejada lança um modelo de smartphone por ano, de modo que o anterior se torna, imediatamente, obsoleto. Os jogos da moda estão sendo atualizados constantemente, na mesma velocidade surgem e desaparecem novos *gadgets*²⁴, quase sempre com a ideia de que são extremamente necessários e tornarão mais interessantes aqueles que os adquirirem. Fortalece-se, propositalmente, nos jovens e adolescentes, a ideia de que serão “deixados para

²⁴ Dispositivos eletrônicos portáteis criados para facilitar funções específicas no cotidiano, usando inovações tecnológicas.

trás”, caso deixem de consumir. Nesse contexto, ser deixado para trás carrega um forte apelo emocional, ou seja, aquele que é deixado para trás torna-se menos importante, descartável nas relações.

Discutida sob a ótica da Psicologia Histórico-Cultural, a adolescência necessita de um contexto enriquecido de conhecimentos, práticas e atuações. Contudo, no cenário atual, essa lógica é deturpada, e o que se entende necessário é o consumo, a quantidade de objetos que se possui. Une-se a isso a tendência já explicitada de “ser o que quiser”, a defesa da não-limitação, e da noção de que o sujeito deve, necessariamente, usufruir de tudo que está ao seu alcance. As múltiplas escolhas, a possibilidade de tudo, desorienta os adolescentes em um momento em que, justamente, precisam de orientação, de estrutura, nas quais possam se apoiar. Como definir quem se é, quais são suas preferências, num contexto em que a máxima “se definir é se limitar” impera? Assumir esta ou aquela tendência é entendido como fechar-se às novas possibilidades. Os adolescentes encontram-se hiperestimulados e hiperinformados, ainda que tais estímulos e informações, nem sempre – para não dizer a maioria das vezes – não possuem qualidade significativa para promover desenvolvimento. São conteúdos que suscitam desejos, comparações, mas que o fazem de maneira acrítica.

Nesse contexto caótico, estão se formando psiquicamente os indivíduos, em sua maioria, confusos ou cheios de certezas sem fundamentos reais. Esses indivíduos conhecem a vida inteira de seus influencers²⁵ preferidos (a vida mostrada nas redes sociais, não a real), mas têm pouco ou nenhum autoconhecimento. São capazes de passar horas em frente a uma tela, mas sem desenvolver atenção e concentração intencionais, necessários ao estudo, por exemplo. Mesmo em uma era de fácil acesso a informações, os adolescentes continuam desconhecendo funções básicas de seu cotidiano. Em outro estudo realizado por mim (Santos, 2019), em que buscou-se compreender como se dava o processo de escolha profissional de adolescentes tanto em escolas públicas quanto privadas, foram realizadas entrevistas com indivíduos que cursavam o terceiro ano do Ensino Médio e, por meio dessas entrevistas, foi possível observar que os adolescentes desconheciam os processos da realidade que estavam vivenciando, por exemplo, almejavam entrar em uma universidade pública, mas não conheciam os caminhos para esse feito; falavam sobre o exame nacional do ensino médio (ENEM), muito deles estavam inscritos para realizar a prova, porém pouco sabiam explicar como o ENEM lhes dava acesso ao ensino superior; afirmavam que “nasceram” para exercer determinada profissão, porém não conseguiam explicar as atuações básicas de tal ofício.

²⁵ Pessoa que influencia a opinião e o comportamento de um número muito grande de seguidores por meio de criação e compartilhamento de conteúdo pelas redes sociais.

Se, por um lado, a sociedade contemporânea cultua a adolescência, por outro, rejeita o adolescente, isto é, os adultos que estão em torno dos adolescentes e que se constituem como o meio social que deveria promover desenvolvimento, estimular a evolução, ensinar aquilo que lhes será útil, acabam por não cumprir esta função, seja pela falta de condições gerais (físicas e emocionais) desses adultos, seja pela dificuldade em lidar com o adolescente, justamente porque ele exige que o outro se confirme como uma estrutura, uma referência. É comum declarações de pais, professores e outros profissionais que trabalham com adolescentes as falas de que eles são impossíveis ou insuportáveis, ideia essa ilustrada pela forma como eles caricatamente são chamados de “aborrecentes”. Há uma ideia errônea – e conveniente – de que o adolescente absorve, por conta própria, o que está acessível e que, portanto, não há necessidade de ensiná-los, estimulá-los em ações, comportamentos e posturas.

No contexto clínico, observa-se, com muita frequência, que pais, cuidadores ou a comunidade como um todo, diante das primeiras dificuldades comuns à adolescência, afastam-se dos adolescentes, sob a justificativa de “não saber lidar”, ou sob a lógica de que eles já são “grandes o suficiente” para lidar com suas próprias questões. Ou seja, em uma fase em que o outro é ainda mais importante no processo de desenvolvimento, esse outro, muitas vezes, mantém a distância, relegando a tarefa do “desenvolvimento” do adolescente à abstração das redes sociais ou de indivíduos que não têm o menor comprometimento com a formação daquele adolescente, como alguns profissionais que despontam oferecendo “métodos infalíveis” sobre educação etc.

Assim, os adolescentes perdem as referências da infância e não encontram outras nessa nova fase, estão prontos para conhecer a realidade externa e interna, são capazes de assimilar conteúdos complexos, abstratos, deveriam começar a emitir opiniões estruturadas e aumentar o conhecimento sobre si mesmo, conhecer seus limites, habilidades, preferências, mas encontram-se desamparados, desacreditados pelo entorno, bombardeados por informações rasas, conhecimento pasteurizado que em nada promove desenvolvimento. Nesse contexto, torna-se fácil desorganizar-se mentalmente, sofrer e, sem recursos psíquicos para reconhecer sofrimento, pedir ajuda etc., adentram o caminho do chamado transtorno, não por questões internas, isoladas em seu âmago, mas pelo contexto e pela realidade em que estão inseridos.

Tal cenário torna-se ainda mais nocivo se considera que, na adolescência, a atividade que promove desenvolvimento é exatamente a comunicação íntima com os pares (Elkonin, 1987). Ocorre que conviver e atuar a partir daquilo que lhe é, a princípio, diferente ou

desconhecido, estimula no indivíduo a capacidade de organização de si mesmo, de afirmação ou questionamento de seus valores, de conhecimento de outras formas de existir. Como se desenvolve o indivíduo limitado à socialização com grupos extremamente pequenos e iguais, isto é, aqueles que só se relacionam com quem é extremamente parecido com ele e as pseudorredações desenvolvidas via internet, no universo online? Os adolescentes têm dado prioridade ao contato a distância, via smartphones e seus aplicativos, sobretudo, após o isolamento pandêmico. Acostumaram-se ainda mais, às chamadas de vídeo, às mensagens rápidas, à comunicação por memes²⁶, ao mesmo tempo em que parecem perder a capacidade de expressar-se pessoalmente. Não incomum, percebe-se adolescentes que se comunicam o tempo todo via redes sociais, mas sentem imensa dificuldade em expor uma ideia, apresentar uma fala mais elaborada, argumentar criticamente sobre um acontecimento.

Esses indivíduos estão, em sua maioria, perdendo a capacidade de socializar, no sentido tradicional do termo. Ribeiro et al. (2015) já denunciavam a tendência de retraimento social dos adolescentes, que certamente foi intensificada a partir do isolamento social forçado pela pandemia da Covid-19. Eles recolhem-se em suas próprias bolhas e vivem experiências virtuais, mas mantêm as atividades reais extremamente monótonas e repetitivas. Novamente, recorre-se à experiência prática sobre a dificuldade que os adolescentes têm sentido em retornar às atividades presenciais no período pós-pandemia, muitos buscando a psicoterapia, pois ao terem que retornar às atividades escolares, sentiram aumentar significativamente, os sintomas de ansiedade e depressão.

Conforme pontuado por Vygotski (1931/2000), é por meio do outro que o homem se humaniza, torna-se, de fato, ele mesmo. Na interação com o outro, o indivíduo é capaz de aprender, desenvolver-se e, posteriormente, autorregular-se. Contudo, em uma sociedade onde cada um se preocupa apenas consigo mesmo, as relações humanas de qualidade são mínimas e os processos de mediação pouco proporcionam autorregulação saudável e, ao invés disso, geram instabilidade. O homem passa a conviver com a insegurança, a dúvida, o medo de errar, a comparação dos seus resultados com os resultados alheios e, em muitas situações, a frustração quando observa que há outros resultados melhores que os seus. Na mesma direção, Cambaúva e Junior (2005) explicam:

A identidade fica em crise, a personalidade flutuante. Os indivíduos, imersos no jogo do “cada um por si” e “que vença o melhor”, devem depositar fé em si

²⁶ Imagens, vídeos ou áudios que são utilizados para transmitir uma mensagem, seja ela uma emoção, uma reação ou uma ideia. Os memes são parte da linguagem da internet e das redes sociais e entre a população mais jovem, esse fenômeno virtual é ainda mais intenso.

mesmos; perdem, assim, o que lhes servia de amparo: perda de seus próximos, que se tornam obstáculos à realização pessoal e perda de um Estado, que os deixa entregues à sua própria sorte, regido pelo mecanismo impessoal do mercado. A desigualdade entre os indivíduos é vista como natural e necessária no modelo neoliberal, impondo a todos grandes limitações no curso da vida (p. 533).

Para os autores a insatisfação com a vida, que exige muitos sacrifícios dos indivíduos, se caracteriza como um dos fatores que favorecem a depressão. Apontando para a relação entre o esvaziamento das relações sociais e as formas de sofrimento psíquico, os autores continuam:

Considerando que o indivíduo se constitui como tal a partir das relações sociais que mantém, há uma unidade entre fatores internos e externos. Isso significa que fatores histórico-sociais não só são constitutivos do psiquismo como também colaboram para o aparecimento de patologias. O homem atual é, a um só tempo, desamparado e onipotente e, portanto, vulnerável ao aparecimento de doenças psíquicas. O sistema neoliberal não cria a depressão, mas propicia o seu afloramento, ou seja, fornece várias condições para que o indivíduo seja por ela acometido (Cambaúva & Junior, 2005, p. 534).

A junção do desamparo apresentado como liberdade e da extrema insegurança em relação ao outro e a si mesmo gera uma configuração hostil para o sujeito que pode tudo, deve fazer tudo, mas não reconhece a si mesmo, perde seus limites e torna-se um eterno vir-a-ser, almeja o que vem depois, mesmo que não saiba o que é, ao mesmo tempo que não consegue desfrutar do que já possui, daquilo que tem disposto ao seu alcance. Fazendo uma análise sobre como o contexto social afeta a subjetividade dos indivíduos, Marx (1846/2006) afirma:

[...] Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio (p. 16).

Eis aí a soma de fatores que torna o cenário atual potencialmente adoecedor, gerando sensação de inadequação, de atraso e de culpa. Esse contexto, promovido pela sociedade capitalista e acentuado na contemporaneidade, tem como produto principal a alienação humana que, segundo Almeida (2018), é a principal determinação da desintegração da consciência. A personalidade alienada ou a alienação em seus níveis psicológicos manifesta-se gradualmente, vai determinando os gestos, as reações, os pensamentos e os sentimentos do

indivíduo. Caracteriza-se como um movimento tênue que avança de modo quase imperceptível e, dessa maneira, o indivíduo vai se modificando lentamente, aceitando o que lhe é imposto sem maiores considerações críticas, se resignando. A personalidade converte-se em uma pseudoconcreticidade e o indivíduo assume como que uma máscara para expressar os papéis que as circunstâncias externas exigem, mas, na realidade, encontra-se esvaziado, oco de si mesmo. Ora, não é exatamente esse o tipo de pessoa de que o capitalismo necessita? Em outras palavras, quando se torna ideal ao capital, o sujeito perdeu-se de si mesmo, tornou-se apenas um esboço do que pressupõem suas potencialidades humanas.

4.3 A dinâmica da depressão no adolescente

Foi alegado, como um dos motivos para investigar, neste estudo, a fase da adolescência especificamente, o fato de que a depressão no adulto causa uma série de consequências negativas de modo geral, que abarcam sua aparência, suas relações, seu comportamento, mas principalmente, seus processos psíquicos que entram em “baixa”. Isto é, passam a apresentar um desempenho permeado por falhas e déficits que, diante do tempo de duração do episódio depressivo ou, ainda, se a condição assume a característica de crônico, pode trazer mudanças permanentes em termos das funções superiores, por exemplo.

Nesse caso, se trata de indivíduos adultos, com o psiquismo já formado²⁷, contudo, há que se questionar qual é a dinâmica da depressão e seus sintomas no contexto da adolescência, em que a personalidade está passando por modificações significativas em direção à fase adulta, ou seja, o indivíduo está em pleno processo de construção e fortalecimento de uma série de caracteres que virão a tornar-se os nós da personalidade, como coloca Leontiev (1974/2021). Além disso, as funções psicológicas superiores estão em salto de desenvolvimento, formando no indivíduo noções, concepções, princípios e modos de ver e conduzir a vida que o acompanharão por muito tempo.

Como apontado no Capítulo 2, os motivos de uma pessoa estão organizados sob uma hierarquia, em que aqueles que geram sentido pessoal têm maior potência em movimentar a atividade em relação aos motivos-estímulo, que, apesar de também serem capazes de impulsionar a ação, são mais facilmente enfraquecidos ou modificados. Os motivos principais, geradores de sentido, também são sensíveis às alterações da realidade e, quando

²⁷ Sabe-se que, dadas as condições, o psiquismo continua em aprimoramento durante toda a vida de uma pessoa, contudo, na idade adulta essas transformações não são tão amplas e variadas como as que ocorrem até o período da adolescência.

são afetados negativamente, há maior impacto e podem, mais facilmente, provocar sofrimento, pois afetam aspectos caros ao indivíduo, justamente por gerarem sentido, quando deixam de existir, não se realizam ou são desviados de alguma forma, o indivíduo perde tal sentido, abre-se espaço para um sentimento de vazio ou a desorientação. Em outras palavras, essa falta será experienciada forma bastante intensa.

Entretanto, há que se considerar ainda o contexto mencionado na seção anterior, isto é, os adolescentes estão se desenvolvendo em um meio em que as atividades são fundamentalmente alienadas, escassas em formar motivos geradores de sentido, pois são, em geral, atividades estreitadas, rígidas. Ou seja, se vivenciamos um contexto que dificulta a formação de motivos geradores de sentido, quando eles são frustrados, nem sempre novos motivos dessa natureza estão disponíveis a ponto de impulsionarem uma atividade. Tal questão torna-se ainda mais grave quando são consideradas as diferenças de classes sociais, pois, em uma sociedade estratificada, as pessoas “pertencentes” às classes menos favorecidas têm suas possibilidades ainda mais limitadas e diminuídas. Portanto, pode-se considerar que, da forma como a sociedade e as relações se estabelecem atualmente, há limitações objetivas e subjetivas na formação de motivos geradores de sentido.

Almeida (2018) explica que as relações sociais alienadas modificam a personalidade, pois alteram o papel dos motivos como tendências afetivo-volitivas da atividade. No entanto, sofrimento psíquico não é sinônimo de alienação, não se trata de uma relação direta, visto que, na sociedade capitalista, todos estão submetidos a um nível de alienação, mas nem todos estão em sofrimento. A autora entende que, na depressão propriamente dita, ocorre alteração no processo de mediação e hierarquia dos motivos, isto é, motivos geradores de sentido deixam de comandar as atividades. Em outras palavras, o indivíduo deixa de realizar uma atividade porque ela simplesmente lhe gera prazer, bem-estar, emoções positivas e sensação de satisfação, para realizá-la por motivos-estímulo que, em última instância, também alteram a relação do indivíduo com determinada atividade, por exemplo, um adolescente que outrora gostava de estudar, de aprender, de adquirir novos conhecimentos, agora estuda apenas para ser aprovado e não receber castigo dos pais.

No primeiro caso, a atividade de estudo por si só lhe traria bons afetos e satisfação, o adolescente estudaria “porque gosta” e, mais, porque isso lhe promove desenvolvimento, e não precisaria de outros motivos para fazê-lo; estes, ainda que houvesse, seriam secundários, ou seja, passar na matéria, receber uma boa nota ou não ser castigado pelos pais seriam um bônus, mas não os principais motivos. Ao passo que, se o adolescente perde seu motivo gerador de sentido e a atividade de estudo passa a ser determinada apenas por motivos-

estímulo, o indivíduo pode realizá-la tão bem como no primeiro caso, contudo, fazê-lo não irá lhe gerar satisfação. A atividade torna-se vazia, à medida que a satisfação só chega com a “recompensa” final: ser aprovado e não receber uma bronca. Nesse cenário, o adolescente estuda sem satisfação um trimestre/semestre inteiro, para sentir-se bem apenas no final da jornada.

Esse exemplo pode ser reproduzido em todas as instâncias da vida do indivíduo, ou seja, quais são as atividades que ele realiza que efetivamente lhe proporcionam desenvolvimento e bem-estar por si só e quais são realizadas para que a satisfação venha por outras vias, que não o exercício da atividade em si? Quanto mais motivos geradores de sentido, maiores as chances de uma satisfação real, constante. Contudo, nem sempre essa dinâmica está clara para os indivíduos. De acordo com Leontiev (1974/2021), e retomado por Almeida (2018), os motivos são fenômenos secundários, muitas vezes os indivíduos tomam consciência dos anseios, desejos, tendências e ações, mas não dos motivos. Para reconhecer os motivos, é necessário tomar o caminho “de volta”, baseando-se nas marcas emocionais dos acontecimentos. Ademais, quando as hierarquias dos motivos estão desunidas ou desorganizadas, proporcionam vivências fragmentadas, guiadas, majoritariamente, pelos motivos-estímulos e de maneira que os motivos geradores de sentido perdem sua potência propulsora de movimento. Nessa mesma direção, Martins (2007) explica:

A compreensão de si ou o “re-conhecimento” permanente que o processo de personalização demanda exige o confronto mediado pela consciência entre atividades e motivos, sem o qual se torna impossível a organização da atividade em torno de motivos vitais ou tendo em vista o atendimento de motivos geradores de sentido para a vida. Assim sendo, a desarticulação entre atividades e motivos, ou a inexistência desta unidade na personalidade, cria as condições internas para que o homem viva fragmentariamente, em consonância com motivos-estímulos em detrimento dos motivos vitais (Martins, 2007, p. 122).

Portanto, para compreender por que alguns indivíduos deprimem e outros não, visto que toda a humanidade está inserida na mesma trama social e acometida pela degradação do psiquismo causada pela alienação e pelas imposições sociais, há que se considerar a hierarquia dos motivos, a forma como tais motivos são afetados pelas experiências e vivências impostas ao indivíduo, bem como às possibilidades gerais para se criarem novos motivos.

No caso da depressão, o motivo vai perdendo sua função estimuladora, passando a uma função apenas sinalizadora, isto é, não são eficazes a ponto de impulsionar a atividade (ou grande parte das atividades da pessoa). Isso irá refletir em

uma diminuição da energia (do estado de ânimo), o que decorre em uma diminuição no nível de atividade em geral. Ou seja, há uma negação desse motivo extrínseco, gerador de sofrimento, mas sem o advento de outro motivo que incite a atividade, levando a uma inação (Almeida, 2018, p. 349).

Outro aspecto que sofre alterações a partir de um quadro de sofrimento psíquico como a depressão é a formação dos sentidos pessoais. Nessas situações, os sentidos pessoais vão esmaecendo, tornando-se tênues a ponto de não serem efetivos ou, ainda, de não serem reconhecidos pelo indivíduo. Vale ressaltar que isso não está relacionado a uma determinação pessoal do sujeito, força de vontade ou ainda esforço pessoal, como querem os princípios da meritocracia difundidos pelo capitalismo, mas trata-se, principalmente, da relação entre a singularidade do homem e a particularidade de uma sociedade que não oferece recursos para o desenvolvimento humano como totalidade. Almeida (2018) afirma:

Assim, uma sociedade que não oferece projetos de futuro que contemplem possibilidades de desenvolvimento integral e realização pessoais e coletivas para a imensa maioria das pessoas, mas apenas a uma pequena parcela que constitui a classe dominante e reduzidos extratos da classe trabalhadora, não apenas estreita os motivos como também limita a formação dos sentidos. No limite, a destituição de sentido dos motivos da atividade leva à perda de sentido da vida, levando ao desejo de morrer ou ao planejamento da própria morte. Isso se torna especialmente evidente nos índices de suicídio em geral, mas mais especificamente entre jovens, que teriam ainda longa expectativa de vida, frustrada a tal ponto que não conseguem vislumbrar possibilidades para além da morte de si (pp. 355-356).

Daí decorre uma série de consequências ao psiquismo humano, como a alteração do autocontrole da conduta, gerada, em sua maioria, pela falta de sentido sobre o comportamento e que se manifesta em processos como o raciocínio, a percepção, a avaliação equivocada da própria personalidade e falta de crítica sobre suas vivências psicopatológicas. Conforme a autora, a conduta não é incitada por motivos exteriores, mas autodeterminada e o autodomínio requer que o indivíduo conheça suas próprias necessidades e motivações para escolher conforme as possibilidades reais. Assim, acontece a regressão no autodomínio da conduta sobre a vida afetiva, tornando-a mais impulsiva, especialmente nos momentos críticos em que o quadro se torna mais agudo.

Também é necessário considerar que, na adolescência, o psiquismo está se requalificando, ou seja, suas funções estão ganhando mais estrutura; está se consolidando a autoconsciência e o pensamento por conceitos. Ocorre que, se nessa fase, o adolescente é

acometido pela depressão, vivenciando a queda das funções, isso leva o indivíduo a diminuir sua atividade na realidade. É notório que, diminuindo sua atuação no mundo, menores são as chances de que seja colocado em situações que proporcionem e exijam desenvolvimento. Ou seja, deprimido, o adolescente, diminui suas ações e, com isso, diminuem também suas chances de desenvolvimento, perde-se parte daquilo que já está adquirido, mas também se limitam as possibilidades de evolução, o adolescente deprimido “perde” duas vezes.

Nesse sentido, quanto mais longo for o episódio depressivo, maiores as consequências negativas ao desenvolvimento do adolescente, dialeticamente, aumentando suas chances de permanecer no quadro de sofrimento. Por tal motivo, foi argumentado anteriormente, acerca da necessidade de que pais, professores, profissionais de saúde e outros cuidadores considerem os primeiros sinais do deprimir do adolescente, visto que, quanto antes tal situação for trabalhada e – na medida do possível – superada, menores ou mais brandas as consequências ao desenvolvimento a longo prazo.

Também se verificam alterações na autoavaliação que, a partir da autoconsciência, é instituída por meio da avaliação social externa e da comparação que o sujeito faz de si em relação ao meio social. Nesse cenário em que o outro torna-se uma ameaça, as avaliações sociais são, com frequência, negativas. A depreciação, o bullying, o julgamento do outro a partir de uma régua moral que não lhe diz respeito, geram um contexto em que o âmbito social tende a destacar muito mais os defeitos e as falhas do que as qualidades e possibilidades. É nesse palco que se constitui a autoavaliação, desprovida de sentidos próprios e pautada nas avaliações sociais enviesadas. Em resumo, a configuração social é hostil ao homem em todos os sentidos, pois, se por um lado, promove disputas em nome de um “desenvolvimento” competitivo, por outro, não facilita meios, instrumentos e mediações para que de fato haja esse desenvolvimento. Ou melhor, para que haja desenvolvimento real, unilateral, pois o desenvolvimento proposto pelo capitalismo é sempre orientado às necessidades do mercado que são diretamente opostas às necessidades humanas.

Conforme Souza e Silva (2018), no contexto de uma sociedade voltada para o consumo, é forjada uma cultura da adolescência em que o modelo ideal de vida passa a ser cada vez mais dotado de significados de liberdade, autonomia e outras características que estariam expressas na categoria social da adolescência. Ao mesmo tempo, essa cultura é a mesma que impõe os limites de atuação efetiva dos sujeitos nos diversos espaços de participação na sociedade. Deste modo, a vida social é vivenciada por eles de maneira ambígua: ao mesmo tempo em que possuem maiores condições de se integrarem a ela – pela

consolidação do pensamento em conceitos –, são direcionados a um modelo de consumo massificado, que não leva em conta as necessidades culturais da experiência.

As consequências da consolidação desse ideal de adolescência apresentam-se nas exigências impostas aos adolescentes para sua adequação às mudanças da sociedade atual. Abre-se margem à profunda contradição na experiência subjetiva, trazendo peculiaridades ao seu processo de construção identitária e contribuindo para a crise sociocultural. O adolescente pobre, por exemplo, lida cotidianamente com uma síntese hegemônica que apregoa (e manipula) os ideais de autonomia, liberdade e vigor, mas vê nas suas condições objetivas de vida limitações e impossibilidades (Souza & Silva, 2018). Essa construção sociocultural influencia não apenas a forma de ser do homem, mas também a maneira de compreender a realidade, de posicionar-se e atuar frente os fenômenos e acontecimentos da vida.

Em suma, o que se observa é um contexto que contraria, em grande parte, as proposições da Psicologia Histórico-Cultural sobre o que é necessário para o desenvolvimento multilateral dos adolescentes. Mais que isso, nesse cenário, a falta de referências e de estrutura gera sensação de desamparo, solidão, medo e tristeza, no limite, o que se chama de depressão. O adolescente vivencia a realidade de forma alienada, sem consciência sobre ela, orientado, em geral, por uma ideologia, isto é, o contexto é carente de mediações de qualidade, vazio, característica que reflete diretamente na forma como o psiquismo do adolescente se organiza.

Se a adolescência é um momento do desenvolvimento humano em que ocorre a requalificação do psiquismo em direção à personalidade adulta e, considerando a premissa da PHC de que o desenvolvimento ocorre a partir da atividade que o indivíduo desempenha no meio, para compreender as nuances do desenvolvimento é necessário atentar para o contexto e a forma como a relação está ocorrendo. Este estudo afirmou, algumas vezes, que a sociedade, tal como está organizada, tem um alto potencial adoecedor, não apenas para os adultos, mas também para os adolescentes e crianças que, em sua maioria, não lidam diretamente com questões como atividade profissional, carga de trabalho, aspectos financeiros, mas são significativamente por eles afetados.

Tendo em vista a discussão que se desenvolve até aqui, explicita-se que, a partir da PHC, a depressão crescente nos adolescentes é produto de uma série de características da realidade, todas permeadas por instabilidade, individualismo, sensação de disputa constante. Características que vão na contramão daquilo que é necessário para o advento de motivos geradores de sentido e que são delineadas pensando o modo de produção e consumo, ou, em última instância, o lucro, contudo, foram absorvidas pelo ser humano e incorporadas à

subjetividade, gerando uma sensação de desamparo e ameaça. Quando se trata de adolescentes, por ser este um período em que, por definição, vivencia-se uma série de transformações e, mais uma vez, instabilidade, a soma desses fatores torna a fase mais propensa ao deprimir. Ademais, o adolescente não possui ampla gama de recursos psíquicos estruturados para enfrentar as condições que a realidade lhe apresenta e, diante da falta de amparo e de mediações que lhe ofereçam condições para desenvolver tais recursos, deprime.

Cabe ainda responder objetivamente a uma questão deixada em aberto acerca da natureza da depressão, isto é, considerando as proposições acerca de que a realidade oferece um contexto adoecedor, o seu conjunto de sintomas e condições, a depressão deve, de fato, ser considerada um transtorno? O posicionamento assumido neste estudo acerca da natureza social da depressão já está bastante claro, contudo, vale elucidar que, ao questionar as concepções individualizantes, isto é, aquelas que remetem a origem da depressão unicamente ao indivíduo e sua história de vida, não se tem como intuito, de forma alguma, invalidar o sofrimento individual. Em outras palavras, ainda que os determinantes da depressão sejam, em sua grande maioria, sociais, o sofrimento é sentido pelo sujeito particular, concreto. Compreender a natureza e conceituar adequadamente essa condição é um passo importante na direção de superá-la ou, minimamente, lidar com ela de maneira mais eficiente.

Segundo a OPAS/OMS (2025), transtornos mentais geralmente são caracterizados por uma combinação de pensamentos, percepções, emoções e comportamento anormais, que também podem afetar as relações com outras pessoas. É possível concordar que a depressão assume tais características, contudo, a problemática está na forma como comumente os transtornos são compreendidos, isto é, a partir da lógica psiquiátrica. Nessa lógica, ao dizer que um indivíduo possui um transtorno, relega-se a ele o problema, como se fosse algo que emergisse do sujeito, logo, também se procura nele a solução, em geral, por meio da medicação ou, ainda, cobra-se dele uma postura mais “positiva”, afinal, quem nunca ouviu alguém dizer que o deprimido precisa “se ajudar”?

Nesse sentido, o termo “transtorno” não reflete adequadamente a concepção da PHC acerca da depressão. Ao entender a depressão como decorrente de conflitos com a realidade, na qual há dificuldades em ter vivências prazerosas, devido à ausência ou a diminuição de motivos incitadores da atividade, neste estudo, concorda-se com Almeida (2018), ao explicitar que *sofrimento psíquico* é o termo mais adequado para se referir ao que tradicionalmente se chama de transtorno. Explica a autora:

Assume-se com isso que o sofrimento psíquico é um processo produzido na dinâmica da vida de uma pessoa – que vive num dado lugar, com certas relações

interpessoais, que tem determinada atividade e rotina cotidiana, com certas necessidades, interesses e problemas – e que produz obstruções nos seus "modos de andar a vida" (p. 58).

No entanto, ao utilizar tal termo, alerta a autora, é necessário considerar que o “sofrimento psíquico” não se iguala ao uso habitual do termo sofrimento, que se refere à diversas formas de angústia e/ou desconforto. Entretanto, nesse contexto, sofrimento psíquico refere-se às condições que embaraçam e/ou paralisam o decorrer da vida do indivíduo (Almeida, 2018).

5. O SENTIR EXPRESSO EM PALAVRAS: A FALA DOS ADOLESCENTES EM PERSPECTIVA

Até o presente momento, foi apresentada a teoria, discussões e análises necessárias para contextualizar o fenômeno, incluindo as bases teóricas fundamentais de Vygotski, Zeigarnik, Leontiev e outros autores clássicos da PHC, bem como discussões realizadas por continuadores e pesquisadores atuais que buscam objetivos semelhantes. Agora, o objetivo é retornar à realidade concreta, ao concreto pensado, como propõem Martins e Lavoura (2018), analisando a realidade a partir da teoria proposta, ou seja, retornar aos adolescentes que vivenciam essa forma de sofrimento psíquico, buscando contextualizar suas falas, relacionando-a aos conteúdos teóricos, com o objetivo de elaborar uma síntese que possa contribuir com a área de psicologia e educação para a compreensão da adolescência e do sofrimento psíquico de adolescentes de maneira a encontrar maneiras de propiciar o desenvolvimento dos adolescentes e o enfrentamento do sofrimento.

5.1 Método de análise e o percurso metodológico

A tarefa de apresentar e discutir um fenômeno humano, seja ele qual for, com ética e coerência, não é das mais fáceis, porque, como foi afirmado em todo o trajeto teórico, o ser humano, além de múltiplo e complexo, é também mutável. Basta atentar para a história de qualquer fenômeno humano para perceber que ele vai se modificando ao longo do tempo, de acordo com as interações e suas próprias consequências. Por esse motivo, defende-se que os fenômenos humanos estão em constante transformação dialética, isto é, configuram-se a partir das determinações do tempo histórico e da cultura, de modo que, alterando o contexto, em geral, também se altera o fenômeno. Assim, um mesmo fenômeno pode e deve ser abordado e analisado diversas vezes ao longo do tempo, pois, certamente, serão encontradas novas características, nuances e questões a serem discutidas.

O objetivo, com esta pesquisa de campo, é observar empiricamente os aspectos que atravessam e compõem a vida de um adolescente e que contribuem para essa forma de sofrimento, isto é, olhar para a depressão a partir dos aspectos sociais que lhe definem. Para tanto, juntamente com as discussões teóricas, buscou-se apresentar, neste estudo, a fala dos adolescentes, com o intuito de obter dados acerca do fenômeno abordado, partindo da concepção daqueles que, em última instância, compõem o cenário sobre o qual se mantém o foco.

Explicitando o método de pesquisa marxista, Martins e Lavoura (2018) pontuam que os fenômenos da realidade possuem existência objetiva e que “Apreender um fenômeno como síntese de múltiplas determinações significa, em última instância, apreendê-lo no complexo de relações que comportam sua existência objetiva.” (p. 226). Para esses autores, a atividade científica reproduz o movimento da realidade e deve analisá-la em suas múltiplas determinações. No entanto, a análise não se encerra em si mesma, mas é necessário que retorne ao concreto pensado. Explicam:

Ascender do abstrato ao concreto significa, para o materialismo histórico-dialético, captar o conjunto dos nexos e relações dos diferentes elementos que constituem a totalidade de um objeto ou fenômeno. Vale dizer, apreender as relações entre as diferentes determinações mais simples as quais se constituem como unidade mínima de análise e que possibilitam explicar a coisa investigada na sua totalidade, num movimento lógico dialético que vai do todo às partes e das partes ao todo constantemente (Martins & Lavoura, 2018, p. 227).

Desta maneira, é possível apreender um fenômeno enquanto movimento e não apenas de maneira estática, tal qual um quadro que captura apenas um fragmento da realidade que, no instante seguinte já não lhe corresponde mais. Saviani (2013) também esclarece que a construção do pensamento se inicia a partir do empírico, passa pelo abstrato e chega ao concreto, de modo que o abstrato é mediador da passagem do empírico ao concreto:

Diferentemente, pois, da crença que caracteriza o empirismo, o positivismo etc. (que confundem o concreto com o empírico) o concreto não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada do conhecimento. E, no entanto, o concreto é também o ponto de partida. Como entender isso? Pode-se dizer que o concreto – ponto de partida é o concreto real e o concreto – ponto de chegada é o concreto pensado, ou seja, a apropriação pelo pensamento do real concreto (p. 04).

Retornar ao fenômeno concreto, analisando-o à luz das proposições teóricas auxilia na captura de sua totalidade, apreendendo as relações dinâmicas e processuais com o objetivo de chegar aos traços essenciais do fenômeno e suas determinações. Tendo isso em vista e considerando as implicações de uma pesquisa de campo, o projeto de pesquisa foi elaborado e submetido à apreciação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP-UEM), aprovado sob o CAAE nº 68190423.8.0000.0104. Após sua aprovação, foram iniciadas as ações práticas da pesquisa, como a busca ativa dos participantes, realizada a partir de minha prática profissional. Foram contatados adolescentes que participaram de grupos, foram alunos ou que buscaram por informações acerca da psicoterapia e o que todos

tinham em comum era a percepção de que vivenciavam um quadro sintomático que poderia se caracterizar como depressão (ainda que não houvesse diagnóstico formal). Ressalta-se que, ainda que houvesse vínculo anterior, nenhum deles era paciente psicoterápico, esses não foram considerados como participantes devido à relação psicoterapeuta-paciente ser bastante específica, podendo prejudicar informações e análises.

O primeiro contato ocorreu diretamente com os adolescentes, individualmente, quando a pesquisa foi apresentada e foi explicado seu conteúdo e formato, ou seja, desde as motivações para a pesquisa, o que se desejaria obter a partir dela, até a forma como ocorreria, o local, o que era esperado de cada participante, o anonimato e a possibilidade de que cada um desistisse do processo a qualquer momento. Para aqueles que demonstraram interesse em participar, o segundo passo foi o contato com os pais ou responsáveis, e a mesma explicação foi oferecida a eles. A partir do aceite formal dos responsáveis por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram marcadas as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas individualmente, na modalidade recorrente, isto é, após a primeira entrevista, eventualmente, os participantes foram chamados para novas conversas, a fim de aprofundar algumas discussões. As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas no espaço clínico em que atuo. Os participantes assinaram o Termo de Assentimento, complementar ao TCLE assinado pelos responsáveis. Foi elaborado um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas para que os participantes pudessem se expressar da forma que se sentissem confortáveis. As respostas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. A partir da transcrição, buscou-se, nas falas, eixos de análise, que serão apresentados adiante.

5.2 Apresentando o contexto concreto

O objetivo deste item é apresentar, de maneira geral, o contexto que permeia a vida dos entrevistados, isto é, apontar as atividades, os recursos e mediações existentes como possibilidades para eles. Ainda que cada adolescente possua seu próprio meio social, sua família com costumes e hábitos, seu círculo religioso, amigos específicos e outras atividades, é importante delimitar o contexto geral, uma vez que ele oferece uma série de fatores que compõem as análises posteriores.

Cada população e território possui particularidades no seu atendimento que contribuem para o estabelecimento da saúde ou da doença, a partir dessas características diferentes tipos de intervenções podem ser planejadas para atender crianças e adolescentes, que vão desde a oferta de elementos básicos como saúde e alimentação, até a qualidade dos

ambientes de esporte, lazer e recreação, por exemplo. Ou seja, há territórios em que as crianças, adolescentes e jovens não conseguem acessar seus direitos básicos, ou os têm de modo muito precário, e há territórios que, para além dos direitos básicos, oferecem uma série de possibilidades atividades, interação, etc., em geral, tais diferenças são determinadas por questões políticas em suas diversas instâncias (municipais, estaduais e federais).

O município em que a pesquisa foi realizada localiza-se na região centro-ocidental paranaense, possui aproximadamente onze mil habitantes (IBGE, 2022), configurando-se como uma cidade de pequeno porte e, como é característico, oferta apenas serviços com menor grau de complexidade, principalmente no âmbito de educação e de saúde. Em termos de educação, possui quatro Centros Municipais de Educação Infantil, sendo duas instituições para a primeira etapa de escolarização, isto é, direcionadas a crianças de seis meses a três anos, conhecidos popularmente como creches, e duas instituições direcionadas à segunda etapa da escolarização infantil, isto é, para crianças entre quatro e cinco anos de idade; quatro escolas municipais de Ensino Fundamental I, que abrangem do primeiro ao quinto ano, sendo uma delas rural e outra da rede privada; três colégios estaduais de Ensino Fundamental II, isto é, do sexto ao nono ano, e Ensino Médio, sendo um deles um colégio do campo, com ensino em período integral. Um desses colégios estaduais também oferta ensino técnico em áreas como administração e informática.

Não existe, no município, colégios do Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio da rede privada, cursinhos preparatórios pré-vestibulares, bem como também não existem faculdades presenciais. Os adolescentes e jovens que ingressam no Ensino Superior têm como possibilidades o ensino à distância ou deslocamento diário por cerca de cem quilômetros até os centros universitários mais próximos, com jornadas diárias de até quatro horas de viagem. Também é muito comum que adolescentes e jovens deixem o município definitivamente, mudando-se com o objetivo de cursar a faculdade. Ademais, com exceção do ensino técnico oferecido por um dos colégios estaduais, também não há, no município, formas permanentes de cursos ou outras formações profissionalizantes. Em linhas gerais, é possível avaliar que não há muitas possibilidades em termos educacionais aos adolescentes, o município oferece a formação básica, ao passo que outros recursos, que incluem desde curso de línguas, cursos pré-vestibulares ou outras formações, precisam ser buscados fora da cidade em questão.

Outro aspecto importante a ser mencionado refere-se às opções de lazer. Conforme o site oficial do município, há oferta de opções de esportes tais como vôlei, futebol de campo e futsal. Há também um serviço de convivência que oferta atividades como esporte, dança, contação de histórias e outras formas de recreação em contraturno escolar, contudo, o serviço

é direcionado apenas às crianças e adolescentes provenientes de famílias socialmente vulneráveis. Nesse sentido, é possível mencionar que o município ainda não possui uma grande diversidade de iniciativas públicas voltadas ao público infanto-juvenil, também ainda não foi implementada a Lei nº 13.935/2019 que garante psicólogos e assistentes sociais nas escolas.

No que se refere à saúde, o acesso a tratamento em saúde mental restringe-se ao âmbito clínico, com exceções provenientes de ações voluntárias e pontuais. Também não existem, conforme levantado nos serviços municipais, ações contínuas em relação às informações acerca de desenvolvimento e saúde sexual, planejamento familiar, prevenção ao uso de drogas e álcool etc. Em resumo, as iniciativas destinadas aos adolescentes são, em geral, de ordem básica ou pontuais, de modo que quaisquer serviços em saúde que requeiram maior especialização e/ou complexidade, assim como no âmbito da educação, precisam ser buscados em centros maiores.

Nesse sentido, os acessos são limitados, sobretudo, em relação às opções de educação, lazer e cultura, que promovem as mediações mais direcionadas ao desenvolvimento dos aspectos sociais e psicológicos dos adolescentes. Não há cinema, teatro ou outras iniciativas culturais voltadas especificamente ao público infanto-juvenil, de maneira que as opções de acesso à conteúdo desta natureza são, majoritariamente, procuradas nas redes sociais.

5.3 Caracterizando os participantes

Para representar a realidade sobre a qual este estudo se debruça, será apresentado, neste item, a fala de sete adolescentes entre 14 e 18 anos que experimentam sintomas que remetem à depressão. Inicialmente, a triagem foi feita a partir da idade definida de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que conceitua a adolescência como o período entre 12 e 18 anos de idade, contudo, não foram encontrados adolescentes entre 12 e 13 anos que aceitassem participar do estudo.

Não foi exigido o diagnóstico formal como condição para a participação na pesquisa, tal decisão foi tomada, primeiramente, porque considerou-se que a autenticidade do sofrimento não está determinada pela existência de um papel timbrado constando um código da CID. Como já mencionado, muitos indivíduos, por diversos motivos, não têm acesso ao processo necessário à obtenção de diagnóstico e tratamento; em segundo, quando se familiariza com a temática da saúde mental, é notável que, até que se chegue a um diagnóstico de fato, o indivíduo já percorreu longa trajetória de sofrimento psíquico; em terceira observação, diagnósticos nem sempre correspondem à realidade dos sentimentos, justamente

por serem processos complexos, que exigem – ou deveriam exigir – uma investigação aprofundada. Dessa maneira, foi utilizado como parâmetro a descrição dos adolescentes acerca de seus sentimentos e pensamentos, bem como uma avaliação acerca do tempo que afirmavam sentir-se dessa forma e da maneira como atuam na realidade, ou seja, se tais afetos provocavam mudanças nos comportamentos e ações do adolescente na realidade, elementos que foram levantados a partir do contato *à priori*.

A princípio, foram selecionados seis participantes, no entanto, ao longo das entrevistas, um deles apresentou fala bastante vaga, com pouco ou nenhum dado expresso verbalmente. Em uma primeira avaliação, a participação desse adolescente foi desconsiderada e outro foi entrevistado com o objetivo de se caracterizar como o sexto participante. Contudo, em uma avaliação mais minuciosa, observou-se que, ainda que houvesse pouca expressão verbal, havia outras formas de expressão do adolescente, de modo que foi incluído como um sétimo participante. As entrevistas ocorreram de acordo com as possibilidades dos entrevistados e, por se tratar de assunto que poderia evocar uma série de emoções, respeitou-se severamente o ritmo e a vontade do adolescente em falar e expor suas informações. De maneira geral, não houve intercorrências em relação às entrevistas e aos entrevistados.

Passar-se-á, então, à explanação das principais características dos participantes, visando apresentar o contexto social e cultural dos entrevistados, evidenciando as particularidades que, posteriormente, irão compor as análises qualitativas.

5.3.1 Ana

Ana²⁸ tem 18 anos, gênero feminino, define-se como heterossexual, estudante universitária. Possui diagnóstico formal de depressão e ansiedade generalizada, faz acompanhamento psiquiátrico e uso de medicamento psicotrópico há cerca de cinco anos, já iniciou e interrompeu diversos processos psicoterapêuticos, sendo que, atualmente, encontra-se em psicoterapia. Relata sensação de vazio, labilidade emocional, crises de choro sem motivo aparente, culpabilização, dores físicas, ansiedade etc. Nas fases em que esse quadro se intensifica, apresenta hipersonia, dormindo entre 16 e 20 horas por dia, chegando, em algumas situações, a dormir por 24 horas seguidas.

Sobre o histórico dos sintomas, conta que nunca foi o que chamou de “uma criança comum” (sic), desde pequena sentia-se isolada, sofria bullying por ser muito quieta, não mantinha amizades por muito tempo, a interação com crianças da mesma idade se restringia a

²⁸ Os nomes desta e dos demais participantes são fictícios.

momentos em que, na escola, era obrigada a fazer trabalhos ou outras atividades em grupo. Ela acredita que, nessa época, já tinha o que define como “traços depressivos”, mas que não eram intensos, tampouco notados pelo contexto social e familiar. Os sintomas intensificaram-se por volta dos onze anos de idade, ocasião da separação dos pais, quando o pai saiu de casa, e diminuiu significativamente o contato com ela e a irmã mais nova. Nessa época, a mãe começou a trabalhar e estudar, passando a maior parte do tempo fora de casa e ela, que era nove anos mais velha, passou a ter responsabilidades sobre a irmã mais nova. Diz ela:

Aos 11 anos, meus pais se separaram, aí aumentou a responsabilidade, minha mãe estudava e trabalhava, ela tinha um, ela fazia um curso na época do colé ... na época do trabalho dela. E eu tinha uma irmã mais nova, né? De dois anos, então nós duas ficávamos muito juntas, daí vem a responsabilidade de uma irmã nove anos mais velha. É ... uma revolta em relação ao divórcio dos pais e um senso de proteção muito grande com a minha mãe e a minha irmã, e eu pegava tudo pra mim, era aquela coisa de abraçar o mundo, quando eu não conseguia abraçar a mim mesma (Ana).

Segundo a participante, foram esses dois fatos, a separação dos pais e ter que se responsabilizar pela irmã mais nova em grande parte do tempo, que mudaram, significativamente, sua vida, pois ela passou nove anos sendo filha única e superprotegida, conforme avalia e, dentro de pouco tempo, ganhou uma nova irmã, que lhe tirou parte do espaço e da atenção e, em seguida, os pais separaram-se e ela perdeu completamente a atenção do pai, que se distanciou da família. Ao mesmo tempo, a mãe, ocupada por suas atribuições, também deixou de ser presente como era antes e ela passou a ser responsável por uma criança²⁹. Diz ela:

Eu nem sabia se eu queria uma irmã, aí de repente eu tava quase sendo a mãe (risos). Eu não queria ... eu queria continuar sendo mimada. Mas não teve outro jeito, pelo menos a gente se dava bem, ela (irmã) tinha medo de mim, medo não, ela me respeitava eu acho, daí era mais fácil cuidar dela (Ana).

Outra questão citada como impactante foi o distanciamento do pai. Ana relata que, até a ocasião da separação entre os genitores, era muito apegada a ele. Acredita que ela e o pai eram muito parecidos em termos de personalidade e que, por isso, davam-se muito bem. No

²⁹ As informações foram apresentadas conforme os entrevistados relataram, em nível de vivência. Nesta subseção, não foram feitas análises psicológicas ou inferências pela pesquisadora. As conexões entre os fatos, as relações de causa e efeito foram feitas pelos adolescentes.

entanto, conforme ele se distanciou, ausentou-se de seu cotidiano, ela se sentiu rejeitada, o que lhe causou grande ira e a intensificação do que entende que foram os primeiros sintomas da depressão:

Mas é isso, acho que o início da depressão é isso, o divórcio me deixou mais agressiva, tanto que eu comecei com o boxe, eu tinha um ódio muito grande pelo (nome do pai) e... com o tempo assim, foi algo que eu não consegui mais me livrar, hoje eu me expresso assim, um pouquinho melhor, mas eu ainda guardo muita coisa pra mim. Eu não entendia por que ... porque ele ... como se a gente tivesse feito alguma coisa errada, como se não fosse suficiente o que ele tinha ali. Até hoje eu não entendo, mas não ligo mais (Ana).

Ana avalia que esse ódio vinha do fato de não entender por que o pai se distanciou. Na época, sentia-se culpada por não conseguir mantê-lo por perto, entendia que ele havia ido embora por sua causa, porque ela era uma “criança difícil” (sic). Atualmente, diz que não se sente mais culpada, pois entende que os casais se separam e que a culpa não é dos filhos. Mas oscila sobre seus sentimentos em relação ao pai, pois ora diz que não sente “mais nada por ele” (sic) e que ele é indiferente para ela, ora relata grande ódio.

Por volta dos treze anos, começou a ter sintomas físicos que incluíam tonturas, náuseas e muitas dores pelo corpo, quadro que era constantemente investigado por meio de consultas e exames, incluindo períodos longos de internações hospitalares. Contudo, não foi encontrada uma causa biológica para as dores que sentia:

Eu passei três anos entrando e saindo de hospital com dores físicas que não existiam e com um desânimo que nenhum remédio curava. Então assim, é ... quando os sintomas ficaram muito ... quando eu basicamente cheguei no fundo do poço, que eu falei “é né? Preciso de ajuda”. Aí eu convenci a minha mãe a ir pra psicóloga, na verdade, ela me levou pra psicóloga, eu convenci ela com a psiquiatra, porque ela é contra remédio psiquiátrico, por trabalhar nesse ramo assim e por ver muitos pacientes viciados em medicamentos (Ana).

Até os dias de hoje, ela relata as dores físicas, sobretudo, em situações de desconforto, como, por exemplo, quando está em locais com muitas pessoas ou pessoas desconhecidas. Em algumas situações, apenas a intenção de sair de casa já é suficiente para sentir dor física, na maioria das vezes, nas costas. Conta de episódios em que as amigas a chamam para jantar fora ou ir em algum evento social da faculdade, ela se sente constrangida em recusar muitos

convites e, por medo de perder as poucas amigas que possui, aceita, mas, com muita frequência, horas antes do evento, começa a sentir tais dores e, ao cancelar sua ida ao evento, as dores desaparecem pouco tempo depois. Na ocasião da entrevista, residia sozinha, cursando ensino superior em uma cidade distante do seu município de origem e, dessa maneira, vivencia uma situação de isolamento social, saindo de casa apenas quando extremamente necessário. Possui uma rede de amizade pequena, convivendo com mais frequência com três outras pessoas, também estudantes que moram próximos a ela. Nunca estabeleceu nenhum tipo de relacionamento amoroso/sexual e afirma que esse tipo de relacionamento não lhe interessa.

Outro aspecto importante a ser mencionado é a relação que estabelece com o ensino superior, mais especificamente, com o curso de medicina. Ana deseja ser médica, diz que esse é o maior sonho de sua vida, que surgiu durante o período que frequentava hospitais por conta das dores. Desde então, ainda antes do ensino médio, já se preparava para o vestibular e, por ser vista pela família como uma boa aluna, que gostava muito de ler e que se dedicava aos estudos, Ana diz que acreditava que seria facilmente aprovada em vestibulares de universidades públicas, contudo, isso não aconteceu e, ao encontrar dificuldades no processo, sentiu-se impotente, inferiorizada. Por não conseguir lidar com a frustração das não-aprovações, mudou-se para Argentina, onde encontrou mais facilidade para ingressar no curso de medicina, no entanto, apresenta baixo rendimento no processo de aprendizagem, situação que remete à depressão:

Se eu tiver com depressão ... não, a mente não voa, só paraliso, não tenho condição. Eu posso ler a mesma coisa dez vezes, depois você vai olhar pra mim e vai falar “você tava estudando?” eu não vou saber te dizer o que eu tava estudando porque eu não vou lembrar. Basicamente é uma luta constante assim, o estudo, aí vem a depressão, aí complica (Ana).

Ana não conseguiu avançar nas provas que lhe levariam para o segundo módulo da faculdade, ficando retida no primeiro semestre. Explica que, diferente do ensino no Brasil, ao não ser aprovada, ela não precisa cursar as matérias novamente, apenas deve ser aprovada na banca acerca das disciplinas que já cursou. Assim, na ocasião da entrevista, Ana estava estudando em casa, por conta própria, enquanto aguardava a data para nova tentativa de ser aprovada e avançar para o segundo módulo, equivalente ao segundo semestre. Abordar o tema da faculdade foi muito difícil para ela, que ficava visivelmente irritada, proferindo uma série de xingamentos sobre si mesma. Ana apresenta uma autoavaliação bastante baixa, diz-se

fracassada e inútil por não conseguir fazer “*a única coisa que faz da vida*” (sic). Ao mesmo tempo, diz que não concebe outra profissão para seu futuro. Conta que interrompeu um processo psicoterapêutico quando a psicóloga sugeriu que ela deveria retornar ao Brasil, ficar próxima de sua família e focar a atenção no tratamento em saúde mental, visto que sua situação no ensino superior era a principal causa de suas maiores crises. Tal ideia pareceu-lhe tão absurda e ofensiva, que ela rompeu o vínculo com a profissional. Ana sequer considera a possibilidade de desistir do curso, mas admite que se sente incapaz de ter bom rendimento no estudo, de modo que se sente paralisada. Relata ideações suicidas constantes, já tendo realizado algumas tentativas, além de frequentes atos de dor autoinflingida, geralmente por meio de socos desferidos contra paredes ou outras superfícies duras, que só são interrompidos diante de sensação intensa de dor.

De maneira geral, Ana é bastante eloquente, realiza diversas considerações acerca de sua condição de saúde mental. Busca ajuda por conta própria em termos de consultas médicas e uso de medicação, mas relata que não costuma informar à mãe sobre sua condição, diz que quer poupá-la, pois entende que a mãe precisa ocupar-se da irmã mais nova e que já faz “muito” por ela ao possibilitar, financeiramente, que estude em outro país. Ou seja, entende que, ao dividir seu sofrimento e pedir ajuda, será “*um fardo ainda maior*” (sic) para a mãe. Tal situação faz com que ela não fale de seu sofrimento para outras pessoas, vivenciando as fases mais graves da depressão sozinha.

Sobre o contexto familiar, a mãe de Ana é técnica em enfermagem, trabalha em um hospital e é apresentada pela adolescente como pessoa muito religiosa, assim como toda a família, por isso, tem resistência ao uso de medicamentos e, em algumas situações, desencoraja a filha nesse tratamento. Afirma que a adolescente deve voltar-se para a religião, pois seus sofrimentos seriam extinguidos por meio da intervenção divina. A postura da mãe, juntamente à ideia de que a adolescente já exige muito dela em termos financeiros, faz com que Ana não se sinta confortável em relatar sua condição para a genitora. Atualmente, os acompanhamentos psiquiátricos e psicológicos que realiza são gratuitos, oferecidos pela clínica-escola de sua faculdade. Como mencionado, o contato com o genitor é quase inexistente, mas Ana relata que, no início de seu quadro de sofrimento, ele também não acreditava em sua condição, afirmava ser “chantagem emocional” devido à separação. Desse modo, Ana considera que não recebe apoio afetivo familiar em relação ao seu quadro de depressão, avalia que “*é melhor assim*” (sic), pois o “apoio” viria em forma de tentativa de desqualificar o sofrimento e não de acolhê-lo.

5.3.2 Bruno

Bruno tem 14 anos de idade, gênero masculino, define-se como heterossexual, estudante do 8º ano do Ensino Fundamental. Não realiza acompanhamento psiquiátrico ou psicológico, mas já fez uso de medicamento antidepressivo e ansiolítico, em situação pontual, após uma tentativa de suicídio, suspensos posteriormente por conta própria. Reside com a mãe, um irmão mais velho que é filho do mesmo pai já falecido, o padrasto e outros três irmãos mais novos, duas meninas e um bebê, frutos de novos relacionamentos da genitora. A genitora não possui atividade remunerada, dedicando-se aos cuidados da casa e dos filhos, enquanto o padrasto realiza trabalhos informais.

Bruno explica que tem uma convivência distante com todos os membros da família, à exceção do irmão mais velho, qualificado como seu melhor amigo. Não possui proximidade com o padrasto, nem com os irmãos mais novos e, ainda que afirme que tem boa relação com a mãe, explica que não costuma passar tempo com ela, tampouco ter conversas mais longas, a interação restringe-se a perguntas e respostas muito breves, em geral, sobre o cotidiano, mas não sobre eles mesmos. O adolescente relata que passa a maior parte do tempo com o irmão no quarto que dividem, raramente permanecem em espaços comuns da casa, até mesmo as refeições são feitas separadas do restante da família, no quarto. Bruno utiliza “*a família da mãe*” (sic) para se referir ao padrasto ou aos irmãos mais novos, de modo que, conforme sua fala, ele e o irmão formam uma família à parte. Introvertido, relata não ter vida social, restringindo-se a sair de casa apenas para ir à escola, onde também não interage com colegas. O irmão estuda na mesma escola, porém, naquele ambiente, interagem pouco entre si.

Aponta que a sensação de angústia, tristeza e apatia tiveram início com o falecimento repentino do pai, vitimado por um acidente de trânsito:

Acho que faz uns 7 anos, foi em 2016 que ele morreu, no dia das mães. Me deixou triste, mas eu era criança, não sentia muito, quer dizer, eu era criança, daí não entendia muito, nem sabia o que tava aqui (coloca a mão sobre o peito) (Bruno).

O adolescente apresenta dificuldade em responder às perguntas com frases mais elaboradas e, em geral, dá respostas curtas, aparenta não ter compreendido a pergunta, que precisa ser refeita. Faz longas pausas até concluir uma resposta, tem a voz baixa e o olhar direcionado para baixo. Apesar de dizer que não gosta de falar sobre o pai, é nesse assunto que consegue desenvolver mais longamente uma resposta, quando perguntado sobre o motivo do falecimento do pai, ele explica:

De acidente, eu e meu irmão tava na casa da minha vó e aconteceu, do nada, o acidente de carro. Foi uma mulher assim que ... foi num dia de chuva. Eu não tava no dia, eu não fui com ele no dia né? Que no dia que a gente tava ... no dia que aconteceu a gente tava na casa da minha avó e ele queria que a gente fosse com ele, queria ... só que a gente não quis, deveria ter ido. Mas minha vó e meu vô não quis deixar que a gente fosse com ele. Só que foi um dia de noite, ele tava com um fusca, ele ligou pro meu vô que ... falou que o fusca tava falhando, esses negócio aí. Também ele fez um rolo no fusca, esses negócio aí, ele tinha um fiat que tava bom, mas ele fez um rolo no fusca que tava meio falhando, mais ou menos (Bruno).

Conta ainda que, após o falecimento do pai, as vidas dele e do irmão foram muito modificadas, a começar pelo padrão de vida que decaiu consideravelmente, visto que o pai era o principal responsável pela manutenção financeira da família. Outra questão destacada pelo adolescente como consequência da morte do pai foi o envolvimento da mãe com outras pessoas, visto por ele como algo negativo. Explica que ele e o irmão não aceitavam os novos companheiros da mãe e que preferiam manter o maior distanciamento possível em relação a eles, tal como fazem com o atual padrasto, demonstrando que a opinião sobre novos relacionamentos da genitora não mudou. A partir desses relacionamentos, a mãe teve os outros três filhos, aos quais Bruno não chama de irmãos e igualmente se mantém distante.

Quando perguntado se consegue conversar com a mãe sobre os seus sentimentos de angústia e tristeza, Bruno restringe-se a responder: “*É difícil, tem o menino dela, que ela teve com o outro marido, daí é difícil né?!*” (Bruno). Ou seja, em termos de rede de apoio, ele reconhece apenas o irmão, que se tornou sua maior referência e a pessoa com quem ele se sente à vontade para conversar, contudo, conforme seus relatos, essa interação não passa por formas de orientação e cuidado de um em relação ao outro, mas sobretudo, de companhia. O adolescente também cita os avós paternos como rede de apoio, contudo eles residem em outro município e por isso não mantêm contato frequente, sendo o irmão quem mais conversa com a avó por telefone.

Relata ainda que ele e o irmão desejam morar com os avós, e estão planejando essa mudança para o ano seguinte. Quando perguntado sobre o motivo pelo qual ele e o irmão desejam morar com os avós, oferece a resposta:

Mora a vó e o vô. Só que ele é meio solitário também, porque não é a mesma coisa de antes né? O filho dele morreu né ... quando eu vou lá, ele (avô) é meio triste

assim, tristão, quase não conversa com as pessoas. Conversa bem pouco também. Chorar mais ele nem chora. É meio bravo (Bruno).

No que se refere aos sentimentos, diz que sente constante tristeza e desânimo e acrescenta que “[...] de vez em quando a vida não é boa não, tem dias de tristeza. Tem dias que é ruim, tem dias que é bom. Tem dias que você tá ruim”. Ainda que consiga admitir os sentimentos atuais, tem maior dificuldade em relatar o que, possivelmente, tenha sido o período de maior agravamento de seus sintomas e que também coincide com o período em que teria realizado a tentativa de suicídio. Conta que “*as pessoas dizem*” (sic) que ele teve uma tentativa de suicídio, mas que ele não se lembra disso e que, atualmente, não tem ideias suicidas. O relato desse período também é feito com bastante dificuldade quando questionado sobre o motivo pelo qual ele iniciou o acompanhamento psicológico:

A psicóloga é porque eu tava meio ... tava meio tava meio ... esqueci, faz muito tempo já, vai fazer três anos já. (Pausa longa) Ah, falam as coisas né, esse negócio aí, que eu fazia, que eu queria ... como que fala ... que eu queria morrer, que eu tentava né? Tentava as coisa (Bruno).

Observada a dificuldade do adolescente em relatar esse período, não foram feitas novas perguntas sobre o assunto. Ainda que Bruno se refira à psicóloga, ao longo da entrevista, observa-se que a consulta foi realizada (provavelmente) com uma médica psiquiatra e o adolescente desconhece a diferença entre esses profissionais, pois, na consulta, foram-lhe receitadas medicações. No entanto, a partir da fala do adolescente, foi possível compreender que, após o fim da primeira receita, não foi dada continuidade no tratamento. Desde então, ele não possui nenhum acompanhamento em termos de saúde mental.

Bruno não expressa muitos planos para o futuro além de ir morar com os avós e trabalhar, ainda que não saiba expressar com o que gostaria de trabalhar. Não pratica nenhum tipo de esporte nem tem envolvimento com a vida comunitária, sua rotina limita-se à escola e aos jogos de vídeo game com o irmão. Apesar de inúmeras vezes ter relatado sentimentos de tristeza, desânimo e da consideração de que a vida não é boa, avalia que está bem, invalidando de seu sofrimento.

5.3.3 Clara

Clara tem 17 anos, gênero feminino, identifica-se como uma pessoa bissexual, é estudante do terceiro ano do Ensino Médio no período noturno, atividade que concilia com o

trabalho de vendedora em loja de roupas, também já trabalhou como babá. O dinheiro que ganha é usado para benefício próprio, compra roupas, itens de maquiagem, frequenta festas, bares etc., não havendo necessidade de auxiliar nos gastos da casa, por exemplo. Relata momentos de depressão em que perde o desejo manter suas atividades de trabalho e de estudo, para de cuidar da aparência o que, em geral, agrava outro quadro, a bulimia, também se acentua o consumo de bebida alcoólica e de cigarro.

Reside com a mãe e uma irmã de onze anos de idade, os genitores são separados desde que Clara tinha cerca de sete anos de idade. O genitor é alcoolista, condição que gerou muitos conflitos na família, visto que, com o uso da bebida, havia comportamentos agressivos, sobretudo, direcionados à mãe de Clara. A adolescente relata que ela e a irmã presenciavam tais momentos e que tem lembranças muito vívidas desses episódios, que incluíam violência verbal, objetos quebrados, violência psicológica e, em algumas situações, violência física. Avalia que o comportamento do pai gerava sensação de tensão constante, visto que nunca sabia como o pai chegaria em casa, se alcoolizado ou não, se estaria agressivo ou não, entre outras coisas.

Assim, a tensão transformava-se em angústia e ansiedade, principalmente no fim da tarde ou início da noite, horário que comumente ele chegaria, conforme explica. Até os dias de hoje, é nesse horário que sente maior angústia, ainda que não haja mais a presença constante do pai. Outra consequência provocada pelo alcoolismo do pai era a instabilidade financeira, pois a renda familiar era proveniente apenas do trabalho da mãe, ao passo que o genitor não conseguia manter-se em empregos e, portanto, pouco contribuía com as necessidades da família.

Clara entende que esse contexto foi um dos principais responsáveis pelo início de seu sofrimento psíquico. Além disso, ao longo da infância e adolescência, teve episódios de convulsão, não sabendo explicar se provenientes de uma condição específica ou não. Afirmar que desde pequena faz uso de medicação anticonvulsivante e que quando “descuida” dessa medicação, volta a apresentar convulsões.

Após a separação dos pais, houve um distanciamento entre ela e o genitor e, à época, ele também adoeceu, ficando com a saúde bastante debilitada. Foi nesse período que a saúde mental de Clara também piorou. Sobre o início de seu sofrimento, explica:

Acho que é porque eu fiquei muito sozinha. Fiquei meio que criando várias coisas na minha cabeça. E algum tempo atrás, meu pai quase que morreu, porque ele teve cirrose e ele ficou quatorze dias internado no hospital, bem dizer, morto. Agora

que ele melhorou, começou a trabalhar ... ainda bebe, mas começou a trabalhar, tem o carro dele, tem as coisas dele ... tá bom do jeito que tá, porque eu sei que ele não vai parar, a pessoa que é viciada, é complicado (Clara).

Com o passar do tempo, o pai reestabeleceu a saúde, ainda que não cessasse o uso de bebida alcoólica e eles voltaram a se aproximar. Atualmente, ela define tal relação como positiva, ainda que seja permeada por brigas e discussões:

E meu pai também, porque a gente briga muito, pai e filho é ... sempre briga muito né?! Daí eu e ele sempre brigamos, mas é de boa ... é que quando ele bebe ele fica todo diferente. O cigarro quando você fuma, só faz mal pra você. Mas a bebida não, a bebida muda, a bebida revela as pessoas como elas são. Meu pai é muito ignorante, daí ele bebe e fica querendo brigar por qualquer coisa, fica muito chato. Daí eu já não fico quieta ... a gente vai conversando, vai aumentando o tom de voz, isso me faz ficar bastante nervosa também (Clara).

A adolescente entende que o fato de o pai residir em outra casa, o que limita o contato entre eles, possibilitou uma evolução na relação, pois consegue distanciar-se quando necessário. Ainda que defina a relação com o pai como positiva, Clara demonstra que essa é uma das situações que lhe geram gatilhos para crises, sejam de ansiedade, de depressão ou de bulimia. A exemplo de quando perguntada se ela percebia detalhes do dia a dia que intensificavam seus sintomas, ela responde:

Hmm ... depende muito. Às vezes é do nada, eu to trabalhando e começo a passar mal. Às vezes algum gatilho. Esses dias eu tava no meu trabalho e foi um pai com a filha dele, uma menininha, e ele foi tão atencioso com ela, tratou ela tão bem, que eu comecei a meio que ter um gatilho, do que eu não tive. Passei mal, porque eu não tive isso, meu pai tava ali, mas bebia, então não era assim (Clara).

Clara faz acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Além dos sintomas característicos de depressão, a participante relata sintomas equivalentes à ansiedade e transtorno alimentar, a saber, bulimia nervosa que teve início ainda na infância. Na fala da adolescente, também surgem outros pontos importantes a serem mencionados, a saber, o uso de cigarro e bebida alcoólica que, conforme ela vai relatando ao longo da entrevista, observa-se que é um uso abusivo:

Só que eu sou uma pessoa doida, bebo e tal ... mas eu sou uma pessoa doida consciente, quando eu vejo que eu to ficando alterada, vejo que ta embaçando a vista, paro, tomo água, melhorei? Daí eu volto a beber. Eu faço assim, até hoje nunca “di” um pt³⁰ ... pt não... já fiquei alterada de vomitar, que pra mim isso é normal. Mas eu controlo bem (risos). Na minha cabeça eu controlo bem (Clara).

Clara aponta ainda a associação perigosa que faz entre medicação psicotrópica e bebida alcoólica. Sua compreensão acerca de sua condição de saúde mental é de que nunca esteve bem e de que acredita que nunca estará, sendo assim, faz o que lhe é possível para lidar com o sofrimento. A adolescente apresenta a compreensão de que utiliza a bebida como forma de amenizar ou mascarar os sintomas da depressão e da ansiedade, pois alcoolizada torna-se mais calma e, ao mesmo tempo, animada. Avalia que a bebida é mais potente que o remédio para proporcionar essa sensação de bem-estar. Como demonstrado em trecho anterior de sua fala, apesar da compreensão de que a mistura entre bebida e medicação é potencialmente perigosa, ela diz que tem o controle sobre o uso da bebida e que esse consumo é mais benéfico do que prejudicial. Clara apresenta ainda outros comportamentos autodestrutivos, como a autolesão. Ainda que não tenha praticado tentativas de suicídio diretamente, afirma que já teve ideias e que, nesses momentos, recorre a esses atos de autoagressão, pois entende como recursos para lidar com o sofrimento.

Acerca do futuro, Clara diz que deseja mudar de cidade e fazer faculdade, ao mesmo tempo em que afirma que não faz planos a longo prazo:

Uma coisa que eu não imagino é o futuro, tipo daqui quatro ou cinco anos. Eu imagino daqui a um ano, eu penso que às vezes as pessoas não vai ter mais que isso. Então não adianta eu planejar e dar tudo errado (Clara).

A fala da adolescente traz a dimensão da desesperança. Ela apresenta-se como uma pessoa, em aparência, bem-humorada, fala de assuntos delicados que claramente lhe são dolorosos, mas faz disso um momento de humor, ri, faz piadas. Diz que seu jeito cativa as pessoas, por isso tem muitos amigos, mas que as pessoas pouco sabem o que ela realmente sente, tampouco conhecem seu quadro de sofrimento psíquico, uso de medicação etc. Basta adentrar um pouco suas considerações para que a adolescente exponha grande tristeza, insegurança sobre si, sobre o futuro, mágoas em relação ao pai e a falta que ele lhe faz

³⁰ Perda Total, gíria usada para se referir à situação em que a pessoa bebe em excesso, podendo ter alteração extrema dos sentidos, perda da consciência etc.

enquanto figura protetiva. A postura irreverente é, no limite, uma tentativa de mascarar suas dores.

Para a adolescente, a mãe e a irmã constituem-se como rede de apoio, incentivam Clara a comportamentos mais saudáveis, por exemplo, que interrompa o uso de bebida. Contudo, acredita que a família também desconhece sua real condição, entende que ela faz uso de bebida e está o tempo todo com os amigos porque é “*festeira e irresponsável*” (sic), mas desconhece seus sintomas de ansiedade, depressão e bulimia. Conta que já falou sobre isso com a mãe, mas que, atualmente, não costuma dividir seus sentimentos, emoções e pensamentos com ela. A mãe trabalha fora, assim como Clara, que trabalha durante o dia e estuda em horário noturno, por isso quase não passam tempo juntas, o que dificulta um diálogo mais aprofundado entre elas. Acredita que se conseguisse expor suas emoções e sentimentos para a mãe, receberia apoio, mas entende que fazer isso é um desafio. Clara avalia que, sozinha, está lidando bem com seu sofrimento.

5.3.4 Débora

Débora tem 14 anos de idade, gênero feminino, não define sua orientação sexual, cursa o 9º ano do Ensino Fundamental. Reside apenas com a mãe desde que o irmão mais velho mudou-se para outra cidade em razão da faculdade. Relata sintomas de depressão e ansiedade e que realiza acompanhamento psiquiátrico e psicológico desde que tais sintomas surgiram. A adolescente acredita que os sintomas de depressão surgiram a partir da separação dos pais, enquanto aqueles comuns à ansiedade são anteriores a isso. Diz:

Eu acho que a depressão foi desde que os meus pais se separaram, que eu lembro que começou. Eles se separaram em 2020 na pandemia. Mas esses sintomas de ansiedade eu sempre tive assim (Débora).

Com a separação dos pais e a mudança do irmão, conta que se sentiu muito sozinha, fato agravado pelo isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19. Passou a ficar muito tempo no quarto, sem atividades outras que não o uso do celular, foi se distanciando das amizades e, apesar de poder entrar em contato por meio das redes sociais, por exemplo, relata que perdeu o interesse em interagir com as pessoas, sentia-se inadequada, achava que suas falas e contribuições em conversas eram fúteis ou inúteis. Nessa época, passou a acreditar que as amigas tentavam contato com ela por pena, mas que, na verdade, não gostavam de sua companhia. Com o fim da pandemia e o retorno das atividades presenciais,

retomou as amizades e passou a interagir mais, mas, conforme explica, com alguma frequência, esses pensamentos retornam e ela isola-se do contato com as amigas. Avalia que, atualmente, seu quadro de sofrimento está mais leve, ainda que tenha momentos mais intensos, consegue lidar melhor com as questões de sua vida.

Sobre a fase mais aguda de sofrimento, conta que o pai era a pessoa a quem melhor se vinculava, pois define a relação com a mãe como conflituosa. Descreve o pai como paciente e brincalhão e que a mãe, por sua vez, é muito rígida, quase sempre está mal-humorada e que faz muitas críticas em relação à filha, desde suas roupas, seu comportamento, o modo como fala etc. Acrescenta que a mãe também tem diagnóstico de depressão há bastante tempo e que, após o fim do casamento, esses sintomas intensificaram-se, bem como o comportamento negativo para com a filha.

E eu acho que uma coisa que fez esses sintomas aparecerem bastante foi que eu senti muita falta do meu pai quando ele separou da minha mãe e daí foi embora para outra casa. Eu até ia bastante na casa dele, mas daí a gente se afastou bastante e eu parei de ir, isso piorou bastante os sintomas (Débora).

Débora relata que o pai continuou sendo presente em sua vida, mas que “*não era a mesma coisa*”, pois ele saía com novos amigos e começou uma nova relação amorosa. Em sua avaliação, o pai se tornou uma pessoa diferente de quem costumava ser e que, por isso, apesar de ele estar presente, ela não se sentia confortável em dividir suas questões, como fazia antes.

A autoestima e as relações com a aparência estão bastante presentes no discurso da adolescente. Explica que se sentir “*feia*” e “*burra*” (sic) a impede de fazer coisas comuns como postar fotos, ir a determinados lugares e/ou conversar com pessoas que não sejam de seu círculo íntimo de amizade. Acrescenta a isso sentimentos constantes de tristeza, desesperança, solidão e inadequação. Além da depressão e ansiedade, também foi diagnosticada com transtorno alimentar, especificamente bulimia.

Só que uma coisa que eu não falei pra você é que eu também fui ... tipo, diagnosticada com transtorno alimentar, bulimia eu acho. Eu comia muito, aí eu pegava e ia vomitar, isso foi o ano passado basicamente inteiro. Eu fiquei bem mal. Eu queria ser magra, magra, tipo, na minha cabeça eu tava muito acima do peso. Começou na pandemia que eu te falei, que eu me sentia sozinha e que ninguém queria minha companhia, tipo ... que eu era a pior pessoa do mundo, daí eu comia, fazia as coisas assim em casa e comia o dia inteiro. Daí eu ficava mal, queria vomitar, queria

não né ... eu ia lá e fazia. Daí eu me sentia a pior pessoa do mundo de novo. Daí a depressão atacava mais ainda (Débora).

Na ocasião das entrevistas, Débora relata que os sintomas de bulimia, já devidamente tratados, haviam melhorado significativamente. Agora consegue ter uma alimentação balanceada e tem uma relação melhor com o corpo. Diz:

Eu parei, eu consigo ir num lugar com piscina e usar biquíni, agora eu tenho até foto no Instagram³¹ com biquíni, que foi muito difícil, mas as minhas amigas me convenceram a postar e... aí agora eu me alimento muito bem, como bastante fruta, bastante comida, porque como eu jogo vôlei, eu tenho que comer bastante pra aguentar (Débora).

Contudo, outra questão relacionada à aparência ocupou o lugar de preocupação para a adolescente, a saber, a acne. Conta que sempre teve acne, mas que, recentemente, o quadro se agravou, além da aparência, que ela define como “a pior possível” (sic), relata que a pele está sensível e dolorida. Quando a condição se intensificou, usava a maquiagem para tentar esconder as marcas e a vermelhidão da pele, isso fazia com que ora gastasse muito tempo para sair de casa, na tentativa de camuflar a acne, ora desistisse de seus compromissos, pois sentia-se “a pessoa mais feia do mundo” (sic). Na ocasião da entrevista, havia iniciado tratamento medicamentoso e, por orientação médica, deveria cessar o uso de maquiagem, deixando a pele ao natural, situação que classifica como extremamente desconfortável, diz que nos primeiros dias não queria sair de casa, principalmente para ir à escola, onde todos os amigos veriam seu rosto sem maquiagem, fato que também provocou um agravamento na baixa autoestima.

Eu tava me sentindo horrível, tipo não da aparência, aliás da aparência também, mas eu falo assim, a pior pessoa do mundo, porque eu insisti um monte pra fazer o tratamento com roacutan³² né? Daí quando minha mãe me levou e a médica falou que não podia usar maquiagem, daí eu queria desistir. Eu fiquei pensando assim, que eu era uma pessoa que não sabia o que eu queria, que eu tava sendo mimada (Débora).

³¹ Rede social com o intuito de compartilhamento de fotos e vídeos, além da possibilidade de interagir com publicações de outras pessoas.

³² Medicamento usado principalmente para tratar a acne grave.

Outro aspecto evidente no relato de Débora refere-se aos déficits nas funções psicológicas superiores. A adolescente explica que observou dificuldades de ordem cognitiva, na memória, no raciocínio lógico, na atenção etc.

A minha cabeça voa assim, sabe? Parece que eu não tô ali, tipo, eu tô ouvindo, eu tô olhando pra pessoa, mas parece que não sei, que tá tudo longe, eu não consigo pegar aquele pensamento. Eu me sinto burra, às vezes a minha amiga me pergunta uma coisa e eu falo que eu não sei, daí ela ri, sabe? Aí quando eu vou ver, ela tinha feito uma pergunta simples, que eu sabia sim, só que na hora eu não consegui raciocinar (Débora).

Apesar desses sintomas, a adolescente conta que tem um bom desempenho escolar. Mas que situações como essa fazem-na se sentir inferior às amigas, quando esquece coisas ou quando não tem reação ou opinião para determinados acontecimentos. Conta que, quando os sintomas estavam mais intensos, ela fazia uso de um medicamento mais “forte” e que esses lapsos de memória, as dificuldades em empreender um raciocínio lógico ou concentrar-se eram ainda maiores, mas atualmente, sua medicação é mais “leve”, de modo que as dificuldades melhoraram, ainda que persistam.

Débora joga vôlei regularmente e observa que isso tem ajudado com os sintomas da ansiedade e da depressão. Essa foi uma orientação da psicóloga para que ela não passasse muito tempo no quarto, isolada, fazendo uso do celular. Desde então, tem gostado muito do esporte, ganhou novas amigas e descobriu-se “boa em alguma coisa” (sic), de modo que avalia os momentos de treino e jogos como um dos mais divertidos de sua semana. Acredita que o quadro de depressão a acompanhará ao longo da vida, que haverá momentos em que os sintomas serão mais brandos e outros em que eles se apresentarão de forma mais intensa, mas que não desaparecerão de fato. Explica que acredita nisso, pois, desde que os sintomas começaram, tem sido assim, ela melhora, mas, diante de algum fato, uma dificuldade ou um momento triste, os sintomas voltam a serem mais intensos. Em sua concepção, terá que aprender a lidar com isso, pois “é assim que muitas pessoas vivem” (sic) e inclui nisso a própria mãe. Afirma não ter ideações suicidas, nem comportamentos autolesivos.

Sobre sua rede de apoio, relata que se sente acolhida por todos em sua família, desde a mãe que, apesar da relação conflituosa, faz questão que ela receba acompanhamento com psicólogo e psiquiatra; o pai que sempre pergunta sobre como ela está em relação ao quadro de sofrimento psíquico, que busca levá-la para fazer “coisas diferentes” quando ela não está bem, até o irmão e as amigas, descritos como compreensivos e afetuosos. Vale mencionar que

Débora vem de uma família de classe média, a mãe é professora e o pai empresário, e a adolescente possui acesso a tratamentos e acompanhamentos particulares.

5.3.5 Elisa

Elisa tem 18 anos, gênero feminino, declara-se heterossexual. Cursa o primeiro ano de pedagogia na modalidade de Educação à Distância (EAD) e faz estágio em sua área de atuação. A adolescente reside na zona rural com o pai, a madrasta e um meio-irmão. Relata que os sintomas concernentes à depressão começaram na infância e que foram piorando a partir de alguns acontecimentos de sua vida. Diz:

Muita coisa do passado. Tive muito assédio, acusação, sempre essa responsabilidade, por ser mais velha, caía sobre mim. Muita pressão na infância, eu praticamente perdi a minha infância, sempre jogaram a responsabilidade pra mim, em ter as outras crianças pra mim cuidar (Elisa).

Para explicar tal fala, conta que sua mãe engravidou muito jovem e, em seguida, casou-se com outra pessoa que não era seu pai biológico, porém, ela cresceu acreditando que o companheiro da mãe era seu pai, mas já à época sentia um incômodo, pois ela morava com os avós paternos, enquanto a mãe, o pai e dois irmãos residiam, juntos, em outra casa. A adolescente diz que passou a infância questionando o porquê de apenas ela não morar com sua família de origem, mas que essa nunca foi uma questão discutida na família. Por volta dos dez anos de idade, descobriu que a pessoa que conhecia como figura paterna, não era seu pai biológico.

Não sabia na época, eu fui descobrir por meio dos outros. Foi triste, eu tava no quinto ano, um dos primos do meu padrasto me contou, a gente estudava junto, todo mundo sabia, menos eu. E foi, tipo assim ... foi bem na época do dia dos pais, que nois tava preparando as lembrancinhas, do dia dos pais. Aí ele chegou lá “ah nem pai você tem, e tá fazendo lembrancinha do dia dos pais?!” Aí eu falei “eu tenho pai, só que eu não moro com ele”. Eu não morava com meu padrasto, morava com meus avós, aí eu comecei a chorar ali e ele jogou na cara que ele não era meu pai de verdade (Elisa).

Elisa conta que guardou essa informação consigo, sem questionar ninguém de sua família, por cerca de dois anos. Caracteriza esse período como um dos mais difíceis de sua vida, sentia que foi enganada e que desconhecia sua história. Narra que ficava imaginando

quem seria seu pai biológico e por que ninguém de sua família havia lhe contado a verdade, tentava procurar nos pertences de sua mãe, quando tinha oportunidade, alguma pista ou informação sobre quem seria seu genitor. Dois anos depois, a mãe decidiu contar sobre a paternidade da adolescente, admitiu que não tinha certeza sobre quem era o pai biológico, mas que poderia lhe dar alguns nomes. Nessa ocasião, Elisa não quis saber quem eram as pessoas que figuravam como possíveis genitores.

Daí em 2018 aconteceu um ... eu e meu padrasto brigava muito, porque ele bebia né. Daí em 2018 eu decidi que eu ia morar com eles né, pra ter uma convivência maior com a minha mãe. Porque eu tinha morado oito anos já com a família do meu padrasto. Daí eu falei “quero conviver mais com meus irmãos”; “quero saber como é ter um pai ali”. Eu tenho dois irmãos do lado da minha mãe. Minha mãe teve eu muito nova, ela tinha 15 para 16 anos quando ela me teve. Ela não sabia quem era meu pai, daí passou um tempão e ela encontrou o meu padrasto, daí ela já logo ficou grávida, daí era mais uma criança pra ela cuidar. Daí ela falou “ah dá pra deixar você com a mãe do teu padrasto”. Daí ela me deixou lá com eles (Elisa).

A adolescente conta que sempre se sentiu inferior, excluída por ter sido deixada com os pais do padrasto e não ter sido acolhida pela mãe. Acreditava que era um entrave na vida da mãe, mas que essas questões nunca foram conversadas em família, suas conclusões foram tiradas por conta própria, sem respaldos, sobretudo da genitora, como ela gostaria. Acrescenta que, na ocasião, o avô, que havia cuidado dela durante toda a infância, faleceu, e ela foi tomada por grande sensação de culpa. Sentia-se ingrata por ter ido residir com a mãe que, em seu pensamento, nem a queria por perto, e deixado “de lado” as pessoas que, de fato, cuidaram dela. Conforme explica, os sintomas de depressão pioraram muito nessa fase e surgiram crises de pânico.

Quando descobriu quem era seu pai biológico, decidiu ir morar com ele. Ficou pouco tempo com a família e lhe foi sugerido pelo pai que ela fosse residir com os avós paternos, pais do genitor recém descoberto. Explica que a madrasta não teve boa aceitação acerca de sua existência e a convivência não era positiva, então passou a residir com tais avós, reforçando a ideia de que ela não era desejada em nenhum lugar. Nessa fase, conta que estava bastante revoltada, agressiva, pois acreditava que ninguém lhe queria por perto, tanto a mãe como o pai haviam ficado “*com suas vidas perfeitas*” (sic), deixando-a fora de suas famílias.

Elisa conta sobre essa fase com grande angústia, emociona-se, diz que “*não gosta de lembrar*” (sic), pois, nessa época, não sentia vontade de viver, mas que tudo mudou quando

“*aceitou Deus*” (sic). A adolescente explica que a madrasta é cristã e, conforme elas foram estreitando a relação, a mulher a aceitou e a acolheu em sua casa e ela, por sua vez, permitiu-se conhecer a religião da madrasta, que atualmente define como “*o motivo da minha salvação*” (sic). Avalia que, se não fosse a fé, estaria em situação muito pior, pois acredita que poderia ter recorrido às drogas, a bebida alcoólica e outros vícios.

Elisa acrescenta, nos motivos que a levaram a deprimir, duas situações de abuso sexual, aos onze e aos treze anos, tendo lidado sozinha com estas situações, por muito tempo. Relata que, agora, encontra apoio e acalento na religião e está apreendendo a lidar com tais vivências, mas que, por muito tempo, não se sentia apoiada ou amparada por ninguém de sua família, sequer contava a alguém o que sentia.

Não sei, por medo de julgamento. Meu pai mesmo, ele é xucro, ele ... pra ele é frescura, hoje em dia até que não, porque tem eu, tem a minha madrasta e tem o meu irmão, mais novo, que já também teve muitas crises, chegou a fazer acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Hoje em dia ele enxerga que não é frescura, mas a minha vó, meu vô, pra eles é tudo frescura. “Ah, que não sabe o que é sofrer, no passado nós lá com cinco anos, com uma enxada na mão ...”. Dá essa sensação de medo de ser julgada (Elisa).

A adolescente também relata que nunca teve muitos amigos, era tímida e não abria espaço para se aproximar de novas pessoas e fazer amizades. Avalia que os acontecimentos de sua vida eram tão intensos e sufocantes, como ela mesma denomina, que sentia que não podia dividi-los com ninguém, pois não seria compreendida. Acreditava que as situações que vivia não eram comuns, ou seja, não saber quem era o pai, ser criada pelos avós, ser responsável pelos irmãos mais novos e as situações de abuso e que, por isso, ninguém conseguiria entender as coisas pelas quais passou e como lhe afetavam. Elisa tinha muitas crises no ambiente escolar, crises de choro e o que, possivelmente, seriam crises de ansiedade/pânico, quando isso ocorria em casa, em geral, saía de perto das pessoas, trancava-se em cômodos da casa ou ia ao quintal, o que tornava mais fácil esconder a situação; porém, na escola, não conseguia fazer o mesmo, por isso tentava disfarçar ou reprimir os sintomas, gerando quadros de desmaios:

É difícil, na sala de aula, quando a gente tem uma crise, muita gente acha que é frescura. Quantas vezes de eu desmaiar, por não me sentir bem, começar a chorar, começar a tremer, ter crise de ansiedade e o pessoal falar “ah é frescura”.

Professores assim também, daqueles mais antigos assim, que não sabem o que passa dentro da cabeça da gente. Quantas vezes da gente tá no quarto, chorando a noite inteira. É ... pedindo socorro, mas ninguém nunca nota, porque a gente tem vergonha de pedir socorro, de chegar em alguém e falar “oh, eu preciso de ajuda!”; “preciso disso, tá acontecendo isso comigo (Elisa).

A adolescente não faz acompanhamento psiquiátrico, mas já fez acompanhamento psicoterápico. Relata ter sintomas de tristeza, ‘dor emocional’, vazio, ‘nó’ na garganta constante, bem como crises de pânico. Afirma que os sintomas pioraram muito no período de pandemia, porém, contraditoriamente, acredita que o isolamento lhe fez bem, considerando que não queria se relacionar com ninguém. Com isso, teve muita dificuldade em socialização na ocasião de retorno às atividades presenciais. Atualmente, faz uso de medicamentos fitoterápicos. Não foi relatada ideiação suicida. Namora há cerca de dois anos e faz planos para casar-se, idealizando uma vida tradicional, com filhos e fundamentada na religião, acredita que, quando “*tiver sua própria família*” (sic), se sentirá mais segura e que sua condição, certamente, melhorará.

5.3.6 Fábio

Fábio tem 16 anos, gênero masculino, identifica-se como heterossexual. Cursa o segundo ano do Ensino Médio e trabalha com a mãe em uma empresa familiar. Foi cuidado durante toda a vida pelos avós maternos, tendo a mãe partícipe de sua vida, mas residindo em outra casa com outra filha, irmã mais nova do adolescente. Tem uma relação muito distante com o pai, por quem nutre fortes sentimentos de rancor, conta que o genitor reside em outro município, tem uma filha de idade muito próxima à dele, mas que não há contato entre eles. O avô foi a figura paterna presente, contudo, faleceu quando o adolescente tinha cerca de oito anos de idade.

Questionado sobre os aspectos que acredita que determinaram seu quadro de depressão, o adolescente relata que, desde a infância, sentia-se sozinho:

A parte principal acho que foi pela minha infância mesmo. Minha infância não foi normal, eu vivi muito pouco com meu pai, raramente via minha mãe também. Então eu não tive uma infância digamos que normal, que uma criança teria. Isso eu acho que acabou abalando um pouco, o sentimento de ter, de sentir um amor de vez em quando. Mesmo tendo um pai, um pai não ... uma vó e um vô (Fábio).

Os sintomas pioraram significativamente no período da pandemia, relata que, antes disso, fazia atividades extracurriculares, tinha amigos e uma namorada virtual com quem conversava frequentemente. Fábio conta que, apesar de nunca ter visto a adolescente pessoalmente, conhecia sua família, conversavam por chamada de vídeo diariamente e jogavam jogos online juntos, ela tornou-se sua maior fonte de apoio e com quem ele dividia angústias, dúvidas e pensamentos. Contudo, no período da pandemia da Covid-19, Fábio isolou-se não apenas do convívio social presencial, mas, aos poucos, foi cessando os contatos via aplicativos de mensagens e redes sociais, terminou o namoro e passou a dedicar-se a jogos online na maior parte do tempo.

Na época que eu jogava eu tinha uns amigos que eu conhecia aqui, como tinha começado a pandemia, eu conversava um pouco com eles ainda. Mas como eles foram parando de jogar aos poucos, ficava só eu jogando. Daí não tinha mais ninguém pra conversar, ficava só eu lá jogando. Daí fui parando aos poucos, não conversava com mais ninguém, não tinha comunicação com minha mãe, com minha avó. Raramente falava com elas. Aí que veio esse sentimento, aí que começou, a partir desse momento (Fábio).

Fábio desenvolveu vício em jogos online, chegando a jogar por 22 horas ininterruptas. Relata que, nessa época, não fazia outras atividades, alimentava-se apenas com o que conseguia ingerir sem interromper o jogo, recusava-se à higiene pessoal e dormia poucas horas por noite. A mãe e a avó tentavam intervir, porém, conforme explica, ele não dava atenção a elas, até que a mãe tomou uma atitude mais drástica, retirou-lhe o celular, permitindo que ele jogasse poucas horas no dia e a partir de condições específicas, por exemplo, desde que tivesse realizado tarefas de organização da casa, se alimentado, feito a higiene pessoal, interagido com a família etc. O adolescente relata que o tempo que ficava sem o celular era “*insuportável*” (sic), não se engajava em nenhuma atividade, não tinha vontade nem interesse em estar com a família, cumpria as tarefas que a mãe determinava exclusivamente para ter acesso ao celular.

Em uma das ocasiões, frustrado e desorientado, conforme relata, realizou uma tentativa de suicídio. Nessa fase, iniciou acompanhamento psicológico e psiquiátrico, por meio dos quais afirma que conseguiu interromper o comportamento vicioso. Quando questionado se ele entendia os motivos que o levaram ao vício em jogos online, Fábio conta que se sentia sozinho, sem amigos, sentia-se rejeitado pelo pai e, ainda que a mãe estivesse fisicamente presente, ela trabalhava muito, de modo que não conseguia reservar momentos de

atenção especificamente para ele e quando o fazia, estava tão cansada que não tinha energia para aproveitar tais momentos. Analisa: *“Eu era viciado em jogo, mas a minha mãe era viciada em trabalho (risos)”*. Pelo fato de que a microempresa familiar ficava na casa da família, conta que a mãe trabalhava o dia todo, incluindo noites e finais de semana, parando apenas para atividades de limpeza e organização e quando precisava sair de casa, isto é, mesmo quando não estava trabalhando, seu tempo não era livre para dedicar-se ao filho.

Após os acompanhamentos e tratamentos em saúde mental, houve melhora do quadro. Fábio relata que, atualmente, se sente muito melhor, investiu seu tempo na prática de esportes. Joga vôlei e basquete e, por meio dessas atividades, fez novos amigos, passou a sair com eles e a relacionar-se amorosamente, manteve-se afastado dos jogos online e está em vias de cessar o uso de medicamento. Em sua concepção, considera-se *“quase sem depressão”* (sic), afirma que saiu desse quadro por seu esforço e descreve a melhora como uma tomada de decisão de *“não estar mais com depressão”* (sic). Como explica:

Primeiramente tem que ter um esforço da pessoa em si, não adianta ir lá, numa psicóloga, fazer tratamento ... não, você tem que ter força de vontade também. Um fato importante é rever suas amizades, ter as pessoas certas, confiar em quem é confiável e ver se a pessoa se importa com você, senão pode acabar piorando a história. E o mais, que, na minha opinião, da pra colocar em segundo principal, é a família, você tem que ter uma conexão boa com a sua família, não precisa ser a melhor, mas precisa ser boa (Fábio).

O adolescente demonstra orgulho pelos avanços que teve e mostra-se confiante em continuar evoluindo. Faz planos para o futuro e um discurso em que se reconhece como partícipe de seu progresso:

As pessoas não podem ter medo, tem muita gente que tem medo de ficar falando ... alguns, não todos né? Mas tem medo de falar, tem medo de ser excluído e não levanta a voz. Eu levantei a voz, de falar que eu não tava bem e eu busquei o tratamento. Então eu acho que falar, não só tentar demonstrar, falar é o fator principal. Não é porque você cresceu sem um pai ou uma mãe presente que as pessoas ao seu redor não te amam, meu avô e minha avó me amam, eu via eles como pais, sempre tavam lá, principalmente meu avô. Então não tem que falar que ninguém te ama, sempre vai ter alguém pra te amar (Fábio).

Dos entrevistados, Fábio é o adolescente com sintomas mais leves na ocasião da entrevista, cujos pensamentos, desejos e planos estão orientados ao futuro e ao presente. Apresenta boa autoestima, considera-se popular entre seus amigos, diz que é bom nos esportes que pratica e que agora tem uma boa relação com a mãe e com a avó. No entanto, apresenta a noção de que a depressão é uma condição que requer cuidado, diz, bem-humorado, que está sempre atento aos possíveis sintomas e que, quando se sente mais deprimido, recorre a recursos que apendeu em seu tratamento psicoterapêutico para se sentir melhor.

5.3.7 Gustavo

Menciona-se ainda um sétimo participante que, a princípio, foi desconsiderado neste estudo por não conseguir apresentar falas que expressassem uma sequência lógica de pensamentos. O participante aceitou, voluntariamente, contribuir com a pesquisa, assim como os demais, bem como ele e sua responsável assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Entretanto, durante a entrevista, limitou-se a responder às perguntas com “não sei”, pequenos sorrisos ou silêncio. Foi considerado, inicialmente, que ele não expressou conteúdo de interesse às análises, mas, em uma avaliação mais cuidadosa, foi percebido que seu comportamento não-verbal foi suficiente para expressar sua condição de resignação. Gustavo tem 15 anos e é o entrevistado em estado mais crítico de sofrimento e sua dificuldade de verbalização é uma importante amostra da sua condição de esvaziamento de si próprio em que não há recursos para elaborar opiniões, considerações ou mesmo frases curtas concatenadas.

Para conhecer melhor sua história, foi convidada sua bisavó, responsável por ele desde seu nascimento, para relatar brevemente a trajetória de vida do adolescente, tendo como objetivo compreender os eventos que contribuíram para tal nível de sofrimento. Ainda que não seja possível conhecer os sentidos que o adolescente atribui às suas vivências, considerou-se que incluir Gustavo neste estudo é dar espaço e respeitar a forma de expressão que lhe foi possível no momento.

A bisavó foi quem cuidou de todas as gerações que vieram depois dela, incluindo Gustavo, que não conheceu a mãe. Trata-se de uma família socialmente vulnerável, em que a senhora em questão relata dificuldade em oferecer mesmo itens de necessidade básica ao bisneto. Conta que Gustavo, negro e acima do peso, sofre bullying na escola, incluindo uma situação vexatória com um professor de educação física, que – nas palavras da avó – o humilha por sua condição física. Depois disso, o adolescente passou a relatar inúmeras dores físicas e evitar a escola, a catequese e o serviço de convivência que frequentava. Interrompeu

todas essas atividades e, mesmo com tentativas da bisavó, da equipe pedagógica da escola e profissionais do serviço de saúde mental do município em convencê-lo a retornar, minimamente, à escola, ele continua se recusando a qualquer atividade.

É nesse contexto que a bisavó entra em contato com o genitor que, residindo em município distante, leva o adolescente para passar uma temporada em sua casa, com a sua família. Nesse período, Gustavo apresenta uma melhora importante, entretanto, cerca de duas semanas depois, o pai retorna com o adolescente e o deixa novamente com a bisavó, passando a estabelecer contato por telefone, com ligações que foram se tornando cada vez mais esporádicas. Essa situação, conforme avaliação da idosa, fez com que o quadro do adolescente se agravasse intensamente, agora quase não se comunica, passa a maior parte do dia deitado, no escuro. Diferente dos outros entrevistados, Gustavo não tem acesso a celular ou vídeo game, os únicos aparelhos que tem à sua disposição são uma televisão e um rádio, que pouco lhe despertam interesse.

Alimenta-se apenas se a comida lhe é entregue em mãos e realiza a higiene pessoal também com muita insistência da bisavó. O adolescente já realizou diversas tentativas de suicídio e não adere a nenhum tratamento de saúde mental. A bisavó conta ainda que lhe deu de presente uma cachorra, que é sua principal companhia, expõe que ouve o bisneto conversar com a mascote quando não há pessoas por perto, mas que é esse o único momento que Gustavo apresenta maior ânimo. A senhora, relata que busca toda forma de ajuda que está ao seu alcance, desde recursos da sabedoria popular como orações, simpatias e remédios caseiros, pois acredita nos benefícios de tais recursos, mas também procura por tratamentos da medicina convencional, sendo que o adolescente já passou por consultas e exames com diversas especialidades médicas, bem como alguns psicólogos, conforme oferecido pela rede de saúde do município, contudo, Gustavo continua em estado de completa apatia, recusa os medicamentos e, quando os toma, faz uso abusivo.

5.4 A fala dos adolescentes: análises à luz da Psicologia Histórico-Cultural

Tendo contextualizado os participantes da pesquisa, passar-se-á às análises de suas falas, buscando compreender o sentido que elas trazem. Para tanto, a primeira questão a ser mencionada é que, de maneira geral, os adolescentes que apresentam sintomas mais graves ou mais intensos falam pouco, fazem considerações breves e um tanto quanto desorganizadas. Muitas vezes, restringem-se a respostas absolutamente objetivas, tais como “sim”; “não” ou “não sei”. A princípio, considerou-se que essa seria uma “falha” das entrevistas, como ocorreu no caso de Gustavo, visto que o objetivo de uma entrevista é, justamente, captar a

maior quantidade de conteúdo (com qualidade) sobre o tema abordado. No entanto, no decorrer do processo, foi percebido que a apatia, o embotamento afetivo e a desmotivação em aprofundar conteúdos também são dados relevantes e dão indícios importantes sobre a natureza do fenômeno sobre o qual este estudo se concentrou. Sendo assim, cabe anunciar que alguns entrevistados são mais eloquentes que outros, trazem discussões mais aprofundadas etc., todavia, é de suma importância atentar também àqueles que contribuem mais timidamente com as palavras e ao silêncio de Gustavo, entendendo que todos trazem sentidos sobre ser adolescente atravessado pela depressão.

Nesta subseção serão apresentados cinco eixos de análise, elaborados a partir de questões que se mostraram mais evidentes e recorrentes na fala dos adolescentes. O eixo A, intitulado “A depressão na adolescência: por que eu?” considera que ainda que o contexto social seja potencialmente adoecedor, não são todos que deprimem e, nesse sentido, discute quais são os elementos da vida singular dos adolescentes que contribuem para este deprimir e como singular, particular e universal se relacionam. O eixo B, intitulado “A fragilidade na constituição da personalidade: os déficits que predominam nos adolescentes”, tem como principal objetivo explicitar como os adolescentes percebem os impactos da realidade desorganizadora nos aspectos cognitivos e afetivos. No eixo C, cujo título é “As atividades-guia sob análise” discute como as atividades consideradas as principais promotoras de desenvolvimento na adolescência, segundo a PHC, têm se configurado na vida dos adolescentes, destacando sobretudo, as transformações ocorridas a partir do isolamento social devido à pandemia da Covid-19. No eixo D, denominado como “O sentir é diverso e lábil: os transtornos associados”, evidenciam-se outras condições apresentadas pelos entrevistados demonstrando como os aspectos que promovem a depressão também são produtores de outras formas de sofrimento. Por fim, o eixo E, nomeado como “Os subterfúgios da dor e outras vulnerabilidades” explicita as diversas formas como os adolescentes lidam com seu sofrimento.

a) A depressão na adolescência: Por que eu?

Ao longo deste estudo, foi demonstrado como o modo de produção atual tem gerado um contexto sociocultural caótico, efêmero e persecutório ao ser humano, com grande potencial adoecedor não apenas ao indivíduo adulto inserido e adaptado à realidade produtiva, mas também aos mais jovens, sobretudo aos adolescentes que, nessa fase, começam a compreender as tênues e intrincadas relações que moldam o cotidiano e, no limite, a vida dos seres humanos. Contudo, há que se considerar que essa não é a única instância partícipe do

padecimento dos adolescentes e relegar as causas de um quadro tão complexo apenas ao meio é fazer uma análise parcial e que não oferece respostas necessárias ao trabalho com estes indivíduos. Tendo percorrido sobre o contexto no qual todos nos encontramos, este eixo buscará, na história singular dos entrevistados, fatores que tenham contribuído ao adoecimento, isto é, quais foram as vivências que possibilitaram o deprimir dos adolescentes. Para tanto, recorre-se aos conceitos de singular, particular e universal que compõem o contexto produzido pela humanidade a partir do qual os seres humanos se relacionam.

As produções humanas ocupam níveis diferentes, por assim dizer, a depender da forma e da intensidade que impactam cada indivíduo, desde aquelas acessíveis a um estender de braço, até aquelas que o indivíduo sequer tem consciência, mas que, ainda assim, afetam sua existência. É nesse sentido que se organizam as instâncias singular, particular e universal, que, conforme Oliveira (2005), estão interligadas e são interdependentes. A singularidade diz respeito ao aspecto fenomênico com o qual o indivíduo entra em contato diretamente por meio dos sentidos, isto é, o contexto imediatamente acessível, por exemplo, o próprio indivíduo, incluindo sua existência física e psicológica. Lukács (1967) explicita:

É óbvio que em nossas relações diretas com a realidade tropeçaremos sempre diretamente com a singularidade. De modo imediato não nos enfrentamos senão com a singularidade, pois tudo o que nos oferece o mundo externo como certeza sensível é imediatamente e sempre algo singular, ou uma conexão única de singularidades; é sempre isto singular, um aqui e agora singular (p. 203).

No entanto, para a PHC o fenômeno empírico tal qual o homem apreende imediatamente por meio de seus sentidos não corresponde à totalidade do fenômeno, mas apenas à sua aparência. Para captar a sua essência é necessário “[...] decodificar as leis explicativas que regem o desenvolvimento do fenômeno. Isso significa que todo fenômeno singular contém em si determinações universais” (Pasqualini & Martins, 2015, p. 364). A universalidade refere-se a todas as produções humanas, tudo aquilo que a humanidade foi capaz de produzir ou descobrir, incluindo os campos ético, político, das artes em geral, da ciência, das leis que regem a natureza etc. Explicam as autoras:

Isso significa que a relação entre singular e universal remete à relação entre todo e partes. O singular é parte de um todo. Esse todo, o universal, se cria e se realiza na interação das partes singulares. Essas partes não existem por si mesmas: elas se relacionam entre si e com o todo (Pasqualini & Martins, 2015, p. 365).

Considerar que o singular e o universal coexistem significa afirmar que o homem é uma singularidade e isso distingue-o de todos os outros seres, mas, ao mesmo tempo, é

portador de uma generalidade, que o torna um ser semelhante aos demais. A particularidade, por sua vez, é a instância que medeia as outras duas, isto é, interpõe-se entre o específico (singularidade) e o geral (universalidade), trata-se do contexto mais abrangente em que o indivíduo está inserido e por meio do qual acessará as produções humanas. A particularidade condiciona a singularidade enquanto especifica a universalidade, isto é, configura-se como uma categoria, na qual a singularidade se encaixa. Para as autoras, as três instâncias articulam-se de maneira dialética e, a partir dessa configuração, não há oposição entre homem e sociedade, pois são provenientes do mesmo movimento.

Para explicar tal relação, será utilizado o exemplo dado por Pasqualini e Martins (2015), do indivíduo singular Maria, que tem uma aparência, voz, trejeitos específicos, características que são experienciáveis aos sentidos, ou seja, pertencem ao âmbito singular. Mas Maria também é mulher, pertence à classe trabalhadora, nascida em local e tempo específicos, categorias da particularidade que compõem a singularidade, mas que também expressam a universalidade. Em resumo, Maria (singular) é mulher nascida no Brasil, trabalhadora (particularidades) que vive em uma sociedade capitalista do século XXI (universalidade). As três instâncias são fundamentalmente inseparáveis, de modo que não há singularidade sem particularidade e universalidade e o mesmo vale para as outras instâncias, ou seja, aquilo que é universal e aquilo que é particular compõem o que é singular, de modo que não é possível, entre outras coisas, pensar a realidade interna como uma esfera separada, pois ela contém, em si, aspectos da universalidade e da particularidade. Em íntima relação, compõem o meio cultural e histórico em que um indivíduo se encontra, de modo que captar a realidade a partir dessas três instâncias significa compreendê-la como totalidade e a partir de sua processualidade, enquanto síntese de múltiplas determinações que se formam das interações entre o homem e o meio.

Recorre-se, novamente, à lei genética do desenvolvimento (Vygotski, 1931/2000), em que os processos aparecem primeiro no plano social e depois no plano psicológico, ou seja, aqueles aspectos que são impostos pela sociedade são apropriados e tornam-se parte do que é singular, da realidade mais íntima do homem. Por exemplo, a competitividade, a urgência, a tendência em lidar apenas com o nível aparente dos fenômenos, fazem parte das crenças e princípios do homem porque foram apropriados da realidade social. Desse modo, quando se trata de algo tão complexo como o deprimir humano, é coerente observar que atributos das três instâncias se articulam para compor a raiz do problema.

Então, retorna-se à questão sobre porque alguns adolescentes deprimem e outros não para explicitar que algumas correntes científicas recorrem à hereditariedade para explicá-la,

visto ser ela a responsável pela transmissão de uma série de características. No entanto, a hereditariedade é entendida de maneira diferente na biologia e na psicologia do desenvolvimento a partir da PHC, como afirma Vigotski (2018). Na biologia, a hereditariedade trata da correlação entre semelhança e grau de parentesco, isto é, quanto mais próximo o grau de parentesco, mais próxima a semelhança. Na psicologia do desenvolvimento, essa correlação não obtém o mesmo resultado, ou seja, se um pai e um filho têm em comum aspectos do caráter, gostos, convicções e paixões, não necessariamente se trata de hereditariedade, pois tal correlação de quanto mais próximo o grau de parentesco, maior a semelhança é verdadeira para características simples, como a cor dos olhos, por exemplo. Porém, ao referir-se a características complexas, há um intrincado de outras questões que intervêm nesta configuração.

Vigotski (2018) narra os estudos que realizou com gêmeos univitelinos e gêmeos bivitelinos com o objetivo de observar a relação entre a influência da hereditariedade e do meio, partindo da tese de que, quando uma característica recebe influência majoritariamente do meio, não necessariamente haverá diferença entre as duplas de gêmeos, ao passo que, quando se trata de uma característica com influência majoritariamente hereditária, certamente espera-se que, entre os gêmeos univitelinos, haja maior semelhança do que entre os gêmeos bivitelinos. Sobre tais estudos, observou que, quanto mais elementar for a função, maior a divergência entre os coeficientes de semelhança entre os gêmeos univitelinos e os gêmeos bivitelinos, ao passo que, quanto mais alto o nível da função, mantendo-se as mesmas as demais condições, menor é a divergência, comprovando sua tese. Em outras palavras, na psicologia do desenvolvimento, quanto mais curto o caminho de desenvolvimento de uma função, mais diretamente atua a hereditariedade, ao passo que, quanto mais longo o caminho de desenvolvimento, menor é a influência.

Considerando que as funções psicológicas superiores são aquelas que se desenvolvem tardiamente na ontogênese, seguindo a tese do autor (Vigotski, 2018), conclui-se que estas sofrerão maior influência do meio. E a mesma lógica vale para outros fenômenos da realidade humana, como o sofrimento psíquico, ou seja, como foi abordado até o momento, o sofrimento psíquico, sobretudo a depressão, é um fenômeno complexo, cuja existência ocorre a partir de um processo composto por uma série de fatores, não sendo possível atribuir sua origem expressamente à hereditariedade. Evidentemente, não se exclui a participação desse aspecto, no entanto, ele envolve-se como pano de fundo, não enquanto agente principal.

Retornando ao meio, é possível afirmar que esse é o âmbito cuja participação é essencial para apreender o desenvolvimento de uma característica ou aspecto de maior

complexidade. Entretanto, o autor faz a ressalva de que a influência do meio não se dá de maneira uniforme e idêntica em todas as situações. Em suas palavras:

O meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de vista da relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa do desenvolvimento (Vigotski, 2018, p. 74).

Ou seja, o meio influencia, de maneira diversa, as diferentes faixas etárias. O autor cita como exemplo o impacto da fala de uma pessoa adulta para crianças em diferentes fases de desenvolvimento, em que essa fala, ou seja, seu conteúdo e sua forma, podem ser exatamente as mesmas, porém a quantidade de palavras que a criança entende e a forma como as significa, depende, fundamentalmente, do seu estágio de desenvolvimento. Então, de que modo se define a equação entre o que é proporcionado pelo contexto e o que é próprio do indivíduo, podendo inclusive conter elementos de hereditariedade? Para o autor, há um terceiro componente que atua em tal correlação, a saber, a vivência³³.

Conforme Vigotski (2018), a vivência é a forma como o indivíduo “[...] toma consciência, atribui sentido e relaciona-se afetivamente com um determinado acontecimento” (p. 77), portanto, esse é o prisma que define o papel do meio no desenvolvimento psicológico da criança, trata-se da unidade entre o homem e o meio, pois refere-se a algo que está fora da pessoa, mas que é definida pela forma como a pessoa atribui sentido, e tal movimento é subjetivo. Nesse sentido, as características da personalidade, isto é, se a pessoa é comunicativa, animada, emotiva, indolente ou obtusa, influenciarão na forma como ela vivencia os acontecimentos da realidade.

Para Vygotski (2006), a questão das vivências atribuídas de sentido é uma das mais complexas da psicologia e da psicopatologia da personalidade. Explica o autor que uma criança pequena não tem percepção sobre suas próprias vivências, ainda que sinta e se emocione, não é capaz de avaliar tais afetos. É por volta dos sete anos de idade que a criança começa a desenvolver a capacidade de compreender as próprias vivências, atribuindo sentido a elas. O autor explica: “aos sete anos se forma na criança uma estrutura de vivências que o permite compreender o que significa ‘estou alegre’, ‘estou enojado’, ‘estou enfadado’, ‘sou

³³ Vygotski não desenvolveu completamente este conceito, e por isso ele possui diversidade de sentidos em sua obra. As traduções também implicam dificuldades para definição deste termo, contudo, Toassa e Souza (2010), explicam que, em russo, o termo, “perejivânie” (traduzido como vivência) é um substantivo de gênero neutro, que se refere a um estado de espírito e expressão da existência de um sentimento vivido, uma impressão experimentada.

bom’, ‘sou mau’, ou seja, surge nele a orientação consciente de suas próprias vivências” (Vygotski, 2006, p. 380). Tais vivências adquirem sentido, isto é, a criança enfadada sabe que está enfadada e, por essa compreensão, é capaz de formar novas relações consigo mesmo que outrora eram impossíveis. Continua o autor:

A criança em idade escolar generaliza os sentimentos, ou seja, quando uma situação se repete muitas vezes nasce uma formação afetiva que tem a mesma relação com a vivência isolada ou com o afeto, que o conceito com a percepção isolada ou a recordação (p. 380).

Isto é, a partir de tal aquisição, generalizam-se as vivências e os afetos e percebe-se, pela primeira vez, a lógica dos sentimentos. Toassa (2011) explica que as vivências “[...] envolvem necessariamente qualidades emocionais, sensações e percepções, acarretando uma imersão do sujeito no mundo” (p. 35), de modo que elas sempre trazem marcas emocionais muito fortes, diferentes das experiências que podem suscitar afetos, mas estes são passageiros e não ficam registrados, por assim dizer, de modo significativo e, ao serem evocados, trazem lembranças, sem a conotação afetiva intensa.

Ao longo da vida, cada pessoa terá vivências positivas, negativas e contraditórias entre si, ocorre que, conforme Vygotski (2006) explica, cada fase da vida permite a atribuição de determinadas formas de sentido e determinadas vivências acerca de um mesmo fato/fenômeno. Ainda que, por volta dos sete anos, a criança seja capaz de atribuir sentido às suas vivências, ocorre que, evidentemente, isso é feito de maneira equivalente à capacidade da criança, cujas funções estão em desenvolvimento. Em outras palavras, um adulto tem mais condições de atribuir sentido às suas vivências de maneira mais ordenada e equilibrada do que uma criança. Nessa mesma direção, pode-se afirmar que a criança de sete anos e até mesmo o adolescente podem vivenciar uma situação de modo mais desordenado e, por isso, mais intenso do que o que ocorre a um adulto.

No que se refere aos entrevistados, é possível verificar, por meio de suas falas, as vivências negativas e que se tornaram marcos em suas vidas, não apenas pelo fato em si, mas pelos acontecimentos que o seguiram. Por exemplo, Ana menciona a separação dos pais, relata que quando tal fato ocorreu, ela sentia-se culpada, pois era uma “*criança problemática que estava sempre doente*” (sic). Além da culpa, a análise de Ana sobre os acontecimentos também suscitou outros sentimentos negativos, como a raiva e a saudade do pai, o sentimento de abandono e a responsabilidade pela irmã. A autoavaliação negativa, sobre ser uma criança problemática é expressa em uma série de noções negativas sobre si mesma:

O fato de eu ser muito parada muito ... esse é um defeito meu, esperar que as pessoas resolvam o problema, principalmente a minha mãe”.

[...]

“O divórcio me deixou mais agressiva”.

[...]

Eu fracasso no quesito de tentar fazer algo e não dar certo, pode ser uma coisa mínima, ainda assim abala, por mais que seja mínima.

[...]

O mundo já é uma droga, pra que? Não tô conseguindo o que eu quero, não tô evoluindo como pessoa, não tô evoluindo como estudante, pra que?

[...]

E eu, no meu dia a dia fui tomando cada vez menos cuidado comigo mesma assim, atravessava a rua sem olhar, andava de bicicleta sem freio, sem frear no caso ... é ... enfim, cuidado nenhum, amor nenhum à vida. Foi aí que eu percebi que é ... o emocional completamente destruído, uma agressividade inexplicável (Ana).

Tais noções sobre ela ser uma pessoa “problemática”, como define, foram sendo reforçadas pelo desempenho na faculdade. Se, inicialmente, a faculdade e tudo o que dela deriva, incluindo o sonho de ser médica tornam-se o motivo gerador de sentido, a atividade em torno da qual todas as outras se organizam, conforme seus resultados no quesito escolar foram sendo insatisfatórios – de seu ponto de vista – foram também reforçando a noção de “inutilidade”. Ana buscou demonstrar seu valor, almejando uma profissão altamente valorizada, cujo processo para chegar até ela é extremamente disputado no contexto brasileiro. Na fala da adolescente, evidencia-se a importância social que o “fazer medicina” adquiriu em sua vida, destacando-a, em relação aos membros de sua família:

Eu sou uma das poucas [pessoas] da minha família que faz faculdade, porque a minha família vem da roça, vem de trabalho assim, da prefeitura, então é aquela coisa humilde mesmo, aquela coisa “nossa, você fez medicina!” (Ana).

A adolescente sentiu-se valorizada por pretender algo inédito na família, relata que, desde que decidiu fazer medicina, tornou-se “o orgulho da família” (sic), sendo exaltada por esse motivo. Contudo, essa sensação é substituída pelo seu contrário quando não obteve o resultado desejado, primeiro não sendo admitida em universidades brasileiras, depois não tendo bom desempenho na faculdade argentina. É a partir desses eventos que ela passa a

experimentar sensações mais intensas, desde as dores físicas até os pensamentos suicidas. Por tais motivos, Ana evita retornar ao Brasil para visitar a família e omite tanto o desempenho educacional como detalhes sobre seu estado de saúde.

Ana não especifica os motivos de suas dificuldades na vida acadêmica, contudo, há um vasto arcabouço teórico na PHC (Facci, Meira & Tuleski, 2012; Proença, 2002; Souza, 2002; Leonardo, Leal & Franco, 2017; Martins, 2012; Miller, Barbosa & Mendonça, 2014) que discute o processo de escolarização e de ensino-aprendizagem enquanto atravessado por aspectos sociais de todos os níveis, desde a formação docente, até as metodologias de aprendizagem e os aspectos políticos que influenciam diretamente na conformação dessa relação.

O processo de ensino-aprendizagem é permeado por dois agentes principais, professor e aluno, contudo, a trama de relações que sustenta o processo é muito maior, envolve desde os aspectos biológicos do aluno, seu histórico familiar e social, mas também envolve, com participação muito mais significativa, a organização física da escola, isto é, se há recursos instrumentais suficientes; o número de alunos por sala; a qualidade da formação docente, que interfere na didática na capacidade de trazer conteúdos direcionados; no esgotamento ou vigor com que são ministradas as aulas; no conhecimento do professor em relação ao conteúdo. Também são partícipes desse processo, contribuindo para o sucesso ou fracasso do ensino as tendências sociais como o paradigma biomédico e suas consequências, dentre elas a individualização e medicalização da vida, que relegam ao indivíduo as causas de qualquer disfunção, mesmo que social; a comunidade escolar e acadêmica e a compreensão acerca das dificuldades de aprendizagem; o posicionamento dos governantes e o compromisso com a educação que determinam, por exemplo, o financiamento destinado ao setor, entre inúmeros outros aspectos; as questões de classe também são elementos significativos, por exemplo, o curso escolhido por Ana adquiriu, ao longo da história, um grande status social, estabelecendo concorrência elevada, em que aqueles com maiores condições financeiras de investir em formação, tal qual colégios e cursinhos particulares, têm vantagem nesta disputa, etc.

Essas e inúmeras outras questões permeiam o processo de escolarização, desde os centros de educação infantil até o ensino superior e, quando ocorre o insucesso ou mesmo a dificuldade na aprendizagem, na grande maioria das vezes, não se trata de uma questão que se refere apenas ao aluno, mas à diversos entraves, negligências e falhas que ocorrem no processo como um todo, desde seu início. Contudo, Ana reproduz a ideia socialmente construída de que o fracasso é uma responsabilidade individual, atribuindo a si mesma um fracasso que, em geral, é resultante de um sistema de formação educacional.

Bruno, por sua vez, vivencia uma situação que, por si só, desorganiza todos os âmbitos de sua vida, a saber, o falecimento do pai. Ainda que o adolescente não desenvolva muitas elaborações acerca deste evento, as falas acerca do pai são os momentos em que o adolescente demonstra maior empolgação, sua fala se torna mais claramente permeada por afetos, demonstra emoção, indicando ser o pai uma figura de referência e sua morte, um evento de muito impacto. A perda de um ente querido, por si só, gera uma série de emoções e sentimentos em intensidade, muitas vezes, ainda não vivenciada pelos adolescentes, dentre eles saudade, solidão, impotência, raiva, medo, culpa etc. No entanto, o adolescente ainda experimentou outras consequências como a instabilidade financeira, visto que o pai era o provedor da família, e a relacional, pois a mãe de Bruno inicia outros relacionamentos, vindo a ter outros filhos, os quais ocuparam boa parte de seu tempo, de modo que Bruno se recolhe em si mesmo, deixa de pertencer à “*família da mãe*”, como ele mesmo diz quando se refere ao padrasto ou aos filhos que ela teve posteriormente.

Conforme discutido anteriormente, as emoções são funções psicológicas superiores, passíveis de desenvolvimento, em que cada indivíduo aprende a moldar suas reações emocionais por meio daquilo que lhe propõe a cultura, e nessa direção, a perda de um ente querido é, nesta cultura, certamente vivenciada com grande dor, em que se torna necessária a reconstrução de crenças, de significados e de atividades do dia a dia, agora sem a pessoa perdida. Não obstante, a reconstrução de fatores da vida, sobretudo, para adolescentes, é um processo que deveria ser orientado, guiado, pois se é a cultura que delineia os significados acerca da morte, é nesse âmbito também que são construídas ferramentas para enfrentar o sofrimento, sejam elas baseadas na religião ou em outros aspectos culturais.

Para Kovács (2012), lidar com a morte requer, também, que o indivíduo lide com conceitos bastante elaborados como universalidade, irreversibilidade, funcionalidade, causalidade entre outros, que os indivíduos mais jovens, muitas vezes ainda não internalizaram ou sequer são capazes de compreender. Dessa forma, o luto é um período de crise, em que as crianças e os adolescentes vivem o processo observando os adultos, “buscam o adulto como apoio, que pode acolher e legitimar seus sentimentos, responder perguntas, numa tentativa de ordenar o mundo abalado após perdas significativas” (Kovács, 2012, p. 72). Ao vivenciarem a perda de pessoas próximas, explica a autora, podem manifestar sintomas físicos e psíquicos, problemas escolares, baixa autoestima, ansiedade e depressão e, com isso, esclarecimentos precisam ser dados para ajudá-los a lidar com todas as experiências novas e intensas. Com Bruno, ocorre o movimento contrário, ele e seu irmão mais velho excluem-se significativamente do cotidiano familiar, por exemplo, alimentam-se juntos, mas longe do

restante dos moradores da casa. O adolescente recolhe-se em seu “mundo”, por assim dizer, paralisando boa parte de suas atividades e limitando sua atuação a “ir à escola”, sem exercitar a relação próxima com os pares e sem que o estudo seja uma atividade geradora de sentido, mas feita apenas para “passar de ano”, isto é, um motivo-estímulo. Nesse sentido, as duas atividades apontadas por Elkonin (1987) como atividades-guia da adolescência, para Bruno, encontram-se esvaziadas e ele passa por esse processo desorganizador sem amparo.

No que se refere a Débora, não foi possível identificar um evento anterior aos sintomas e que poderia se caracterizar como gatilho, no entanto, é possível elencar a separação dos pais e o afastamento do genitor como um dos fatores que intensificaram, significativamente, seu sofrimento. O pai era quem lhe ajudava a lidar com o relacionamento entre ela e a mãe, com acontecimentos do ambiente escolar, era com ele que ela “desabafava”, como ela mesma relata e, diante da separação entre o casal, além dos conflitos comuns a situações como esta, como a tensão que se instala no ambiente familiar, a saída de um deles da residência, a falta, a saudade, o medo, Débora também vivencia o afastamento em relação ao adulto que se constituía como par superior principal, que atuava como orientador e suporte em relação aos eventos da vida.

A temática da separação parental aparece como um evento bastante comum entre os entrevistados, constituiu-se como um fato marcante na vida de Ana, de Clara e de Débora, contudo, enquanto para Ana e Clara essa foi uma situação sentida como desorganizadora e determinante para uma série de vivências negativas, para Clara, o fato foi o início de um período de maior tranquilidade e de experiências mais positivas em relação ao genitor, pois, no caso dessa adolescente, o alcoolismo do pai foi o evento apontado como causador de sofrimento, angústia, medo, raiva, instabilidade em todas as áreas da vida. Logo, a partir da separação parental, a família pôde reconstituir-se de um modo mais seguro e, ainda que o genitor mantivesse contato, podia ser regulado pela própria adolescente. Nesse sentido, evidencia-se como, boa parte das experiências ainda que, num primeiro momento, sejam as mesmas, não afetam as pessoas igualmente, mas são significadas de diferentes formas a depender do cenário, das consequências, das necessidades e motivos que afetam a vida de um indivíduo e, por fim, de sua capacidade em atribuir sentidos a tais acontecimentos.

Elisa, por sua vez, tem a inconstância familiar que gera sensação de desamparo, a descoberta sobre a paternidade leva-a a assumir a ideia de que toda sua vida é falsa, de que desconhece sua origem e que não pode confiar em ninguém, ideias reafirmadas nas situações de violência sexual por ela vividas. A violência sexual, assim como o racismo e o machismo, são formas de dominação e exploração e não deve ser analisada sob um viés reducionista e

resumida como um indivíduo que age para satisfazer suas necessidades e desejos, ou ainda do exercício do poder masculino. Está muito além, ao tratar de violências, sobretudo, sexual, conforme Silva (2009), refere-se a um ser social inserido numa sociedade constituída por meio de um processo histórico e, a partir do capitalismo, baseada na submissão e exploração de uns sobre os outros. Sob uma perspectiva materialista histórico-dialética, o autor de violência sexual, incluindo aquela perpetrada contra crianças e adolescentes, não deve ser considerado como dotado de uma inumanidade, reduzido a um sujeito deslocado de uma sociabilidade, um “monstro”, como dito no senso comum, pois essa ideia remete a questão à um problema individual daquele sujeito. Sobre a violência sexual contra criança e adolescente. A autora explica:

A informação de que é neste lugar privado – a família – que ocorre, majoritariamente, a violência sexual contra crianças e adolescentes, deve ser entendida apreendendo a família como uma instituição privada de relações estruturada pelo modo capitalista de produção e reprodução da vida humana e, nestas condições, torna-se um lugar de expressão de um sintoma das relações da sociedade capitalista (p. 55).

Contudo, mesmo que esse tipo de violência não seja diretamente sobre sexo, mas sobre dominação, ainda assim envolve uma série de questões discutidas sobre princípios bastante íntimos, que vão desde a relação com o corpo, até as relações de poder, de vínculos familiares, do segredo, da ameaça. Temáticas de tamanha complexidade que, mesmo adiante no processo de desenvolvimento, constituem-se em grande desafio para o indivíduo. Elisa explicita a angústia que sente, mesmo muitos anos após os fatos:

Parece que vira uma chave ali, destranca uma memória do passado e eu de certa forma, regrido pra uma certa idade. Daí eu choro, tenho atitudes de criança, aí começa com muitas memórias do passado que aconteceu comigo, daí eu começo a ter aquelas crises de ansiedade forte, daí eu saio do meio do público e fico sozinha, pra tentar me acalmar sozinha. Depois vem a depressão, eu não quero ... eu não tenho força pra nada (Elisa).

Atualmente, o exercício da vida religiosa e das atividades na igreja tem sido o eixo sobre o qual a adolescente organiza sua vida. Em sua compreensão, na religião, consegue encontrar um sentido para viver. Elisa explicita a ideia de que a religião proporciona estabilidade e que “em Deus dá para confiar” (sic), em oposição aos adultos de sua vida e à toda a instabilidade que experienciou ao longo da infância e da adolescência, desde as

mudanças de casa, as configurações familiares, as informações dadas de maneira abrupta sobre questões muito delicadas de sua vida etc.

Fábio, por sua vez, traz com vivacidade a rejeição do pai e posteriormente a morte do avô, considerado como figura paterna. Ao mesmo tempo, outro fator de destaque é a mãe e sua alta carga de trabalho que, de certa forma, também a mantém distante do filho. Uma configuração semelhante à vivenciada por Ana e Clara, fazendo menção novamente, à sensação de isolamento, falta de referência que os adolescentes entrevistados apresentam.

O afastamento ou a completa ausência dos genitores também é um fator central na história de Gustavo, juntamente com o bullying que reforça uma possível (visto que não se obteve a fala do adolescente) sensação de inferioridade. Vale destacar que o bullying também se configura como um fenômeno cultural, que se manifesta como um reflexo de padrões de interação e hierarquia presentes na sociedade, o tecido que sustenta o bullying é, no limite, a exclusão social, baseada em padrões culturalmente elaborados, sejam eles físicos, de conhecimento, de poder aquisitivo etc.

Aqueles que possuem as características desejáveis são vistos como pessoas interessantes, estimadas nos grupos que permeiam, e o contrário também é verdadeiro, pessoas fora dos padrões pré-estabelecidos, comumente, são excluídas. Esses padrões e os julgamentos sociais a quem não se encaixa neles, incidem sobre os adolescentes, sobretudo no ambiente escolar, de maneira mais direta e explícita, as mesmas ideologias que permeiam todos os demais ambientes sociais e, inclusive, entre os adultos. No limite, a prática do bullying, se não diretamente ensinada, é induzida, num movimento em que o diverso é renegado. Nessa direção, Leontiev (1978/2004) já defendia que as desigualdades entre os homens são produtos das desigualdades econômicas, de classe, “[...] e da diversidade consecutiva de suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio-histórico” (p. 293). Contudo, nesta sociedade, as desigualdades são atribuídas à falta de esforço, seja do adolescente em emagrecer, seja da família em ganhar dinheiro etc. As influências socioculturais podem demarcar suas ações dentro desse quadro de ocorrências, ao fazer com que eles apregoem determinadas atitudes, em função de como foram ensinados a agir, reflexo de padrões hegemonicamente construídos social e culturalmente, que desencadeiam perseguições, humilhações, ataques físicos/verbais, insultos e difamações para com aqueles que são vistos como os “diferentes”.

Não obstante ter sido analisado brevemente algumas vivências singulares dos adolescentes, é possível três observações centrais, a primeira refere-se ao fato de que os

fatores universais e particulares, macrossociais, como os que foram discutidos ao longo deste estudo, são determinantes no processo de depressão dos adolescentes. A estratificação social, as tendências de mercado que visam o lucro em detrimento do bem-estar humano, a produção e divulgação de conteúdos em massa, cujo objetivo é manter os indivíduos distraídos ao invés de reflexivos; a falta de referências, a supervalorização financeira, a busca por um prazer que não cessa, entre outros, são elementos que tecem um contexto pouco acolhedor, em que as relações humanas são baseadas na disputa e não no crescimento comum, instável e ameaçador.

A segunda observação a ser feita é a de que, a despeito do contexto macrossocial caótico, também ocorrem acontecimentos no âmbito singular que se constituem como desorganizadores. Somam-se forças e, se por um lado, o meio social geral não é propício para a criação de instrumentos e recursos psíquicos para que o adolescente seja capaz de analisar e lidar com os acontecimentos da vida de modo equilibrado, ou seja, com significações que remetam a constituição histórica e social de cada evento retirando a culpa individual, ou minimamente, relegando-a a seu devido lugar; por outro lado, a vida continua acontecendo, eventos negativos, impactantes, desorganizadores sempre ocorrem, independente da capacidade do indivíduo em lidar com eles. É função do meio instrumentalizar o adolescente a lidar com tais acontecimentos da vida.

A terceira observação refere-se ao fato de que, mesmo os acontecimentos ditos singulares, possuem caráter histórico e social, como discutiu-se: o fracasso escolar, o bullying, a violência sexual, o luto, o abuso de substâncias etc. Ainda que cada adolescente signifique tais vivências à sua própria maneira, estas advindas do âmbito singular não podem ser analisadas enquanto descoladas da realidade. O significado atribuído à vivência é singular, contudo, por trás de cada acontecimento, existem influências e processos que são históricos. Trazer esta dimensão aos adolescentes e a todos aqueles que trabalham com a faixa etária, bem como suas famílias é um caminho fundamental para que as culpabilizações individuais deixem de ser o único aspecto a ser abordado.

A despeito de tais fatos ou acontecimentos da vida dos adolescentes terem respaldo social, os sentidos atribuídos são próprios dos adolescentes a partir dos recursos que possuem. Em outras palavras, as vivências delineadas pelos adolescentes, provocam marcas psíquicas que influenciarão no desenvolvimento psíquico que se segue. Para Vigotski (2018), a vivência é a forma como o indivíduo “[...] toma consciência, atribui sentido e se relaciona afetivamente com um determinado acontecimento” (p. 77). Esse é o prisma que define o papel do meio no desenvolvimento psicológico da criança, trata-se da unidade entre o homem e o meio, pois

refere-se a algo que está fora da pessoa, porém, é definida pela forma como a pessoa significa, movimento que é subjetivo. Nesse sentido, as características da personalidade, isto é, se a pessoa é comunicativa, animada, emotiva, indolente ou obtusa, influenciarão na forma como ela vivencia os acontecimentos da realidade.

Em resumo, as especificidades do meio e da personalidade estão representadas na vivência. As situações que suscitam afetos negativos nos adolescentes influenciam diretamente sobre como valoram o mundo e a si mesmo, como demonstrado no relato de Ana. Todos os entrevistados expressam como, a partir de tais acontecimentos e, sobretudo, da falta de amparo para lidar com os mesmos, passaram a sentir o mundo como mais ameaçador, fecharam-se para as relações, deixaram de dividir seus sentimentos e pensamentos com as pessoas que os cercam.

Ocorre que tais vivências, com frequência, afetam também os motivos geradores de sentido da criança/adolescente, que perde sua estrutura organizadora ou a tem abalada. Na ausência de um meio que auxilie o indivíduo em idade precoce a reorganizar suas atividades, experiências e, posteriormente, ressignificar as vivências, ele continua significando a vida, como um todo, negativamente. Evidentemente, os adolescentes entrevistados nesta pesquisa representam uma amostra muito pequena e tais considerações não devem ser generalizadas acriticamente. Contudo, sabendo que eventos desorganizadores nem sempre são acontecimentos intensos, tal qual o falecimento de ente da família, mas que podem ser processos sutis e constantes, é possível entender que, na origem da depressão em adolescentes, interligam-se três fatores: primeiro, a existência de eventos que provocam vivências negativas; segundo, tais vivências serem fortes suficientes para afetar os motivos geradores de sentido do adolescente ou da criança; terceiro, a falta de um meio que promova significações positivas ou que apresente novas necessidade e novos motivos geradores de sentido para esse adolescente.

Por fim, ressalta-se, novamente, que tal processo é de fácil ocorrência na vida de indivíduos nessa faixa etária, pois possuem seus recursos psíquicos ainda em desenvolvimento, por exemplo, a capacidade crítica de avaliar se um acontecimento está ou não ligado a ele de fato, é ou não sua responsabilidade, se existem e quais são as possibilidades de reverter a situação etc. Assim, a fala comum de que adolescentes não possuem motivos para deprimirem-se, em nossa compreensão, é falsa, pois ainda que, de fato, boa parte tenha menores responsabilidades que um adulto, questões mais simples ao olhar de alguém em fase avançada do desenvolvimento psíquico, afetam adolescentes de modo tão intenso quanto uma questão mais “grave” para um adulto. Acrescenta-se que a presente

pesquisa faz um recorte em relação aos indivíduos pesquisados, mas existe ainda um sem-fim de particularidades que não foram contempladas aqui e que atravessam a singularidade de muitos adolescentes, desde adoecimento de membros da família ou dele próprio, gestação, conflito com a lei, trabalho, relacionamentos, violência etc., gerando vivências dolorosas, desorganizadoras e com forte potencial de provocar sofrimento.

Nos entrevistados, o que se observa, é que vivenciam os acontecimentos da vida com gravidade e sensibilidade, de modo que eventos comuns e que, a princípio, poderiam ser de menor importância, ganham conotação extremamente negativa, paralisante. Como o exemplo de Fábio, que relata que se sentia ofendido, agredido ou diminuído diante de muitas situações:

Eu me isolava mesmo. Pra mim, não era eu que tava errado, na minha percepção, mas o mundo que eu achava que tava errado, não eu. Tudo era motivo de ficar bravo, coisa nada a ver, sabe? Daí eu preferia nem chegar perto (Fábio).

Débora e Clara também fazem relatos semelhantes sobre sentirem-se afetadas de modo mais intenso pelos eventos rotineiros:

Tem vezes que eu tenho bastante vergonha de frequentar lugar público. Às vezes eu tenho vergonha de olhar pras outras pessoas que eu tô conversando. Às vezes quando eu tô com os meus amigos e chega uma pessoa que eu não conheço, eu saio de perto. Eu acho que eu penso bastante, tipo eu vou sair de casa, eu fico pensando no que vai acontecer, no que vão falar pra mim, esse tipo de coisa. E se alguém, tipo, me olha, eu me sinto mal. Minhas amigas falam que a pessoa pode tá me achando bonita (risos) e eu sei que pode ser outra coisa, mas na minha cabeça é uma coisa ruim, tipo, a pessoa tá pensando uma coisa ruim de mim (Débora).

Eu sinto diferente dos outros. Eu acho que os outros são superiores a mim. Daí eu tô trabalhando isso eu mesma, começo a pensar “não, não é assim” (Clara).

Retorna-se a Almeida (2018) e suas considerações acerca da hierarquia dos motivos, conforme as quais, quanto mais afetados pelas vivências negativas forem os motivos geradores de sentido, aqueles que estão no topo da hierarquia, e menores forem as possibilidades gerais para se criarem novos motivos geradores de sentido, mais chances de que aquele indivíduo seja afetado intensamente por uma experiência negativa, vindo a deprimir-se. Ou seja, um mesmo acontecimento afeta de maneiras diferentes um indivíduo a

depender de sua capacidade de significação, mas também conforme esse evento afeta os motivos geradores de sentido.

As vivências dos adolescentes deprimidos configuram-se, predominantemente, como negativas, ameaçadoras, a forma como avaliam suas experiências está pautada na compreensão que têm de si e do mundo, isto é, sentem-se sem valor e acreditam que o meio social também os vê dessa forma. A partir de uma ou mais vivências desorganizadoras, os adolescentes passam a vislumbrar os demais acontecimentos como uma comprovação da nocividade do mundo e das relações.

Nesse sentido, o deprimir do adolescente é gerado por uma série de fatores que, combinados, culminam no sofrimento. Isto é, se em termos de universalidade o contexto é de imensurável quantidade de informações e conhecimentos disponíveis, uma série de tendências, inovações, possibilidades, tem-se, por outro lado, em termos de particularidade que as informações e conhecimentos chegam aos adolescentes de modo parcial, desordenado, sem um fluxo lógico e sem auxílio na compreensão do que cada uma dessas informações significa no contexto de vida daquele adolescente concreto. Por fim, tem-se, na vida singular de cada um, eventos negativos que suscitam vivências desorganizadoras. Tem-se os aspectos partícipes do deprimir.

b) A fragilidade na constituição da personalidade: os déficits que predominam nos adolescentes

Se foi apontado neste estudo que o homem se realiza enquanto ser humano a partir do outro e da sua atuação na realidade e discutiu-se quão efêmeras são as relações atuais e como isso afeta a constituição psíquica dos adolescentes, nesta subseção, abordar-se-á as falas dos adolescentes exemplificando essa questão. Vale observar que o sentir é individual e a configuração da depressão em cada indivíduo tem suas particularidades, de modo que não é possível padronizar o afeto e os sintomas a ele relacionados, entretanto, quando se trata de vivências que podem se encaixar sob uma mesma denominação, de depressão, evidentemente, existem regularidades e é sobre elas que será discorrido.

Quando, neste eixo, refere-se à fragilidade da constituição do eu, o intuito é remeter às características principais da depressão, ou seja, os déficits que os indivíduos experimentam em diversos aspectos da atividade e da personalidade, desde os cognitivos, que incluem lapsos de memória, baixa capacidade de percepção, de atenção, de imaginação e de concentração; dificuldade de aprendizagem; fluência verbal e funções executivas diminuídas; dificuldades em tomar decisões ou resolver problemas, bem como os déficits em relação às emoções. Os

indivíduos deprimidos queixam-se de um sentimento de vazio, as emoções atreladas à aspectos positivos, tais como alegria, prazer, expectativa, satisfação, gratidão, são sentidas de maneira tênue e breve, ao passo que aquelas consideradas negativas tais como tristeza, frustração, sensação de incapacidade, de baixa autoestima, irritabilidade etc., predominam.

Nas entrevistas, foi possível contato com adolescentes experienciando vários níveis de sofrimento, desde Fábio, com sintomas leves e que, apesar de ter passado por momentos críticos, atualmente está em vias de concluir o tratamento medicamentoso sob orientação médica, até Bruno e Gustavo, vivendo fases mais agudas desse sofrimento. Tendo em vista as discussões já realizadas, de que as emoções se configuram como funções psicológicas superiores, indissociáveis das demais, formadas e complexificadas através da atividade humana na realidade (Silva, 2011; Machado, Facci & Barroco, 2011; Vygotski, 1931/2000), observa-se que, ainda que de maneira leiga, os adolescentes apontam a conexão entre os conteúdos afetivos e os cognitivos e relatam que, junto com a “dor emocional”, a angústia, a raiva, o medo, a tristeza, entre outros, passaram a perceber também lentificação ou diminuição na capacidade de atenção, memória, raciocínio lógico etc., que requerem maior esforço para serem executados. Essa questão pode ser percebida nas entrevistas, a partir da forma como os adolescentes organizam pensamentos, verbalizam suas ideias, sobretudo aqueles em estado mais crítico. Mas é principalmente no contexto de ensino-aprendizagem que eles próprios percebem essa dificuldade aumentada, como indicam as falas de Débora, Ana, Bruno e Fábio:

Ah, não sei, acho que eu sou muito distraída, distraída de tudo, de conversa, quando eu vou ver alguma coisa, um filme ... e ... sempre ... às vezes, quando eu tô conversando com uma pessoa e eu pergunto alguma coisa pra ela, aí parece que eu esqueço a resposta, aí tem que falar de novo. Aí minhas amigas falam “nossa, mas você já perguntou isso três vezes” e pra mim não [perguntei] (Débora).

Não sei, eu leio uma coisa, aí eu tenho que ler três vezes para conseguir prestar atenção do começo ao fim, daí eu chego em casa e vou revisar, parece que eu nunca vi aquilo (Ana).

É que não dá pra entender nada na escola, muita bagunça né? Muita bagunça irrita né? Dá dor de cabeça. Eu não consigo prestar atenção, fico pensando outra coisa (Bruno).

Minha depressão afetou muito a escola [...] quando eu comecei a melhorar, eu queria estudar, queria aprender só que parece que eu não conseguia. Agora que eu não tô com a depressão atacada é bem melhor, eu aprendo de boa (Fábio).

Em geral, a principal reclamação dos entrevistados é acerca da atenção e da memória que se tornam mais instáveis. Entretanto, não é possível que sejam atribuídas, com certeza, tais dificuldades específica e unicamente ao quadro de depressão sem uma investigação prévia sobre como era o desenvolvimento dessas funções no período anterior ao quadro de depressão ou ainda sem considerar outros aspectos, como a qualidade do ensino, ambiente escolar, entre outros, vide o fato de que Bruno reclama da bagunça em sua sala de aula, questão esta que pode, claramente, interferir na qualidade da aprendizagem.

Contudo, são os próprios adolescentes que explicitam a diferença entre a aprendizagem nos períodos de sintomas mais intensos e naqueles em que sentem o quadro de depressão sob controle, isto é, quanto mais intensos os sintomas emocionais, mais intensos também os sintomas cognitivos. Dizem:

Eu tenho muita dificuldade em gravar as coisas. Eu adoro ler, não tenho problema assim em estudar, mas o desânimo que a depressão causa, é um desânimo aterrador, não tem condições de fazer nada, então assim. Quando [a depressão] não tá tão forte, é melhor, porque daí eu consigo me concentrar um pouco mais, um pouco, é ... pouco, mas eu consigo melhor (Ana).

Quando tava na aula online, eu tinha um amigo, eu sai com ele uma vez e eu percebi uma diferença bem grande entre a gente. A gente era amigo, mas ele era normal, assim digamos, enquanto eu ficava no meu canto. A felicidade dele, qualquer coisa ele ria, tava sempre sorrindo e eu de vez em quando ria. Ele aprendia as coisas bem fácil, explicava até pra mim, mas eu não pegava. Agora é bem melhor, eu que explico pra ele (risos), depois do remédio, terapia e tal (Fábio).

Também é possível citar Gustavo que, em uma fase extremamente aguda da depressão, não se acha em condições de elaborar respostas a perguntas simples, como se faz ou não uso de medicamentos, respondendo apenas “*não sei*” (sic). Os déficits nas funções psicológicas superiores, estão entre as características mais comuns atreladas à depressão. No primeiro capítulo deste estudo, foi apresentada a informação de Cordás e Emilio (2017) de que a nomenclatura do quadro foi substituída de melancolia para depressão, justamente

porque o termo remete à queda das funções de maneira geral. Para discutir tal questão, isto é, a queda da funcionalidade geral do indivíduo mais diretamente relacionada ao adolescente, retoma-se a ideia geral da Teoria da Atividade de Leontiev (1974/2021) que defende a intrínseca relação entre atividade, consciência e personalidade, expondo a mútua influência de um sobre o outro, em que a consciência e a personalidade se originam a partir da atividade do indivíduo e à medida em que se estruturam, também vão modificando-a, tornando-a mais complexa, numa espiral de desenvolvimento. Ou seja, quanto mais atividades promotoras de desenvolvimento, mais refinado será o desenvolvimento da consciência e da personalidade, incluindo a unidade afetivo-cognitivo nela contida.

No entanto, o contrário também é verdadeiro, isto é, as fragilidades e inconsistências da atividade do indivíduo influenciam diretamente na qualidade e complexidade do desenvolvimento da consciência e da personalidade. O que ocorre é que esses indivíduos, deprimidos, diminuem suas atividades em quantidade, intensidade e qualidade. Entre os entrevistados, seis relatam o uso de celular, seja para redes sociais ou jogos online, como a atividade predominante ao longo do dia, a única exceção é Gustavo que não possuía um smartphone, mas que também gastava seus dias deitado, em frente à televisão. Logo, as funções psicológicas que experimentaram um desenvolvimento “normal”, diante de atividades também consideradas “normais”, isto é, atividades que geravam condições e desejo de desenvolvimento, agora, se tornam mais debilitadas, devido ao fato de que as atividades também perderam parte de sua função estimuladora e, à medida que permanecem assim por tempo significativo, interrompem ou lentificam drasticamente esse desenvolvimento.

Retoma-se a discussão realizada por Vygotski (1931/2000) e reafirmada por Delari Jr. (2017) de que as funções psicológicas estão relacionadas umas às outras se influenciando mutuamente e, na ausência do desenvolvimento adequado de uma delas, outras também apresentarão dificuldades de execução. Ou seja, se a atividade se torna empobrecida por um longo período, a personalidade também estará. Zeigarnik (1979) explicita que, no adoecimento psíquico, há alterações na formação da personalidade, surgimento de necessidades e motivos patológicos, alteração na hierarquia dos motivos, na execução das funções psicológicas superiores e na elaboração de significados. Ainda que a autora não estivesse tratando especificamente da depressão, é possível observar características semelhantes nos adolescentes entrevistados, a maioria, desempenha atividades repetitivas, com pouca ou nenhuma intencionalidade. Ana executa a ação de estudar, isto é, abre livros, assiste aulas, contudo, como ela própria afirma, muitas vezes, sequer consegue discernir o que está lendo ou ouvindo, quando não está estudando, passa a maior parte do tempo nas redes

sociais ou assistindo filmes, quase não sai de casa, possui poucos amigos, com os quais conversa apenas nos momentos em que se sente bem. Bruno, também possui uma rotina empobrecida, estuda e joga vídeo game, não tem amigos além do irmão, não participa de situações coletivas, passa a maior parte do dia em seu quarto.

Clara, ainda que desempenhe várias ações ao longo do dia, isto é, estude, trabalhe, veja os amigos, saia em festas e outros eventos sociais, é possível questionar quais destas ações se configuram como atividades no sentido que define Leontiev (1974/2021), isto é, comportamentos e atuações que sejam muito mais do que um conjunto de reações, mas que se configurem como um sistema que promova transformações internas, visto que a adolescente relata não se dedicar aos estudos e, suas interações nos pares, em grande parte, estão permeadas por substâncias entorpecentes que limitam o exercício de funções psicológicas superiores de maneira efetiva. Fábio, adolescente em quadro mais brando, explicita as mudanças em suas atividades entre períodos mais críticos e àqueles em que se sentem melhores, desde a prática de esportes e a convivência em grupos proporcionadas pelo fato de serem esportes coletivos, a maior interação com os colegas no ambiente escolar e maior dedicação aos estudos e convivência familiar.

Hoje eu não tenho muito tempo pra pensar assim, que eu tenho muita coisa pra fazer. Faço outras atividades extracurriculares, tem o vôlei e o basquete, daí sempre fico com os moleques lá, conversando (Fábio).

Porque eu não tinha comunicação com a minha mãe, a gente vivia brigando, ela pedia pra eu fazer as coisas e eu não fazia. Minhas amizades não eram as melhores, eu sempre me envolvi em várias coisas erradas, mesmo minha mãe não sabendo, então prejudicou bastante a minha saúde mental, vamos dizer assim. Hoje a gente tá bem amigo, eu e a mãe, a vó também. Tem o meu trabalho lá com a mãe que eu to fazendo bem feito agora. Até tô gostando, antes a mãe tinha que brigar, agora até que não (Fábio).

Débora também aponta uma evolução em seu quadro após a prática de esportes coletivos e a convivência com os pares que isso proporcionou. Elisa, tem em sua rotina o estágio, a faculdade e os eventos religiosos, sendo que estes últimos são entendidos por ela como os responsáveis por promover maior bem-estar. Contudo, observa-se que tais atividades não são suficientes no sentido de lidar com os déficits característicos da depressão. Ao passo

que, na rotina de Gustavo, não é possível sequer observar atividades sendo desempenhadas, visto que não vai à escola, tampouco se envolve intencionalmente em qualquer outro tipo situação, tarefa ou atuação.

Nesse sentido, se por um lado, os adolescentes abordam suas dificuldades cognitivas, por outro, conforme discutido pela PHC, tais dificuldades não se limitam apenas à aprendizagem e aos lapsos das funções psicológicas superiores, mas tratam-se, no limite, de déficits na constituição da própria personalidade, principalmente quando os episódios de depressão são duradouros e/ou recorrentes, o indivíduo apresenta dificuldades em reconhecer a si próprio, isto é, que não possui ou não consegue perceber seus gostos e preferências, não consegue elaborar e seguir planos de maior complexidade que envolvam a coordenação entre diversas ações e tomadas de decisões; há presença de padrões inflexíveis e desadaptativos, dificuldade de autorregulação emocional, entre outros.

Como discutido no capítulo acerca da adolescência, é nessa fase que o indivíduo está desenvolvendo a autoconsciência, isto é, a capacidade de reconhecimento, compreensão e valoração de si mesmo; o pensamento conceitual, que possibilita maior e mais aprofundada compreensão acerca da realidade em que ele está inserido; bem como a noção de que esses movimentos são realizados a partir da interação com o outro. Ou seja, se quando deveria ocorrer uma expansão e/ou evolução das características gerais da personalidade, ocorre o movimento contrário, elas tornam-se atravancadas, é possível pensar que ocorre um prejuízo ao desenvolvimento geral, que reverberará inclusive na fase adulta. Evidente que tal desenvolvimento poderá ocorrer em outras fases da vida, contudo, seria necessário um trabalho ainda mais intenso no sentido de promover e recuperar aquilo que foi perdido.

Ademais, a forma como os adolescentes vão vivenciando e atribuindo sentido às suas experiências a partir da personalidade em déficit, vai gerando marcas, por assim dizer, maneiras padronizadas de agir frente à determinados tipos de acontecimentos, que se tornam o *modus operandi* na vida adulta. Os entrevistados elaboraram os eventos de suas vidas, principalmente os negativos, por conta própria e, a partir deles, fizeram suas análises sobre si e sobre o mundo, em geral, individualistas e extremadas. Como o caso de Elisa, que tinha inúmeros questionamentos sobre não residir com a família nuclear, mas que, não questionando os pais ou os avós, tirou suas próprias conclusões, que se limitaram à ideia de que ela não era desejada naquela família; ou de Ana, que diante do afastamento do pai, concluiu que isso ocorreu porque ela era uma criança difícil. Bruno, por sua vez, atrela a morte do pai à ideia de não estar com ele no momento, diz que “*deveria ter ido*” (sic),

referindo-se ao fato de que o pai havia chamado ele e o irmão para saírem com ele, na situação em que o acidente ocorreu.

Além dos aspectos cognitivos observa-se que os adolescentes também demonstram maior dificuldade de confiar no outro, de dividir suas angústias, as habilidades sociais encontram-se atravancadas e, nesse sentido, um dos pontos mais comuns à fala dos adolescentes é o desamparo e tudo que ele engloba, sensação de “fazer tudo sozinho”, de que os problemas são maiores que a capacidade de enfrentá-los, solidão, falta de apoio e compreensão etc. Por exemplo, Ana relata a dificuldade de crescer como filha mais velha de pais separados, em que ela era responsável por si mesma e pela irmã mais nova:

E eu sempre ia me deixando de lado, então, acho que é aquela questão, eu sempre fui me deixando de lado, até o dia que eu não consegui engolir, não consegui mais engolir, eu cheguei no meu limite mesmo. Acho que esse é o fato da minha ... da minha depressão, digamos assim, esse é o início, a base: eu sempre guardei tudo pra mim e sempre tentei resolver o máximo de problemas sozinha (Ana).

As participantes Clara e Débora também apresentam a dimensão da solidão e da pouca compreensão dos pais. Quando questionadas sobre quais eram, em suas opiniões, os motivos pelos quais deprimiram, elas responderam:

Acho que é porque eu fiquei muito sozinha. Fiquei meio que criando várias coisas na minha cabeça (Clara).

Ah, assim, a minha mãe não ... nunca foi muito de pegar e conversar comigo, perguntar se está tudo bem, então eu meio que sempre me virei sozinha (Débora).

Clara relata que sua solidão aumentou significativamente no período de pandemia, a mãe trabalhava fora, enquanto o pai não tinha condições de se constituir como agente de suporte e orientação. A adolescente costumava estar na companhia de amigos, porém, no período da pandemia, essas relações foram dificultadas, passou a ficar um tempo maior sozinha e, conforme relata, isso contribuiu para os pensamentos negativos e autodestrutivos. Débora, por sua vez, apresenta-se como uma pessoa mais restrita em termos de amizades e ressalta que o pai era seu maior apoio, no entanto, ela afastou-se dele.

Bruno deixa explícito o sentimento de estar sozinho, sobretudo após o falecimento do pai e o fato de que, primeiro a mãe estava em estado de luto e, posteriormente, constituiu nova relação amorosa e teve outros filhos que, pequenos, ocupavam seu tempo e atenção. Desse

modo, ele precisou lidar com o próprio luto, de seu ponto de vista, sozinho, contando apenas com o irmão, também adolescente e enlutado. Outro entrevistado que relata a sensação de solidão é Fábio, cuja mãe, solo, trabalha em extensa jornada diária, enquanto o pai é ausente.

Como explicitado no eixo de análise anterior, o meio social ser ou não capaz de auxiliar os adolescentes a lidarem com os eventos desorganizadores da vida de modo saudável, é um fator essencial na trajetória do deprimir destes indivíduos. Os adolescentes apontam o afastamento em relação aos pais ou cuidadores, de maneira que se sentem incompreendidos e sem apoio. Alguns relatam que os pais não tinham tempo para os seus problemas pela necessidade de trabalho; outros, que os pais estavam imersos em questões próprias; outros, ainda, relataram ter bom relacionamento com os pais, mas que não sentiam confiança para aprofundar questões e, por exemplo, falar de seus sentimentos, suas dúvidas, seus medos e desejos.

Assim, em uma análise aligeirada, não é difícil incorrer na culpabilização dos pais (ou cuidadores mais íntimos) por não se manterem próximos suficientemente dos filhos ou por não os entender e apoiar. No entanto, vale questionar por que os pais são sentidos como emocionalmente distantes ou ausentes pelos seus próprios filhos. Ocorre que qualquer relação é permeada não apenas pela instância afetiva, mas também pelos aspectos sociais, culturais, políticos, territoriais etc. Palmieri e Zaniani (2022) explicitam que “Na sociedade capitalista, com seu modo de produção e relações tão adoecedoras, a experiência do sofrimento psíquico afeta tanto a classe trabalhadora, quanto os filhos dessa classe” (p. 58). Para as autoras, a angústia, a pressão e o sofrimento perpassam as gerações e a alienação e exploração imposta aos pais afeta, direta e indiretamente, os filhos. No caso dos entrevistados, todos provenientes da classe trabalhadora, em geral, com mães que, em algum momento, assumiram integralmente os cuidados com os filhos, os afazeres domésticos, o provimento do lar etc., lidando ainda com suas próprias questões, como o luto, outros filhos, trabalho e todas as outras obrigações e reponsabilidades que recaem sobre um adulto.

Netto (2013) discute como a precarização do trabalho atravessa a singularidade dos indivíduos de diversas maneiras, levando-os não apenas à exaustão física, mas à perda do sentido da própria existência. Para esse autor, tal condição leva não apenas ao sofrimento pontual, mas a um esvaziamento que chega a limites extremos, tal qual o suicídio. Ainda que, conforme o autor, os índices de suicídio impulsionados por questões relacionadas direta e indiretamente pelo trabalho estejam aumentando, há que se considerar que a grande maioria dos trabalhadores, ainda que experimentem sofrimento, não chegam aos atos extremos. Entretanto, nem por isso, deixam de experimentar uma série de consequências em suas vidas,

que se estendem aos seus vínculos mais próximos, como os filhos. O trabalhador aliena -se em relação à própria vida, deixa de ter um propósito para sua atividade vital, não atribui sentido para aquilo que faz na maior parte de seu dia.

Silva (2021) também discute que o trabalho alienado provoca depressão, ansiedade, estresse, induz ao uso abusivo de álcool nos trabalhadores, não como uma fraqueza do indivíduo, mas como uma fuga para as condições que a realidade impõe. Ainda que, nas entrevistas, não tenha sido explorada a condição de saúde mental dos pais e cuidadores dos adolescentes, suas características mais gerais, ou seja, o fato de pertencerem à classe trabalhadora e o fato de que se trata, majoritariamente, de mulheres que também são mães, donas de casa e responsáveis pela manutenção do lar, é importante destacar que há, nesse cenário, uma série de questões relacionadas à saúde mental dos cuidadores principais dos adolescentes entrevistados e que também interferem no contexto oferecido aos adolescentes.

Essas inferências são feitas com base em fatos apresentados pelos próprios adolescentes, por exemplo, quanto à família de Ana, uma mãe solo que assume as funções de manutenção da casa e das duas filhas, trabalha durante o dia e estuda a noite visando alcançar a formação superior para melhorar o cargo de trabalho e, posteriormente, a condição financeira geral. Clara, Débora e Fábio também têm a mãe como principal responsável, ainda que não mencionem diretamente dificuldades financeiras, nos três casos ocorre o afastamento do pai e consequente responsabilização da mãe pelo cuidado com os filhos; na família de Bruno também, ainda que haja um padrasto, observa-se que tal figura não possui relações com o adolescente, portanto, não se constitui como um suporte emocional e/ou rede de apoio. No caso de Gustavo, configura-se a situação mais delicada, em que a principal responsável pelo adolescente é uma idosa, solo, analfabeta que não possui outros familiares capazes de auxiliá-la no amparo às necessidades objetivas e subjetivas do adolescente.

Com exceção da mãe de Bruno, nos demais casos, trata-se de mulheres que assumem não apenas a responsabilidade da subsistência do lar, mas todas as outras. Quando Fábio, naquilo que sua compreensão lhe permite, diz que ele era viciado em jogos online, mas a mãe era viciada em trabalho, pode-se questionar se, de fato, trata-se de um vício ou de uma necessidade que se impõe? Débora conta que sua mãe também tem diagnóstico de depressão e faz uso de medicamento, ao passo que Clara fala do alcoolismo do pai, condições que denotam sofrimento dos adultos. Como, então, os responsáveis podem oferecer mediações de qualidade aos filhos adolescentes se estão eles próprios adoecidos, extenuados e fadigados? Pais emocionalmente distantes podem, no limite, significar pais exauridos, expropriados de si e que fornecem aos filhos aquilo que lhes sobra em termos de tempo cronológico, mas

também em termos de disposição interna, pois as demandas de subsistência da vida atravessam as relações familiares de maneira brusca.

Os adolescentes necessitam de acompanhamento, suporte, atenção, para que sejam capazes de, por meio do outro, delimitarem suas próprias constituições, definirem suas crenças, valores, gostos, concepções acerca do mundo. Quando os pais se encontram exauridos, são capazes, de fato, de oferecer essas mediações mais sutis? Nesse sentido, o distanciamento relatado pelos adolescentes pode, em última instância, ser apenas mais um sintoma das condições às quais o capitalismo submete o trabalhador.

Além disso, é possível observar, na fala dos adolescentes, que os pais reproduzem para os filhos concepções meritocráticas e individualistas, cobrando-os sobre o que consideram sucesso, bom comportamento e responsabilidade, por exemplo, conceitos alinhados às referências neoliberais. Logo, o filho é mais valorizado se “não dá trabalho”, ou se encaminha para ações e comportamentos comuns aos adultos, como por exemplo, se encontra um emprego, pois este é um dos principais marcos do que, no senso comum, considera-se ‘maturidade’³⁴ e responsabilidade, tais ideias são verificadas nas falas dos adolescentes.

Bruno expõe uma vontade de mudar-se para uma cidade maior para trabalhar, em detrimento da atividade de estudo, pois, em sua análise, já está em idade de estabelecer uma atividade remunerada. Quando fala desse desejo, foi-lhe perguntado em que tipo de atividade ou profissão gostaria de trabalhar, ao que ele responde que “*Não importa* [o tipo de trabalho], *o que aparecer, tem que ir progredindo*” (sic). Na fala do adolescente, o trabalho ganha a dimensão comum ao capital, isto é, apenas como fonte de renda, tanto que não importa ao adolescente o tipo de trabalho que realizaria, importa-lhe apenas o fato de estar trabalhando, nisso consiste, para ele, a ideia de progredir.

Ana também se cobra bastante por ter dezoito anos e “apenas” estudar, pois, em sua concepção, nessa idade já deveria estar auxiliando a mãe na manutenção da casa e das próprias despesas. Conta ainda que, apesar de a mãe não a cobrar quanto a este assunto, parte da família extensa o faz e, ao mesmo tempo que valorizam sua escolha pela faculdade, principalmente devido ao curso escolhido, também há questionamentos sobre o fato de que a adolescente deveria estar ajudando sua mãe. Diz ela:

³⁴ O termo está entre aspas, pois apesar de ser amplamente utilizado no senso comum e em outras correntes psicológicas, para a Psicologia Histórico-Cultural e, conforme Asbahr e Nascimento (2013), o conceito de maturação aplicada ao desenvolvimento humano é biologizante, pois parte da ideia de que este processo ocorre naturalmente, sem que haja intervenção ou direcionamento social.

[...] aquela coisa assim, que eles criticam muito, assim “porque não fez enfermagem né?”, “Porque não ficou aqui pertinho ajudando a mãe?” (Ana).

O que se percebe é que os indivíduos são, em idade muito precoce, submetidos a cobranças e pressões diretas e indiretas, não apenas dos pais, mas da sociedade, de maneira geral. Palmieri e Zaniani (2020) afirmam que:

Os adolescentes estão se desenvolvendo e construindo as relações nesse sistema estruturado em torno da exclusão, da violência, do lucro, do individualismo e competitividade, que sustenta e valoriza relações pautadas no abuso de poder, nas desigualdades, na dominação de alguns sobre muitos e na acumulação unilateral das riquezas (Palmieri & Zaniani, 2020, p. 58).

A soma dos fatores que incluem pouca oportunidade e condições para o desenvolvimento psíquico e um contexto social excludente, competitivo e alienador tornam-se uma combinação nociva à saúde mental daqueles que ainda estão no início da estruturação de si mesmos. No entanto, essa questão vai muito além das relações familiares, pois os vínculos e as funções sociais estão, de modo geral, deturpadas, sejam elas de amizade, educacionais e, como consequência, a conexão consigo próprio.

c) As atividades-guia sob análise

No eixo de análise anterior, foi discorrido sobre como a unidade afetivo-cognitivo dos adolescentes têm se configurado, mencionando os déficits cognitivos bem como a falta de amparo dos adolescentes. Nesta mesma direção, este eixo de análise tem como objetivo discorrer especificamente sobre como se apresentam as atividades-guia desta fase do desenvolvimento, pois se, por um lado, a família e demais adultos que compõem o contexto mais íntimo dos adolescentes, têm se constituído de modo pouco eficaz no sentido de oferecer os direcionamentos e estrutura de que necessitam os adolescentes para um desenvolvimento em todas as dimensões, também é necessário discorrer sobre a participação da escola e seus agentes nesse processo de desenvolvimento, seja ele saudável ou não.

Como explicitado por Elkonin (1987), a comunicação íntima pessoal e a atividade de estudo são as atividades dominantes dessa fase, são elas as responsáveis por proporcionar desafios e, ao mesmo tempo, condições para um salto qualitativo no desenvolvimento do psiquismo. Assim, a escola deveria se constituir como um dos contextos mais importantes na vida do adolescente, pois esse é o cenário onde se desenvolvem e se exercitam, em grande parte, as duas atividades, de modo que, para entender como está ocorrendo o desenvolvimento

da personalidade, seja aquela saudável ou a que apresenta algum tipo de sofrimento psíquico, há também que se observar os movimentos ocorridos no âmbito educacional e escolar. Conforme Rego (2002) o comportamento e a capacidade cognitiva de um ser humano não estão determinados por características isoladas, mas estão intimamente ligadas às suas experiências, sua história educativa e, nesse sentido, com o grupo social e a época a qual pertencem. Nessa perspectiva, o aprendizado escolar é necessário e universal, explica a autora, uma espécie de garantia do desenvolvimento das características psicológicas especificamente humanas e culturalmente organizadas:

As atividades educativas na instituição escolar, diversamente do que ocorre no cotidiano extra-escolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e um compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente organizado. Em tal contexto, os estudantes são desafiados a entender as bases dos sistemas de concepções científicas, a realizar abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade (que, por sua vez, transformam os modos de utilizar a linguagem) e a tomar consciência de seus próprios processos mentais (metacognição) (Rego, 2002, p. 51).

A partir desses conteúdos, desenvolver-se-á atenção, criatividade, imaginação, autonomia da personalidade, função reguladora de si mesmo, entre diversas outras funções psicológicas. Contudo, vale explicitar que não se trata de qualquer escola nem qualquer prática pedagógica que promove tal desenvolvimento, pois esse impacto da escolarização dependerá diretamente da qualidade do trabalho realizado neste âmbito. Além disso, não obstante a fundamental importância dos conhecimentos científicos oferecidos pela escola, este não é o único fator partícipe de um desenvolvimento saudável oferecido pelo contexto escolar.

Rego (2002) realiza uma pesquisa em que busca compreender as características e dimensões dos múltiplos efeitos e consequências da escolarização na vida de indivíduos singulares que possuíam alto grau de escolarização, obtendo como resultado o dado de que a escola se constitui como lembranças vívidas e consideradas importantes na vida destas pessoas, nenhum dos entrevistados era indiferente à escola e suas consequências na vida. Os participantes das entrevistas são enfáticos ao reconhecerem a importância da escolarização em suas vidas e na constituição de suas singularidades, de modo geral, não apenas pelos aspectos cognitivos, mas também ante as conquistas no plano social, cultural, emocional e motor (Rego, 2002). Nesse sentido, a escola (em relação às suas práticas de qualidade) promove um contexto muito específico ao indivíduo em fase importante de sua vida, isto é, na infância e na

adolescência. Permite a oportunidade de apreender conteúdos científicos, mas também de desenvolver habilidades sociais, emocionais, advindas da convivência com os pares, da imposição de regras e normas gerais, da observação e interação com as diferenças culturais e individuais, que precisam ser assimiladas, sobretudo pelos adolescentes.

No entanto, a organização política e cultural atual tem retirado dessa instituição a condição de promover esse desenvolvimento omnilateral. Isso ocorre porque os processos educacionais também estão submetidos aos aspectos históricos e culturais, neste caso, à lógica neoliberal. São conhecidas as críticas sobre como tem sido estruturada a educação formal brasileira (Facci, Meira & Tuleski, 2012; Saviani, 2008; Collares & Moysés, 2016), sobre como a educação pública está pauperizada em todas as suas instâncias, desde a estrutura física até a organização e oferta de conteúdos científicos. A educação, no limite, figura como um instrumento que atende aos ditames do capitalismo, isto é, à formação de mão de obra e, nesse cenário, a interação humana, visando mediações de qualidade e aprendizagem que promovam desenvolvimento real, tem se perdido também nas escolas.

Acerca da atividade de estudo, especificamente, ainda que continue sendo, em um primeiro momento, valorizada, é notável que isso não ocorre pelos conhecimentos adquiridos por meio dela, mas, sobretudo, porque o estudo (ainda é) visto como uma forma de alcançar êxito na vida adulta. Cursar o ensino superior e gozar dos benefícios de uma carreira bem-sucedida e bem-remunerada é um dos desejos mais comuns entre os entrevistados. Ana, por exemplo, fala sobre o sonho de ser médica e sobre como a profissão carrega um status que a diferencia de outras pessoas, sobretudo, de sua família que possui trabalhos advindos da roça ou da prefeitura, como ela explicita. Outros adolescentes também trazem a dimensão de serem bem-sucedidos por meio do ensino superior:

Bom, agora eu tenho meu sonho de ser advogado. Eu me imagino um grande advogado, eu não pretendo morar no Brasil também. Ter uma casa grande, uma família grande, com dois filhos (risos) ... ah é grande (Fábio).

Eu tenho muito disso assim, até hoje, tem três meses que eu to trabalhando e eu fico pensando, será que eu vou dar conta realmente? Daí eu lembro “Deus preparou esse emprego para mim, é uma oportunidade Dele. A faculdade é a mesma coisa, os empregos que eu vou ter depois, tudo é para o melhor, uma vida boa (Elisa).

Eu me imagino bem longe daqui. Ah não sei, pensei em morar em outra cidade, fazer faculdade pra ganhar bem, ter as coisas que eu quero (Clara).

No entanto, na fala dos adolescentes, os conteúdos aprendidos, o estudo em si, não aparece como um valor, a exceção de Ana que, afirma que gosta muito de estudar, contudo, não consegue executar essa atividade à contento, mantém-se sob motivos-estímulos, o formar-se médica e destacar-se dos demais a partir dessa profissão, para esta adolescente, o estudo adquire a função de proporcionar notoriedade.

Ademais, a escola e as relações que ela proporciona têm perdido o protagonismo no processo de desenvolvimento. Facci e Leal (2016) indicam que, ainda que a atividade de estudo e a comunicação íntima pessoal tenham sido elencadas por Elkonin (1987) como as atividades-guia da adolescência, ante as dificuldades do ensino em empreender uma escolarização direcionada, intencional e atraente aos estudantes, eles têm reconhecido muito mais a função social da escola do que a educacional, propriamente dita. Contudo, se a atividade de estudo tem enfrentado contundentes barreiras para se efetivar como atividade promotora de desenvolvimento, no cenário atual, há ainda outras questões a serem mencionadas, que também colocam em sérias dificuldades o exercício da atividade de comunicação íntima pessoal, dentre elas, a virtualização das relações como um evento mais geral e a pandemia da Covid-19 como evento mais pontual, que também promoveu e acentuou mudanças na forma de se comunicar, com consequências negativas principalmente aos mais jovens.

Na era digital, os smartphones tornaram-se quase uma extensão do corpo humano, seja esse corpo adulto, adolescente ou até mesmo infantil. As tarefas diárias são, cada vez mais, mediadas pelos aplicativos, utilizados para obter comida ou transporte, para acompanhar fases de desenvolvimento de um bebê ou de um exercício físico, para ler, realizar pesquisas, para fazer transações financeiras e para falar com qualquer pessoa, em qualquer lugar. Enfim, uma parte significativa das necessidades humanas têm sido mediadas pela tecnologia, e, claramente, o acesso facilitado às informações, serviços e produtos trouxe inúmeros avanços e facilidades, desde o avanço da ciência, até a otimização do cotidiano. Contudo, tais facilidades também possuem aspectos questionáveis, principalmente se considerados a médio e longo prazo. Utilizando a comunicação como exemplo, em que a internet e todos os recursos eletrônicos utilizados para acessá-la trouxeram grandes avanços, falar instantaneamente com pessoas que estão a milhares de quilômetros, por meio das mensagens de texto, áudio ou vídeo, possibilita aproximar distâncias, conectar pessoas, facilitar e acelerar qualquer contato,

tornando-o, em um primeiro momento, muito próximo ao contato real, uma vez que, em uma chamada de vídeo, por exemplo, é possível ver e ouvir alguém que está longe.

Entretanto, como discutido no Capítulo 3, o contato virtual instantâneo, além de ser utilizado nos casos em que a presença física não é possível, também tem sido, em escala crescente, usado para substituir o contato presencial. Por exemplo, não é incomum observar pessoas reunidas, seja à mesa, ou em uma roda de conversa, em que cada um está absorto em seu próprio smartphone, preterindo a conversa presencial.

Ocorre que, se conforme afirma a teoria vygotskiana, o homem se forma por meio do outro, o contato presencial é infinitamente mais refinado do que o online, permitindo a experiência de uma série de informações que, no enquadramento online, são excluídas, sejam pequenas nuances de voz, postura, gestos etc. Ao receber uma notícia via Whatsapp³⁵, é possível manifestar uma reação física instantânea, seja espanto, raiva, uma exclamação verbal espontânea e, logo em seguida, responder à notícia com uma entonação completamente diferente da inicialmente apresentada. Ou seja, contato online consiste num recorte, prático, porém empobrecido, do que seja uma relação presencial. E, a despeito dessas condições, ao observar um adolescente em suas relações sociais, o que se percebe é uma expressiva substituição das relações presenciais, pelas relações virtuais.

Destarte, a pandemia da covid-19 agravou tal condição, pois, como medida de contenção, determinou-se o isolamento social e a suspensão de atividades presenciais, sobretudo aquelas que envolviam aglomerações, dentre elas, as atividades escolares. De maneira geral, as aulas presenciais foram suspensas entre 2020 e 2021, retornando de forma híbrida entre presencial e online no início de 2022 e voltando a ser completamente presencial no segundo semestre deste mesmo ano. Claramente, existem diferenças nessas datas a depender da esfera de educação, se ensino público ou privado; da faixa etária, das regiões, no entanto, o destaque aqui é de que os adolescentes vivenciaram cerca de dois anos de educação a distância.

Inúmeras são as questões que podem ser levantadas sobre a qualidade anterior à pandemia da aprendizagem dos conteúdos formais para os indivíduos, no entanto, o que se percebeu é que o período de educação online trouxe déficits significativos à aprendizagem, por uma série de motivos, dentre eles, a dificuldade dos professores em se adaptar a todos os recursos virtuais ou, ainda, a necessidade de que os alunos dividissem a sua atenção entre o conteúdo e qualquer outro assunto, pois, dentro de seus quartos, deitados em suas camas, com

³⁵ Aplicativo utilizado para troca de mensagens escritas, de áudio ou vídeo.

acesso à internet, webcams desligadas e, por fim, sem ninguém que pudesse lhes trazer de volta à concentração aos conteúdos, tornava-se muito fácil dispersar a atenção, fazendo qualquer outra atividade enquanto a aula acontecia, tal como dormir, comer, jogar, arrumar a casa, cuidar de irmãos menores etc.

Saviani e Galvão (2021) discutem que, nessa ocasião, foi utilizado o termo “ensino remoto” como alternativa à educação à distância (EAD) já estabelecida e sobre a qual já são tecidas algumas discussões que colocam em dúvida a qualidade pedagógica ofertada. Contudo, os autores apontam que com o ensino remoto não foi diferente, questionam o uso do conceito de “ensino”, visto que:

[...] determinadas condições primárias precisariam ser preenchidas para colocar em prática o “ensino” remoto, tais como o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade; que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais (p. 38).

Para os autores, boa parte de alunos e professores não possuíam as condições mínimas para o processo, não obstante, para que a aprendizagem se efetive, é necessário que as condições objetivas e o conteúdo adequado estejam presentes nessa equação. Ademais, nessa modalidade, o professor perde – ainda mais – sua importância, sendo substituído por uma série de recursos digitais:

No “ensino” remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, podcasts, webinários etc. (Saviani & Galvão, 2021, p. 42).

Os adolescentes entrevistados admitem que realizavam outras atividades simultaneamente às aulas online. Clara, por exemplo, relata que estudava em período noturno, costumava fazer reuniões com amigos, mesmo em situação de isolamento social, enquanto, no celular, as aulas aconteciam. Diz ela:

Os professores pediam pra abrir a câmera, mas ninguém abria não, a gente falava que era porque tava feia, mas geralmente tava fazendo outra coisa (Clara).

Fábio, também conta que costumava assistir aulas no computador, enquanto jogava utilizando o celular e traz a dimensão dos prejuízos causados por essa forma de “estudar”:

Depois que voltou às aulas (presenciais) eu não sabia quase nada, porque eu não prestava atenção nas aulas (online). A concentração, digamos que, por um ponto melhorou, eu tinha muita concentração pra jogar, então por uma parte foi boa, mesmo que tenha sido ruim pra outras, tipo a aula. Mas em geral, fez bem mal, eu não conseguia prestar atenção no básico, sabe? Parece que fiquei burro (risos) (Fábio).

Essa forma de comunicar-se, isto é, via aplicativos de mensagens, se tornou habitual, tanto que muitos adolescentes demonstraram expressivo aumento de sintomas ansiógenos na ocasião de retorno às aulas presenciais. Ou seja, a configuração da forma de se comunicar preferencialmente pela via online, tem prejudicado também o exercício da atividade-guia de comunicação íntima pessoal, pois, como defendido aqui, trata-se de uma forma de comunicação que tolhe uma série de sensações e percepções cruciais para as relações. Nesse sentido, as duas atividades dominantes, conforme discutidas por Elkonin (1987) estão, de certa maneira, precarizadas, o que contribui para um desenvolvimento psíquico também precarizado ou dificultado, distanciando-se de suas máximas possibilidades.

Em resumo, é possível perceber que os adolescentes têm enfrentado um contexto que não facilita o desenvolvimento, que pouco promove o pensamento conceitual, a autoconsciência e todas as demais habilidades e competências, incluindo as pertencentes ao aspecto emocional que poderiam ocorrer na adolescência. Longe de conseguir realizar uma análise acerca de tais fatores, os adolescentes culpabilizam-se, sentem que estão fracassando.

Se, por um lado, Rego (2002) descreve que a escola tem como principal contribuição ao aluno as questões relacionadas a aprendizagem dos conteúdos formais e todo o desenvolvimento que este processo promove, também consta em suas funções primordiais aquilo que proporciona em termos de sociabilidade. Isto é, a escola carrega em si uma função educacional, mas também uma função de sociabilidade. Facci e Leal (2016) indicam que, a função social ganhou maior destaque entre os adolescentes, ou seja, os alunos na fase da adolescência, reconhecem muito mais a função socializadora da escola do que a educacional. Acrescentamos, nestas considerações que, a partir da fala dos adolescentes, é possível explicitar que a escola tem perdido parte de sua função social também, a interação entre os estudantes, ainda que ocorra, tem se mostrado muito mais limitada do que era antes.

Nesse sentido, mais uma instância formadora da personalidade dos adolescentes tem se mostrado deficitária. Se os adolescentes contam com os pares para ensaiar situações da vida adulta, incluindo os valores, princípios, dilemas, comportamentos etc., esse ensaio, tem sido, em boa parte, em modo virtual, estereotipado e limitado à reprodução daquilo que a

internet impõe, contribuindo para que os indivíduos cheguem à vida adulta sem ter elaborado repertório para lidar com os eventos da realidade.

d) O sentir é diverso e lábil: os transtornos associados

Para a realização deste estudo, não foi elencado como critério o diagnóstico formal de depressão, tampouco a existência de outros quadros e sintomas concomitantes foi considerado fator de exclusão. Participaram da pesquisa indivíduos que apresentavam sintomas que remetiam ao que, comumente, chama-se de depressão ou transtorno depressivo maior, mas, em geral, os indivíduos apresentaram também sintomas concernentes à outras condições, por exemplo, ansiedade generalizada, bulimia, síndrome do pânico etc.

A opção por abrir o leque de diversidade de estados e condições ocorreu, principalmente, devido às observações ao longo de alguns anos de trabalho, que demonstraram que o diagnóstico formal³⁶ nem sempre é um representante fidedigno da condição emocional do indivíduo. O trabalho diário com saúde mental revela desde diagnósticos aligeirados, emitidos para adolescentes que estavam, na verdade, tristes ou desconfortáveis, mas que, ao buscar por ajuda, foram rotulados e – muitas vezes – medicados, até casos em que o sofrimento dos adolescentes está sendo negado ou não é percebido. Esses são alguns dos exemplos de fatores que interferem na avaliação da condição do adolescente, afinal, quando se trata de diagnóstico psiquiátrico, refere-se, diretamente, à subjetividade de alguém, que carrega consigo diversas camadas sociais, culturais, psíquicas, familiares etc.

Ademais, se o diagnóstico da depressão em adultos é um processo difícil que requer cuidados máximos, a soma entre a complexidade de um diagnóstico em saúde mental, junto às transformações próprias da adolescência, faz com que seja ainda mais difícil a compreensão sobre a realidade subjetiva vivenciada pelo indivíduo. Por tais motivos, este estudo pautou-se, sobretudo, no relato dos adolescentes, realizando uma avaliação prévia dos quadros que remetiam à depressão, alguns dos entrevistados possuem diagnóstico formal, fornecido por profissional em saúde mental, mas alguns não o possuem ou pelo menos não o têm atualizado.

Contudo, é comum, que as condições que promovem a forma de sofrimento psíquico denominada de depressão, também provoquem outras condições que afetam significativamente o indivíduo e que, somadas, ao que se conhece como depressão, tornam o

³⁶ Entende-se por diagnóstico formal o apontamento do quadro de sintomas na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). Comumente, sistemas de saúde, previdenciários etc., pautam-se nos códigos da CID para se referir à uma condição mental. A depressão, em suas mais diversas formas, está elencada a partir do código “F32: Episódios depressivos, que podem ser leves, moderados ou graves”, incluindo outros tipos e diversos subtipos.

quadro geral do adolescente ainda mais complexo. Neste eixo de análise, será discutido sobre essas outras condições apresentadas pelos entrevistados, compreendendo que os diversos sintomas interagem entre si, interferindo um no outro, compondo um quadro geral de sofrimento. O objetivo é destacar como os aspectos da realidade, contribuem para o surgimento de sofrimentos de diversas naturezas, isto é, os valores e princípios estabelecidos nessa Era e todas as suas consequências, favorecem o surgimento de desconfortos e sofrimentos que podem ser “diagnosticados” de inúmeras maneiras.

Das condições que “acompanham” os sintomas de depressão dos entrevistados, a mais comum é a formada por sintomas referentes à ansiedade, das mais variadas intensidades. Ana, por exemplo, relata sintomas de depressão, ansiedade, síndrome do pânico e fobia social. Em sua concepção, a depressão e a ansiedade são as condições principais, de modo que os outros sintomas presentes são consequências. Ela explica a relação que estabelece entre depressão e ansiedade:

Então é, eu costumo dizer que ansiedade e depressão vira aquela bolinha, sabe aquelas bolinhas de ... que bate uma na outra assim, e fica sempre batendo e voltando? Fica mais ou menos isso, porque a ansiedade é algo que eu não consigo me livrar, ansiosa eu sempre estou. A depressão não, a depressão vai e volta. Então, a ansiedade é aquela coisa que eu tento controlar, o meu remédio é mais pra ansiedade do que pra depressão, que é o remédio que eu tomo todos os dias, porque a ansiedade, ela aumenta a depressão, ela decide se a minha depressão vai aumentar ou não (Ana).

A participante expõe como os sintomas se cruzam e influenciam um ao outro, entende que um quadro potencializa o outro e ela não consegue manter-se estável, mesmo que por pouco tempo. Ora encontra-se deprimida, sem ânimo para as atividades mais básicas, ora encontra-se significativamente ansiosa, com pensamentos confusos, hiperventilando etc. Relata dores físicas, sem causa biológica aparente, que ocorrem em situações de grande ansiedade. Descrições semelhantes são feitas por Elisa, que também apresenta sintomas ansiógenos, incluindo crises de pânico e sintomas físicos:

Eu sinto dor. Parece que dá aquelas agulhadas, finca alguma coisa, daí fica prendendo o choro. Fica ... a garganta parece que fica tudo trancado e eu não consigo chorar. Daí também dá ânsia, parece que tudo contrai (apontando pra barriga), fica tudo contraído (Elisa).

Assim como Ana, Elisa também percebe que os sintomas de ansiedade e de depressão se autoinfluenciam e que, quanto mais ansiosa fica, mais intensos também serão os seus sintomas depressivos posteriores. Diz ela: “[...] *parece que quanto mais alto, tipo, mais forte a ansiedade, mais lá embaixo eu vou cair depois*”. Outro ponto comum à fala das duas entrevistadas é o de que sentem que conseguem lidar melhor com a ansiedade, visto que esses sintomas podem estar mais intensos, mas, em geral, permanecem dentro de um “controle”. Ainda que sejam sensações de constante “nó na garganta”, de mãos geladas, de que “algo está errado”, de desconforto etc., são condições com as quais elas conseguem ser funcionais ao longo dos dias, ir à faculdade, ter bom desempenho nas provas, estabelecer relação com família e amigos de maneira mais próxima e interativa.

Uma coisa vai gerando a outra, tanto que se eu tiver depressiva e eu sair de casa, por exemplo, pra ir para uma aula, primeiro que eu não vou ta funcionando. Eu vo ta completamente desligada. E segundo que eu vou ter uma crise de pânico na questão do lugar ali. Se eu tiver só ansiosa ... ah, acho que eu já acostumei (Ana).

O [sintoma] da ansiedade assim, eu meio que já sei, é mais na hora de dormir, mas a depressão quando ataca, é outra coisa, parece que leva a gente. Não é você, sabe? Hoje é Deus, eu coloco Deus na frente de tudo, Ele que me tira, mas ... é isso (Elisa).

Ambas descrevem os sintomas concernentes à depressão como algo mais difícil de ser controlado. É no período de maior intensidade de depressão que Ana fica semanas sem ir à faculdade ou frequentar grupos de estudo, emagrece, distancia-se ainda mais ou evita contato com a mãe e a irmã. Elisa, por sua vez, sente o rendimento na faculdade cair, tem dificuldade para executar tarefas simples do dia a dia etc.

Sobre a coexistência entre depressão e ansiedade, na descrição da CID-10 consta um transtorno definido pelo item F41.2 *Transtorno misto de ansiedade e depressão*, em que se lê “essa categoria mista deve ser usada quando ambos os sintomas, de ansiedade e de depressão, estão presentes, porém nenhum conjunto de sintomas, considerado separadamente, é grave suficiente para justificar um diagnóstico” (CID-10, 1993, p. 139). Essa classificação específica não é mencionada no diagnóstico das participantes e, da forma como descrevem os quadros sintomáticos, ainda que um deles não existisse, o outro possuiria intensidade o suficiente para constituir-se enquanto um diagnóstico isolado, portanto, não atendendo ao

critério da CID-10 de que, nesse transtorno, os sintomas de um quadro só têm potência na coexistência com o outro.

Ana e Elisa não são as únicas que apresentam ansiedade, Clara e Débora também relatam sintomas ansiógenos, contudo, em menor intensidade. Segundo os participantes, tanto ansiedade quanto depressão possuem gatilhos semelhantes, de modo que não se trata, necessariamente, de “problemas” diferentes, mas de diferentes maneiras de reagir aos mesmos fatores. Questionada sobre quais são os gatilhos para seus sintomas, Ana explicita:

O fracasso no quesito de tentar fazer algo e não dar certo, pode ser uma coisa mínima, ainda assim abala, por mais que seja mínima. E ... a questão assim de ... multidões, é no quesito de ... tem uma aula na faculdade, preciso ir, se eu não tiver entendendo o professor, ou se a aula tiver ... aquele professor que fala muito rápido, eu começo a ficar ansiosa porque eu não to conseguindo acompanhar, aí eu tenho a brilhante ideia de olhar em volta, é onde eu começo a ter falta de ar, começa a me dar um leve pânico assim, e eu começo a olhar pro relógio pra saber quando é que a aula vai terminar. Bate desespero, porque eu penso que eu tenho que prestar atenção, entender, eu lembro que tô ficando pra trás, daí que desaba de vez (Ana).

No caso de Ana, as questões educacionais geram, ao mesmo tempo, sintomas ansiógenos e sintomas depressivos, a mesma sensação de “fracasso” varia suas consequências. Novamente, destaca-se que a sensação de fracasso de que fala a participante é uma construção social, visto que se trata de uma pessoa que adentrou a universidade ainda muito jovem, que está percorrendo um processo de formação, isto é, está seguindo um caminho de desenvolvimento bastante promissor, mas que, ao mesmo tempo, “olha em volta” e compara-se aos demais, em termos de notas de desempenho e, apesar de, em linhas gerais, estar construindo muitas possibilidades de futuro, sente-se fracassada. Outros participantes também trazem a dimensão do fracasso, da inutilidade:

Bom, agora a faculdade EAD, bastante atividade, a gente fica ali pensando “será que eu vou dar conta?”; trabalho também eu fico pensando “será que eu vou dar conta?”; “será que eu vou conseguir?”; “será que eu vou me encaixar realmente nessa área?”; “será que eu vou me adaptar?”. Eu tenho muito disso assim, até hoje, tem três meses que eu tô trabalhando e eu fico pensando “será que eu vou dar conta realmente?” (Elisa).

É que meio que vem a comparação com as outras pessoas, com as garotas. Eu fico me comparando muito e isso me afeta muito. O corpo bonito, o nariz, o rosto, o cabelo, tudo. Questão assim também de coisa que faz, de quanto ganha, de pessoa que ajuda os outros, eu sempre me comparo, quando eu vejo ... parece que eu não tô fazendo nada da minha vida, só tô festando (risos). Não, isso é bom, eu gosto pelo menos né? Mas daí me pega, que parece que eu não tô fazendo coisa útil de verdade (Clara).

Daí eu me preocupo com o vestibular né? Se eu tô assim, eu fico pensando que todo mundo vai conseguir e eu não. Eu já não sou muito ... muito ... ah, não é tão fácil né? Ai essas coisas de concentração. Eu já to me preparando pra fazer uns três anos de cursinho (Débora).

Outro aspecto relacionado à autodesvalorização que se destaca na fala dos participantes refere-se à aparência, a questão estética foi apontada como algo que gera grande incômodo para todas as participantes do gênero feminino. Elisa, por exemplo, diz:

Teve uma época que eu não gostava da minha aparência. Ainda hoje eu não gosto, tipo o meu tamanho, as espinhas, me incomodam demais. Tem coisa que me afeta. Só que hoje em dia, tipo assim, afetou? Legal! Só que não é a pessoa que vai pagar meu tratamento né? (Elisa).

Como apresentado na descrição da participante Débora, a aparência, de modo geral, mas, sobretudo as acnes, o peso corporal e a altura são questões de grande impacto em sua autoestima, de tal modo que lhe impediam de ir a lugares que exigiriam uso de biquini, por exemplo. Para Clara, o principal incômodo residia no peso corporal, e ela relata que, por volta dos cinco ou seis anos de idade, era uma criança “gordinha” (sic) que sofria bullying, ouvia apelidos pejorativos e provocações vindos de colegas de classe e, em sua avaliação, isso fez com que desenvolvesse o transtorno. Relata que o quadro já foi muito mais grave, mas que, ainda hoje, pratica os atos de expurgo voluntários. Conta:

É porque desde pequenininha eu era gordinha, acima do peso. E antes, eu comia, comia pra aliviar. E eu não sabia o que era isso. Era compulsão. Aí eu como e o que eu como não para no estômago. Hoje mesmo eu comi um pedacinho de pão e já não tô aguentando. Eu me sinto culpada quando eu como, me sinto sei lá, parece que é errado comer. Ainda mais quando eu como um pouco a mais, porque eu fico nervosa

ou pra descontar a raiva, na verdade eu desconto tristeza, alegria, tudo na comida (Clara).

As questões de aparência alcançaram outros patamares para Clara e Débora, ambas relatam que foram diagnosticadas com bulimia. O transtorno alimentar conhecido por bulimia nervosa, conforme o DSM-5 (2013), é caracterizado por episódios recorrentes de ingestão de grandes quantidades de alimento em período curto, seguidos de comportamentos compensatórios inapropriados, a exemplo da expurgação por meio do vômito, uso de laxantes etc., com o objetivo de perder peso corporal ou não engordar. As participantes Clara e Débora relatam que já experimentaram a condição, recebendo o diagnóstico médico formal, sendo que, na ocasião da entrevista, Débora afirmou estar em situação de controle da condição, enquanto Clara vivenciava o transtorno de forma bastante intensa, sem tratamento específico.

A fala de Clara evidencia a relação direta entre o sofrimento e a compulsão alimentar que gerou a bulimia. Quanto mais deprimida, mais momentos de compulsão e maior a necessidade em provocar os vômitos. Para a adolescente, o ato de comer exageradamente gera mais sofrimento, faz avaliações extremamente negativas e depreciativas sobre si mesma por não conseguir comer com moderação. São os atos de expurgo que fazem com que ela se sinta melhor. Relata que, atualmente, tem a condição controlada, mas, ao longo da entrevista, fica evidente que Clara apenas normalizou a situação, pois os atos de comer compulsivamente e depois provocar vômitos são diários, ocorrem na escola, em casa, ou qualquer outro lugar em que ela se alimente, quase não havendo exceções. Por meio do relato da adolescente, observa-se que, ainda que ela já tenha passado por processos psicoterapêuticos, o transtorno não foi tratado em nenhum momento, de modo que a adolescente considera o transtorno algo positivo, pois “[...] *se não fosse isso (a bulimia) eu tava enorme, mais ainda* (risos)” (Clara).

A aparência também é uma questão importante para Fábio e Gustavo, Fábio explica que uma vez que seu quadro de depressão apresentou evolução, consegue se relacionar melhor com sua aparência:

Hoje em dia eu uso (rede social), naquela época (de sintomas mais intensos) não usava, porque eu não tinha interesse, eu também não gostava da minha imagem, não gostava de tirar foto. Mas hoje em dia eu uso bastante, pra conversar, pra fofocar, às vezes eu tô legalzinho pra tirar uma foto (Fábio).

Quanto a Gustavo, ainda que não explicita por conta própria, a bisavó aponta que sua aparência é uma questão que lhe incomoda, sobretudo por conta do bullying, cujo principal

alvo são seus aspectos físicos. Bruno, não apresenta nenhuma questão relacionada à aparência, contudo, assim como Gustavo, pouco elabora suas falas, portanto, não é possível compreender se esta não é uma questão importante para ele ou apenas não foi mencionada na ocasião das entrevistas.

A autoconsciência desenvolve-se em fases, Vygotski (1931/2006) apresenta as ideias de Busemann (1925-1926) para explicar que estas etapas se sucedem num processo lento, de acordo com as relações estabelecidas com o meio. A primeira etapa de desenvolvimento da autoconsciência consiste no reconhecimento da própria imagem, do corpo de maneira mais detalhada e aprofundada. O adolescente passa a atentar às características que antes não percebia, por exemplo, se tem muito ou pouco cabelo, se a voz é aguda ou grave etc. A segunda fase constitui o traslado da imagem externa ao mundo interior, isto é, percebe a existência dos desejos, sentimentos, emoções e que os outros também os possuem. A terceira etapa do desenvolvimento da autoconsciência corresponde à integração, em que o adolescente começa a compreender-se como um todo, correlacionando traços que anteriormente foram notados de forma isolada. Na quarta etapa, ocorre a delimitação da personalidade, o adolescente torna-se capaz de diferenciar o mundo externo do interno, os outros de si mesmo. O autor aponta que o excesso de comparação e julgamento sobre si próprio ocasiona vivências dolorosas, isolamento, baixa autoestima etc. Na quinta fase, o adolescente passa a julgar a si mesmo a partir dos critérios morais e/ou espirituais vigentes na cultura em que está inserido; antes disso, a autoavaliação está relacionada a critérios biológicos, como forte ou fraco, saudável ou doente, bonito ou feio. Nesse momento, também é comum que os adolescentes sejam mobilizados pela avaliação do adulto, isto é, buscam ser valorizados por eles. Na sexta e última etapa, ocorre a intensificação da consciência das diferenças individuais, em que mesmo as mais tênues passam a ser notadas e o indivíduo reconhece a variedade de personalidades.

A autoimagem, como parte da consciência de si, é delineada desde a infância por meio de seus pares, tornando-se mais profunda e detalhada na adolescência, conforme apontado por Vygotski (1931/2006). Nesse processo, o outro serve de parâmetro tanto para a elaboração da autoanálise, por meio de comparação e generalização, quanto para a validação dessa autoanálise. Eidt e Cambaúva (2012), apoiadas nas concepções marxistas de homem, explicitam que não é possível realizar uma cisão entre a vida individual ou singular do homem e sua existência em sociedade. Quando o meio ataca direta ou indiretamente a aparência do adolescente, provoca nele uma autoavaliação deficitária, que atenta apenas para os aspectos

negativos impactando significativamente na consciência que possui sobre si próprio. A fala de Clara evidencia a contribuição negativa do meio social na constituição de sua autoimagem:

Ah sempre vinha dos piás que falavam as coisas, que eu era mais gordinha né?! Desde que eu era pequeninha, tinha uns cinco, seis anos e até hoje eu não consigo me livrar. Eu tenho muita insegurança com isso. Agora as pessoas falam ‘olha ... você é bonita’ e tal, mas eu não acho. Aí eu tô tentando melhorar isso, eu melhorei um pouco. Aí por causa disso eu sempre peguei muito no meu pé, mas é só ficar nervosa, eu comia muito e aí pra aliviar eu tinha que vomitar (Clara).

Os atos de bullying devido ao peso repercutem na autoconsciência de Clara, que se vê como alguém acima do peso, fora dos padrões, e isso adquire sentido negativo em sua vida, pois é significado dessa forma pela sociedade. Novamente, observa-se os padrões sociais sendo incutidos na subjetividade da adolescente por meio do outro, uma vez que ela passa a valorar-se a partir de modelos inatingíveis, gerando, como consequência, um transtorno de tamanha gravidade. A entrevista com a bisavó de Gustavo também evidencia possíveis relações entre os padrões de beleza socialmente impostos, o bullying dos pares e o deprimir. Como mencionado, ele é negro e estava acima do peso, características utilizadas para aviltar o adolescente repetidamente, o que o tornou cada vez mais isolado e infeliz no ambiente escolar, até o episódio em que ele é alvo de chacota de um professor, diante dos demais colegas de classe, situação que promoveu o rompimento de Gustavo com a escola, evasão escolar e intensificação do quadro de sofrimento.

Débora, por sua vez, relata não ter sido vítima direta de bullying, no entanto, expõe outra face da realidade imposta, sobretudo, às mulheres, isto é, os altos e exigentes padrões de beleza, que não vêm expostos de maneira tão agressiva quanto o bullying, mas, sutilmente, trazem a mesma mensagem preconceituosa e excludente, por meio do destaque e valorização apenas do que se considera a beleza padrão. Perguntada se tinha ideia sobre os motivos pelos quais desenvolveu a bulimia e se havia sofrido alguma forma de bullying, ela responde:

Ah, acho que não ... não. Nunca cheguei a sofrer bullying mesmo, mas eu lembro de algumas coisas assim de infância, algumas piadas, sobre pessoas gordinhas, mas não comigo. Mas tipo, todo mundo elogia a pessoa que emagrece né? Fala, ‘nossa fulana tá magra, olha que bonita que ela ficou’ (Débora).

Na constituição do sentido de beleza para Débora, assim como para tantas outras meninas e mulheres, a magreza passou a ser sinônimo de beleza, enquanto o contrário

também foi tomado como verdadeiro, isto é, o sobrepeso, entendido como sinônimo de problema, doença e desleixo. Se o bullying contra pessoas acima do peso afeta de modo intenso os indivíduos, essa concepção, que pode parecer mais sutil, também não deixa de ser nociva, pois é admitida pelas pessoas, sem que nem percebam.

Esse é mais um exemplo de como o outro contribui para a constituição da autoconsciência e compreensão do eu, se esse outro oferece noções e concepções positivas, que promovem evolução, a constituição do eu tem maiores chances de assim seguir. No entanto, se as contribuições não são saudáveis, há grande possibilidade de afetar a constituição da consciência de si negativamente, mesmo que o indivíduo não seja atingido diretamente, como é o caso de Débora, que relata não ter sofrido nenhuma forma de bullying relacionado ao corpo ou peso, mas que as falas ao redor e as ideias apresentadas indiretamente foram suficientes para construir percepções e concepções limitadas acerca da beleza e autoestima.

A insegurança, sobretudo com a aparência, é mais observada na fala das entrevistadas do gênero feminino, e tal dado é uma representação da própria sociedade, em que as mulheres são, historicamente, mais cobradas para que mantenham a estética e a jovialidade, corroborando o que apresentam autores como Nunes e Vasconcellos (2010), que afirmam que os transtornos alimentares, de modo geral, afetam, majoritariamente, adolescentes e adultos jovens do gênero feminino.

Sampaio e Ferreira (2009) apontam a supervalorização da beleza em detrimento de outras qualidades de uma pessoa. Os padrões de beleza ignoram, além dos aspectos culturais, também os financeiros, temporais etc., pois a beleza tem sido cada vez mais padronizada e seguir o padrão tem sido colocado como ideal de existência, principalmente para as mulheres. As redes sociais contribuem, essencialmente, para essa idealização, ou seja, para a falsa ideia de que qualquer um pode acessar o padrão de beleza, bastando ter foco, disciplina e dedicação. Essa noção tem sido amplamente difundida, principalmente pelos chamados influenciadores digitais³⁷ que, em geral, replicam ideias do pensamento dominante, sem senso crítico.

Novamente, é possível rastrear o sofrimento, em sua gênese, a padrões socialmente construídos pela ideologia dominante e assumidos pelas pessoas em suas individualidades, como ideias próprias. No entanto, os padrões, em sua maioria, desconsideram a realidade social, criando um abismo entre o que é propagado e aquilo que é possível na realidade da

³⁷ Pessoas que, por meio da produção de conteúdo em canais online, como redes sociais e blogs, atraem uma quantidade massiva de seguidores.

grande maioria dos seres humanos, causando uma série de sofrimentos que são traduzidos pelo saber médico como transtornos, isto é, “problemas individuais” como os que foram abordados neste item.

e) Os subterfúgios da dor e outras vulnerabilidades

Há unanimidade entre os entrevistados quanto à percepção de que não possuem rede de apoio. Como discutido, não cabe neste estudo afirmar que essa percepção reflete a realidade de fato. No entanto, esse é o sentir dos adolescentes que, por sua vez, pode ser originado não por uma falta de apoio real, mas, por exemplo, pela inabilidade dos próprios adolescentes em comunicar-se assertivamente com seus familiares sobre as dificuldades que enfrentam. Ainda que todos, em algum momento, também tenham recebido alguma forma de ajuda profissional, seja psicológica ou psiquiátrica, nutrem o sentimento de não serem compreendidos pela maioria das pessoas. Um exemplo a ser mencionado é o de Bruno, que se define como alguém “solitário”. Diz ele:

É, eu gosto de ficar sozinho. É um jeito né, eu gosto de ficar mais na minha. Se uma pessoa vir conversar comigo eu converso, mas eu não gosto, porque as pessoas não me entendem (Bruno).

Falando sobre estar sozinho, conta que, às vezes, recusa a companhia até mesmo de seu irmão, a quem considera o melhor amigo, principalmente quando está na escola, ambiente em que se sente bastante desconfortável. Diz ele:

É, mas na escola, quando tá na escola, a gente é meio solitário, esses negócios. Não gosta de conversar, não quer os outros por perto, nem a gente mesmo, um com o outro (Bruno).

Outros participantes apresentam ideias semelhantes, Débora relata como lidou com o sofrimento, explicitando que não se sentia confortável em dividir seus pensamentos e emoções, nem mesmo com pessoas muito próximas. Diz ela:

Ah eu meio que lidei com isso sozinha. Tipo assim, eu gosto bastante da minha mãe, mas a gente meio que briga bastante assim também. A gente briga bastante, talvez por falta de diálogo, porque daí a gente se desentende e a gente começa a gritar uma com a outra, mas eu tô tentando melhorar, nesse caso. Mas mesmo que não fosse

assim, acho que ela não tem como me ajudar, sou eu mesmo que tenho que fazer por mim (Débora).

A adolescente relata que, em seus momentos de sofrimento mais agudo, na pandemia, tinha sentimentos contraditórios e, ao mesmo tempo em que se sentia só e excluída, também se afastava quando as amigas entravam em contato, pois acreditava que faziam isso por pena e não por uma saudade genuína. Além disso, fala do apoio do pai, dizendo que ele sempre foi sensível às suas dificuldades, tendo sido ela a se afastar a partir do momento que o pai inicia um novo relacionamento amoroso, após o divórcio. Nesse cenário, evidencia-se a dificuldade da adolescente em lidar com a nova composição familiar e o fato de o genitor estar em novo relacionamento. Situações como esta são comuns entre os adolescentes que, afetados por determinada situação, dificultam e esquivam-se de aproximações.

Ana também se define como alguém que lida com suas dificuldades sozinha, admitindo que essa postura, possivelmente, intensificou o sofrimento. Em suas palavras:

Eu acho que iniciou porque eu sempre fui de guardar tudo para mim, responsabilidades, problemas, qualquer coisa. Eu era uma criança pequena, quieta, que não sabia fazer amigos, então eu sofria bullying na escola e eu não contava, e eu passei a ser vista como vítima assim, e em muitas ocasiões e essa questão de ser aquele olharzinho de pena que as pessoas te olham. Então eu passei a minha vida tentando evitar mais ainda aglomerações e ... assim, a guardar mais ainda as coisas pra mim. O fato de eu guardar, me fazia pensar muito, porque eu não falava. E o fato de eu pensar muito ... ficava com aquilo na cabeça por dias, remoendo (Ana).

O cenário geral é o de adolescentes que enfrentam as mais diversas dificuldades, desde aquelas próprias da idade, tal qual conflitos amorosos, até eventos mais impactantes como o luto por um familiar, predominantemente, sozinhos. No entanto, justamente pela fase do desenvolvimento psíquico, é comum que não tenham todas as habilidades necessárias para lidar com os conflitos de forma adequada e acabem recorrendo a mecanismos pouco saudáveis para enfrentar as dificuldades. Bruno e Fábio recorreram a jogos; Bruno costuma jogar vídeo game com o irmão, sendo esta a única atividade que desenvolve além de ir à escola, enquanto Fábio vivenciou uma condição muito mais delicada, em que os jogos online eram priorizados em detrimento de necessidades básicas como alimentação, sono, higiene pessoal etc.

Eu não tinha vontade de fazer nada, só ficar deitado. Não me importava com mais nada, só celular, ficava jogando pra distrair a cabeça, não tinha o que eu pensar, não tinha o que eu sentir, então o jogo é uma distração. Na minha época eu jogava free fire³⁸ e ficava lá, o dia inteiro, a noite toda, não dormia direito (Fábio).

Na ocasião das entrevistas, o adolescente encontrava-se em estágio de recuperação e conseguia avaliar quão danoso havia sido seu comportamento. Relata que, durante o período de pandemia da Covid-19, valia-se do isolamento social e das aulas remotas, para passar a maior parte de seu dia em jogos online. Nessa fase, adoeceu fisicamente devido à má alimentação e às poucas horas de sono, assim, sua família observando o comportamento pouco saudável, buscou ajuda profissional. Discorrendo sobre essa fase, Fábio explica que não possuía amigos, sentia-se inferior, inadequado ou incompreendido na maior parte do tempo e acabava afastando-se tanto de seus familiares quanto de colegas e outras pessoas que estavam próximas. Por sua vez, no mundo virtual, o cenário era oposto, ele era assíduo e acumulava vitórias, posições em rankings e premiações dentro dos jogos, isto é, era um jogador bem-sucedido e com boa reputação entre usuários do mesmo jogo. Em resumo, em suas atividades online, o adolescente possuía todas as habilidades e qualidades que considerava impossíveis na realidade e, por isso, passava tanto tempo naquele universo, trocando qualquer ação ou atividade da realidade pelas desempenhadas no mundo virtual, situação que evidencia a inversão das motivações do adolescente.

A situação enfrentada por Fábio não pode ser considerada um caso atípico, Abreu et al. (2013) explicam que o vício em eletrônicos, sobretudo jogos, tem sido um problema crescente entre os adolescentes. Os jogos estão cada vez mais interessantes, visto que a indústria em constante expansão, investe intensamente para que eles sejam mais detalhados e realistas. Eles simulam uma realidade cheia de aventuras, de poderes, de estratégias e de conquistas que não coincidem com a realidade, tornando-a cada vez mais desestimulante para o adolescente. Ocorre que, como todo comportamento compulsivo, o vício em jogos não se dá de maneira abrupta, ao contrário, existe um grau de contato com esse tipo de conteúdo que é até mesmo positivo. Por meio dos jogos, o adolescente entra em contato com conteúdo histórico, a exemplo de jogos sobre guerras que relatam, fidedignamente, o contexto histórico e geográfico onde as batalhas ocorreram, bem como os motivos e fatos que levaram a tais eventos; entram em contato e até mesmo tornam-se fluentes em outros idiomas, como por

³⁸ Jogo online da categoria chamada de Battle Royale, ou seja, um estilo de jogo em que o objetivo principal é ser o único sobrevivente entre dezenas de jogadores vivos no mesmo mapa.

exemplo, o inglês, tão desejado e necessário em vestibulares e determinadas vagas de trabalho, entre outras habilidades desenvolvidas e conhecimentos adquiridos.

Nesse sentido, num primeiro momento, com acesso controlado, os jogos online podem até mesmo contribuir positivamente para o desenvolvimento de um adolescente, mas passam a tornar-se um problema quando substituem outras atividades, incluindo as atividades-guia da fase, como ocorreu com Fábio. Abreu et al. (2008) e Lemos et al. (2014) enfatizam que a dependência em jogos eletrônicos é uma das queixas mais frequentes em consultórios psicológicos e psiquiátricos quando se trata de adolescentes. Novamente, é necessário destacar que, essas informações precedem à pandemia da Covid-19, ocasião em que as atividades presenciais foram desestimuladas e, como no caso de Fábio, as distrações online tornaram-se a única alternativa viável, abrindo precedentes para a intensificação do uso da internet e, conseqüentemente, dos jogos online. Conforme Suzuki (2009), pessoas do gênero masculino estão mais propensas a recair em comportamento vicioso em relação a jogos. Evidentemente, nem todos os indivíduos que praticam jogos online são dependentes, no entanto, justamente pelo alto poder de captura da atenção, a prática requer atenção de profissionais de saúde mental, educação e famílias de crianças e adolescentes, de maneira geral.

Outros comportamentos de esquiva foram observados nos entrevistados, como Ana, que se refugia nos estudos. Ainda que, conforme já discutido, a atividade de estudo seja elencada por Elkonin (1979) como uma atividade-guia da adolescência, portanto, com condições de gerar desenvolvimento para o adolescente, no decorrer da entrevista é observável que a atividade na vida da entrevistada encontra-se estática, esvaziada, não promove aprendizado e desenvolvimento, pois ela não consegue executá-la a contento; além disso, usa o estudo como justificativa para não se envolver em outras atividades e experiências, pois o define como prioridade. Em outras palavras, Ana não tem outras experiências e vivências para dedicar-se aos estudos, mas não consegue estudar por estar deprimida e tal situação aumenta seu sofrimento. Para lidar com esse círculo vicioso, também recorre a conteúdos da internet:

No meu dia a dia é aquela coisa assim, é o famoso acordar sem saber como vai ser o seu dia. Né? Você saber que é uma luta constante, principalmente pela vida, porque no meu caso, os meus pensamentos são suicidas. Então ... é eu tenho duas pastas no meu Instagram de coisas fofas, pra poder salvar a minha pele. Então eu tento socorrer a mim mesma, mas às vezes não dá. Quando vem a questão de eu me

comparar, quando eu vou mal (nas provas da faculdade) eu perco o controle, as coisas fofas não adianta, pensar positivo não adianta, eu só penso em morrer. A morte pra mim é uma coisa do dia a dia (Ana).

Nesses momentos, em que tais conteúdos não são suficientes, então recorre à dor física, costuma dar socos nas paredes, até que não possa mais lidar com a dor. Já teve tentativas de suicídio, uma delas no ambiente acadêmico, bem como relata que pensamentos suicidas são muito comuns, conforme fala acima. Ana é a participante com maior consciência de seu sofrimento, consegue descrever com clareza as fases pelas quais passa, reconhece seus gatilhos emocionais, os motivos pelos quais tem as crises mais intensas, no entanto, assume uma postura de negação quando se trata de modificar os comportamentos que levam ao sofrimento, por exemplo, explica que abandona o tratamento com profissionais, sejam psiquiatras ou psicólogos que lhe sugerem a interrupção do curso, ou, ainda, omite sua situação dos familiares, pois entende que lhe aconselharão o retorno ao país de origem, o que, para ela, não é uma opção.

Já Clara, por sua vez, recorre a substâncias entorpecentes, dentre elas, cigarros e bebidas alcoólicas. Anteriormente, conforme explica, utilizava a comida como forma de tentar regular emoções, vindo a desenvolver bulimia nervosa e, posteriormente, colocando cigarro e bebida alcoólica no lugar de “regulador” de emoções. Tratando dessa substituição, ela diz:

Daí eu achei outro jeito: fumando! Fumando e bebendo também é um jeito de aguentar (Clara).

Explica que, para ela, o cigarro acalma, além de ser uma justificativa para sair de locais em que se sente desconfortável e situações embaraçosas, por exemplo, quando se sente mais ansiosa em um local público, retira-se para fumar. Tem um alto consumo diário, admite que fuma no colégio onde estuda, apesar de ser proibido:

É que eu acordo e já fumo, eu acordo e fumo quatro cigarros pra ir trabalhar. Daí na hora do almoço fumo mais dois, de tarde eu fumo mais dois. Aqui na escola não pode, mas eu não sou muito de seguir as regras. Dou uma fugida lá pro canto e fumo uns dois. Eu fumo uns dez ou doze cigarros por dia, no mínimo. Isso no meio da semana, no final de semana muito mais, vai uma, duas carteiras na noite (Clara).

A adolescente expõe ainda que, caso fique um tempo maior sem fumar, sente dores de cabeça e percebe-se muito irritada, demonstrando indícios de dependência da substância. Também foi perguntado a ela se consumia álcool com frequência, ao passo que responde:

Uhum, misturando com remédio ... aí é brincando com o perigo (risos) (Clara).

Para Clara, a bebida alcoólica tem função semelhante à do cigarro, mas possui efeito mais “potente”, explica que, além de relaxar, a bebida lhe traz um grau de euforia, somada ao fato de que consome álcool na companhia dos amigos, por isso, quando se percebe mais deprimida, marca o que chama de “esquenta” com os amigos, que, em geral, consiste em sair mais cedo da escola para consumir bebidas alcoólicas, fumar e ouvir música. No entanto, a adolescente também faz uma observação interessante acerca do efeito rebote da bebida, ou seja, o álcool provoca euforia e animação no momento em que é consumido, mas, no dia seguinte, além dos efeitos físicos típicos de ressaca, também se sente ainda mais deprimida. Explica que se sente culpada e avalia, como já mencionado em eixo de análise anterior, que não está fazendo nada produtivo, gastando tempo, energia e dinheiro com algo que não lhe traz benefícios, como o álcool.

Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) afirmam que o álcool é a substância psicoativa mais utilizada pelos jovens e alertam que seu consumo causa modificações neuroquímicas, com prejuízos na memória, aprendizado e controle dos impulsos, ou seja, considerando indivíduos que já têm tais funções lentificadas ou pouco desenvolvidas em função da depressão, o consumo de álcool agrava ainda mais o quadro. Contudo, os autores também alertam que o uso de álcool por adolescentes deve ser avaliado por um viés social e que recai em um trato paradoxal em relação à temática, pois, ainda que substâncias desta natureza tenham a compra e uso proibido para menores de dezoito anos, por meio da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, também há permissividade em relação ao estímulo por meio da propaganda e ao próprio uso. Para observar o status que o álcool possui, basta atentar para a forma como essa substância é representada em músicas populares, em filmes, séries, como é veiculado em propagandas de televisão aberta, isto é, como um produto atrelado à diversão, à popularidade; também é facilmente relacionado ao relaxamento, ao bem-estar, à desinibição.

Ainda sobre a permissividade em relação ao álcool, os autores indicam que não é incomum encontrar estabelecimentos que fazem a venda de bebida para menores de dezoito anos, mesmo ante a proibição por lei. Esse fato é verificado no relato de Clara, que não encontra dificuldade em comprar e consumir o produto. A adolescente não apresenta senso crítico em relação ao consumo de álcool, ao contrário, vê nisso um potente meio para se

distanciar ou se distrair das questões que lhe afligem. Pechanski, Szobot e Scivoletto (2004) apontam que, além das consequências do consumo de álcool para o desenvolvimento neurocognitivo, há ainda outras graves consequências associadas ao entorpecente, dentre elas, o fato de que o seu uso por menores de idade está mais associado à morte do que todas as substâncias psicoativas ilícitas em conjunto, incluindo, nesse dado, os acidentes automobilísticos. Além disso, o uso de álcool também aumenta a chance de violência sexual, bem como está associado a práticas sexuais sem o uso de preservativo, deixando os indivíduos mais suscetíveis a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Justamente por estarem em fase de desenvolvimento, os adolescentes, além de mais vulneráveis aos efeitos do álcool, não apresentam o que os autores chamam de “freios sociais” que, muitas vezes, são vistos como alertas e servem como estímulo para cessar ou diminuir o uso da bebida, tal qual problemas familiares, perda de emprego, prejuízo financeiro ou mesmo reprovações sociais. Justamente pelo status do álcool, os adolescentes que o consomem, em geral, são vistos como mais divertidos, legais, independentes etc. Contudo, os prejuízos associados a esse entorpecente estendem-se ao longo da vida, incluindo o favorecimento de dependência química.

Outro recurso autodestrutivo utilizado pela adolescente é a autolesão, relata que já realizou cortes pelo corpo em momentos de crise, mas que, atualmente, conseguiu cessar tais ações. No entanto, em sua fala, fica evidente outros atos de agressividade, ainda que mascarados:

Já me cortei, automutilação. Várias vezes. Agora não mais porque, não sei como, mas eu consegui sair disso. Agora entra em outra coisa né? Agora entra o cigarro e arrancar o cabelo. Outra coisa é piercing, quando eu tô nervosa eu me furo, eu deixo tampar pra furar de novo. Eu gosto da sensação de sentir alguma coisa. Piercings e tatuagens (Clara).

O ato de arrancar os cabelos e os furos de piercings, que, no caso da adolescente, não têm apenas objetivo estético comum a esses acessórios, mas são feitos para “sentir alguma coisa”, ou seja, pela dor ou sensação física causada a partir da perfuração no corpo. Assim, não deixam de ser atos autolesivos, justamente porque são feitos em momentos específicos de picos emocionais. Pode-se dizer que a adolescente direcionou seus comportamentos autolesivos para um ato socialmente aceito, porém, eles ainda contêm o sentido de tentativa para lidar com as próprias emoções. Para Almeida et al. (2018), a autolesão abrange uma ampla gama de comportamentos, incluindo cortes superficiais; queimaduras; arranhões;

mordidas; bater certas partes do corpo contra a parede ou objetos; contundir ou fraturar ossos; interferência no processo de cicatrização de ferimentos, com consequente aumento; arranhar e escavar a própria face, acompanhado de sangramento; infectar-se; inserir objetos em cavidades do corpo; puxar cabelos, além de esfregar pedaços de vidros na pele e outros, sempre realizados com a intenção explícita de causar danos ao organismo. Explicam:

A Automutilação é então uma forma disfuncional de enfrentar situações-problema, praticada por indivíduos que possuem poucas estratégias de enfrentamento, dificuldade para regular o afeto e limitada habilidade de resolução de problemas, prevalecendo principalmente entre adolescentes; podendo tornar-se um comportamento grave e incapacitante caso venha a persistir na vida adulta (p. 148).

Os autores destacam que essa prática é amplamente divulgada e até mesmo encorajada entre os adolescentes como uma estratégia para lidar com questões emocionais. Além de Clara, Ana e Fábio também admitem formas de autolesão. Dinamarco (2011) explicita que a autolesão não tem, a princípio, intenção suicida, mas, por meio desses atos, o indivíduo busca a dor física com o objetivo de desviar a atenção de uma tensão psíquica insuportável. Essa assertiva pode ser ilustrada com a fala de Clara de que gosta da sensação de sentir algo. Ana por sua vez, fala da “dor emocional” insuportável e que, ante essa situação, a dor física torna-se preferível. O autor também discute que a autolesão, em geral, começa como algo mais sutil, mas que pode, em alguns casos, evoluir rapidamente a formas mais graves, chegando ao suicídio, seja intencional ou acidental.

Para Almeida et al. (2018), o enfrentamento a essa prática reside em direcionar os adolescentes no processo de lidar com suas emoções; se a autolesão é a estratégia que os indivíduos encontram, cabe ao meio social oferecer alternativas. Fábio relata que cessou essa prática após chegar ao ato extremo de tentativa de suicídio; Clara ainda recorre a tais ações, como mencionado, por meio do ato de arrancar os cabelos e fazer perfurações para piercings e tatuagens, ao passo que Ana relata que recorre a tais práticas com alguma frequência.

Elisa, por sua vez, recorre às práticas religiosas, intensifica a frequência de orações e participações nos cultos etc. Para ela, a conexão com Deus proporciona o alívio momentâneo de que necessita. Salvaguardando a liberdade religiosa e o respeito à profissão de fé, é observado que Elisa relega sua melhora à intercessão divina, a partir desse pensamento, encerrou outras formas de tratamento, entendendo que apenas a fé poderia garantir seu bem-estar. Gustavo não exercita nenhuma forma observável de lidar com sua condição. Aliás, é fato que, como o adolescente não expôs suas considerações verbalmente, não foi possível compreender se ele reconhece e como significa sua condição de deprimido. Como sua bisavó

relata, ele passa a maior parte do dia deitado em seu quarto, na companhia de sua cachorra de estimação, de modo que é possível hipotetizar que o adolescente não possui nenhum subterfúgio para lidar com as emoções e pensamentos provenientes da depressão.

As formas de lidar com o sofrimento veiculadas pelos entrevistados são diversas, ainda que algumas pareçam positivas, como o caso de Ana, que recorre aos estudos e de Elisa, que recorre às práticas religiosas, trata-se de maneiras pouco resolutivas, amenizam o sofrimento, mascaram e até auxiliam temporariamente, mas, em geral, o sofrimento persiste, visto que são formas de distração e não de resolução dos conflitos. Dos entrevistados, Débora e Fábio buscaram no esporte uma forma de lidar com suas emoções. A partir do vôlei, Débora, passou a alimentar-se melhor, evoluindo o quadro da bulimia. Ainda que o esporte não seja suficiente para, por si só, atenuar sua condição, proporciona ganhos em diversas instâncias de sua vida. Fábio, após o período mais crítico, também se volta ao esporte, afirmando que as práticas de vôlei e basquete têm lhe ajudado a manter um equilíbrio emocional e bem-estar geral.

Cada um à sua maneira, os adolescentes desenvolvem recursos para lidar com os pensamentos e emoções que consideram negativas. Ocorre que, em boa parte dos casos, como o uso de entorpecentes ou os jogos e até mesmo o estudo desconectado de um sentido real, são apenas distrações, formas de evitar tais situações que continuam existindo e até mesmo aumentando. Nisso reside uma grande vulnerabilidade, pois, ao evitá-las, deixam de desenvolver recursos psíquicos para lidar com o desconforto e o sofrimento de maneira saudável e, no lugar, desenvolvem mecanismos nocivos que poderão continuar a serem utilizados ao longo da vida diante de outros momentos de crise. Em outras palavras, se a adolescência é uma fase em que o indivíduo ensaia uma série de relações e desenvolve recursos psíquicos que serão utilizados na vida adulta, conforme aponta Elkonin (1987), os indivíduos estão perdendo oportunidades de aprender a lidar, de forma saudável, com a adversidade, ficando restritos a práticas que podem piorar quadros de desconforto e sofrimento, podendo culminar em ações mais graves de autolesão e, em última instância, em suicídio.

No texto *Sobre o Suicídio*, cujo tema e estilo destoam do restante da produção do autor, Marx (1846/2006) adentra mais especificamente a esfera da vida privada dos indivíduos, com o objetivo de demonstrar como os aspectos sociais e culturais atravessam esferas íntimas do homem concreto. Defende que as características macrossociais afetam diretamente a singularidade e, ainda que um ato como o suicídio seja, a princípio, considerado individual e subjetivo, também se configura como um fenômeno social, isto é, o ato em si é

singular, mas o caminho que leva até ele, na grande maioria das vezes, é social. Apontando como a sociedade interfere diretamente no fenômeno do suicídio, o autor reflete:

Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens (Marx, 1846/2006, p. 28).

O autor refere-se à sociedade em sua expressão de imposição, de restrição, de exigir determinadas posturas que, muitas vezes, são insustentáveis ao indivíduo singular. Trazendo exemplos de situações em que o suicídio é alavancado pela sociedade, Marx (1846/2006) relata, entre outras, a história da jovem que, em vias de se casar, passa a noite na casa do então noivo e, ao retornar à sua casa pela manhã, enfrenta o julgamento dos pais e, posteriormente, da vizinhança, apontando-a como pessoa imoral. Diante do forte julgamento, a jovem lança-se no rio Sena, pondo fim à vida. Nesse caso, é a postura do meio social, o julgamento e a condenação que fazem com que a jovem deseje o fim da vida, é o meio que impulsiona o ato. Cada sociedade, à sua época e sua maneira, cria padrões do que é considerado aceitável, desejável, ideal ou inadmissível. E, como discutido anteriormente, a cada fase da sociedade, os padrões tornam-se mais difíceis de serem alcançados ou mantidos.

Dos entrevistados, três já realizaram tentativas de suicídio, a saber, Ana, Bruno e Fábio e, ainda que não apresentem motivações específicas, é possível levantar a hipótese de que essas estejam relacionadas às mesmas questões que trazem nas entrevistas, sobre sentirem-se insuficientes, atrasados, sozinhos e incompreendidos. A tentativa de suicídio figura como uma das reações mais extremas, senão a mais, e até chegar a ela, há um caminho tortuoso de muitas ideias suicidas, incluindo o planejamento do ato em si, as consequências posteriores, a procura e aquisição de instrumentos. Ainda que, em muitas situações, não cheguem até o ato, apenas a consideração dele já evidencia e promove extremo sofrimento.

Um aspecto que também merece ser salientado neste eixo de análise é o papel dos pares. Elkonin (1987) discorre que, na convivência e atuação com outros adolescentes, desenvolve-se um código de companheirismo que terá grande importância na formação da personalidade. Basta a observação empírica do dia a dia de um ou mais adolescentes para verificar a veracidade dessa informação. Os indivíduos de mesma idade ganham destaque no contexto social de um adolescente, de modo que, em muitas situações, a opinião de outro adolescente tem muito mais valor do que a de um adulto. Em situações normais, é comum observar que os amigos têm poder consolador bastante efetivo sobre aquele que está passando

por uma dificuldade, seja um término de relacionamento ou uma briga com os pais, por exemplo. Dão conselhos, oferecem afago, auxiliam na busca por soluções e todos esses conteúdos influenciam o adolescente que necessita de amparo. No entanto, por meio das entrevistas, foi possível perceber que, nas fases mais excruciantes da depressão, os adolescentes isolam-se e o grupo de amigos e pares, de modo geral, que perdem a potência em amparar ou fortalecer o indivíduo.

Dessa forma, o que se observa é que os adolescentes recorrem àquilo que tem disponível, que aprendem com outros adolescentes e com a internet. Alguns desenvolvem recursos positivos, como a prática de esportes, a escrita, a leitura, aprendem a pintar ou ingressam em grupos de dança. Outros valem-se de práticas que, no limite, pioram o sofrimento ou que provocam outras consequências negativas, por exemplo, à saúde biológica. É fato que nenhuma ação por si só é capaz de promover a remissão do sofrimento, contudo, cercar-se de ações que visem saúde geral e bem-estar contribui, significativamente, para o desenvolvimento de qualquer indivíduo e, no caso dos adolescentes deprimidos, proporciona maior capacidade de enfrentar os aspectos adoecedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste estudo, a depressão foi apresentada como tem sido majoritariamente definida, isto é, como um transtorno, no entanto, ao longo das considerações aqui realizadas, um dos objetivos principais foi o de demonstrar que se trata de uma condição cuja origem está significativamente atrelada aos aspectos sociais. Trata-se de um quadro que produz alterações físicas e mentais e, nesse sentido, os aspectos verificados por meio de exames, imagens e mensurações neuroquímicas são antes sintomas do que causas. Não obstante, defende-se aqui que esse sofrimento é concreto, impacta direta e significativamente os adolescentes, que experimentam sentimentos de angústia, solidão, tristeza, vazio, incompletude, se veem prostrados diante das dores físicas, do sono alterado, da alimentação que ora excede a necessidade, ora é insuficiente e provoca uma série de fragilidades no organismo. Com base nessas vivências, elaboram considerações negativas e pessimistas sobre si mesmos, sobre o futuro e sobre o mundo, de modo geral.

Observa-se, por meio das falas dos entrevistados, que não se trata de um quadro que se inicia abruptamente e/ou com sintomas intensos de modo a causar estranhamento e desconforto imediatos. Ao contrário, seus primeiros sinais são sutis e facilmente passam despercebidos ou são confundidos com quadros pontuais. Os sintomas e as mudanças que provocam no psiquismo vão se acumulando até que se tornam nocivos, paralisam o adolescente em suas atividades objetivas e subjetivas, neutralizam a ação impulsionadora dos motivos, desorganizam o funcionamento psíquico e resignam o indivíduo.

Em outras palavras, se parte do objetivo principal desta pesquisa residia em compreender os fatores que estão na gênese da depressão, na intenção de atender a este objetivo é possível apontar dois aspectos que se sobrepõem e se complementam. Primeiro, as características universais do capitalismo que cria tendências, necessidades e crenças em que predominam a lógica da imediatividade, do consumo exacerbado, das mudanças súbitas, da falta de estruturas, padrões e limites. Preza-se pelo efêmero, pelo indefinido, sob a justificativa de não incorrer em censura ou limitações. Contudo, realiza-se o movimento contrário, na lógica do “tudo pode”, os indivíduos encontram-se perdidos, sem referências, sem norteadores fundamentados. Diz-se ao indivíduo “faça tudo o que quiser”, ao mesmo tempo em que não se cria condições para que ele realmente descubra o que lhe é importante e o que, de fato, quer. Ao contrário, cria-se, nesse indivíduo, desejos que não lhes são próprios, mas que tão somente atendem aos interesses do capital.

O segundo aspecto que contribui para o deprimir do adolescente, reside no fato de que, inseridos nesse contexto caótico, eles têm elaborado suas vivências por conta própria, sem maior amparo para fazê-lo. No entanto, nessa fase, ainda não possuem ferramentas psíquicas que poderiam lhes oferecer condições de análise e crítica completamente desenvolvidas, isto é, estão prontos para desenvolverem o pensamento por conceitos e a autoconsciência, mas, em geral, ainda não os desenvolveram a contento. O adolescente não é ensinado a pensar por conta própria, a compreender-se como partícipe de uma sociedade cujas influências lhe afetam diretamente, ao contrário, é levado a considerar-se um indivíduo único descolado da realidade social, ao passo que lhe são colocadas metas e objetivos inalcançáveis como se fossem uma obrigação para serem considerados bem-sucedidos ou, ainda, felizes.

Ocorre que, assim como os adolescentes, os adultos mediadores, tanto aqueles que compõem as famílias, como os que compõem a rede de escolarização ou participam da vida comunitária dos adolescentes também estão submersos nessa particularidade. Isto é, também foram moldados por um contexto em que há pouco espaço para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, de ações e atividades autodeterminadas, conscientes e livres. O meio social, também exaurido e alienado, pouco tem se constituído como fonte de desenvolvimento da qual os adolescentes e crianças necessitam; ao mesmo tempo, também não conseguem, conforme obtido por meio das entrevistas, constituir-se como meio de amparo para os adolescentes que, mesmo acompanhados, sentem-se perdidos, sem referências.

Desamparados, os adolescentes passam por movimentos da vida que, a princípio, ainda que dolorosos, poderiam ser superados sem marcas tão profundas na constituição da personalidade. Se verdadeiramente direcionados, os adolescentes deveriam ser capazes de lidar com acontecimentos próprios da vida, tal qual o luto, a separação dos pais, o adoecimento de um deles ou o seu próprio, a realização de uma escolha que trará consequências para o futuro, entre outras situações, de modo muito mais suave, por meio de ações intencionais, dirigidas e orientadas.

Contudo, da forma como as relações têm se constituído, ante esses acontecimentos, os adolescentes desestruturam-se com maior facilidade, ou pode-se dizer ainda, que os motivos que os impulsionam à atividade, definidos a partir de vivências fragmentadas e majoritariamente caracterizados como motivos-estímulos, isto é, que não são embutidos de sentido, tornam-se ineficientes em proporcionar condições para que o adolescente seja capaz de lidar com tais acontecimentos e superá-los. O resultado é que tais acontecimentos tornam-se muito mais danosos do que poderiam ser e, sem conseguir lidar com eles de maneira

ordenada os adolescentes permanecem estagnados frente a tais vivências, instaurando o sofrimento, a culpabilização de si e a depressão.

Nesse sentido, é imperativo concordar com Zeigarnik (1976/1981) sobre a assertiva de que é na totalidade da história de vida que os processos patológicos se produzem, quando há destruição ou desorganização na sucessão de motivos, que diminuem sua função na formação de significados, isto é, quando os motivos que impulsionam a ação e o comportamento são distorcidos ou descontinuados, a sua função de moldar a formação de significados é comprometida; quando há destruição dos processos já formados de motivos e necessidades; ou quando se formam novos motivos, patologicamente alterados, dando origem a novas propriedades e características na personalidade. Logo, o deprimir do adolescente é muito mais um fenômeno gerado a partir do contexto social do que uma síndrome ou uma doença.

É necessário pontuar que o deprimir adolescente é ainda mais nocivo do que o deprimir adulto. Isso porque, por meio da estagnação das atividades, do movimento de apropriação e subjetivação e, conseqüentemente, das tentativas e erros, dos exercícios do pensamento, das relações interpessoais, da atividade de estudo e da comunicação íntima pessoal, no limite, de uma atuação efetiva na realidade, os adolescentes diminuem, significativamente, os movimentos que provocam o desenvolvimento das potencialidades humanas. Com isso, tornam-se ainda mais propensos a um desenvolvimento limitado e a permanecerem deprimidos ao longo da vida adulta, imersos em sintomas e sem reconhecer suas próprias potencialidades.

Dessa forma, a depressão na adolescência é um fenômeno que merece devida atenção e intervenção. Tavares e Hashimoto (2010) alertam para o fato de que o trato com tal sofrimento, por vezes, assume ares caricatos. Acrescenta-se que isso é ainda mais verdadeiro quando se trata da depressão em adolescentes. Para os autores, há uma banalização do conceito de depressão, em que profissionais de diversas áreas não habilitadas para tal – ou mesmo aqueles que são habilitados – nem sempre dão ao fenômeno a devida importância. Tratam-no como um transtorno, proveniente do indivíduo e, portanto, “curável” tão somente por ações em nível singular, seja por via medicamentosa, seja pelo discurso (nada) motivacional sobre considerar que o adolescente deve “deixar de lado” tais problemas e sentimentos, como se o deprimir fosse uma escolha.

Assim, os seres humanos, de maneira geral, estão perdendo a capacidade de lidar com dor, rejeição, frustração e fracasso, evidentemente, também perdem a capacidade de auxiliar as gerações seguintes a fazê-lo. Na busca pela superação dessas situações, quando não recorrem ao uso de medicação de modo imprudente, incorrendo na medicalização da vida e de

problemas que são, no limite, sociais, recaem no menosprezo da condição, utilizando recursos para distrações levianas. Isto é, a depressão na adolescência tem sido tratada como algo que “vai passar”, basta que o adolescente pare de dar atenção aos sintomas, condição para recorrentes episódios de depressão ou, ainda, para a cronificação do quadro.

Considerar a depressão na adolescência como um fenômeno social é uma das tarefas fundamentais para aqueles que buscam a formação de uma sociedade mais crítica e independente, pois ela passa pela formação de gerações saudáveis física e mentalmente, para que sejam capazes de se apropriar verdadeiramente de conceitos e produzam conhecimentos úteis, acessíveis a todos e voltados para a superação dos fatores que promovem a alienação dos homens. Nesta pesquisa, defende-se que a depressão na adolescência seja tratada por profissionais de saúde mental, da educação e pela sociedade, de maneira geral, com a devida seriedade, considerando-a como um fenômeno social e que as atuações no sentido de superá-la abarquem muito mais que os indivíduos enquanto descolados de sua realidade. Nesse sentido, as ações para o combate a esse quadro e outros provocados pelas condições às quais os homens estão submetidos são, evidentemente, em nível social, ou seja, repensar as bases sobre as quais a sociedade está constituída.

Ao mesmo tempo, é necessário considerar que esse é um movimento complexo, que certamente não será feito de uma hora para outra. Revolucionar a sociedade atual, reconstruindo-a com o propósito de servir ao homem e não ao capital é, no momento, apenas a projeção de um futuro idealizado. Enquanto essa idealização não se constitui como uma realidade, é necessário que sejam pensadas ações que visem combater o avanço do sofrimento psíquico. Zeigarnik e Bratus (1980/2011) defendem que, quando se trata de saúde mental, é necessário considerar que este é um conceito muito mais amplo do que a simples ausência de doenças. É errônea ou, minimamente, vazia, a definição de uma pessoa saudável mentalmente como alguém que não é acometida por nenhuma doença, condição ou sofrimento. Afirmam os autores: “O esquema no qual a saúde psíquica é entendida como a ausência de sintomas patológicos manifestos e de alterações de adaptação é completamente insuficiente no plano teórico geral e resulta improdutivo para a solução de problemas práticos” (p. 212). Essa noção é importante para que as ações que visem a saúde mental do adolescente não tenham como objetivo a obtenção de saúde e/ou felicidade plena, uniforme e constante, tampouco que se trabalhe para que o indivíduo se encaixe nesta realidade, tornando-se, antes de qualquer coisa, meramente funcional ao sistema capitalista. Shoben (1957 apud Zeigarnik & Bratus, 1980/2011) explicam que os objetivos finais da psiquiatria não podem se reduzir à

eliminação de sintomas para que o indivíduo se encaixe no que se considera aceitável para a sociedade.

Ainda que esses autores se refiram à psiquiatria, é possível estender essa lógica também para a atuação da psicologia ou de quaisquer outros profissionais e pessoas que busquem a saúde mental dos adolescentes e que devem promover ações que abarquem elementos de distintas naturezas. Os autores listam condições que consideram que devam estar presentes em uma personalidade saudável:

1. O interesse sobre o mundo externo e a ampliação das relações do “Eu” com o mundo exterior.
2. A auto objetivação, além de sua experiência interna em uma situação atual, a capacidade de dar um colorido bem-humorado a realidade.
3. A existência de uma “filosofia de vida” que ordena e sistematiza a experiência e dá sentido aos atos individuais.
4. A capacidade de estabelecer relações profundas, espirituais com o que rodeia a pessoa.
5. O domínio de hábitos adequados, de capacidades e percepções necessárias à solução de problemas práticos da vida cotidiana.
6. O amor e o respeito aos animais (Zeigarnik & Bratus, 1980/2011, pp. 212-213).

Ou seja, a ideia de uma pessoa saudável mentalmente passa por uma série de aspectos muito mais complexos do que a ausência de doenças. Se refere a uma pessoa cujo desenvolvimento psíquico tem coerência, capacidade crítica, recursos para lidar com os desafios impostos ao indivíduo enquanto partícipe de uma sociedade, bem como recursos para reestabelecer-se e reequilibrar-se em termos de afetos e de comportamentos, diante de um evento adverso que impacte o sujeito. Nesse sentido, uma pessoa neurodivergente³⁹, por exemplo, também pode ter uma personalidade absolutamente saudável, dentro do que lhe impõem suas condições.

Zeigarnik e Bratus (1980/2011), baseados em Vygotski, defendem que o desenvolvimento psíquico do homem está relacionado à assimilação e à apropriação dos conteúdos produzidos historicamente. E, nesse sentido, a enfermidade psíquica provocaria

³⁹ Pessoa tem uma condição neurológica que transforma o processamento de informações no cérebro, resultando em diferenças significativas na forma como ela pensa, aprende, se comporta e interage com o mundo ao seu redor.

uma desintegração das formas mais complexas das funções psicológicas superiores, de modo que o adoecimento psíquico é um processo de desorganização e/ou desintegração do psiquismo que provoca alterações na formação da personalidade, surgimento de necessidades e motivos patológicos, alteração na hierarquia dos motivos, alteração nas formas de percepção, memorização e pensamento, inclusive na elaboração de significados. Qualquer alteração na atividade psíquica tem potencial para interferir na dinâmica da personalidade, não sendo possível evitar absolutamente tais alterações. Assim, ao identificar as alterações patológicas e o que ainda está preservado, é possível pensar estratégias de intervenção, atuando na zona de desenvolvimento proximal, em que são trabalhadas as potencialidades dos indivíduos para promover a reabilitação. Nesse sentido, o indivíduo precisa ser analisado muito além dos sintomas que apresenta, mas em seu funcionamento como um todo e, sobretudo, nas suas potencialidades.

Dito de outro modo, é necessário prover ao adolescente condições para que ele desenvolva suas funções psicológicas, atue na realidade utilizando a criatividade, a capacidade perceptiva, a atenção, a autodeterminação da conduta, a análise crítica, a elaboração de recursos psíquicos ou concretos que sirvam como instrumentos mediadores para alcançar objetivos, a imaginação, a movimentação física de maneira geral, a capacidade de observação, análise e confronto (direcionado e amparado) dos desafios que a vida impõe, para que, dessa maneira, desenvolva autonomia, forme novos sentidos, motivos e interesses na hierarquia da personalidade, seja capaz de ampliar e criar novos vínculos sociais e, como consequência, aprofunde e complexifica sua autoconsciência.

É necessário, ainda, colocar em prática a desnormalização da vida, isto é, compreender o indivíduo em sua totalidade e em suas diversas dimensões, a partir da noção de que uma personalidade não tem por obrigação atender à padronização socialmente imposta, sobretudo, considerando que a sociedade em questão, da forma como está organizada, é promotora de adoecimento e sofrimento mental. Buscar padrões e definições rígidas acerca do certo e errado, do que é aceitável e do que é inaceitável etc., utilizando a dicotomia da lógica formal, é uma prática estigmatizante quando se trata de saúde mental ao mesmo tempo, é necessário estabelecer limites e orientações, com o intuito de não recair na lógica de que tudo é aceitável, sem senso crítico.

Na pesquisa realizada neste estudo, foi identificado, por meio do contato com os adolescentes entrevistados, que a falta de sentidos promove a depressão, de maneira geral, sustentada por uma miscelânea de sentimentos e emoções que se alteram com tamanha rapidez, que os adolescentes entendem apenas um sentimento de vazio. Auxiliar o adolescente

a desemaranhar o nó dos afetos e pensar formas de lidar com eles por meio de ações funcionais que visem um desenvolvimento real, unificando racional e emocional a partir das vivências, é uma tarefa de ações constantes, intencionais e teleológicas.

Pontua-se, por fim, que este estudo possui limitações e, diante da complexidade da questão e da urgência com a qual ela se impõe, que sejam possíveis novos estudos que tratem o tema da depressão na adolescência como questão fundamental para se pensar o desenvolvimento das próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- Abreu, C. N. et al. (2013). *Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais*. Porto Alegre: Artmed.
- Almeida, M. R. de. (2018). *A formação social dos transtornos de humor*. Doutorado em Saúde Coletiva. Universidade Estadual paulista Júlio de Mesquita Filho (Botucatu), 417f.
- Almeida, R. S. et. al. (2018). A prática da automutilação na adolescência: o olhar da - psicologia escolar/ educacional. *Cadernos de Graduação: ciências humanas e sociais*, v. 4, n. 3. p. 147-160. Recuperado de: <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/cdghumanas/article/view/5322/280> 3. Em 04 de maio de 2025.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*, Fifth Editon (DSM-5). Arlington: American Psychiatric Publishing.
- Antunes, R. (2009). Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In.: Antunes, R. & Braga, R (2009). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo Editorial. p. 231-238.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Asbahr, F. da S. F., & Nascimento, C. P. (2013). Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.33, n.2, p. 414-427. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200012>. Em 24 de novembro de 2023.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bahls, S. C. (2002). Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes: clinical features. *Jornal de Pediatria*, v.78, n.5, p. 359-366. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0021-75572002000500004>. Em 07 de novembro de 2024.
- Bastos, S. V. B. (2020). *Neuroquímica da depressão: uma revisão integrativa*. Monografia: graduação em medicina.
- Beck, J. S. (2013). *Terapia cognitivo comportamental: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2 ed.
- Berenchtein Netto, N. (2013). Suicídio e trabalho: breves considerações acerca da relação entre sofrimento e alienação. In: Lourenço, E. A. S. & Navarro, V. L. (Orgs.). *O Avesso do Trabalho III*. 1ed.São Paulo: Expressão Popular, v. 1, p. 123-140.
- Bernardo, A. P. S. (2020). *O tratamento para depressão em Gestalt-terapia vivenciado por mulheres jovens adultas*. Trabalho de Conclusão de Curso pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT).

- Boarini, M. L. (2006). *A loucura no leito de Procusto*. Maringá: Dental Press.
- Boarini, M. L. & Borges, R. F. (2009). *Hiperatividade, higiene mental e psicotrópicos: enigmas da Caixa de Pandora*. Maringá: EDUEM.
- Boarini, M. L. & Yamamoto, O. H. (2004). Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, v. 13, n.1, SP educ. p. 59-72.
- Brito, M. A. Q. de (2022). *Gestalt-terapia*. In: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica. Recuperado de <https://gestalt.com.br/institucional/gestalt-terapia/> em 07 outubro de 2022.
- Cambaúva, L. G. & Junior, M. C. da S. (2005). Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 25, n.4, p. 525-535. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/cnj5w3mdgrrRBSHqdc9FF/?format=pdf&lang=pt>. Em 17 de dezembro de 2023.
- Cheniaux, E. (2013). Psicopatologia e diagnóstico da depressão. In: Quevedo, J. & Silva, A. G. (Orgs.). *Depressão: teoria e clínica*. Porto alegre: Artmed, p. 39-48.
- Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. (1993). *Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Collares, C. A. L. & Moysés, M. A. A. (2016). *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. Editora da Autora, ed. rev. 264p.
- Corbanezi, E. (2018). Transtornos depressivos e capitalismo contemporâneo. *Caderno CRH* Salvador, v.31, n.83, p. 335-353. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000200011>. Em 18 de março de 2023.
- Cordás, T. A. & Emilio, M. S. (2017). *História da Melancolia*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruvinel M. & Boruchovitch E. (2003). Depressão infantil: uma contribuição para a prática educacional. *Psicologia Escolar e Educacional* [Internet]. v.7, n.1, p. 77-84. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572003000100008>. Em 12 de novembro de 2024.
- Damásio, A. (2011). *O cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, A. (2012). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, A. (2015). *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, A. (2014). *Em busca de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Delari Jr., A. (2017). *Personalidade e sofrimento psíquico*. Compilação de citações com breves comentários. In: “Estação Mir” Arquivos digitais, 22 p.

- Dinamarco, A.V. (2011). *Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação*. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/dinamarco.pdf. Em 04 de maio de 2025.
- Eidt, N. M. & Cambaúva, L. G. (2012). Capitalismo, pós-modernidade, neoliberalismo e a subjetividade fragmentada. In: Facci, M. G. D.; Meira, M. E. M. & Tuleski, S. C. (Orgs.). *A exclusão dos “incluídos”*: uma crítica da Psicologia da Educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: EDUEM, p.33-51.
- Eidt, N. M. & Ferracioli, M. U. (2010). O ensino escolar e o desenvolvimento da atenção e da vontade: superando a concepção organicista do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). In: Arce, A.; Martins, L. M. (Orgs.). *Quem tem medo de ensinar na educação infantil?*: em defesa do ato de ensinar. (2ª ed.). Campinas: Alínea, p. 93-123.
- Elkonin, D. B. (1987). Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: Davidov, V. V. & Shuare, M. (Orgs.). *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS*: Antologia. Moscou: Editorial Progreso, p. 104-124.
- Engels, F. (1984). *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Editora Global, 2 ed.
- Etapechuski, J. & Fernandes, L. R. dos S. (2017). *Depressão sob o olhar gestáltico*. Psicologia. pt: o portal dos psicólogos. Recuperado de: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?depressao-sob-o-olhargestaltico&codigo=A1171. Em 03 maio de 2023.
- Facci, M. G. D. & Leal, Z. F. R. G. (2016). Psicologia escolar e adolescentes: valorização da escola no desenvolvimento psicológico. In: Facci, M. G. D. & Meira, M. E. M. (Orgs.). *Estágio em psicologia escolar*: proposições teórico-práticas. 1 ed. Maringá: Eduem. p. 81-112.
- Facci, M. G. D.; Meira, M. E. M. & Tuleski, S. C. (2012). *A exclusão dos “incluídos”*. 2 ed. Maringá: Eduem.
- Freud, S. (1917/1996). Luto e melancolia. *Obras completas, ESB*, v. XV. Rio de Janeiro: Imago.
- Gerbasi, G. L. B. S. (2020). *Correlações entre psicanálise, neurociências e terapia cognitiva sobre depressão*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Maringá, 184 f.
- Han, B.C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Giachini, Enio Paulo. 2ed. 2017. Vozes, Petrópolis: 128p.

- Kovács, M. J. (2012). Educadores e a morte. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 16, n. 1. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>. Em 05 de maio de 2025.
- Kuhn T. S. A. (1962/2011). *Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva.
- Lacerda Jr, F. (2010). *Psicologia para fazer a crítica? Apologética, individualismo e marxismo em alguns projetos psi*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Campinas. 394f.
- Lazaretti, L. M. (2016). Idade pré-escolar (3-6 anos) e a educação infantil: a brincadeira de papéis sociais e o ensino sistematizado. In: Martins, L. M.; Abrantes, A. A. & Facci, M. G. D. (Orgs.). *A periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: autores Associados, pp. 129-147.
- Leal, Z. F. R. G. & Facci, M. G. D. (2014). Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In: Leal, Z. F. R. G.; Facci, m. G. D. & Souza, M. P. R. (Orgs.). *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação*. Maringá: Eduem. P. 15-44.
- Lemos, I. L. et al. (2014). Internet and video game addictions: acognitive behavioral approach. *Revista Psiquiatria Clínica*, v. 41, n. 3, p. 82-88. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0101-60830000000016>. Em 29 de outubro de 2025.
- Leonardo, N. S. T.; Leal, Z. F. R. G. & Franco, A. F. (2017). *Medicalização da educação e psicologia histórico-cultural: em defesa da emancipação humana*. Maringá: Eduem, 2017, 273f.
- Leontiev, A. N. (2001). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: Vygotsky, L. S.; Luria, A. R. & Leontiev A. N. *Linguagem desenvolvimento e aprendizagem*. 9ed. São Paulo: Icone, p. 119-142.
- Leontiev. A. N. (1978/2004). O homem e a cultura. In:____. *O desenvolvimento do psiquismo*. [trad. Rubens Eduardo Frias]. 2 ed. São Paulo: Centauro.
- Leontiev, A. N. (1978/2021). *Atividade, Consciência e Personalidade*. Mireveja, 1ed. 256 p.
- Leuzinger-Bohleber, M. (2015). Working with severely traumatized, chronically depressed analysands. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 96, n.3, p. 611–636. Recuperado de: <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12238>. Em 18 de junho de 2022.
- Lírio, L. C. (2012). Adolescência na pós-modernidade. In: Congresso internacional da faculdade Estácio de Sá, 1. São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo, p.121-130.
- Lukács, G. (1967). *Estetica I: La peculiaridad de lo estético*. Barcelona, México, DF: Grijalbo.

- Machado, L. V.; Facci, M. G. D. & Barroco, S. M. S. (2011). Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia Em Estudo*, v.16, n. 4, p. 647–657. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/>. Em 07 de agosto de 2024.
- Maestri, M. (2017) *Indicadores de risco e vulnerabilidade para depressão em adolescentes: um estudo psicossocial*. 1ed. Curitiba: CRV.
- Martins, L. M. (2007). *A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Martins, L. M. (2012). Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: Duarte, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas: Autores Associados, 2 ed. rev. p. 47-64.
- Martin, S. T. F. (2020). Trabalho alienado, capitalismo e a saúde do trabalhador enquanto processo histórico e social. In: Tuleski S. C.; Franco, A. F. & Calve, T. M. (Org.). *Materialismo histórico-dialético e Psicologia Histórico-Cultural: expressões da luta de classes no interior do capitalismo*. 1ed.Paranavaí: EduFatecie, 2020, p. 93-112.
- Martins, L. M. & Carvalho, B. (2016). A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 21, n. 4, p. 699-710. Recuperado de: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i4.32431>. Em 11 de outubro de 2024.
- Martins, L. M. & Lavoura, T. N. (2018). Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/er/a/75VNGFj5PH5gy3VsPNp3L6t/?format=pdf&lang=pt> em: 12 de junho de 2024.
- Marx, K. (1846/2006). *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2008). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial. Trad: Ranieri, J. 2ª reimpressão.
- Marx, K. (1867/2013). *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, Livro I, 342 p.
- Marx, K. & Engels, F. (2001). *A ideologia alemã*. Trad: Costa, L. C. C. São Paulo: Martins Fontes.
- Mesquita, A. M. de.; Batista, J. B. & Silva, M. M. da. (2019). O desenvolvimento de emoções e sentimentos e a formação de valores. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, v.3, n.3, 1–25. Recuperado de: <https://doi.org/10.14393/OBv3n3.a2019-51695>. Em 03 de maio de 2024.
- Miller, S.; Barbosa, M. V. & Mendonça, S. G. L. (2014). *Educação e humanização: as perspectivas da teoria histórico-cultural*. Jundiaí: Paco Editorial, 244p.

- Nogueira, R. P. (2020). Instituições e desenvolvimento no Brasil: diagnósticos e uma agenda de pesquisas para as políticas públicas. In: Magalhaes, L.C. G. & Pinheiro, M. M. S. (Orgs.). *Instituições e desenvolvimento no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).
- Nunes, A. L. & Vasconcelos, F. de A. G. (2010). Transtornos alimentares na visão de meninas adolescentes de Florianópolis: uma abordagem fenomenológica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.15, n.2, p.539-550. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000200030>. Em 09 de março de 2025.
- Oliveira, B. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In: Abrantes, A. A.; Silva, N. R. & Martins, S. T. R. (Orgs.). *Método histórico-social na psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 25-51.
- Oliveira, F. A. F. (2020). “*Em que mundo eles vivem?*” *Capitalismo, educação e constituição da adolescência na era virtual*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 296f.
- Organização Mundial da Saúde. (2019). *Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 11. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.
- Organização Pan-Americana de Saúde. (2019). *Saúde mental*. Brasília: Opas/OMS. Recuperado de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_joomlabook&view=topic&id=210. Em 30 de dezembro 2023.
- Organização Pan-Americana de Saúde. (2024). *Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo*. OPAS/OMS. Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Em 27 de novembro de 2024.
- Organização Pan-Americana de Saúde. (2025). *Transtornos mentais*. Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Em 03 de abril de 2025.
- Pasqualini, J. C. (2016). A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In: Martins, L. M.; Abrantes, A. A. & Facci, M. G. D. (Orgs.). *A periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: autores Associados, p. 63-90.
- Pasqualini, J. C., & Martins, L. M. (2015). Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p.362–371. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>
- Palmieri, R. P. & Zaniani, E. J. M. (2022). *Saúde mental e suicídio na adolescência: contribuições da psicologia sócio-histórica*. Editora CRV, 178 p.
- Pechansky, F., Szobot, C. M., & Scivoletto, S. (2004). Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Jornal Brasileiro*

- de Psiquiatria*, n.26, p.14–17. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000500005>. Em 04 de maio de 2025.
- Pereira, J. A. (2019). *A subjetivação da adolescência e tecnologias digitais na pós-modernidade*. Unileão. Juazeiro do Norte. Monografia. 20f.
- Proença, M. R. S. (2002). Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização? Pensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico-crítica em psicologia. In: Oliveira, M. K.; Souza, D. T. R. & Rego, T. C. (Orgs.). *Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, p. 177-196.
- Rego, T. C. (2013). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Réus, G. Z. et. al. (2020). Transtorno depressivo maior. In: Quevedo, J. & Izquierdo, I. (Orgs.). *Neurobiologia dos transtornos psiquiátricos*. Porto Alegre: Artmed, p. 187-198.
- Ribeiro, O. et. al. (2015). O retraimento social em adolescentes: um estudo descritivo do seu ajustamento sócio-emocional segundo a perspectiva dos professores. *Temas em Psicologia*, v. 23, n.2, p. 255-267. Recuperado de: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n2/v23n2a02.pdf>. Em 01 março de 2023.
- Ribeiro, K. C. R. & Abeche, R. P. C. (2013). A repercussão da sociedade de consumo nos vínculos afetivos dos adolescentes. *Rev. Mal-Estar Subj*, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 81-112. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482013000100004&lng=pt&nrm=isso. Em 08 abril de 2024.
- Rocha, Z. (2008). Para uma abordagem estrutural da depressão: contribuições freudianas. *Psychê*, v.12, n.23. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30720926001.pdf>. Em 13 de junho de 2022.
- Ruiz, L. O. (1979). B. W. Zeigarnik y la patopsicologia. In: Zeigarnik. B. V. *Introducción a la patopsicologia*. La Habana: Científico Técnica.
- Sadock, B. J.; Sadock, V. A. & Ruiz, P. (2017). *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. 11. ed. – Porto Alegre: Artmed.
- Sampaio, R. P. A., & Ferreira, R. F. (2009). Beleza, identidade e mercado. *Psicologia em Revista*, v.15, n.1, p. 120-140. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682009000100008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 de abril de 2024.
- Santos, D. F. M. (2019). *A escolha profissional enquanto processo: influências, condicionantes e limitações – contribuições da psicologia histórico-cultural*. 159 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR.

- Santos, M. A. & Asbahr, F. S. F. (2020). Teoria da Atividade de A. N. Leontiev: uma síntese a partir de suas principais obras. *Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-23.
- Saviani, D. (2008). *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 112p.
- Saviani, D. (2013). *Educação: do senso comum à consciência filosófica* (19ª ed.). Campinas, SP: Autores Associados.
- Saviani, D. & Galvão, A. C. (2021). Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Universidade e Sociedade: projeto da Andes-Sindicato Nacional*, v. 31, n. 67, p. 36-49. Recuperado de: <https://docente.ifrn.edu.br/julianaschivani/disciplinas/midias-educacionais/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-201censino201d-remoto/view>. Em 17 de fevereiro de 2025.
- Silva, R. L. (2009). *Violência sexual contra crianças e adolescentes: estudo a partir da psicologia histórico-cultural*. Monografia, Universidade Federal do Paraná. 116f.
- Silva, M. A. S. (2014). *Compreensão do adoecimento psíquico: de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.
- Silva, M. A. S. da. & Tuleski, S. C. (2015). Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. *Estudos De Psicologia*, v. 20, n. 4, 207–216. Recuperado de: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150022>. Em 13 de maio de 2024.
- Silva, R. da (2011). *A biologização das emoções e a medicalização da vida: contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR. 244p.
- Siqueira, E. E. de S. (2007). A depressão e o desejo na psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 7, n.1, p. 71-80. Recuperado de: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812007000100007. Em 16 de setembro de 2024.
- Soares, B. S.; Tacada, H. K. & Maestri, M. (2023). As relações afetivas dos adolescentes na pós-modernidade na perspectiva sócio-histórica. *Revista Foco*, Curitiba, v. 16, n. 9. p. 1-24. Recuperado de: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n9-070>. Em 13 de abril de 2024.
- Souza, T. R. & Lacerda, A. L. T. de (2013). Depressão ao longo da história. In: Quevedo, J. & Silva, L. G. (Orgs). *Depressão Teoria e Clínica*. Artmed, Porto Alegre. Recuperado de: http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_72_.pdf. Em 18 março de 2022.

- Souza, C. de, & Silva, D. N. (2018). Adolescência em Debate: Contribuições Teóricas à luz da Perspectiva Histórico-Cultural. *Psicologia Em Estudo*, v. 23. Recuperado de <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v23.e3575.1> Em 05 de fevereiro de 2025.
- Suzuki, F. T. I. et al. (2009). O uso de videogames, jogos de computador e internet por uma amostra de universitários da Universidade de São Paulo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v. 58, n. 3, p. 162-168. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852009000300004>. Em 05 de abril de 2025.
- Suzuki, M. A.; Leonardo, N. S. T. & Leal, Z. F. R. G. (2017). A medicalização da educação: reflexões para a compreensão e enfrentamento desse fenômeno. In: Leonardo, N. S. T.; Leal, Z. F. R. G. & Franco, A. F. *A medicalização da educação e psicologia histórico-cultural: em defesa da emancipação humana*. Maringá: Eduem, p. 43-70.
- Toassa, G. (2011). *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas: Papirus.
- Toassa, G.; Souza, M. P. (2010). As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 757-779.
- Tomio, N. A. O. & Facci, M. G. D. (2011). Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Teoria e Prática da Educação*, v. 12, n. 1, p. 89-100. Recuperado de: <https://doi.org/10.4025/tpe.v12i1.14059>. Em 30 de janeiro de 2025.
- Tonet, I. (2006). Modernidade, pós-modernidade e razão. *Temporalis*, v.5, n.10, p. 11-28. Recuperado de: http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/modernidade_posmodernidad_e_e_razao.pdf. Em 27 de fevereiro de 2025.
- Tuleski, S. C. (2008). Da revolução material à revolução psicológica: as bases da psicologia comunista de Vygotski. In: *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista*. 2 ed. Maringá: Eduem.
- Viapiana, V. N.; Gomes, R. M. A. & Cavalcanti G. S. (2018). Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. *Saúde em Debate* [online] v. 42, n. 4, p. 175-186. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S414>. Em 04 de novembro de 2024.
- Vigotski, L. S. (1930/2004). Sobre os sistemas psicológicos. In L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia*, pp.103-135. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2018). *Sete aulas de Vigotski: sobre os fundamentos da pedagogia*. In: Prestes, Z. & Tunes, E. (org.). Rio de Janeiro: E-papers, 176p.
- Vigotsky, L.S. (1933/2004) *Teoria de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal.
- Vismari, L.; Alves, G. J. & Palermo-Neto, J. (2008). Depressão, antidepressivos e sistema imune: um novo olhar sobre um velho problema. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v.35, n.5, p. 196-204.

- Vygotski, L. S. (1931/2000). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: _____. *Obras Escogidas*. Tomo III. Visor.
- Vygotsky, L. S. (1927/2004). O significado histórico da crise na Psicologia. In *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1932/2006) Problemas de la psicología infantil. In: _____. *Obras escogidas*. Tomo IV: psicología infantil. Machado Libros, 2ª ed.
- Vygotski, L. S. (1931/2006) Paidología del adolescente. In: _____. *Obras escogidas*. Tomo IV: psicología infantil. 2ª ed. p. 9-248.
- World Health Organization. (2022). *World mental health report: Transforming mental health for all*. Recuperado de: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/356119/9789240049338eng.pdf?sequence=1>. Em: 23 de fevereiro de 2025.
- Yano, L. P. (2015). A clínica em gestalt-terapia: a gestalt dos atendimentos nos transtornos depressivos. *Revista do NUFEN*, v. 7, n. 1, p. 67-85. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912015000100005&lng=pt&tlng=pt. Em 25 de julho de 2023.
- Yontef, G. M. (1998). Gestalt-terapia. In _____. *Processo, diálogo, awareness*, São Paulo: Summus.
- Zeigarnik, B. V. (1976/1981). *Psicopatologia*. Madrid: Akal Editor.
- Zeigarnik, B. V. (1979). *Introducción a la patopsicología*. La Habana: Científico Técnica.
- Zeigarnik, B. V., & Bratus, B. S. (1980/2011). La correlación del desarrollo y la desintegración del desarrollo de la psique. In: Rojas, L. Q. & Solovieva, Y. (Eds.) *Las funciones psicológicas en el desarrollo del niño*, pp. 219-224. Trillas.